

CIDADE-IMAGINÁRIO

Uma análise sobre Bocaina-SP através
da fotografia no museu

Bruna Cristina Bevilaqua | Orient. Paulo César Castral

Dissertação de mestrado 2023

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
RUTH BUENO PONTES NIGRO-
EXIBIÇÃO À POPULAÇÃO SOBRE AS COMEMORAÇÕES
DOS 100 ANOS DE BRASIL.
UNIDADE TEMÁTICA DE MEIOS DE COMUNICAÇÃO,
PARTINDO DO OBJETIVO:
MACHO DOMINANTE, DIRETOR
PROFESSOR MUNICIPAL
CELSO JOSÉ BELLINI
VICE - PROFESSOR
MARCUS RIBEIRO DE MENDONÇA
SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
ISABEL CRISTINA FARFANTE
COORDENADORA DA CULTURA
MARTHA MACIELLE NIGRO NIGRO
COORDENADORA DO TERCERIO
RICARDO HENRIQUE JERONIMO
PRESIDENTE DA CÂMARA
VERTICAIS:
ANTONIO APARECIDO RAMOS
VICE DE TERCIO ANUAL
JOÃO FRANCISCO ESTANISLAU BAMBALOTTO
LUIZ ANTONIO APARECIDO NUNES DE OLIVEIRA
LUIZ ROBERTO CARVALHO DA SILVA
LUIZ HERCULEO DE MOURA
MÁRIO ANTONIO LOPES
MARCIA MARCEL DOMINGOS BAMBALOTTO
REGINA APARECIDO BIELLO BIELLO
SÔNIA SANTOS DA SILVA
MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE BOCAINA-SP
RUA TRAVESSA SÃO JOAQUIM, 14 - FONECÊNTRUM - BOCAINA-SP

Universidade de São Paulo
Instituto de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

CIDADE-IMAGINÁRIO

Uma análise sobre Bocaina-SP através
da fotografia no museu

Bruna Cristina Bevilaqua

São Carlos | 2023

CIDADE-IMAGINÁRIO

Uma análise sobre Bocaina-SP através da fotografia no museu

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do IAU-USP como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo

Versão Corrigida

Bruna Cristina Bevilaqua

Orientador: Professor. Dr. Paulo César Castral

São Carlos | 2023

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA OBRA,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

BB571c Bevilaqua, Bruna Cristina
Cidade-imaginário. Uma análise sobre Bocaina-SP
através da fotografia no museu. / Bruna Cristina
Bevilaqua; orientador Paulo César Castral. -- São
Carlos, 2023.
214 p.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo, Teoria e História da
Arquitetura e do Urbanismo -- Instituto de
Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo,
2023.

1. Bocaina (cidade). 2. Fotografia e cidade. 3.
Curadoria museal. I. Castral, Paulo César, orient.
II. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

FOLHA DE JULGAMENTO

Candidata: Bruna Cristina Bevilaqua

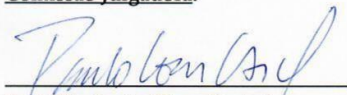
Título da dissertação: "Cidade-imaginário. Uma análise sobre Bocaina SP através da fotografia no museu".

Data da defesa: 06/10/2023

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Castral


Comissão Julgadora:

Resultado:




Prof. Dr. Paulo César Castral
(IAU/USP)

Não votante



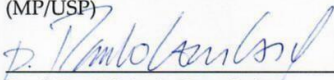
Profª Drª Joana D'Arc de Oliveira
(IAU/USP)

Aprovada



Profª Drª Solange Ferraz de Lima
(MP/USP)

APROVADA



Prof. Dr. Odair da Cruz Paiva
(UNIFESP)

APROVADA

Coordenador e Presidente da Comissão de Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo: Prof. Dr. João Marcos de Almeida Lopes.

agradecimentos

À minha mãe, parceira incondicional e de toda a vida;

Ao meu marido, que com amor me ajudou a construir este trabalho e tudo o que mais tenho alegria em realizar;

Ao meu orientador, pelo apoio técnico e humano nesta jornada dos últimos quatro anos;

Às minhas professoras Sheila, Cris e Amanda, exemplos pelos quais busquei ingressar na academia;

Às minhas amigas Céu, Brunna e Alice, mulheres incríveis das quais tenho saudade todos os dias.

Aos amigos Luísa, Will, Jonas e Aline;

Aos companheiros do projeto "A cidade para todos";

A todos os bocainenses e moradores de Bocaina que auxiliaram durante essa trajetória;

Aos amigos da Fazenda do Pinhal, pela paciência e pelos conselhos acadêmicos e de vida que foram essências para a reta final deste trabalho;

Aos Prof. convidados Odair da Cruz Paiva, Solange Ferraz de Lima e Joana D'Arc de Oliveira;

Aos servidores técnicos e administrativos do IAU/USP;

E à CAPES, pelo financiamento durante dois anos desta pesquisa.

resumo

Neste trabalho buscou-se investigar, a partir de um estudo de caso, a prática institucional de constituição de espaços dedicados a contar a história da cidade, mais especificamente o museu, através da fotografia. Orientando-se pelos principais aspectos da expansão do território paulista com o complexo cafeeiro entre os séculos XIX e XX, a trajetória da instituição pesquisada – um museu público municipal dedicado à história local e que esteve aberto ao público entre os anos de 2000 e 2012 – e as imagens selecionadas para compor o acervo e a exposição museal, empenha-se em perscrutar a memória e o imaginário da cidade de Bocaina, no interior de São Paulo, mobilizados através da fotografia. Devido à escassez de informações sobre os documentos fotográficos analisados e por lidar essencialmente com o conteúdo imagético presente nas imagens do museu, a análise se vale da metodologia de vocabulário controlado a partir da atribuição de descritores. Esta forma de traduzir as informações contidas pelos documentos em dados quantitativos se constitui como um procedimento capaz de mapear os usos de linguagens e convenções fotográficas e, ao mesmo tempo, responder às deficiências de conteúdo sobre o histórico e a trajetória dos documentos. Tais elementos se concentram em evidenciar o que aqui denomina-se a “cidade-imaginário”, que é salvaguardada no museu como uma forma de compensação da instabilidade vivenciada na cidade real. Neste sentido, trabalhando a partir do conceito benjaminiano de *escovar a história a contrapelo*, assume-se um percurso analítico por meio da fotografia com a premissa de demonstrar o que é contado e que é ocultado pela ação curatorial, investigando as convenções narrativas e os arranjos ficcionais institucionalmente propostos, com o intuito de compreender os limites e potencialidade próprios do uso institucional da imagem a serviço da “história da cidade”.

Palavras-chave: Bocaina (cidade); Fotografia e cidade; Curadoria museal; Conjunto musealizado; Conjunto originário.

abstract

In this work, it was sought to investigate, through a case study, the institutional practice of constituting spaces dedicated to telling the city's history. More specifically the museum, via photography. Led by the main aspects of São Paulo's territory expansion with the coffee culture complex between the 19th and 20th centuries, the trajectory of the researched institution – a municipal public museum dedicated to local history and which was open to the public between 2000 and 2012 – and the images selected to compose the collection and the museum exhibition, strives to scrutinize the memory and imagination of the city of Bocaina, in the interior of São Paulo, mobilized through photography. Due to the scarcity of information on the analyzed photographic documents and because it essentially deals with the imagery content present in the museum's pictures, the analysis avails itself by the controlled vocabulary methodology, based on descriptors' attributions. This way of translating the information contained in the documents, into quantitative data, constitutes a procedure capable of mapping the uses of language and photographic conventions and, at the same time, responding to content deficiencies regarding the history and trajectory of the documents. Such elements focus on highlighting what is called here the “imaginary-city”, which is safeguarded in the museum as a form of compensation for the instability experienced in the real city. In this sense, working from Benjamin's concept of brushing history against the grain, it is assumed an analytical journey through photography with the premise of demonstrating what is told and what is hidden by the curatorial procedure, investigating the narrative conventions and fictional arrangements proposed institutionally, with the aim of understanding the limits and potential of the image institutional use in the service of the “city history”.

Key-words: Bocaina (town); City photography; Museum curatorship; Musealized collection; Original collection.

lista de figuras

Pg.	Figura	Título	Fonte
27	01	Cronologia da ocupação de lavouras de café no Brasil com mancha de expansão durante o século XVIII.	Museu do café. Alterado pela autora, 2020.
29	02	Mapa de demarcação de divisas do município de Bocaina, São Paulo, maio de 1939.	Prefeitura Municipal de Bocaina.
31	03	Edifício da Igreja Presbiteriana em Bocaina-SP.	autora, 2018.
32	04	Trecho do mapa "Schema da Viação Férrea em 31-12-1936". São Paulo.	Acervo: Museu Paulista - Universidade de São Paulo
32	05	Edifício sede do ACESSA São Paulo, antiga estação urbana de Bocaina-SP.	autora, 2018.
33	06	Biblioteca Pública Emanuel Guedes, Bocaina-SP.	autora, 2018.
33	07	Antiga Estação Pedro Alexandrino.	autora, 2018.
48	08	Resumo dos Libertos da Villa da Bocaina Provincia de São Paulo, 1884.	Arquivo do Estado de São Paulo. Fundo da Junta Classificadora de Escravos.
49	09	Resumo geral dos Libertos arrolados desde o dia 30 de março de 1886 até o dia 30 de março de 1887.	Arquivo do Estado de São Paulo. Fundo da Junta Classificadora de Escravos.
56	10	Gráfico sobre a população de Bocaina-SP por período.	Directoria de Estatísticas. Ministérios da Agricultura, Industria e Commercio, 1916, p. 348 (dados de 1907-1912); Jornal São João da Bocaina, 23/07/1923. Edição n. 1688. Arquivo da Prefeitura Municipal de Bocaina (dado de 1923); GABRIEL 2018 p. 19 (dado 1930); Instituto Nacional de Estatística 1937, p. 152 (dados de 1936-1953).
57	11	Gráfico comparativo sobre a população de Bocaina-SP entre 1970 e 2010.	Censo Demográfico, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Produção gráfica: autora, 2023.
57	12	Mapa da área urbana do município de Bocaina, São Paulo, 16 de outubro de 1976.	Prefeitura Municipal de Bocaina. Levantamento: Adão de Souza.

Pg.	Figura	Título	Fonte	Pg.	Figura	Título	Fonte
60	13	Traçado atual do tecido urbano do município de Bocaina.	Google Maps.	80	25	Mapa de localização entre o quadrilátero da Igreja Matriz e o edifício da Telesp.	autora, 2023.
66	14	Banco com inscrição "Serraria e Carpintaria Água Rasa" na Praça Pedro Izar, 1969.	Acervo Paulo Perroni.	80	26	Fachada lateral direita, junto ao edifício da Câmara Municipal de Bocaina, do edifício da Telesp e sede do museu entre 2008 e 2010.	autora, 2019.
66	15	Praça Pedro Izar após reforma com a substituição dos bancos, 1952.	Acervo Martha Nigro.	81	27	Mapa de localização entre o quadrilátero da Igreja Matriz e o a casa no Bairro Chinês que sediou a Casa de Cultura do município.	autora, 2023.
67	16	Vista superior do traçado urbano da cidade de Bocaina, 1943 .	Acervo da Prefeitura Municipal de Bocaina-SP.	81	28	Fachada frontal do edifício que abrigou a Casa de Cultura de Bocaina e o acervo do museu entre 2010 e 2012.	Google Street View, setembro de 2022.
68	17	Vista superior do traçado urbano da cidade de Bocaina.	Acervo da Prefeitura Municipal de Bocaina-SP.	82	29	Área de armazenamento das fotografias do museu analisadas pela pesquisa no Cine Jequitibá.	autora, 2018.
68	18	Entrega de 100 casas construídas com recursos da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo – CDHU.	Acervo Martha Nigro.	83	30	Anúncio em Jornal do ano de 1952.	Jornal São João da Bocaina. Edição de 01 de janeiro de 1952. Acervo Martha Nigro.
69	19	Mapa do desenvolvimento da malha sobre o perímetro urbano do município de Bocaina-SP por período.	autora, 2023.	83	31	Lavoura de Café transformada em pastagem de propriedade de Vicente Nigro em Bocaina-SP.	Walmir Furlaneto, 2003.
70	20	Gráfico do crescimento populacional da faixa de 20-24 anos em Bocaina.	Censo Demográfico, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Produção gráfica: autora, 2023.	85	32	Placa de fundação do Museu Histórico Municipal "Ruth Bueno Pontes Nigro".	Acervo Martha Nigro, s/d.
70	21	Gráfico do crescimento Populacional da faixa de 25-29 anos em Bocaina.	Censo Demográfico, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Produção gráfica: autora, 2023.	86	33	Mapa com nomes de ruas nos bairros da frente de expansão do território urbano a partir de 1970.	Prefeitura Municipal de Bocaina-SP.
71	22	Comparativo de curva de crescimento populacional com indicação do período de fundação do Museu.	Censo Demográfico, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Produção gráfica: autora, 2023.	87	34	Martha Nigro, uma das principais idealizadoras do Museu Ruth Bueno Pontes Nigro.	TV Vídeo Produções, s/d.
78	23	Mapa de localização entre quadrilátero da Igreja Matriz e o edifício do Cine Jequitibá.	autora, 2023.	87	35	Martha Nigro em uma publicação em um jornal local em 1994.	Jornal O Autêntico, ano II, n. 21, março de 1994. Acervo Martha Nigro.
78	24	Fachada frontal, Cine Jequitibá.	autora, 2019.	90	36	Ginásio Irmãos Angotti.	Prefeitura Municipal de Bocaina

Pg.	Figura	Título	Fonte	Pg.	Figura	Título	Fonte
96	37	Retrato de estúdio enviado com dedicatória, s/d	Acervo Basti, digitalizado pela autora, 2021	105	50	Recorte de jornal em que se assinala o endereço do fotógrafo Benedito Garcia em na cidade de São Paulo.	Acervo da Prefeitura Municipal de Bocaina-SP.
97	38	Guia de pesquisa com imagem na Internet e resultado com imagens semelhantes: a esquerda rua XV de Novembro, Bocaina, s/d.	Acervoda Prefeitura Municipal de Bocaina, s/d.	105	51	Fotógrafo Benedito Garcia em Bocaina.	Acervo Martha Nigro.
98	39	Anúncio de estúdio de fotografia de Bocaina em 1930.	Jornal de Bocaina, 1930. Arquivo Público Municipal da Prefeitura de Bocaina.	106	52	Anúncio de estúdio fotográfico no jornal São João da Bocaina.	Jornal São João da Bocaina, 12 de outubro de 1938, n. 2443. Acervo da Prefeitura Municipal de Bocaina SP.
101	40	Documentação do processo de trabalho de reconhecimento do material da pesquisa – parte do acervo do extinto Museu Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro.	autora, 2018.	108	53	Descrição de uma das fotografias expostas no museu expressando a responsabilidade da coleta da Prefeitura local.	Acervo da Prefeitura Municipal de Bocaina-SP. Foto: autora, 2018.
101	41	Documentação do processo de trabalho de reconhecimento do material da pesquisa – reunião e agrupamento de documentos diversos a partir de formatos físicos.	autora, 2018.	124	54	Imagem com descritor personagem atribuído na categoria (1) CATALISADOR/VETOR.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.
102	42	Carimbo de Busnardo, estúdio fotográfico de Jaú.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d	124	55	Imagem com descritor espaço atribuído na categoria (1) CATALISADOR/VETOR, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.
102	43	Carimbo de Foto João, 1942.	Acervo da Prefeitura Municipal de Bocaina-SP.	125	56	Imagem com descritor objeto atribuído na categoria (1) CATALISADOR/VETOR, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.
102	44	Carimbo do fotógrafo Benedito Garcia	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d	125	57	Imagem com descritor saúde atribuído na categoria (2) ÁREA DE ATUAÇÃO, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.
103	45	Verso de retrato fotográfico com autoria identificado como F. Nietzsche-Phot., em São João da Bocaina, 1912.	Acervo Basti.	126	58	Imagem com descritor festividade atribuído na categoria (2) ÁREA DE ATUAÇÃO, conjunto originário	Fonte: Acervo Martha Nigro.
103	46	Exemplo de carimbo encontrado em fotografia de acervo particular disponibilizado para a pesquisa.	Acervo Luiz Villanova, 1940.	126	59	Imagem com descritore ducação atribuído na categoria (2) ÁREA DE ATUAÇÃO, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.
103	47	Carimbo Photographia do Progresso de Eugenio Cantarelli e irmão.	Acervo Martha Nigro, 1904.	127	60	Imagem com descritor esportiva atribuído na categoria (3) ATIVIDADE, conjunto originário.	Acervo Martha Nigro.
104	48	Estúdio de Domingos (Domenico) Ciocchetti. Bocaina, 1923.	Acervo da Prefeitura Municipal de Bocaina-SP.	127	61	Imagem com descritor religiosa atribuído na categoria (3) ATIVIDADE, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.
104	49	Carimbo de Photo Martin.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d				

Pg.	Figura	Título	Fonte	Pg.	Figura	Título	Fonte
128	62	Imagem com descritor comercial atribuído na categoria (3) ATIVIDADE, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.	136	73	Imagem com descritor homen atribuído na categoria (8) ELEMENTOS MÓVEIS - HUMANO, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.
128	63	Imagem com descritor bairro atribuído na categoria (4) LOCALIZAÇÃO, conjunto musealizado. Serraria Gabardine, 1923.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.	137	74	Imagem com descritor criança atribuído na categoria (8) ELEMENTOS MÓVEIS - HUMANO, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.
129	64	Imagem com descritor centro atribuído na categoria (4) LOCALIZAÇÃO, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.	137	75	Imagem com descritor trabalhador da saúde atribuído na categoria (9) PERSONAGEM, conjunto musealizado	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.
129	65	Imagem com descritor centro atribuído na categoria (4) LOCALIZAÇÃO, conjunto originário	Acervo Martha Nigro, s/d.	138	76	Imagem com descritor padre atribuído na categoria (9) PERSONAGEM, conjunto musealizado	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.
130	66	Imagem com descritor rural atribuído na categoria (4) LOCALIZAÇÃO, conjunto originário.	Acervo Martha Nigro, s/d.	138	77	. Imagem com descritor político atribuído na categoria (9) PERSONAGEM, conjunto originário.	Acervo Martha Nigro.
133	67	Imagem com descritor obras atribuído na categoria (5) INFRAESTRUTURA, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.	139	78	Imagem com descritor musico atribuído na categoria (9) PERSONAGEM, conjunto originário.	Acervo Martha Nigro.
133	68	Imagem com descritor transporte por tração animal atribuído na categoria (6) ELEMENTOS MÓVEIS - TRANSPORTE, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.	139	79	Imagem com descritor estudante atribuído na categoria (9) PERSONAGEM, conjunto originário	Acervo Martha Nigro.
134	69	Imagem com descritor ônibus atribuído na categoria (6) ELEMENTOS MÓVEIS - TRANSPORTE, conjunto originário.	Acervo Martha Nigro.	140	80	Imagem com descritor posada atribuído na categoria (10) GESTUALIDADE, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.
135	70	Imagem com descritor idoso atribuído na categoria (8) ELEMENTOS MÓVEIS - HUMANO, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.	140	81	Imagem com descritor posada atribuído na categoria (10) GESTUALIDADE, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.
135	71	Imagem com descritor mulher atribuído na categoria (8) ELEMENTOS MÓVEIS - HUMANO, conjunto musealizado	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.	141	82	Imagem com descritor posada atribuído na categoria (10) GESTUALIDADE, conjunto musealizado	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.
136	72	Imagem com descritor mulher atribuído na categoria (8) ELEMENTOS MÓVEIS - HUMANO, conjunto originário.	Acervo Martha Nigro	141	83	Imagem com descritor posada atribuído na categoria (10) GESTUALIDADE, conjunto musealizado	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.

Pg.	Figura	Título	Fonte	Pg.	Figura	Título	Fonte
142	84	Imagem com descritor funcional atribuído na categoria (10) GESTUALIDADE, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.	150	96	Imagem com descritor ambiente interno atribuído na categoria (13) TIPOLOGIA LOCAL, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.
142	85	Imagem com descritor funcional atribuído na categoria (10) GESTUALIDADE, conjunto musealizado.	Acervo Martha Nigro.	150	97	Imagem com descritor ambiente interno atribuído na categoria (13) TIPOLOGIA LOCAL, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.
144	86	Imagem com descritor jardim atribuído na categoria (11) PAISAGISMO, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.	151	98	Imagem com descritor esportivo/lazer atribuído na categoria (14) USO DAS EDIFICAÇÕES, conjunto originário.	Acervo Martha Nigro.
144	87	Imagem com descritor arborização urbana atribuído na categoria (11) PAISAGISMO, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.	151	99	Imagem com descritor público/institucional atribuído na categoria (14) USO DAS EDIFICAÇÕES, conjunto originário.	Acervo Martha Nigro.
145	88	Imagem com descritor nativo urbana atribuído na categoria (11) PAISAGISMO, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.	152	100	Imagem com descritor manutenção atribuído na categoria (14) USO DAS EDIFICAÇÕES, conjunto originário.	Acervo Martha Nigro.
145	89	Imagem com descritor chafariz atribuído na categoria (11) PAISAGISMO, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.	152	101	Imagem com descritor comercial atribuído na categoria (14) USO DAS EDIFICAÇÕES, conjunto originário.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.
146	90	Imagem com descritor térreo atribuído na categoria (12) GABARITO DAS EDIFICAÇÕES, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.	153	102	Imagem com religioso comercial atribuído na categoria (14) USO DAS EDIFICAÇÕES, conjunto originário.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.
146	91	Imagem com descritor assobradado atribuído na categoria (12) GABARITO DAS EDIFICAÇÕES, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.	154	103	Gráfico comparativo a partir dos parâmetros estabelecidos para a análise com vocabulário controlado e descritores.	autora, 2023.
147	92	Imagem com descritor com porão atribuído na categoria (12) GABARITO DAS EDIFICAÇÕES, conjunto originário.	Acervo Martha Nigro.	157	104	Área expositiva do museu quando sediado no edifício do Cine Jequitibá, Bocaina-SP.	Acervo Martha Nigro, autoria não identificada, s/d.
148	93	Imagem com descritor plantação atribuído na categoria (13) TIPOLOGIA LOCAL, conjunto originário.	Acervo Martha Nigro.	157	105	Área expositiva do museu quando sediado no edifício do Cine Jequitibá, Bocaina-SP.	Acervo Martha Nigro, autoria não identificada, s/d.
149	94	Imagem com descritor ponte atribuído na categoria (13) TIPOLOGIA LOCAL, conjunto originário.	Acervo Martha Nigro.	160	106	Mapeamento das imagens expostas pelo museu de Bocaina sobre o tecido urbano da cidade.	autora, 2021.
149	95	Imagem com descritor campo atribuído na categoria (13) TIPOLOGIA LOCAL, conjunto musealizado.	Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.	161	107	Comparativo entre a categoria ATIVIDADE, à esquerda, os descritores centro e bairro (LOCALIZAÇÃO) ao centro e correspondência entre ambos à direita	autora, 2022

Pg.	Figura	Título	Fonte	Pg.	Figura	Título	Fonte
161	108	Comparativo entre a categoria ATIVIDADE, à esquerda, o descritor rural (LOCALIZAÇÃO) ao centro e correspondência entre ambos à direita.	autora, 2022	169	119	Comparativo entre o descritor mulher (ELEMENTOS MÓVEIS) à esquerda, cotidiano (ÁREA DE ATUAÇÃO) ao centro e correspondência entre ambos à direita.	autora, 2022.
165	109	Comparativo entre o descritor espaço (CATALISADOS/VETOR) à esquerda, cotidiano (ÁREA DE ATUAÇÃO) ao centro e correspondência entre ambos à direita	autora, 2022.	170	120	Comparativo entre o descritor homem (ELEMENTOS MÓVEIS) à esquerda, a categoria PERSONAGEM ao centro e correspondência entre ambos à direita	autora, 2022.
165	110	Comparativo entre o descritor cultural (ÁREA DE ATUAÇÃO) à esquerda, o descritor religiosa (ATIVIDADE) ao centro e correspondência entre ambos à direita.	autora, 2022.	170	121	Comparativo entre o descritor mulher (ELEMENTOS MÓVEIS) à esquerda, a categoria PERSONAGEM ao centro e correspondência entre ambos à direita	autora, 2022.
165	111	Trabalhador e crianças na estação, s/d.	Acervo Martha Nigro.	171	122	Médico Dr. Galdino Teles de Meneses.	Acervo Martha Nigro,
166	112	Festa de São João Batista, 1936.	autora, 2022.				
166	113	Cartaz de divulgação da Festa de São João Batista, edição 2023.	Paróquia São João Batista de Bocaina, 2023.				
167	114	Comparativo entre o descritor homem (ELEMENTOS MÓVEIS) à esquerda, pessoa (PERSONAGEM POR INCIDÊNCIA) ao centro e correspondência entre ambos à direita.	autora, 2022.				
168	115	Comparativo entre o descritor mulher (ELEMENTOS MÓVEIS) à esquerda, pessoa (PERSONAGEM POR INCIDÊNCIA) ao centro e correspondência entre ambos à direita.	autora, 2022.				
169	116	Comparativo entre o descritor homem (ELEMENTOS MÓVEIS) à esquerda, espaço (CATALISADOR/VETOR) ao centro e correspondência entre ambos à direita.	autora, 2022.				
169	117	Comparativo entre o descritor homem (ELEMENTOS MÓVEIS) à esquerda, cotidiano (ÁREA DE ATUAÇÃO) ao centro e correspondência entre ambos à direita	autora, 2022.				
169	118	Comparativo entre o descritor mulher (ELEMENTOS MÓVEIS) à esquerda, espaço (CATALISADOR/VETOR) ao centro e correspondência entre ambos à direita.	autora, 2022.				

sumário

07 Lista de figuras

15 Introdução

23 **Bocaina, o Centro-oeste paulista e o desenvolvimento dos centros produtivos cafeeiros no século XIX: contextualizando o local de estudo**

- 24 1.1 De povoado a município: desenvolvimento de Bocaina e a economia cafeeira no Centro-oeste paulista
- 36 1.2 Trabalhadores para o café: cotidianos, modos de vida e lutas em Bocaina e no Interior Paulista até meados do século XX
- 52 1.3 Do café à cana-de-açúcar: as mudanças do perfil socioeconômico local e uma nova onda migratória

62 **A fundação do Museu Ruth Bueno Pontes Nigro, suas/seus agentes e o percurso da fotografia em Bocaina – do cartão postal até a peça musealizada**

- 63 2.1 Contexto de fundação do Museu: o início dos anos 2000 e o movimento de sedução pelo passado
- 75 2.2 Quem conta essa história? Aspectos sobre identidade, gênero e arquivo a partir dos agente envolvidos na fundação do Museu
 - 76 2.2.1 Apresentação geral: a instituição, endereçamentos e percurso do acervo
- 92 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos
 - 93 2.3.1 Usos sociais da fotografia e a possibilidade de estudos sobre a cidade
 - 100 2.3.2 Fotografia em Bocaina: da prática ao arquivo-museu.

111 Cidade-imaginário: práticas de arquivamento, apagamentos e recorrências no discurso museal analisado e sobre o Estado de São Paulo

- 115** 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas
 - 121** 3.1.1 Estabelecimento de parâmetros para a análise
 - 122** 3.1.2 Resultados obtidos
- 155** 3.2 Memória, imaginário e a atuação do museu de Bocaina
 - 159** 3.2.1 As "áreas claras" e as "áreas escuras" de Bocaina nas fotografias musealizadas
 - 164** 3.2.2 Ocupação e modos de vida na cidade: o uso dos espaços e o cotidiano bocainense musealizado
 - 167** 3.2.3 As questões de raça e gênero a partir dos sujeitos musealizados
- 174** 3.3 Buscando o atípico e o comum: as imagens do museu de Bocaina e um imaginário sobre a modernidade paulista

181 Considerações finais

185 Bibliografia

introdução

O trabalho desenvolvido busca colaborar para uma história da fotografia informada pelos seus usos. Trata-se, principalmente, de uma investigação sobre a memória social da cidade de Bocaina, Interior do Estado de São Paulo, distante mais ou menos 300km da Capital, fruto da expansão das lavouras cafeeiras durante a segunda metade do século XIX e início do século XX, rumo à porção Oeste do território paulista.

A pesquisa se dá por meio do manuseio e análise de 475 imagens oriundas do Acervo Martha Nigro e, neste trabalho, esses documentos serão denominados “Conjunto Originário” ou “C.O.”. O conjunto em questão é composto de diferentes gêneros - como paisagem, retrato de estúdio e retrato vernacular –, suportes – como folhas de álbuns, carte cabinet/carte de visit, recortes de jornal, fotografias coloridas, negativos e cartão postal – e tipos – fotos de família, fotos da cidade, fotos por encomenda de estabelecimentos comerciais e outros.

Do “Conjunto Originário” foram selecionadas pelo menos 165 imagens para a montagem de uma exposição permanente na cidade de estudo. Essa seleção foi feita por uma ação curatorial voltada à instituição do Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, fundado nos anos 2000 e extinto em 2012. Esses documentos, por sua vez, serão denominados neste trabalho como “Conjunto Musealizado” ou “C.M.” e são o principal objeto de trabalho do estudo.

Os documentos manuseados pela pesquisa têm um recorte cronológico de mais de um século, sendo a imagem mais antiga um carte-de-visite de 1868 e a imagem mais recente de 1991 – essa segunda capturada durante a entrega de 100 casas construídas pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU) na cidade. Apesar disto, os documentos selecionados do Conjunto Originário para compor o Conjunto Musealizado eram majoritariamente imagens datadas até a primeira metade de 1900.

Por lidar com a fotografia como material de estudo é necessário ressaltar que o trabalho se constituiu enquanto uma investigação, sobretudo no discurso imagético, da cidade musealizada através da fotografia, buscando estabelecer a fronteira entre a cidade imaginada e musealizada e o crivo da história (MENESES 1992, p. 10). Portanto, ele se concentrará no espaço de operação destas imagens, fundamental para a ideia de construção de memória, constituída como fato social.

estrutura dos capítulos

introdução

No **Capítulo 01. Bocaina. O Centro-Oeste paulista e o desenvolvimento dos centros produtivos cafeeiros no século XIX: contextualizando o local de estudo**, foram concentrados aspectos sobre o local - cidade de Bocaina -, levantados com a pesquisa historiográfica. Tais aspectos foram separados principalmente em três tópicos: o momento inicial de desenvolvimento da cidade de estudo, a partir do último quarto do século XIX – quando o local foi concebido enquanto uma vila pertencente ao município de Jaú – até a sua municipalização já nos anos de 1891. Neste tópico, se estabelece um panorama macro sobre o contexto regional até o local do estudo e, para isto, é levantado repertório teórico que abrange desde estudos sobre o Brasil e São Paulo dos séculos XIX e XX, (Zólio, 2011; Petri, 2010; Marquese, 2006; Benincasa, 2003; Costa, 2003; Ghirardello, 2002; Matos, 1995) até materiais reunidos e publicados sobre a cidade (Furlaneto, 2003; Bonani, 1996).

Em seguida, será delineado como aspectos políticos e econômicos regionais ocorreram e se traduziram em Bocaina. Neste momento, se centrando principalmente nos agentes sociais da primeira etapa de desenvolvimento da cidade, se busca investigar os modelos de trabalho mobilizados pela lavoura cafeeira, desde o trabalho escravo até o colonato, a onda imigratória dos séculos XIX e XX e a repercussão cultural e social do modelo nacional de “braços para a lavoura” na cidade. Para esta etapa, é mobilizado referencial teórico que consiste, principalmente, em estudos sobre modos de vida e trabalho no Brasil durante o período pré e pós-abolição (1888), movimentos de trabalhadores e política de

imigração, (Truzzi, 2021; Marquese, 2020; Fernandes e Costa, 2020; Bassanezi, 2019; Oliveira, 2018; Truzzi, 2016; Paiva, 2013; Machado, 2010; Sousa, 2008; Gonçalves, 2008).

No fechamento do primeiro capítulo, serão trabalhados aspectos mais recentes sobre o local, mobilizando principalmente quais mudanças físico-sociais foram contidas pela segunda onda migratória em Bocaina: a chegada de novos grupos, agora de brasileiros provenientes de outros Estados, para o desenvolvimento da agricultura alcooleira e açucareira. Nesta etapa, se trabalhará principalmente a partir de dados censitários sobre a cidade e análises cartográficas para um estudo sobre as mudanças físico-espaciais do local. Com isto, se estabelece um sobrevoo sobre aspectos históricos que se acredita norteadores para a análise desenvolvida nos capítulos seguintes, abarcando desde o início da formação da cidade de estudo, até o contexto de fundação do Museu no ano 2000.

No **Capítulo 02. A fundação do Museu Ruth Bueno Pontes Nigro, suas/seus agentes e o percurso da fotografia em Bocaina – do cartão postal até a peça musealizada**, são concentrados os resultados da pesquisa sobre o desenvolvimento do campo da fotografia em Bocaina – importante aspecto já que se trata ela mesma, a fotografia, do principal material exposto pela instituição museal – e sobre a instituição analisada. Neste momento, se buscará problematizar os principais gêneros fotográficos dos quais os documentos do Museu são derivados – retratos e cartão-

postal –, aproximando-se dos seus usos e funções em seus contextos primários e secundários.

Em seguida, se estabelece o resultado das buscas sobre a ação curatorial, entendida desde o momento da coleta até a seleção e preparação das imagens que serão penduradas nas paredes do Museu e que vão compor a narrativa institucional. Em um panorama mais geral, busca-se uma aproximação das inquietações que culminaram na fundação do Museu, compreendendo quais os paralelos entre a sua criação e o movimento de preservação do passado, vinculado à ideia de modernidade, característico da virada do milênio (1999-2000).

Finalmente, para aprofundamento deste tópico, a pesquisa é orientada para a busca dos agentes envolvidos na fundação, institucionalização e curadoria do Museu. Trata-se de uma investigação a fim de saber de que forma o Museu operacionalizou a memória, já que tal operacionalização é ideológica, pois está no campo das imagens, das emoções, da identidade e do afetivo. Trata-se de buscar saber quem esteve e de onde falavam os agentes envolvidos neste processo decisivo para a coleta, organização e processamento da documentação do acervo.

Admitindo que a prática museal se dá a partir de agências, se faz imperativo compreender quais condições resultaram no arranjo institucional e como esses aspectos atuaram sobre os espaços, modos de vida e tipos sociais da cidade que

as fotografias do Museu privilegiaram, além de possíveis descontextualizações e apagamentos por meio da imagem e a função atribuída à cidade neste contexto. Nesta etapa, serão elaborados suportes para questionar possíveis limites dos documentos que foram expostos no Museu e, ainda, as práticas de esquecimento nas quais se apoia o próprio processo de seleção.

No capítulo é mobilizado referencial teórico sobre a fotografia no estudo da cidade e como acontecimento visual e comunicativo, além de aspectos sobre memória social e identidade, processo de musealização e sensibilidade compensatória (Aquino, 2016; Rouillé, 2009; Silva, 2008; Possamai, 2008; Krauss, 2006; Huyssen, 2000; Lima e Carvalho, 1997; Mauad, 1996; Meneses, 1992).

Por fim, no **Capítulo 03. Cidade-imaginário: práticas de arquivamento, apagamentos e recorrências no discurso museal analisado e sobre o Estado de São Paulo**, serão apresentados os resultados das análises das imagens, evidenciando-se, primeiramente, a metodologia de análise por atribuição de descritores empregada neste trabalho. Foi referência crucial para esta pesquisa o trabalho realizado pelas professoras Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho, publicado em diferentes títulos (Lima e Carvalho, 1997; Lima, 2014).

Os resultados analisados neste capítulo são decorrentes da aplicação de vocabulário controlado no total absoluto de documentos manuseados pela pesquisa, tanto do Conjunto Originário (C.O.), como do Conjunto Musealizado

(C.M.), que serão tomados conjuntamente para, posteriormente, aferição dos principais pontos emergentes, já que:

Em se tratando de temas afinados com as representações sociais, uma importante constatação é que pouco se pode fazer com documentos isolados. Especialmente no caso das fontes fotográficas, é bom que sejam tomadas a partir de quantidades e em uma abrangência temporal significativa para dar lastro às hipóteses a serem encaminhadas [...]. (LIMA 2014, p. 16)

Em seguida, após a obtenção dos resultados da análise por descritor, será realizado um cruzamento sobre estes dados: os agentes da ação curatorial levantados no Capítulo 02 e os aspectos históricos da cidade de estudo elencados no Capítulo 01. Pauta-se em momentos e acontecimentos significativos que podem ter gerado as imagens e ocasionado sua seleção ou não-seleção, já que o trabalho não objetiva uma revisão sobre a história local. Trata-se, na verdade, de uma busca por historicizar a constituição do acervo museográfico, com vista em uma aproximação sobre a atuação do Museu de Bocaina para a construção de imaginários e memórias sobre a cidade.

Neste trabalho, a investigação e as interpretações do conceito de imaginário se dão justamente a partir do conjunto de imagens articuladas e como ele funcionou como um sistema de referências para os indivíduos (Lima, 2014, p. 16). Sobre a questão, foram mobilizadas diferentes fontes de campos de estudo igualmente distintos (Lima,

2014; Wunenburger, 2007; Mafessoli, 2001). Sabendo que a fotografia atua de maneira própria e singular na construção da memória, pois as imagens não são percebidas de maneira concreta, mas sim através do ato de pensar – calcado em experiências anteriores do indivíduo – e devido ao fato de haver poucas pistas sobre a agência curatorial do Museu, o método de análise por descritores é empregada como forma de mapear o uso de determinadas linguagens e convenções na documentação utilizada. A partir da análise quantitativa, o que antes era interpretação iconográfica da imagem passa a ter outros elementos (Possamai, 2008, p. 75).

Por fim, os resultados obtidos com as análises serão discutidos a partir de referentes históricos de outras localidades. Neste momento, interessa entender quanto o discurso conformado pelo Museu estudado converge e diverge para a construção do imaginário sobre o passado de outras localidades e da região.

trajetória e questões da pesquisa

introdução

A pesquisa aqui apresentada é resultado de mudanças significativas nos objetivos iniciais deste estudo, voltados à salvaguarda e preservação dos documentos fotográficos em posse do poder público municipal de Bocaina-SP. Tal orientação se originou tendo em vista a incipiência das pesquisas dedicadas ao local, a variedade de conteúdo e suportes retidos nesse arquivo e, principalmente, pela compreensão de que essa ação poderia viabilizar a incorporação destes documentos em estudos, pesquisas e trabalhos futuros sobre Bocaina, sobre o período – virada do século passado – e sobre o desenvolvimento das cidades do Interior Paulista que viveram a influência do complexo do café.

Aos poucos, principalmente devido ao trabalho desenvolvido pelos pesquisadores que compõe o projeto “A cidade para todos: percepção, pertencimento e preservação do patrimônio cultural como forma de constituição dos sentidos de coletividade na cidade de Bocaina-SP”, do qual a autora deste trabalho faz parte, e, ainda, por meio da aproximação com diferentes áreas do conhecimento dedicadas aos estudos da fotografia, dos arquivos e, principalmente, das práticas ou juízos relacionados à resistência e aos apagamentos dos documentos, a pesquisa deslocou sua problemática e se orientou a partir de uma série de questionamentos.

Afinal, o que se propõe, a preservar ou a salvaguardar? Por quais razões, após intensos e notáveis processos de deterioração, foi possível que este estudo incorporasse estas fotografias? Quais agentes envolvidos no trabalho de

arquivamento, seleção e reprodução deste acervo? Não estará este trabalho, ao intentar garantir o uso futuro destes documentos por outras pesquisas, dotado de uma responsabilidade não restrita a catalogar e sugerir a conformação de espaços de armazenamento e manuseio adequados à estabilização destas imagens? Ao tratar estritamente a questão “preservação de documentos”, não se está condescendendo com usos futuros que abordem a fotografia e a imagem como apêndice, ilustração ou anexo? É possível que o trabalho colabore com a conservação dos documentos e, em conjunto, legisle por usos hipotéticos e não meramente ilustrativos das fotografias e imagens? É possível compreender, observando este conjunto arquivado, qual história do Oeste Paulista é contada por meio da fotografia em Bocaina? E, na região, quais os usos e funções da imagem neste contexto?

O trabalho, ao propor investigar a memória a partir da fotografia, fez imperativa a necessidade de deslocamento da discussão – menos centrada em aspectos técnico arquivísticos e voltada à multidisciplinaridade própria deste campo: imagem-arquivo.



capítulo

Bocaina, o Centro-oeste paulista e o desenvolvimento dos centros produtivos cafeeiros no século XIX: contextualizando o local de estudo

01

1.1

De povoado a município:
desenvolvimento de **Bocaina e a
economia cafeeira** no Centro-
oeste paulista

- **CAPÍTULO 01 | 1.1 De povoado a município: desenvolvimento de Bocaina e a economia cafeeira no Centro-Oeste Paulista**

A expansão do cultivo do café no território de São Paulo trata-se de um marco importante sobre a ocupação territorial do Estado, principalmente quando se discute a porção central e oeste do território. Nestes locais, principalmente entre o século XIX e início do século XX, ocorreram transformações significativas: crescimento populacional vertiginoso, homogeneidade expressiva do cultivo das lavouras – a monocultura¹–, surgimento de novas espacialidades a partir de conformações rurais e urbanas, dentre outras mudanças.

É possível afirmar que, neste período, o perfil espacial da região foi transfigurado e as ações motivadas pelo estabelecimento do complexo do café² foram propulsoras deste movimento. Segundo Luís Saia, a expansão cafeeira foi responsável pelo surgimento ou crescimento de 90% dos municípios paulistas, num período em que as

¹ Apesar da cultura do café ter sido predominante, é possível afirmar que a fazenda de café do Centro-oeste paulista foi uma grande e quase auto-suficiente unidade produtora rural (Benincasa, 2003, p. 32).

² Cano (1977) chama de complexo cafeeiro uma rede de componentes que possibilitaram o desenvolvimento desta cultura. Ainda segundo o autor, os aspectos ligados a este complexo eram: a atividade produtora do café (principal dentre todas), a agricultura produtora de alimentos e matérias-primas, atividade industrial (produção de equipamentos para beneficiamento do café, indústria de sacaria de juta e demais compartimentos da indústria manufatureira), implantação e desenvolvimento do sistema ferroviário paulista, expansão de sistemas bancários, atividade de comércio e importação, desenvolvimento de atividade geradora de infraestrutura e atividades inerentes à urbanização e à atividade do Estado. (Cano, 1977, *apud* Costa, 2003, p. 55).

³ Neste trabalho será utilizada a nomenclatura adotada por Millet para a separação das regiões produtoras de café do Estado de São Paulo. Utilizando critérios relacionados à expansão da cultura

de café, aos movimentos populacionais e às áreas de influência das ferrovias, Milliet dividiu o Estado de São Paulo em sete regiões: Zona Norte (inclusive Litoral), Central e aquelas abrangendo municípios tributários das ferrovias Mogiana, Paulista, Araraquarense, Noroeste e Sorocabana (Milliet, 1939/1982b, p.13–15). Em outro estudo, o autor incluiu três zonas adicionais à sua classificação anterior: Capital-Santos, Baixa Sorocabana e Litoral Sul (Milliet, 1939/1982a, p. 70–71 *apud* Colistete, 2015, p. 334). Além de Bocaina (1891), fazem parte da região denominada Araraquarense os seguintes municípios: Bariri (1890), Boa Esperança (Boa Esperança do Sul, 1898), Boa Vista das Pedras (Itápolis, 1891), Brotas (1859), Dois Córregos (1874), Dourados (Dourado, 1897), Ibitinga (1890), Jaú (1866), Matão (1898), Mineiros (Mineiros do Tietê, 1898), Monte Alto (1895), Pederneiras (1891), Ribeirão Bonito (1890), Ribeirãozinho (Taquaritinga, 1892) e São José do Rio Preto (1894).

Geograficamente, Bocaina abriga o ponto central do Estado de São Paulo. A cidade está localizada a, aproximadamente, 300 quilômetros de distância da

- **CAPÍTULO 01 | 1.1 De povoado a município: desenvolvimento de Bocaina e a economia cafeeira no Centro-Oeste Paulista**

Capital. É possível afirmar que Bocaina compôs o projeto territorial do Estado a partir da segunda metade do século XIX, em que as ocupações se alinharam não apenas à consolidação das cidades, mas, principalmente, à infraestrutura relacionada aos espaços agrários (Zólio, 2011, p. 09). A questão não era desenhar o urbano, mas realizar o planejamento territorial do Estado. “A forma urbana seria uma consequência, estaria muito mais relacionada ao papel dessa cidade na articulação territorial” (Costa, 2003, p. 51).

Antes da chegada das ferrovias, o escoamento da produção local por meio das vias existentes – por terra ou hidrovias – era fator determinante para o estabelecimento das lavouras. A localização geográfica de Bocaina demonstra que, nesse aspecto, o local é privilegiado, pois tem como um dos limites o rio Jacaré-Pepira, que liga o município estudado à principal via hidrográfica do Estado, a bacia do Rio Tietê. Em um momento em que o transporte terrestre por via animal e as precárias condições das vias acarretavam, de modo evidente, perdas para a produção, tais aspectos são de suma importância.

Até a primeira metade do século XIX, a inexistência de crédito que viabilizasse a lavoura cafeeira fez com que as áreas cultivadas da Região Oeste de São Paulo, neste período, fossem mistas e modestas.

Entre os séculos XVII e XVIII, os colonizadores europeus passaram a cultivar o café. Nesse último século as Antilhas Francesas tornam-se

as mais proeminentes produtoras do grão e desenvolvem, nesse período, métodos para cultura seguidos até os dias atuais. Com a Revolução Escrava ocorrida em São Domingos, no Haiti, no final do século XVIII e com o desenvolvimento vertiginoso da cafeicultura escravista no Vale do Paraíba, a partir de 1830, o Brasil se torna o maior mercado cafeeiro no contexto mundial. (MARQUESE, 2006)

A reorientação do capital até então aplicado na região do Vale do Paraíba financiou os investimentos iniciais no cultivo do café na porção Oeste do Estado de São Paulo. As condições de esgotamento de solo na região antes cultivada, o crescimento do capital financeiro dos fazendeiros, as altas cotações internacionais do preço do grão e a combinação terras férteis e clima favorável da região paulista que comporta o município estudado foram algumas das razões do processo de migração das elites agrárias para o local, principalmente a partir da segunda metade do século XIX.

● **CAPÍTULO 01 | 1.1 De povoado a município: desenvolvimento de Bocaina e a economia cafeeira no Centro-Oeste Paulista**

Protagonizando não apenas a atividade econômica da até então Província Paulista, o café foi, durante os últimos anos do Império no Brasil, responsável por 99% das exportações taxáveis de São Paulo, em termos de valor (Petri, 2010, p. 03). O café produzido no Brasil na segunda metade do século XIX acompanhou o desenvolvimento do processo de industrialização na Europa e Estados Unidos, este último principal comprador do grão brasileiro. A bebida, por ser estimulante, foi apropriada para a adaptação do grande contingente de trabalhadores no novo modelo e ritmo de trabalho imposto pelas indústrias.

Segundo Furlaneto (2003), foi entre 1885 e 1890 que, na região de Jaú-SP, o aumento significativo da produção fomentou o crescimento populacional nas colônias rurais da região e, a partir disso, surgiu o interesse em edificar, onde hoje é a cidade de Bocaina, uma capela e um arraial, a fim de facilitar o movimento religioso e o desenvolvimento de um comércio local.

Já numa Carta escrita por Theophilo Bueno de Alvarenga, sobrinho de Bento Bernardes Rangel e irmão de José Ignácio de Alvarenga, considerados os



Figura 01. Cronologia da ocupação de lavouras de café no Brasil com mancha de expansão durante o século XVIII. Fonte: Museu do café. Alterado pela autora, 2020⁴.

⁴ Mapa de expansão do território dedicado à produção do café no Brasil. Disponível em <http://www.museudocafe.org.br/centro-de-preservacao-pesquisa-e-referencia/apresentacao/> acesso em 22.07.2020.

fundadores da cidade de Bocaina, é dada versão distinta ou, pelo menos, um pouco mais detalhada:

Dos 10 aos 11 anos fiquei órfão de pai e mãe. Ali, fiquei residindo ainda em casa de parentes até 1880, quando fui levado com duas irmãs, por nosso tio paterno Bento Bernardes Rangel, para a fazenda Bocaina de Baixo, situada no município de Jahú, naquela época sertão de onças. Tive um dia de hospedagem e 7 anos de guatambu. Em 1887, meu mano mais velho, José Ignácio de Alvarenga, genro de nosso tio acima mencionado, abriu naquela fazenda, à beira da estrada que vae de Jaú a Araraquara e outros logares, um negócio de seccos e molhados. A população dos bairros, ali, naquele tempo era exclusivamente de brasileiros da peor espécie, com rara excepção. Aos domingos e dias santificados o negócio enchia-se de caboclos e do meio do dia para a tarde estavam quase todos bebedos e aí era aquelle forrobodó medonho: a faca e cacete bailavam entre elles. Nós [...] agradava, com pinga e alguns presentinhos aquelles mais valentes e com elles enxotava os todos para fora da venda [...]. Devido a esses factos, José Ignácio resolveu crear o patrimônio, a que deu nome S. Jº Baptista de Bocaina. (Carta escrita por Theophilo Bueno de Alvarenga, transcrita e publicada pelo Jornal de Bocaina, edição de 23 de maio de 1991. Fonte: Acervo Martha Nigro).

- **CAPÍTULO 01 | 1.1 De povoado a município: desenvolvimento de Bocaina e a economia cafeeira no Centro-Oeste Paulista**

O que foi possível aferir é que, a partir desse período, a cidade de Bocaina apresentou sua primeira curva de desenvolvimento significativo, fase que atribuiu a ela infraestrutura e serviços públicos que a distinguiam de grande parte dos municípios da região até então:

Desde o início do bairro até 25 de abril de mil oitocentos e noventa e três, esteve esta freguesia que contava unicamente com umas quinze casas sob os cuidados do Vigário de Jahú.

[...] Desse ano em diante [1893] entrou a vila de São João da Bocaina em plena phase[sic] de progresso: aumentou extraordinariamente o número de casas; foi dotada de vários melhoramentos; com água canalizada a princípio em chafariz e alguns annos[sic] após em domicílio; será brevemente dotado grande melhoramentos dos exgottos[sic] e luz elétrica. (CURIA, 1914 *apud* FURLANETO 2003, pg. 56)

Bocaina é reconhecida como vila e desmembrada do município de Jaú no ano de 1891, portanto já no período da Primeira República. O cartório de paz do município realizou entre os anos de 1894 e 1900 um total de 1.082 escrituras de compra e venda de imóveis, sendo que a cidade alcançou no último ano citado a maior marca registrada até então do número de habitantes: eram 8.844 pessoas (Furlaneto, 2003, p. 50). Este crescimento implicou em mudanças territoriais pautadas na implantação

- **CAPÍTULO 01 | 1.1 De povoado a município: desenvolvimento de Bocaina e a economia cafeeira no Centro-Oeste Paulista**

de novas espacialidades, resultantes do crescente aquecimento da vida social no local.

O mercado internacional favorável e as intervenções do Governo da Primeira República no Brasil – atuando de maneira favorável ao crescimento da economia de base cafeeira – foram alguns dos fatores que fizeram com que entre 1886 e 1895 o café atingisse a mais alta marca do seu valor até aquele momento registrada. Em 1923, o município de Bocaina contava com 14.800 habitantes. Destes, 2.500 residiam na área urbana, que tinha, até esse momento, 475 prédios entre as quatro ruas principais e suas doze travessas⁵.

Os progressos com o café foram atraindo mais pessoas e investimentos para o município que, no ano de 1930, contava com 21.451 habitantes e era o quarto no ranking dos maiores produtores cafeeiros da região, com uma lavoura de 8 milhões de pés do produto. (Gabriel, 2018, p. 19)

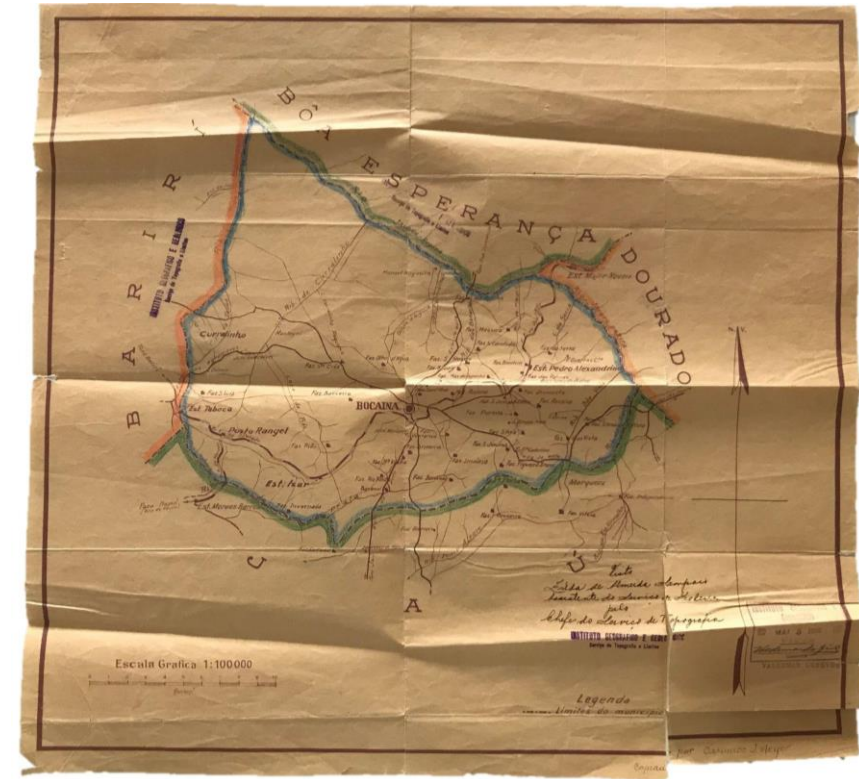


Figura 02. Mapa de demarcação de divisas do município de Bocaina, São Paulo, maio de 1939. Fonte: Prefeitura Municipal de Bocaina. Levantamento: Instituto Cartográfico e Geológico. Digitalização: Ana Laura Assumpção, 2022.

⁵ Fonte: Jornal São João da Bocaina, 23.07.1923. Edição n. 1688. Arquivo da Prefeitura Municipal de Bocaina.

- **CAPÍTULO 01 | 1.1 De povoado a município: desenvolvimento de Bocaina e a economia cafeeira no Centro-Oeste Paulista**

Sobre o papel da religião e, em especial, do catolicismo na primeira fase de desenvolvimento do local de estudo, Bocaina novamente traduz o ocorrido em outras diversas cidades da região até o início do século XX. Como em parte considerável dos municípios, no local a Igreja representou a primeira organização de poder político, responsável por tomar decisões referentes à organização social em Bocaina, enquanto ela se conformava como um pequeno e ainda novo povoado. Sobre a doação e a administração das terras da área urbana da cidade:

O padre Celso Buscariollo explica a questão das terras doadas pelos fundadores ao patrimônio da Igreja: "As doações foram feitas ao padroeiro, a São João Batista. Até hoje, essas terras estão em cartório constando que pertencem ao santo. [...]". A área pertencente à Igreja começa na rua Capitão Bento Rangel e vai até a rua da Tiradentes (da rua de frente da Igreja até a rua da Casa da Lavoura) se estende de um lado até a rua Américo Brasiliense e de outro até a rua 13 de Maio. [...] no início, a Igreja consentiu que os primeiros moradores ocupassem essas áreas. (Jornal de Bocaina. Edição de 23 de maio de 1991, edição especial do centenário de Bocaina, p. 03. Acervo Martha Nigro).

Bocaina é, inicialmente, denominada São João da Bocaina e, assim como, novamente, outros numerosos exemplos, a historiografia local apresenta que foi inicialmente organizada a partir da instalação de uma capela, designada com o nome do padroeiro escolhido para o local, que nomeou não apenas o edifício religioso, mas também o próprio povoado (Ghirardello, 2002, p. 125)⁶.

Apesar das similaridades e reconhecida hegemonia da religião católica na região no período da virada do século passado, o catolicismo não representou a religiosidade de maneira isolada durante o período inicial de desenvolvimento da cidade. O Sr. Theophilo Bueno de Alvarenga Rangel relata o princípio do movimento pentecostal em Bocaina:

Em março de 1895 o collector estadual abandonou a collectoria e o compadre Joaquim Justino, como era mais conhecido, foi logo em casa e disse-me: vim aqui para você ser nosso collector. [...] Até hoje como collector aposentado ainda estou gozando o bem que me fez a minha família. [...] Organizei logo uma boa congregação que chegou a ser uma igreja muito animada; foi pastoreada por diversos ministros, tendo apenas dois residentes revs. Vicente e Alosmar Pinheiro Guimarães; que em janeiro de 1912 inaugurou o

⁶ Para citar outros exemplos, foi o que aconteceu em São Carlos-SP, antes São Carlos do Pinhal, Araraquara, antes São Bento de Araraquara, e Jaú, antes Nossa Senhora do Patrocínio de Jahú.

templo. Carta de Theophilo Bueno de Alvarenga, s/d. (Furlaneto, 2003, p. 08)



Figura 03. Edifício da Igreja Presbiteriana em Bocaina-SP. Fonte: Acervo da autora, 2018.

⁷ No Livro *Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam*, o autor traz um panorama sobre o protestantismo histórico e o protestantismo pentecostal como um fenômeno de massa crucial no entendimento da história recente do Brasil (Spyer, p. 40, 2020).

⁸ Em entrevista a Graziela Wolfart, Alderi Souza de Matos cita: “Aqui, no Brasil, o movimento começou em 1910, com a Igreja Congregação Cristã no Brasil, através de um pregador chamado Luigi Francescon, o pioneiro pentecostal no Brasil. No ano seguinte, em 1911, chegou o segundo grupo, Assembleia de Deus.” (Matos, 2010, p. 09)

● CAPÍTULO 01 | 1.1 De povoado a município: desenvolvimento de Bocaina e a economia cafeeira no Centro-Oeste Paulista

O que se sugere é que, em Bocaina, a organização protestante seguiu a característica que esteve envolta do protestantismo no Brasil. Diferentemente dos movimentos cristãos da igreja católica, onde se custeavam missões direcionadas a evangelizar grupos em locais anteriormente determinados pela própria Igreja, neste período, como salienta Juliano Spyer⁷, o movimento pentecostal ocorreu, principalmente, por meio das pessoas. Em um panorama comparativo, notamos que o surgimento do movimento protestante que funda a Igreja Pentecostal Independente em Bocaina é contemporâneo ao próprio surgimento do pentecostalismo no Brasil⁸.

Nos primeiros anos de 1900, apesar de não reverberar proporcionalmente no modo de vida da massa trabalhadora do período, o crescimento econômico na região era patente. O crescimento dos recursos disponíveis e a necessidade de escoar maiores quantidades da produção agrícola do local⁹ levou transporte ferroviário até Bocaina. Partindo como um ramal da Ferrovia Douradense, a partir da linha-tronco no município de Trabiçu, o trem transportava cargas e pessoas e atuou como canal

⁹ É necessário ressaltar que o cultivo do café foi predominante no local de estudo entre o final do século XIX e século XX, contudo, a Região Araraquarense, à qual pertence o município de Bocaina, não produzia apenas café. Apesar de ser considerada uma região especializada neste cultivo, o local também produziu, no período estudado, milho, arroz, feijão e cana-de-açúcar, por exemplo (Colistete, 2015, p. 332). Este tipo de produção foi, em grande parte, absorvido pelo mercado interno. É importante ressaltar que a monocultura cafeeira formou também expressivos mercados consumidores que dependiam da existência de outros tipos de produção.

- **CAPÍTULO 01 | 1.1 De povoado a município: desenvolvimento de Bocaina e a economia cafeeira no Centro-Oeste Paulista**

de comunicação entre a cidade e outros locais entre os anos 1910 e 1966, atendendo às reivindicações da Câmara de Vereadores bocainense para o Governo do Estado, feitas desde 1905 (Furlaneto, 2003, p. 26).

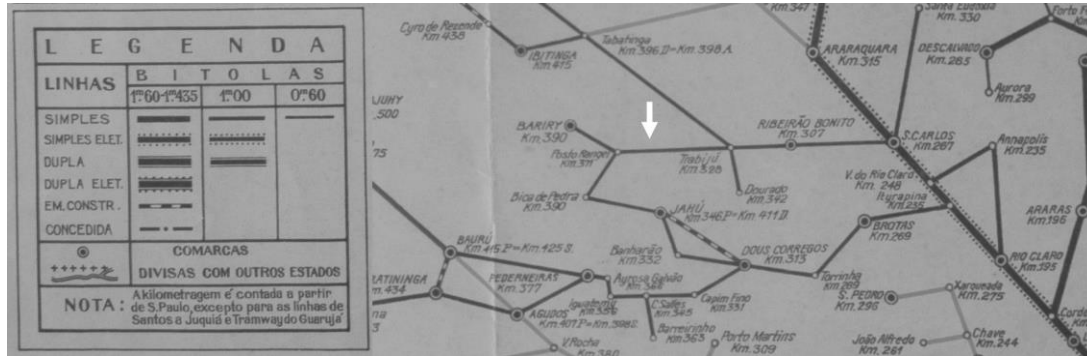


Figura 04. Trecho do mapa “Schema da Viação Férrea em 31-12-1936”. São Paulo. (Recorte: autora). Fonte: Acervo do Museu Paulista - Universidade de São Paulo¹⁰.

Além da estação ferroviária na área urbana da cidade, existiam outras três no município: Estação Pedro Alexandrino, atualmente edificada, porém com alto grau de deterioração, localizada no bairro rural da cidade identificado pelo mesmo nome; Estação Izar, edificação já demolida; e Posto Rangel, também já demolida.

¹⁰ Disponível em https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/72/Esquema_da_Via%C3%A7%C3%A3o_F%C3%A9rrea_em_31-12-1936._%28Estado_de_S%C3%A3o_Paulo%29%2C_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg. Acesso em 30.05.2023.



Figura 05. Edifício sede do ACESSA São Paulo, antiga estação urbana de Bocaina-SP. Fonte: Acervo da autora, 2018.

1936._%28Estado_de_S%C3%A3o_Paulo%29%2C_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg>. Acesso em 30.05.2023.

- **CAPÍTULO 01 | 1.1 De povoado a município: desenvolvimento de Bocaina e a economia cafeeira no Centro-Oeste Paulista**



Figura 06. Biblioteca Pública Emanuel Guedes, edifício da antiga casa do construtor da ferrovia de Bocaina-SP. Fonte: Acervo da autora, 2018.



Figura 07. Antiga Estação Ferroviária Pedro Alexandrino. Atualmente, parte do local serve como espaço de moradia. Fonte: Acervo da autora, 2018.

Atualmente, restam como estruturas remanescentes da ferrovia na área urbana de Bocaina: parte da estação, a plataforma de embarque e a casa do construtor da ferrovia. Os edifícios são utilizados pelo poder público municipal, sendo que a casa do construtor é sede da biblioteca pública da cidade.

A partir de 1930, a derrocada do café afetou fortemente o desenvolvimento urbano pelo qual Bocaina vinha passando.

Além de determinar o ritmo do crescimento da cidade, o café também definia o ritmo de vida na cidade: as épocas do ano eram as de safra, de entressafra e da colheita; o comércio era movido pelo café e sofria as consequências de suas cotações; a cidade, as pessoas, a sobrevivência e até seu temperamento e conduta dependiam drasticamente da sorte de um único produto. (Matos, 1995, p. 97)

--

A crise com quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929 afetou a economia dos mais importantes mercados consumidores do grão brasileiro – sendo o principal deles o americano –, elevou os custos de produção e, progressivamente, afetou em cadeia ramos produtivos derivados desta modalidade de agricultura. Foi a partir deste

- **CAPÍTULO 01 | 1.1 De povoado a município: desenvolvimento de Bocaina e a economia cafeeira no Centro-Oeste Paulista**

período, até a década de 1950 que Bocaina assistiu, bem como outras regiões, uma expressiva estagnação econômica que freou seu desenvolvimento.

É evidente que a razão pelo declínio da monocultura não foram apenas os acontecimentos de 1929. A crise, que teve o final da década de 20 como seu ponto crítico, já vinha sendo anunciada há algum tempo. Reiteradas crises políticas e econômicas recorrentes das tensões no campo das discussões, resistências, levantes e insurreições que reivindicavam a abolição da escravidão, em contraste com a atuação de grande parte das elites agrárias alocadas na política, trabalhando para tardá-la tanto quanto fosse possível, – em âmbito nacional e internacional durante o fim do século XIX –, as dificuldades de implantação e manutenção da mão-de-obra imigrante nas fazendas cafeeiras de tradição escravocrata e as recorrentes superproduções de café devido ao crescimento das áreas cultivadas são alguns dos principais acontecimentos que tiveram a crise de 1929 como momento de auge da invertida do progresso da monocultura cafeeira.

[...] em 1902, o governo do estado de São Paulo passou a cobrar uma taxa sobre cada novo alqueire de café plantado. Em 1906, o Convênio de Taubaté (um acordo envolvendo os governos de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro e os grandes cafeicultores) fixou um preço mínimo para o café de primeira qualidade, dificultou a exportação de café inferior e a formação de novos cafezais. Isso foi feito porque, na época, os preços do café no mercado

internacional, que vinham até então declinando desde o final do século XIX, estavam caindo ainda mais devido aos estoques que estavam sobrando no mercado. (Bassanezi, 2019, p. 38-39)

Além disso,

[...] a geada de 1918 – a maior da história do Café em São Paulo [...] dizimou cafeeiros, diminuiu sensivelmente a colheita e gerou crise na produção que já vinha sendo afetada pela crescente falta de mão de obra devido à queda da imigração internacional a partir da Primeira Guerra Mundial. (Bassanezi, 2019, p. 39)

O momento de crise e recessão econômica pode ser traduzido na cidade de estudo pelo apagão que ocorreu na construção civil entre o período de 1930 e 1950: nenhum novo edifício foi construído na cidade neste momento e o calçamento das ruas do perímetro urbano foi interrompido nestes vinte anos.

A partir deste sobrevoo geral sobre a história local, no tópico seguinte, a fim de destrinchar de maneira mais detida alguns grupos e agentes históricos deste período e de interesse para o estudo, será problematizada a questão dos agentes formadores da classe trabalhadora do período, no local e na região, e suas condições e modos de vida. Nesse aspecto, busca-se relatar o que foi possível identificar sobre trabalhadores submetidos principalmente ao regime de trabalho escravista e de parceria/colonato nas lavouras e cidades oriundas da expansão

- **CAPÍTULO 01 | 1.1 De povoado a município: desenvolvimento de Bocaina e a economia cafeeira no Centro-Oeste Paulista**

cafeeira no Oeste Paulista. Destaca-se que não se visa mostrar novidades substanciais acerca dos temas, mas sim aplicar suas principais e atuais discussões para a cidade de estudo, em busca de uma reflexão localizada.

1.2

Trabalhadores para o café:
cotidianos, modos de vida e lutas
em Bocaina e no Interior Paulista
até meados do século XX

capítulo 01

- **CAPÍTULO 01 | 1.2 Trabalhadores para o café: cotidianos, modos de vida e lutas em Bocaina e no Interior Paulista até meados do século XX**

Neste trabalho, busca-se filiação principalmente daquilo que Flávia Gomes destacou no prefácio da segunda edição do livro *O Plano e o Pânico*, de Maria Helena Machado – bibliografia indispensável para os estudos sobre as cidades do Sudeste Paulista nos séculos XIX e XX –, replicado a seguir:

Já nos anos 1990, *O Plano e o Pânico* apontou para o que talvez seja hoje o desafio de certa História Social produzida atualmente em várias pós-graduação espalhadas por todo o Brasil: Uma história dos trabalhadores, diminuindo margens e fronteiras espaciais e temporais entre africanos, imigrantes, operários, quitandeiros, carregadores e crioulos, homens livres e escravizados com ou sem autonomia, salários e cidadania. (Machado, 2010, p. 17).

Optou-se por não separar as análises e os entendimentos sobre cada um dos grupos de trabalhadores do período, pois entende-se que as relações entre eles se fazem cruciais para as análises pretendidas ao longo deste trabalho. É importante sublinhar, contudo, que tal busca, não se concretiza em uma comparação entre o trabalho exercido por africanos e europeus, já que tal comparação é, obviamente, anti-histórica e anticientífica, visto que os primeiros foram submetidos a um crime contra a humanidade por quase quatrocentos anos no Brasil. Na verdade, o objetivo é compreender a dialética entre as formas de trabalhos e os agentes sociais no período para buscar de que forma eles coexistiram e conformaram o território ao

qual se dedica esta pesquisa, para, posteriormente, prospectar pistas sobre a questão da memória social no local ligada também às classes trabalhadoras.

Foi comum a difusão da ideia errônea de que enquanto as leis imperiais que “limitavam” a escravidão operavam como um golpe em algumas regiões do País produtoras do grão – como o Vale do Paraíba –, no Oeste Paulista elas teriam sido “um alívio”, pois na porção do Estado, explorada principalmente a partir dos anos 1850 (pós-instituição da Lei Euzébio de Queiroz), “já se dispunha de mão-de-obra imigrante” (Holloway, 1994, p. 68. *apud* Petri, 2010, p. 06).

Contudo, o que se sabe a partir da pesquisa de importantes estudiosos do tema em diferentes áreas do conhecimento é que São Paulo foi, neste mesmo período, o principal articulador do tráfico interprovincial de trabalhadores escravizados. O Estado transformou-se em um mercado de distribuição de pessoas, trazidas da porção Norte do País e de Minas Gerais (Gorender, 1978. *apud* Petri, 2010, p. 06) –, que viviam um momento de decadência econômica, crescimento da pobreza e um grande movimento migratório (Sousa, 2008, p. 33). Trazidos do Norte e Nordeste, esta população de trabalhadores submetidos à escravidão foi canalizada principalmente para as fazendas de café da Província de São Paulo (Machado, 2010, p. 20).

De acordo com o “Parecer da Comissão Especial” sobre a proposta da Lei do Ventre Livre em 1871, a manutenção da escravidão já era há tempo admitida por

legisladores da Câmara de Deputados da Corte como um sistema incoerente com os princípios religiosos católicos (já que a religião oficial do Brasil era, até 1889, o catolicismo) e com a própria ideia de modernidade (Parker, 1871, n. 167). Tal incoerência entre o discurso e a prática, já que o Brasil se confirmaria 17 anos depois como o último país das Américas a abolir a escravidão, se dá, segundo Sidney Chalhoub, a partir da inscrição de:

Histórias complexas, mas numerosas, “estruturais” àquela sociedade, e que permitem analisar os silêncios de parlamentares e autoridades por perspectiva diversa. Sim, pois a produção de silêncio sobre 1831 continuou após lei de 1850, num labor constante, vigilante, que faz parte talvez da seiva que alimenta até hoje, no “caráter nacional”, a mania de ter aversão sobre o problema racial no país. (2012, p. 140)

Rafael Bivar Marquese, em um dos seus mais recentes trabalhos publicados, “Os tempos plurais da escravidão no Brasil”, cita:

Se o escravismo estadunidense fora sistema coeso e desabrido de apelo à desigualdade racial e à retórica religiosa, o nosso [do Brasil] foi enrustido. Em vez de escravista de princípio, com legitimação enfática, tivemos escravistas de circunstância: compelidos pela conjuntura a justificar a situação escravista, sem defender a instituição em si, que reconheciam, a civilização e a moral

- **CAPÍTULO 01 | 1.2 Trabalhadores para o café: cotidianos, modos de vida e lutas em Bocaina e no Interior Paulista até meados do século XX**

condenavam naquela altura do século. (FLORES 2015, p. 59. apud. Marquese, 2020, p. 210)

Além disso, no Brasil, segundo Maria Helena Machado:

O abolicionismo e o fim da escravidão não foram tão-somente processos lineares, evolutivos e causais conforme uma historiografia conduziu em interpretações tradicionais. Nem a agency estava reduzida a uma resistência obtusa sem pessoas, nomes, rostos e projetos. Uma cultura política gestada no cotidiano do trabalho e nas senzalas do sudeste escravista, articulando gerações de africanos e crioulos – muitos dos quais vindos do tráfico interprovincial e de distantes paisagens rurais e urbanizadas de Pernambuco, Sergipe, Maranhão e Bahia – encontra-se com uma tradição de protestos, comícios, panfletos, jornais, desfiles carnavalesco etc. protagonizado por trabalhadores, imigrantes e setores médios das cidades [...]. (Machado, 2010, p. 17).

No decorrer da segunda metade do século XIX, instrumentos como a Lei Euzébio de Queiroz (1850), a Lei do Ventre Livre (1871) e a Lei dos Sexagenários (1885) acarretaram um elevado aumento no valor de compra de pessoas em condição de escravidão, o que modificou categoricamente as relações anteriormente estabelecidas pela forma compulsória de trabalho nas lavouras cafeeiras em formação no Centro-Oeste Paulista.

- **CAPÍTULO 01 | 1.2 Trabalhadores para o café: cotidianos, modos de vida e lutas em Bocaina e no Interior Paulista até meados do século XX**

Nesse entremeio, as leis imperiais respondiam à tentativa de minimizar reivindicações de trabalhadores escravizados (que, cada vez mais contundentes e por diferentes meios, lutavam pela liberdade) e dos movimentos abolicionistas em geral, ao passo que transformavam a abolição num processo lento e gradual.

A título de exemplo, é possível citar a trajetória de uma figura popular e importante da região: Antônio Carlos de Arruda Botelho, cafeicultor, empresário, banqueiro e político nas três instâncias da esfera pública administrativa no Segundo Reinado e na República no Brasil, entre os anos 1857 e 1891. Antônio Carlos, também conhecido na região por seu título nobre mais importante, Conde do Pinhal, possuiu, entre as propriedades que formou e adquiriu, cerca de dez propriedades agrícolas, dedicadas principalmente à produção do café, na região de São Carlos, Jaú e Dois Córregos. Uma importante e inédita investigação realizada pela historiadora e pesquisadora Ana Gabriela da S. Santos (2023) nos arquivos da Cúria Diocesana de São Carlos revelou que o fazendeiro, que atuou entre os anos de 1854 e 1901, teve sob sua posse aproximadamente 500 pessoas submetidas à condição de escravidão, sendo 69% do total do que foi possível averiguar a procedência trazidas de Estados como Bahia, Pernambuco, Maranhão e das chamadas “Províncias do Norte”¹.

Outro ponto importante na trajetória deste personagem e que auxilia a descartar a hipótese da abolição como “um alívio” para os cafeicultores do Estado de São Paulo é, justamente, sua atuação parlamentar às vésperas da implementação da Lei Áurea (1888). No ano de 1886, enquanto deputado da Província de São Paulo, Antônio Carlos de Arruda Botelho submeteu à Câmara um projeto de lei visando extinguir o imposto para a entrada de trabalhadores escravizados na Província.

Em contradição, com a iminência da abolição, um ano depois, o cafeicultor alforriou, sob condição, pouco mais de uma dezena de trabalhadores escravizados sob sua posse. De acordo com Truzzi (2021, p. 62), este tipo de ação, que ocorreu em diferentes locais, pode ser interpretada como um esforço de preservação da autoridade moral.

Ironicamente, a libertação teria a virtude de reforçar a ordem social, uma vez fosse ela concedida e não conquistada. A abolição como dádiva sepultava o cativo ao mesmo tempo em que deixava inalterada a hierarquia na sociedade. Ideologicamente, os poderosos transformaram-se em únicos sujeitos da história da abolição (Truzzi, 2021, p. 62).

¹ SANTOS, Ana Gabriela da Silva. Escravizados: reconstituição de famílias 1860 - maio/1888. Apresentação Semana Pró-Casa do Pinhal. Fazenda do Pinhal, 2023.

- **CAPÍTULO 01 | 1.2 Trabalhadores para o café: cotidianos, modos de vida e lutas em Bocaina e no Interior Paulista até meados do século XX**

Neste aspecto,

As teorias racialistas europeias do século XIX são muito úteis à classe dominante brasileira nesse momento, que as utiliza para realizar transformações econômicas e sociais que, fundamentalmente, mantém intacta a ordem vigente. Ficarão posteriormente defasadas, sendo substituídas por outras construções ideológicas, especialmente o mito da democracia racial. (Lopes, 2013)

Além disso, igualmente de acordo com o pesquisador Oswaldo Truzzi (2021, p. 66), em 1876 Antônio Carlos atuou na condução de cem famílias de imigrantes alemães para a região de São Carlos, investiu na implementação da Hospedaria dos Imigrantes na cidade de São Paulo e foi um dos integrantes da Sociedade Promotora da Imigração no Estado.

A trajetória deste homem é exemplar na medida em que é possível pensar, através dela, no contexto ampliado das condições em que se deram às reformas nos modelos de trabalho voltados para o cultivo do café em São Paulo. Longe de uma momentânea substituição, os modelos de trabalho escravo e de parceria/colonato coadunaram; eles foram, em muitos casos, investidas paralelas daqueles que buscavam manter o mercado permanentemente “abastecido” de trabalhadores e, como efeito, facilitar o manutenção em quantidade e de maneira estável dos trabalhadores nas fazendas.

Em matéria intitulada “Presença do imigrante europeu na conquista cafeeira de Jau”, do Jornal Correio de Jauense, de 20 de julho de 1975 (p. 03), destaca-se:

Jaú, nos primórdios de sua conquista agrícola, já se inseria entre as regiões de chefes republicanos paulistas que **sabiam ser mais importante a mão-de-obra remunerada, que a escrava**. Por isso, proprietários rurais daqui logo acenderam a política de imigração já iniciada, por volta de 1870, pelo conselheiro Antonio Prado e outros potentados da cafeicultura paulista, mais abertos às inovações do capitalismo nascente. (Destaque da autora)

Ao contrário do acima destacado, sabe-se que, na verdade, este foi um transcurso lento e que se tratou de “um processo que consistia em ir devagar com a abolição e depressa com a imigração” (Lopes, 2013).

Para o desespero dos senhores a escravidão lhes escapa das mãos. Crescentemente, ao longo da década de 1880, os jornais publicam relatos cotidianos de fugas em debandada; assassinatos de senhores e capatazes, saques nas estradas; a população nas cidades acolhe os fugitivos, e os militares, instados a caçá-los, demonstram má vontade ou recusam-se abertamente (CONRAD, 1975, p. 306). Em meio à convulsão social, os setores mais lúcidos da classe proprietária organizam-se então para “salvar a lavoura” (e suas próprias vidas, inclusive). Segue-se o desenrolar de uma trama

que Robert Conrad chama de “conversão de São Paulo”, tão inesperada como a do santo a que a província dava seu nome. (Lopes, 2013)

Nesse sentido, o plano da parcela que a autora chama acima de “mais lúcida” estava estabelecido: a solução definitiva para o chamado problema da mão-de-obra era a imigração em massa do trabalhador europeu (Lopes, 2013).

É importante revisitar aspectos sobre a cidade de Jaú porque Bocaina, antes de se tornar um município independente, foi uma vila desta primeira, que, ainda hoje, é uma cidade de referência na região em quesitos como disponibilidade de serviços. É possível dizer que Jaú ainda exerce uma importância regional entre as cidades locais e é claro que esta relação promove um intercâmbio social bastante forte já há bastante tempo. A partir disso, é interessante notar como os diferentes tipos de trabalho e agentes sociais passaram para a história ao longo do século XX no local. Como um exercício de análise sobre a citação acima, destaca-se também um pouco sobre a atuação de Antonio Prado.

[...] o Conselheiro Antonio Prado já havia providenciado, como Ministro da Agricultura [1885-1889], as medidas e recursos necessários para o primeiro contrato da Sociedade Promotora da Imigração. [...] Segundo seu Estatuto, os sócios da Sociedade não poderiam auferir lucros; no entanto, todas as transações financeiras – subvenções governamentais, repasse de verbas para a

- **CAPÍTULO 01 | 1.2 Trabalhadores para o café: cotidianos, modos de vida e lutas em Bocaina e no Interior Paulista até meados do século XX**

manutenção das Hospedarias etc. – eram realizadas através de casas bancárias cujo proprietário era Martinho da Silva Prado, pai de Martinico e Antonio Prado (SANTOS, 2008 [1], p. 79).

A família Prado, portanto, controlava a Sociedade Promotora da Imigração, auferindo lucros indiretos com suas atividades. Além disso, a imigração subvencionada funcionou como medida de indenização aos senhores (SANTOS, 2007) – uma ironia da história, pois como sabemos não houve nenhum tipo de compensação aos trabalhadores negros. (Lopes, 2013)

A partir disso, a política empregada desde a Primeira República no Brasil foi de perseguição e criminalização das manifestações públicas e culturais da população negra, além de um apagamento de toda contribuição não-branca na formação do País. Em especial no Estado de São Paulo, a política imigrantista foi, fundamentalmente, uma obra do regime republicano (Paiva, 2013, p. 50) que, em gênese, deixava claro seu recorte racial. Indício disto é, por exemplo, a forma como a questão da imigração foi tratada pela imprensa na época. O trecho abaixo clarifica que as informações destacadas pelo jornal da cidade de Jaú eram compatíveis com o que se apresentava na maioria dos veículos de informação do Estado de São Paulo na época:

O fator-chave seguinte - implicitamente determinado pelo “caráter” paulista - foi a precoce e entusiasmada transição para a

- **CAPÍTULO 01 | 1.2 Trabalhadores para o café: cotidianos, modos de vida e lutas em Bocaina e no Interior Paulista até meados do século XX**

mão de obra imigrante/remunerada. Típico disso é um artigo de autoria do historiador Tito Lívio Ferreira, intitulado “Estrada Econômica do café”, que insistia que muito antes da abolição o fazendeiro paulista já “considera a escravidão extinta”. De fato, provavelmente era Ferreira que Silva Bruno tinha em mente ao denunciar a simplificação excessiva que levava alguns historiadores a minimizar o papel da escravidão africana no boom do café. Mas não se pode dizer que Ferreira era um caso isolado: segundo um redator da Folha da Manhã, “já antes de 1850 [...] foi sentida a necessidade de substituir o trabalhador escravo pelo europeu”. O Tempo publicou um artigo intitulado: “Imigrantes: Alavanca Poderosa no Desenvolvimento de São Paulo - 1873 Assinalou o Início da Substituição do Trabalhador Escravo pelo Estrangeiro”. E, segundo um redator do Estadão, se não fosse pelas interrupções decorrentes da Guerra do Paraguai (1864-1870), São Paulo teria complementado a transição para a mão-de-obra livre ainda antes.

² É importante destacar que em São Paulo este trabalho foi feito principalmente através da Hospedaria dos Imigrantes, fundada em 1887, pela Sociedade Promotora da Imigração, criada um ano antes por fazendeiros paulistas. As dificuldades encontradas pelos imigrantes na viagem até o Brasil, na Hospedaria e nas próprias fazendas foram enormes e aqui não se busca relativizá-las. O intuito se concentra na elaboração de um recorte sobre a postura estatal na recepção destes imigrantes frente às suas diferentes procedências. A respeito da recepção dos imigrantes, segundo Truzzi (2021 p. 76): “Os colonos, na maior parte das vezes, eram levados a assinar seus contratos na própria hospedaria, em São Paulo, sem terem o mínimo conhecimento das propriedades nas quais

Só o jornal do Partido Comunista, Notícias de Hoje, destacou as “amplas lutas populares” envolvidas na abolição da escravatura em um artigo da autoria do historiador e militante negro Clovis Moura. (Weinstein, 2022, p. 497-498)

Ao passo que a questão da imigração era veiculada internamente no Estado como “alavanca do desenvolvimento”, um forte investimento em propaganda era feito fora do País, principalmente com o objetivo de trazer trabalhadores da Europa. Além disso, se investiu, em determinados períodos, no subsídio de viagem, na recepção e triagem² das famílias imigrantes europeias para seus postos de trabalho. A partir de 1889, o governo paulista promoveu em vários períodos uma política de subsídio à entrada de imigrantes com passagens gratuitas até São Paulo, hospedagem e transporte até as fazendas de café (Paiva, 2013, p. 50). O governo explicitava, através do:

iriam trabalhar e morar. Os contratos já eram impressos e, uma vez assinados em duas vias, permaneciam uma via com o colono e a outra com o administrador da fazenda. Normalmente, tinham a validade de um ano e seus termos só podiam ser alterados após cada colheita [...]”. Segundo Bassanezi (2009, p. 98), a respeito da Fazenda Santa Gertrudes, no município de mesmo nome no Interior de São Paulo: “Esse contrato possuía 24 artigos dos quais 22 protegiam o fazendeiro. [...] Eram consideradas causas justas para deixar o trabalho: falta de pagamento, por parte da fazenda, doença que impedia o colono de continuar trabalhando, comportamento inadequado por parte do proprietário e seu administrador, como ferir o colono ou membro de sua família, “injuriá-lo ou atentar contra a honra de sua mulher ou filha”.

[..] art. 1º. que era livre a entrada, nos portos da República, “dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho que não se acharem sujeitos à ação criminal do seu país, **excludentes os indígenas da Ásia, ou da África que somente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admitidos** de acordo com as condições que forem então estipuladas.” (Iotti, 2010, p. 227-228. In. Paiva, 2013, p. 67. Destaque da autora).

A partir disso, a bibliografia sobre Bocaina confirma a chegada e o estabelecimento da população imigrante europeia na cidade (Bonani, 1996, p. 25), o que evidencia que no local repercutiu ativamente o propósito republicano “de formação de uma nova sociedade, espelhada em padrões europeus” (Gonçalves, 2008, p. 127) para o Brasil e desejo de branqueamento da população do País (Oliveira, 2018, p. 161), refletido em São Paulo.

A cidade recebeu consideráveis contingentes de imigrantes, principalmente italianos (Bonani, 1996, p. 25).

O rápido crescimento da cafeicultura em terras paulistas e seus desdobramentos – expansão da rede ferroviária, industrialização e urbanização –, aliados a importantes reformas institucionais e políticas, criaram condições para recepção de imigrantes que seriam “braços para o café”. Ou seja, destinados principalmente a atender aos interesses da cafeicultura. Ao mesmo tempo, a vinda

- **CAPÍTULO 01 | 1.2 Trabalhadores para o café: cotidianos, modos de vida e lutas em Bocaina e no Interior Paulista até meados do século XX**

de europeus para o Brasil reforçava a ideologia vigente que via no imigrante “branco” um elemento necessário à construção da sociedade na nova ordem desejada pelas elites que se acreditavam mais modernas.

Entre meados dos anos 1880 e 1930, o país adotou uma política imigratória agressiva, assentada em subsídios à viagem e em uma forte propaganda realizada, sobretudo na Itália, mas também em outros países europeus e posteriormente no Japão. (Bessanezi, 2019, p. 15-16)

Na imprensa paulista na época, os imigrantes eram, majoritariamente,

Descritos como capacitados, letrados e empreendedores, esses recém-chegados são festejados por sua branquitude (tanto no sentido biológico como cultural), seus hábitos de consumo e sua mobilidade social. O grupo étnico que recebeu mais atenção, previsivelmente, foram os italianos - alguns suplementos contavam com algumas páginas dedicadas exclusivamente à imigração italiana. Uns poucos faziam referência à história da militância trabalhista dentro da comunidade italiana, e um artigo chegou a insistir na necessidade de se fazer alguma menção àqueles imigrantes que não foram “bem-sucedidos” e acabaram enfrentando uma vida de pobreza e tribulações após realocarem-

se no Brasil. Mas essas observações eram excepcionais. (Weinstein, 2022, p. 497-498-499)

Os poucos relatos publicados sobre o trabalho em regime de colonato nas lavouras de café bocainense apontam que ali se seguiu a regra do modo de trabalho nas fazendas paulistas. Movidos pelo desejo de melhores condições de existência, o que parecia difícil nos países de origem, que atravessavam processos como guerras e industrialização, os imigrantes europeus de diferentes localidades chegaram tendo como destino principal o trabalho nas lavouras de café.

Inundar o mercado de trabalhadores através do tráfico transatlântico de África, do tráfico interprovincial ou do subsídio das viagens a partir da Europa atendeu, em todos os casos, o propósito de manutenção de produções altamente lucrativas. O “Atlas da Imigração Internacional em São Paulo” traz o número de 3,8 milhões de indivíduos que entraram no Brasil no período da chamada “Grande Imigração” europeia, graças à promoção e auxílio fornecido pelo Estado brasileiro à época (BASSANEZI *et al.*, 2008, p. 14), sendo que a maior parcela tinha o Estado de São Paulo como destino. Segundo Thomas Holloway, entre 1893 e 1910, nove em cada dez imigrantes que deixaram a hospedaria localizada no Brás dirigiram-se ao Oeste Paulista (Truzzi, 2016, p. 23).

Os dados censitários de Bocaina e o potencial construtivo da área urbana remanescente do seu primeiro período de desenvolvimento – até as primeiras

- **CAPÍTULO 01 | 1.2 Trabalhadores para o café: cotidianos, modos de vida e lutas em Bocaina e no Interior Paulista até meados do século XX**

décadas do século XX – reforça que a cidade viveu, quanto ao local de moradia dos trabalhadores, aquilo que se pode observar na maioria das cidades: maior parcela de pessoas – principalmente os trabalhadores das lavouras – residindo nas zonas rurais e uma parcela menor – responsável por comércios e serviços secundários – residindo no espaço urbano.

Sobre a condição de vida dos trabalhadores nas fazendas, destaca-se matéria do *Jornal São João da Bocaina*, edição de 24 de janeiro de 1932:

Quanto à saúde e educação, a primeira era um problema a resolver, mesmo o município bocainense sendo um dos primeiros em: saneamento, organização e higiene da região, quando o problema se referia ao setor rural, a história era diferente, nas fazendas não havia uma assistência iátrica residente [...]. O problema educacional era outro agravante [...].

Nem sempre, a localização de uma escola num núcleo rural corresponde aos interesses do fazendeiro e nem tampouco dos trabalhadores agrícolas. “Por sua vez, o fazendeiro não revela tanto interesse na instrução dos filhos de seus colonos. Dá preferência ao seu trabalho e permanência na propriedade, evitando molestá-los. (*Jornal São João da Bocaina*, 24/01/1932, *apud* Bonani, 1996, p. 29)

- **CAPÍTULO 01 | 1.2 Trabalhadores para o café: cotidianos, modos de vida e lutas em Bocaina e no Interior Paulista até meados do século XX**

O trecho acima auxilia para uma compreensão parcial sobre os modos de vida nas zonas rurais no período. Contudo, é necessário ressaltar que é possível que as condições se diferenciavam entre cada uma das propriedades, não apenas pelas diferentes administrações dos diferentes proprietários, mas também pelas reivindicações dos trabalhadores em cada uma delas. Sabe-se, por exemplo, segundo o trabalho de Benincasa (2003, p. 194), que em alguns lugares existiram espaços dedicados ao uso educacional nas fazendas da região:

O ensino escolar às crianças não era valorizado, muito menos incentivado pelos fazendeiros. Futuros trabalhadores não necessitavam aprender a ler. Na verdade, isto nem era conveniente aos fazendeiros, pois possibilitava a formação de uma geração com pretensões a cargos mais altos que o de catadores de café. No entanto, os imigrantes suíços, e alemães, muitos deles alfabetizados, reclamavam por educação para seus filhos. [...]

[...] outras edificações nas fazendas, como estábulos, chiqueiros, escolas - e até usinas hidrelétricas. [...] As escolas, quase sempre

³ Convém notar que na maior parte das cidades interioranas os italianos acabaram por praticamente dominar o comércio e os ofícios, estes amiúde, germes da incipiente indústria local. [...] Robert Foerster impressionou-se com o fato de que, mesmo fora das lavouras, “acham-se italianos em todas as cidades menores de São Paulo”. Aqui um italiano dirige o principal hotel da cidade, lá controla lojas de comércio, ali lidera uma banda de música e acolá é o único médico disponível.

eram improvisadas em salas existentes nas tulhas ou em algumas casas de colônia desocupadas, pois raramente havia divisões de séries. (Benincasa, 2003, p. 177)

No caso dos italianos em Bocaina, é notória a existência da Società de Mutuo Soccorso Fascio Italiano, com sede construída em 1900 no município (Furlaneto, 2003, p.72). O local tinha como motivo amparar, minimamente, os imigrantes em termos econômicos, de saúde e educação para os filhos, além de atuar a par do desejo de reconhecimento do grupo na nova sociedade. (Truzzi, 2016, p. 87)

Segundo Bassanezi (2019, p. 81-82), na Fazenda Santa Gertrudes o pagamento dos colonos podia ser realizado no final da colheita ou mensalmente pelo período que ela durasse. Já em Bocaina, segundo Bonani (1996, p. 29-30), sabe-se que os trabalhadores rurais não eram remunerados mensalmente. Havia, no município, a prática do “crédito”, ou seja, “os colonos compravam mercadorias nas lojas do comércio, principalmente de secos e molhados, tais como: A Casa Armentano, Inforzato, Braz Megale³... etc., da cidade, pagando a longo prazo”⁴.

Alguns desses imigrantes, conforme apontou o historiador norte-americano Warren Dean, já haviam trazido consigo alguma experiência profissional de seu país de origem, o que favoreceu o processo de mobilidade. (Truzzi, 2016, p.61)

⁴ Michael Hall coligiu uma cesta de bens de produtos consumidos pelos imigrantes e concluiu que, de 1889 a 1912, seu preço aumentou 123%. Os salários rurais cresceram apenas 15% no mesmo período. Por outro lado, os fazendeiros de café tiveram lucros vultosos de 1884 a 1914. (*Lucro dos*

Além disso, a existência de pequenos armazéns nas fazendas, a necessidade de o trabalhador comprar suas próprias ferramentas para o trabalho e, muitas vezes, pagar o aluguel de uma casa nas colônias rurais coaduna com a política de imigração. Assim, manter um fluxo contínuo de entrada de trabalhadores no Estado possibilita manter o salário baixo e garantir trabalhadores nas fazendas, já que o número de abandonos após o primeiro ano de contrato foi alto devido às péssimas condições de trabalho encontradas⁵.

A convivência entre trabalhadores brancos imigrantes e trabalhadores negros escravizados e libertos resultou, muitas vezes em ambiente de tensão nas fazendas:

Apesar de conviverem durante muitos anos com escravos ou, de modo geral, com mão de obra nacional alocada em tarefas que precediam ou complementavam os cuidados e a colheita nos cafezais, os italianos trataram de enfatizar, a todo momento, suas distâncias em relação aos negros. Era um meio de marcar uma posição relativa superior na hierarquia social vigente nas fazendas, buscando, sobretudo para os fazendeiros, sinalizar seus status diferenciados [...]. Acopla-se aí outro elemento da identidade em formação: a necessidade de afirmação racial como brancos [...].

cafeicultores motivou imigração em massa em SP. INSPER, 2020. Disponível em <<https://www.insper.edu.br/conhecimento/conjuntura-economica/lucro-dos-cafeicultores-motivou-imigracao-em-massa-em-sp/>>. Acesso em 25.05.2022.

- **CAPÍTULO 01 | 1.2 Trabalhadores para o café: cotidianos, modos de vida e lutas em Bocaina e no Interior Paulista até meados do século XX**

Ante tais evidências, não seria demais afirmar que os italianos descobriram-se brancos no Brasil. Já que na própria terra de origem pouco sentido havia construir uma identidade racializada.

Esta primeira demarcação – racial – de fronteiras entre italianos e negros contou com o apoio, pelo menos tácito, das elites rurais. [...] O imigrante italiano prontamente assimilou esse preconceito racial, herança do escravismo e próprio das elites brancas nacionais. (Truzzi, 2016, p. 39)

Odair Paiva explicita em seu trabalho “Histórias da (I)migração” que a política imigrantista deste momento ultrapassou as razões econômicas, colocando a questão da imigração num patamar cultural (Paiva, 2013, p. 67). Igualmente para Lopes, a questão abrangeu muito mais que uma preocupação com a questão de mão-de-obra:

[...] há um anseio cívico, civilizatório, fundamentalmente racista e eurocêntrico. Argumentos econômicos, liberais e racialistas convergem para corroborar os mitos da inferioridade da mão-de-

⁵ “Lucro dos cafeicultores motivou imigração em massa em SP.” INSPER, 2020. Disponível em <<https://www.insper.edu.br/conhecimento/conjuntura-economica/lucro-dos-cafeicultores-motivou-imigracao-em-massa-em-sp/>>. Acesso em 25.05.2022.

obra negra, assim como o mito da escassez de braços, que passam à historiografia com teor de verdade. (Lopes, 2013)

Essa postura política se deu ao passo que em diferentes regiões da Europa, durante o século XIX, a consolidação do regime capitalista promoveu excedentes populacionais que buscavam alternativas de vida (Fernandes e Costa, 2020, p. 65).

Questões como a ocupação do território, a utilização da mão de obra livre e questões raciais ditavam os parâmetros do debate. Ao longo do século XIX e princípios do XX, o Brasil figurou como o quarto maior destino de imigrantes que se deslocaram para a América. (Fernandes e Costa, 2020, p. 65)

“A desqualificação do brasileiro pobre serviu, portanto, para a valorização do imigrante e para a justificação de uma determinada política de imigração impregnada de preconceitos, definida ou resultante de uma tensão permanente, provocada não só pelo processo que levou à escolha do branco europeu, mas também pela preocupação de como controlar e submeter a um trabalho árduo, contínuo e disciplinado, amplas parcelas da população,

⁶ O Brasil viveu um processo de amnésia nacional sobre a escravidão, diz historiadora, em entrevista concedida a Júlia Dias Carneiro, da BBC Brasil no Rio de Janeiro, em 10 de maio de 2018. Disponível em <[- **CAPÍTULO 01 | 1.2 Trabalhadores para o café: cotidianos, modos de vida e lutas em Bocaina e no Interior Paulista até meados do século XX**](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44034767#:~:text=Brasil%20viveu%20um%20processo%20de%20amn%C3%A9sia%20nacional%20sobre%20a%20escravid%C3%A3o%2C%20diz%20historiadora,-J%C3%BAlia%20Dias%20Carneiro&text=Sancionada%20pela%20princesa%20Isabel%20no,%22%2C%20descreve%20Lilia%20Moritz%20Schwarcz.> Acesso em 18.05.2022.</p></div><div data-bbox=)

fosse ela imigrante, nacional, branca, mestiça ou negra.” (Naxara, 1998, p. 18 e 49, *apud* Paiva, 2013, p. 68).

Assim como em muitas localidades do Estado de São Paulo, a existência e a história de populações escravizadas em Bocaina devem passar por ampla investigação. Atualmente, a história oficial e a memória social indicam, a partir do recorte que aqui será analisado, o êxito da política de apagamento das vivências das populações negras desde o início da ocupação do território paulista. Estes fatos tornam absolutamente urgente e necessária uma revisão crítica capaz de clarificar a história daquilo que Lilia Moritz Schwarcz denominou “processo de amnésia nacional sobre a escravidão”⁶.

A história do trabalho em Bocaina apareceu, num passado bem recente, e ainda aparece em relatos populares, matérias de jornais e discursos até mesmo especializados como um modelo que partiu da chegada do trabalhador imigrante europeu, principalmente de origem italiana. Trata-se de uma reprodução de um discurso que imperou e, em certa medida, ainda impera nas cidades do Interior Paulista. Detendo-se em especial à postura de técnicos e pesquisadores do tema, pode-se considerar no mínimo ingênua a posição de defender que, por ter se

44034767#:~:text=Brasil%20viveu%20um%20processo%20de%20amn%C3%A9sia%20nacional%20sobre%20a%20escravid%C3%A3o%2C%20diz%20historiadora,-J%C3%BAlia%20Dias%20Carneiro&text=Sancionada%20pela%20princesa%20Isabel%20no,%22%2C%20descreve%20Lilia%20Moritz%20Schwarcz.> Acesso em 18.05.2022.

- **CAPÍTULO 01 | 1.2 Trabalhadores para o café: cotidianos, modos de vida e lutas em Bocaina e no Interior Paulista até meados do século XX**

municipalizado em 1891, após o ano da abolição, a cidade contou apenas com o trabalho de imigrantes europeus.

Por um período considerável da realização desta pesquisa foi necessário lidar com este dilema, ao passo que a escassez da documentação limitava aferições mais exatas sobre os modelos de trabalho no local. Esta foi uma questão importante sobre o histórico local, pois verificamos evidências sobre a existência de trabalho escravo em fazendas de cidades vizinhas como Jaú, Araraquara e São Carlos⁷, sendo que, antes da sua emancipação, Bocaina se tratava de território anexo a este primeiro município.

Depois de um período expressivo de estudo se fez possível rejeitar, com o aporte de documentos públicos, este discurso fundamentalmente ancorado no apagamento da memória social de negras e negros em Bocaina. A existência de documentos da Junta Classificadora de Escravo, instituída pela lei do Ventre Livre de 1871, relacionando trabalhadores no local, faz repensar, inclusive, a data oficial e a data real de constituição da Vila de Bocaina, já que a documentação levantada foi estabelecida entre os intervalos de 1884 e 1886.

⁷ Foi possível visitar apenas poucas propriedades rurais com estruturas remanescentes do período cafeeiro em Bocaina. Com a expansão das lavouras de cana-de-açúcar na região, muito pouco foi preservado das antigas estruturas. As poucas a que tivemos acessos contam apenas com edifícios

Resumo Geral dos Libertos da Villa da Bocaina, Provincia de São Paulo		
Cidade de São Paulo, 4 de Junho de 1884 - 1886		
Sexo	Brasileiros	70
	Estrangeiros	2
Idade	de 00 annos	5
	de 01	3
	de 02	5
	de 03 a 05 annos	—
Origem	Alagoas	3
	Paraná	2
	Paraguay	2
Profissão	Agricultores	13
	Artesãos	1
Situação	Proprietários	1
	Artesãos	14
Lugar de origem	Paraguay	14
	Estrangeiros	—
Lugar de origem	Paraguay	10
	Estrangeiros	4

Figura 08. Resumo dos libertos da Villa da Bocaina da Provincia de São Paulo, 1884. Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo. Fundo da Junta Classificadora de Escravos.

comumente preservados nesses locais: casa sede/casa de morada da família senhorial, terreiros e uma tulha.

● **CAPÍTULO 01 | 1.2 Trabalhadores para o café: cotidianos, modos de vida e lutas em Bocaina e no Interior Paulista até meados do século XX**

A historiografia mais tradicional, a produção de telenovelas e outros diferentes meios disseminaram, em muitos momentos, a falsa ideia de que, com a abolição, os trabalhadores escravizados imediatamente saíram das fazendas e, simultaneamente, chegaram os imigrantes. Este passado idealizado, segregador e incoerente serviu e foi alimentado por medidas e ações estatais no sentido de marginalizar e perseguir contingentes inteiros de pessoas que passaram, nos mais diferentes lugares das cidades ou do ambiente rural, a fazer ou refazer suas vidas.

O Hino da Proclamação da República Brasileira – fruto de um golpe de Estado, apoiado por parte dos grandes produtores de café e nascido apenas um ano antes da instituição da Villa de Bocaina como um município de São Paulo - é um exemplo da postura de contestação e apagamento histórico deste período:

[...] **Nós nem cremos que escravos outrora
tenha havido em tão nobre país...**

Hoje o rubro lampejo de outrora
acha irmãos, não tiranos hostis.
Somos todos iguais! Ao futuro
sabermos, unidos levar
nosso agosto estandarte que, puro,
brilha ovante, da Pátria no altar.

[...]
(Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque 1867 – 1934. Destaque da autora).

Figura 09. Resumo geral dos libertos arrolados desde o dia 30 de março de 1886 até o dia 30 de março de 1887, organizado de acordo com o modelo – H – [ilegível] do Regulamento que baixou com o Decreto N° 9517, de 14 de novembro de 1885. Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo. Fundo da Junta Classificadora de Escravos. Destaque da autora para a cidade de Bocaina-SP.

Cheia de meandros e impasses que necessitam de uma reflexão abrangente, os fatos que culminaram nos acontecimentos de 1888 (abolição da escravatura) e 1889 (instalação da República) são inconcebíveis de serem pensados a partir de linhas temporais categóricas que dividem a história da região e do Estado como elemento binário.

Considerando que neste trabalho é impossível deter a complexidade do tema, aponta-se a seguir possíveis caminhos para a realização futura desta pesquisa, caminho este já trilhado em estudos extremamente relevantes sobre nossa região, agência e resistências das populações negras no Interior Paulista:

[...] cada vez mais a historiografia vem desconstruindo a ideia de que os cativos e libertos viveram irremediavelmente subjugados e privados de qualquer poder de decisão sobre sua vida. Nesta perspectiva, a autora coloca como fundamental para as análises do pós-abolição a abordagem da representação da liberdade para o ex-escravo. Este tipo de análise requer, segundo Flávio dos Santos Gomes e Olívia Mara Gomes da Cunha, disposição para o enfrentamento direto dos desafios que estão postos face ao silenciamento que se operou desde 1888. [...] É preciso, como

⁸ O trabalho de importantes pesquisadores detidos nesta temática demonstra possíveis caminhos a serem explorados pela pesquisa de cunho histórico sobre o tema. Nesse sentido, destaca-se o trabalho desenvolvido pela Profa. Joana D'arc de Oliveira, do IAU/USP, com distinção para o livro,

- **CAPÍTULO 01 | 1.2 Trabalhadores para o café: cotidianos, modos de vida e lutas em Bocaina e no Interior Paulista até meados do século XX**

destaca Flávio Gomes, que o liberto saia da invisibilidade histórica que lhe foi conferida após o fim da escravidão e, para que esse objetivo se efetive, o pesquisador deve percorrer os rastros deixados por esses sujeitos, que até então foram negados. (Oliveira, 2018, p. 53-54)⁸.

A partir dos caminhos trilhados nos cinco anos de desenvolvimento deste trabalho em contato direto, em alguns períodos mais estreito e outros nem tanto, com o local de estudo e seus diferentes agentes, é possível considerar que em Bocaina se concretizou elementos de formação da identidade imigrante, em especial a italiana, a partir da produção cafeeira do século XIX, em detrimento de outras existências e resistências populares no local. Historicamente, além de aspectos culturais e socioespaciais característicos do imigrante europeu territorializado em Bocaina, é possível exemplificar que, na cidade, assim como em várias outras localidades da região, se ensejou:

[...] o início da construção de uma ética do trabalho, de uma visão – diga-se de passagem, até então inédita em nossas plegas – do trabalho como algo a ser valorizado. Não se trata exclusivamente do trabalho dos italianos, mas tampouco se trata de qualquer

fruto da tese de doutorado da autora, *Da senzala para onde? Negros e negras no pós-abolição em São Carlos-SP (1880-1910)*, publicado em 2018 pela Fundação Pró-Memória de São Carlos, e que resulta de investigações detidas em arquivos públicos e história oral.

trabalho: trata-se do trabalho imigrante [...] e do início da construção de uma ideologia de sucessos individuais, que irá se desenvolver pelo modelo self-made-man, conquistada às custas de um trabalho árduo e continuamente alimentada por alguns exemplos de trajetórias percebidas como bem-sucedidas. Nesse sentido, pode-se afirmar que os italianos no interior paulista ajudaram a fundar uma ética do trabalho, mesmo que pouco coletivista e essencialmente individualista. (Truzzi, 2016, p. 41)

Em contraposição, justamente por serem obrigados a trabalhar é que os escravizados foram, desde o período colonial, desvalorizados. Apoiado nesta gama de aspectos aqui tratados, é possível admitir que o local de estudos foi um dos lócus da política desenvolvimentista paulista arraigada pela cultura cafeeira do século XIX e início do século XX.

O desenvolvimento da cafeicultura e as necessidades dela decorrentes transformaram o panorama geográfico, paisagístico, cultural e demográfico do estado de São Paulo. As ferrovias passaram a integrar regiões que antes eram isoladas; grandes áreas do estado foram devastadas para dar espaço às plantações de café; vários grupos tradicionais, como tribos indígenas e comunidades negras, foram expulsos de seus habitats; comunidades de imigrantes ocuparam a paisagem e impuseram seus hábitos e costumes. (Paiva, 2013, p. 39-40)

- **CAPÍTULO 01 | 1.2 Trabalhadores para o café: cotidianos, modos de vida e lutas em Bocaina e no Interior Paulista até meados do século XX**

Com isso, em menos de um século, o perfil e a paisagem local sofreram alterações categóricas nos mais diversos quesitos econômicos, sociais e políticos. Este período ainda hoje é considerado de muita importância no local, embasando a organização social no território citadino e suas relações. Contudo, o perfil espaço-social atual se fez possível apenas a partir de um segundo momento também muito importante: um novo ciclo econômico, embasado na indústria álcool-açucareira que voltou a predominar sobre a produção cafeeira no Interior Paulista, a partir ainda da primeira metade dos anos 1900. Os reflexos destes períodos sobre o local de estudo é no que irá se deter o tópico a seguir.

1.3

Do café à cana-de-açúcar: as mudanças do perfil socioeconômico local e **uma nova onda migratória**

- **CAPÍTULO 01 | 1.3 Do café à cana-de-açúcar: as mudanças do perfil socioeconômico local e uma nova onda migratória**

No período a partir de 1929, os produtores de café do Interior de São Paulo vivenciaram um profundo decréscimo dos lucros com suas propriedades. Atravessando uma crise delineada pelos mecanismos mais típicos do sistema capitalista, neste período o desenvolvimento da indústria mundial e o crescimento dos índices produtivos em contraposição aos baixos rendimentos e, conseqüentemente, capacidade de consumo da população trabalhadora, acarretou a diminuição dos investimentos na indústria e a reorientação do capital para a especulação no mercado financeiro. Todo este cenário resultou no descompasso no ciclo econômico que se evidenciou como o episódio da queda da Bolsa de Nova Iorque.

Neste momento, a permanência da cultura cafeeira nas lavouras paulistas no volume que até então vinha se desenvolvendo demonstrou-se insustentável, o que fez necessário uma mudança no perfil produtivo na região e o redirecionamento para outros tipos de atividades nas áreas rurais. É importante pontuar que esse momento não se deu de forma simples ou rápida. Em Bocaina, por exemplo, a crise teve grande impacto nos diferentes setores que compunham o complexo cafeeiro, a exemplo da construção civil – que, no espaço urbano da cidade, foi nula entre as décadas de 1930 e 1950 – e do comércio. Sobre o último, destaca-se o depoimento do Sr. Francisco César Nigro, comerciante local, numa reunião de representantes da classe em Bocaina, no dia 28 de outubro de 1937:

O motivo dessa reunião é solidariedade aos cafeicultores de Bocaina, e ao mesmo tempo pedir dos poderes competentes providências concretas que venham pôr cobro a situação aflitiva da lavoura de café, baluarte econômico de todos aqueles que exercem profissão de comerciantes no interior do Estado.

Solidarizar-se com a lavoura é para os comerciantes o mesmo que defender a si próprios. Si os cafeicultores do município continuarem com seu producto entulhado, por falta de negócios ou financiamentos, não podendo satisfazer seus compromissos de custeio no presente e nos próximos pagamentos, que será feito do comerciante que vende a sua mercadoria aos cafeicultores e aos trabalhadores rurais a prazo de 30, 60, 90 e 120 dias e não é raro a um anno?

Si a situação actual é premente para a lavoura cafeeira, também é desesperadora para o commercio, pois este vive daquela e nella se sustenta.

[...]

Eis porque peço aos colegas o apoio necessário para uma moção de solidariedade a lavoura em defesa do café, que como é de todos sabido, é e continua a ser o esteio de nossa economia. (Jornal

São João da Bocaina de 31 de outubro de 1937, transcrito por Furlaneto, 2003, p. 43)

Apesar da mobilização, foi inevitável que o desaparecimento do café, aos poucos, desse lugar a novas culturas. Na região, houve uma reorientação do capital anteriormente aplicado à produção cafeeira que impulsionou, com auxílio do barateamento das terras no pós-crise, paulatinamente, a expansão da produção canavieira. Num relato nostálgico, Walmir Furlaneto narra o processo de transformação da paisagem rural bocainense através do exemplo da Fazenda Santana.

[...] aos poucos foi perdendo seu potencial cafeeiro para a cana-de-açúcar e hoje é uma propriedade retalhada com a venda de vários alqueires de terra [...]. Da colônia não restou nenhuma casa.

A tulha e o terreiro há muito já foram desativados. Dos 180 mil cafeeiros nada restou. Hoje uma parte da propriedade virou pastagem e outra cultura de cana-de-açúcar.

[...]

Hoje, a velha fazenda Santana, dos áureos tempos do café que tantos empregos deu às famílias de colonos italianas e espanholas aos poucos está se descaracterizando do cenário rural deixando

- **CAPÍTULO 01 | 1.3 Do café à cana-de-açúcar: as mudanças do perfil socioeconômico local e uma nova onda migratória**

muitas saudades entre aqueles que a conheceram. (Furlaneto, 2003, p. 41)

Com o trecho destacado acima é possível perceber como a ideia tradicional sobre o ambiente rural vai sendo descaracterizada com o período de declínio do cultivo do café. No mesmo texto, o autor ressalta ainda a resistência de alguns produtores em substituir o cultivo da rubiácea, cedendo lugar ao cultivo canavieiro:

Leônidas Pacheco Ferreira, ex-deputado estadual, já falecido, tinha em suas propriedades cerca de 800 mil cafeeiros. Jamais permitiu em vida que a cultura da cana-de-açúcar fosse explorada em suas propriedades. A prioridade era a cafeicultura, na qual dedicou parte de sua vida. Faleceu em 1976, ano em que ocorreu a maior safra de cafeeiros em suas propriedades.

Hoje, na propriedade só há alguns pés de café para lembrar que ali existiu uma soberba lavoura cafeeira.

O médico Dr. Cássio Montenegro, já falecido, também foi um aficionado pela lavoura cafeeira, tanto que chegou a ter em sua propriedade cerca de 800 mil pés. Antes de sua morte, já desanimado com a política governamental sobre a cafeicultura e aos altos custos da mão-de-obra e dos insumos, foi aos poucos arrendando ou vendendo suas terras ocupadas pelo café para o plantio da cana-de-açúcar. (Furlaneto, 2003, p. 41)

- **CAPÍTULO 01 | 1.3 Do café à cana-de-açúcar: as mudanças do perfil socioeconômico local e uma nova onda migratória**

Apesar da conotação melancólica da narrativa, é patente que o processo de reordenamento do ciclo econômico e produtivo culminou na subtração e descaracterização de parte expressiva da infraestrutura arquitetônica das antigas fazendas cafeicultoras. Seja para abrir espaço para novas áreas de plantio, seja para minimizar os custos de manutenção com as estruturas de beneficiamento do grão, em Bocaina, assim como em outras diversas localidades da região que tiveram a cultura do café substituída pela da cana-de-açúcar, pouco restou daquilo que foi edificado nas áreas rurais no século XIX e início do século XX.

Este processo de reorientação do ciclo econômico-produtivo foi mais evidente na cidade de estudo a partir da segunda metade do século XX, orientado, inicialmente, para o abastecimento açucareiro. Contudo, este fim não se deu de forma isolada, pois, igualmente, aumentava-se a demanda pelo álcool devido a sua utilização como combustível auxiliar para a crescente frota de automóveis do País, bem como de matéria-prima, requerida pela expansão de vários ramos industriais que o utilizam como insumo em seus produtos (Szmrecsányi e Moreira, 1991).

Com a eclosão da II Guerra Mundial e a dificuldade do transporte marítimo de produtos, inclusive pela costa nacional, houve um paulatino desabastecimento de produtos até então exportados entre os Estados das diferentes regiões do País.

Essa demanda insatisfeita dos principais centros consumidores criou as condições necessárias para a expansão da produção de açúcar

em regiões que anteriormente o importavam de outras, basicamente do Nordeste. E foi essa expansão dos anos da Segunda Guerra que deu origem à definitiva transferência do eixo da produção canavieira e açucareira para os Estados do sudeste do Brasil, uma transferência que só chegou a se completar de fato na década de 1950, mas que já podia ser percebida ao término do conflito. (Szmrecsányi e Moreira, 1991).

Sobre este processo, destaca-se trecho de matéria de O Jornal de Bocaina, de 1959:

Afim de mantermos nossos leitores bem informados acerca das providências que estão sendo tomadas para a instalação em nosso município de uma usina de açúcar, procuramos colher informes nos meios oficiais e econômicos da cidade sobre o assunto. Foi-nos dado saber que a concessão da cota está dependendo simplesmente de medidas rotineiras, dentre as quais, a apresentação dos documentos comprobatórios da posse e localização da propriedade agrícola onde será construída a usina. A tal respeito, repartições federal e estadual e municipal de Bocaina informaram que todas as certidões necessárias já foram expedidas. Parece, portanto, que pouco tempo nos separa da data em que veremos concretizado nosso velho desejo, tanto mais que grande parte do capital já se acha subscrito. (O Jornal de

● **CAPÍTULO 01 | 1.3 Do café à cana-de-açúcar: as mudanças do perfil socioeconômico local e uma nova onda migratória**

Bocaina. Usina de Açúcar. Bocaina, de 19 de abril de 1959, ano. VIII, n. 233.)

A produção da cana-de-açúcar no Interior do Estado de São Paulo coincide com o processo de maior industrialização das áreas rurais. Além disso, neste transcurso, a indústria canavieira se apropriou de uma forma muito distinta das zonas citadinas se comparado àquilo que havia sido feito no período cafeeiro. Se antes os trabalhadores voltados para o cultivo do grão eram fixados no território das fazendas, agora a produção da cana-de-açúcar tem como uma de suas principais características a articulação do movimento pendular dos trabalhadores entre espaço urbano – local de moradia muitas vezes já dotado da infraestrutura mínima para sua instalação – e o espaço rural – local do trabalho.

Segundo dados censitários levantados sobre Bocaina, a partir da década de 1930, a cidade passou por uma progressiva evasão populacional, sobretudo das áreas rurais, e o desenvolvimento da indústria resultou na inversão do protagonismo do espaço urbano sobre o rural, local de moradia da maior parte da população até meados do século XX. Este processo pode ser tomado como parte do modelo econômico vigente que dissemina a especialização cada vez mais aprofundada dos espaços. Neste aspecto, as áreas da cidade vão atendendo funções cada vez mais singulares e se dividindo entre os espaços de moradia, de trabalho, de produção e subsequentes.

Até a década de 1960, o trabalho rural foi exercido majoritariamente por trabalhadoras e trabalhadores sazonais, com os quais não eram estabelecidos vínculos empregatícios e que foram popularmente denominados “boias-frias” devido às condições de alimentação durante as jornadas de trabalho.

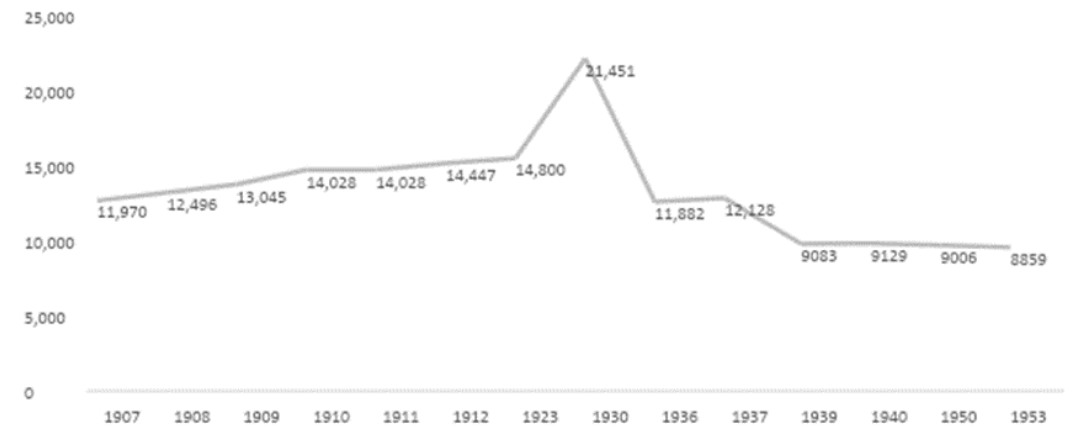
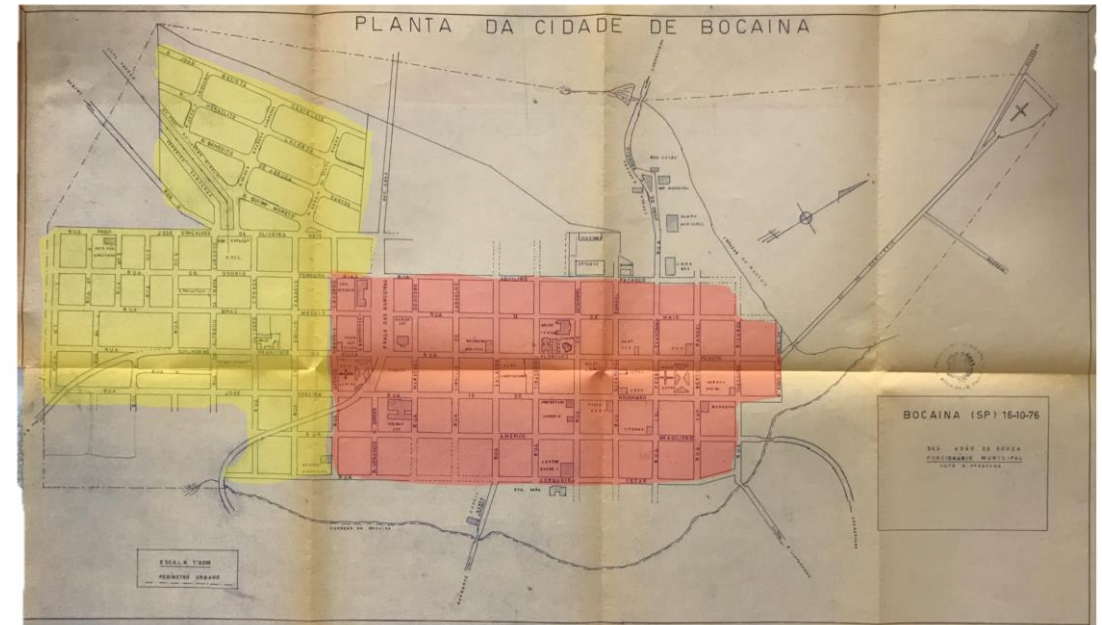


Figura 10. Gráfico da população de Bocaina-SP em número total por período. Levantamento de dados e gráfico realizado por João Gonçalves Neto. Fontes: Direcção de Estatísticas. Ministérios da Agricultura, Indústria e Commercio, 1916, p. 348 (dados de 1907-1912); Jornal São João da Bocaina, 23/07/1923. Edição n. 1688. Arquivo da Prefeitura Municipal de Bocaina (dado de 1923); Gabriel, 2018, p. 19 (dado 1930); Instituto Nacional de Estatística, 1937, p. 152 (dados de 1936-1953).

● **CAPÍTULO 01 | 1.3 Do café à cana-de-açúcar: as mudanças do perfil socioeconômico local e uma nova onda migratória**

acarretar a modificação da composição tradicional do traçado e nos limites da área urbana do fim do século XIX.



LEGENDA
■ Desenvolvimento do perímetro urbano até meado do século XX;
■ Novas áreas urbanas na década de 1970.

Figura 12. Mapa da área urbana do município de Bocaina, São Paulo, 16 de outubro de 1976.
 Fonte: Prefeitura Municipal de Bocaina. Levantamento: Adão de Souza. Digitalização: Ana Laura Assumpção, 2022.

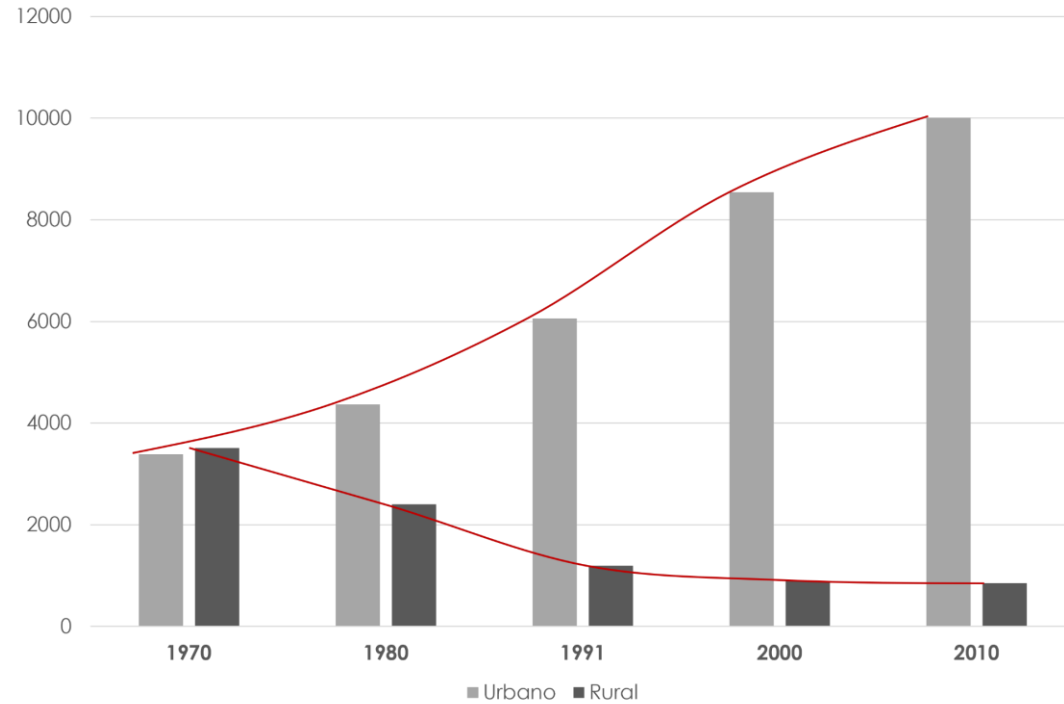


Figura 11. Gráfico comparativo sobre a população de Bocaina-SP entre 1970 e 2010. Fontes: Censo Demográfico, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Produção gráfica: autora, 2023.

Na década de 1970, a área urbana do município se sobrepõe à rural em número de habitantes, característica que prevalece até a atualidade, o que, por sua vez, vai

- **CAPÍTULO 01 | 1.3 Do café à cana-de-açúcar: as mudanças do perfil socioeconômico local e uma nova onda migratória**

Além da retomada do crescimento com o aumento do número de habitantes, a segunda metade do século XX caracterizou-se em Bocaina como um período de mudanças do perfil populacional citadino, com uma maior pluralidade dos perfis sociais e de modos de vida neste espaço. Tal impulso ocorreu no bojo de uma nova onda migratória caracterizada pela chegada de agentes de distintas localidades do Estado e do País, caracterizada, em especial, pela chegada de trabalhadores e famílias de trabalhadores do Nordeste brasileiro para o município.

A transformação da e/imigração em objeto de reflexão acadêmica ganhou importante impulso a partir de meados da década de 1990 e, principalmente, após a virada do milênio (Menezes, 2020, p. 17), com o aumento significativo do fluxo de pessoas atravessando limites territoriais, seja de seus estados, seja de seus países de origem. As razões para que contingentes de pessoas deixassem seus locais de origem no período foram diversas, contudo destaca-se, neste período e para o recorte espacial estudado, a migração tida como uma forma de superar as limitações econômicas que o lugar de origem tinha. (Paiva, 2013, p. 16).

Novos conhecimentos e formas de percepção do mundo tendem a oxigenar os valores tradicionais da sociedade hospedeira, ao

passo que a diversidade de suas diferentes origens potencialmente cria uma sociedade mais tolerante e plural.

Entretanto, esses mesmos elementos podem ser avaliados numa perspectiva negativa. O aumento da população descendente de migrantes é visto por alguns como um risco, especialmente em sociedades que prezam por sua pureza étnica. [...]

No que tange às contribuições culturais, estas também podem ser avaliadas como negativas por perspectivas que as compreendem como uma invasão cultural. Desqualificam-se essas contribuições com base numa hierarquização de valores e padrões de conduta cujo padrão advém das referências da sociedade de recepção. (Paiva, 2013, p. 22)

Em meados do século XX, os munícipes já identificavam a cidade como dividida em duas partes, a chamada “parte alta” e a “parte baixa”, neste período divididas pela Rua Alvarenga Rangel¹ – travessa do traçado urbano mais antigo, atualmente pertencente ao centro histórico da cidade. Com a expansão da área urbana e o desenvolvimento de novos bairros ao sul do território, essa “linha divisória” entre a cidade “alta” e a “baixa” foi reposicionada e passou a delimitar o traçado urbano

¹ Edição do centenário, Jornal de Bocaina, 23 de maio de 1991, p. 02, 2019. Acervo da Biblioteca Pública Municipal de Bocaina-SP.

oriundo do final do século XIX e começo do XX e os bairros da segunda metade de 1950.

Em Bocaina, a expansão territorial movida pelo aumento do contingente da população urbana refletiu na formação de novas espacialidades que abrigaram estes novos modos de vida. Com o tempo, a população de moradores advindos da segunda onda migratória e seus descendentes foi superando o contingente das famílias tradicionais da virada e início do século passado. Para saber como a questão do desenvolvimento do território foi percebida e refletiu na cidade à época, realizou-se pesquisa principalmente nos jornais que eram redigidos, publicados e circulavam em Bocaina no período. Destaca-se o seguinte trecho como síntese deste processo:

[...]

Que belos bairros foram formados, gostoso recanto para se morar ficou ali na Nova Bocaina e seus arredores. A antiga Vila Mariana e Vila das Cabras, as quais até meados dos anos 70, **eram lugares afastados e até rejeitados pelos mais refinados da população**, hoje estão renascidos. Tudo ali se transformou.

Parte Nova da cidade

- **CAPÍTULO 01 | 1.3 Do café à cana-de-açúcar: as mudanças do perfil socioeconômico local e uma nova onda migratória**

Agora a parte alta e nova da cidade é pujante, renovada; cresceu e possui novos nomes. **Atualmente existem mais pessoas residindo, movimentando-se lá para os lados de cima, do que ali pela área baixa, antiga e tradicional do centro da cidade.** Bairros novos como Cecap e Vitória Marangoni estão bem estabelecidos e com franco desenvolvimento. Estes ficam na parte final da cidade, na saída para Jaú. Mais afastados um pouco, lá na saída para Bariri estão os mais novos bairros periféricos da cidade: núcleos populacionais José Tonon e Xerxes Bartelotto. Por aqueles lados há o templo da Igreja São José, arrojado e moderno em sua forma arquitetônica arredondada, também está por perto um hipermercado, belas construções e algumas microempresas já estão se instalando por ali... (Caderno História de Bocaina. Bocaina, Maio de 1999. Acervo Martha Nigro, Destaque da autora)

É neste contexto de formação de novas espacialidades, da chegada de novos perfis sociais na área urbana e em meio a um processo de busca pela afirmação da importância do município como uma cidade de pequeno porte do Interior Paulista e parte dos testemunhos do desenvolvimento cafeeiro da região que chegam até a atualidade – seguimento comum nas cidades no período entre a virada do século XIX para o XX – e se dá a implementação da instituição museal que vai compor a seleção documental objeto deste estudo.

- **CAPÍTULO 01 | 1.3 Do café à cana-de-açúcar: as mudanças do perfil socioeconômico local e uma nova onda migratória**

Sobre o processo autoafirmativo, destaca-se mais um trecho do Caderno História de Bocaina, publicado em 1999:

[...]

Na verdade o município de bocainense é de uma economia modesta, e sua população é de apenas nove mil habitantes. Possui aparentemente uma vida cotidiana pacata e sem graça. Contudo, uma coisa é certa: Bocaina pode até parecer enfadosa, porém, não é, pelo contrário, nossa bela cidade é muito animada e produtiva.

Olha, devido o seu aspecto modesto na área sócio-econômica, política, industrial e populacional, nosso município é visto por alguns como irrelevante. No entanto, creio, esses mesmos não avaliam quando Bocaina é importante, ativa e interessante. Nossa querida cidade não é obscura, monótona e jamais pode ser desrespeitada ou desprezada. [...]

Não duvide, leitor, somos de um lugar interessante. Nossa cidade fica a 300 Km da capital paulista, por rodovia. Desde o nosso rico chão a outros lugares deste Brasil somos privilegiados e interligados por moderníssimas rodovias. A SP-255 e Washington Luiz, ficam bem juntinhas a nós. Por tanto, ó bocainense, orgulhe-se de sua bela

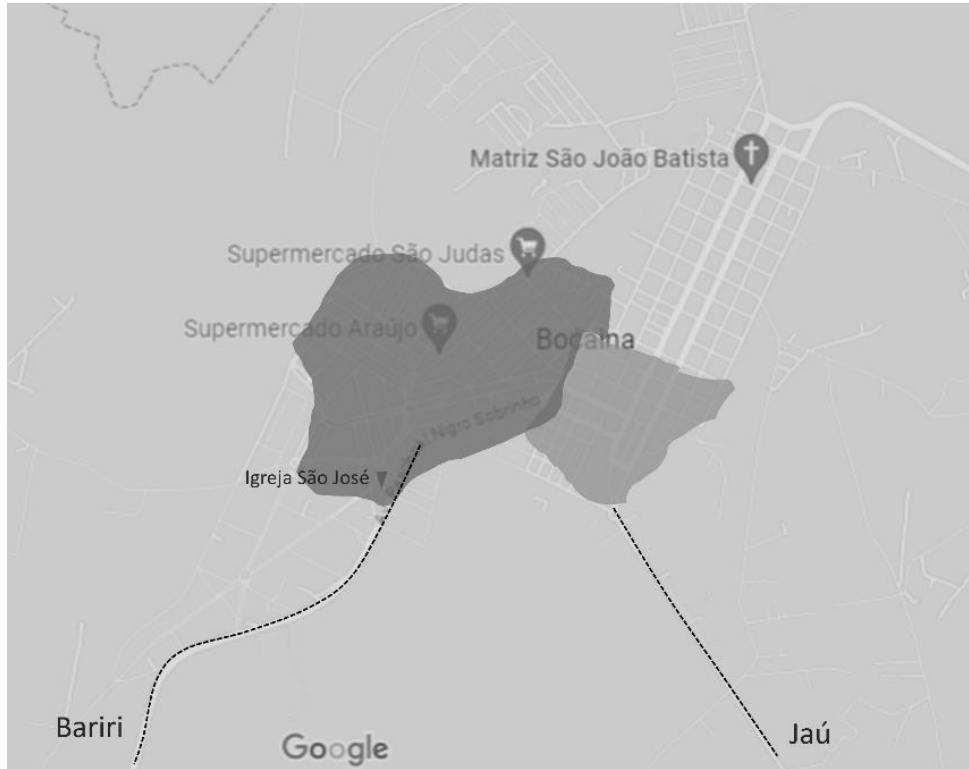


Figura 13. Traçado atual do tecido urbano do município de Bocaina, com destaque para os bairros Cecap e Vitório Marangoni, próximos à saída para Jaú, e núcleos populacionais José Tonon e Xerxes Bartelotto, próximos à saída para Bariri. Fonte: Google Maps, com intervenção da autora, 2023.

terra. (Caderno História de Bocaina. Bocaina, Maio de 1999. Acervo Martha Nigro).

Foi neste contexto e no recorte temporal do início dos anos 2000 que atuou o Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, reunindo, preparando e expondo as fotos manuseadas por este trabalho. Com a hipótese de que a existência, permanência e dissolução do Museu é parte do processo em que a história e a política de preservação e construção do passado passam pelo crivo da sua significação coletiva (Paoli, 1992), a partir deste aprofundamento pelo contexto de desenvolvimento do local, o estudo parte para uma reflexão e investigação sobre a atuação dos espaços institucionais na demarcação da chamada "história oficial".

Tal reflexão será contida sobre como estes discursos se constituem através da fotografia, investigando aspectos sobre a história – forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva – e a memória – construção social, força de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual e coletiva (Meneses, 1992, p. 22). Para tal, a seguir se irá prospectar um pouco mais sobre o campo da fotografia como fonte de estudo sobre a cidade e sobre a sua atuação no contexto de Bocaina.

capítulo

02

A fundação do Museu Ruth Bueno Pontes Nigro, suas/seus agentes e o percurso da fotografia em Bocaina – do cartão postal até a peça musealizada

2.1

Contexto de **fundação do Museu**: o início dos anos 2000 e o movimento de sedução pelo passado

- **CAPÍTULO 02 | 2.1 Contexto de fundação do Museu: o início dos anos 2000 e o movimento de sedução pelo passado**

Como foi possível verificar no capítulo anterior, o final do século XX foi um momento de mudanças profundas na cidade de estudo. O crescimento e o desenvolvimento da industrialização, que propiciaram a retomada do crescimento populacional da cidade, foram dando novas formas e feições ao local: a formação de novos bairros, as novas centralidades e a reorientação dos fluxos no tecido urbano alteraram categoricamente os usos e apropriação dos espaços herdadas do início do século.

Em aspectos sociais, é notório que a memória imigrante, em especial a italiana, tornou-se hegemônica na cidade de estudo durante o século XX. Segundo o que Oswaldo Truzzi traça em seu livro "Italianidade no interior paulista", publicado em 2016, este processo fez parte de uma conjuntura em que a imigração italiana, a partir do contexto político e econômico estabelecido no período da chamada Grande Imigração, propiciou a formação de uma italianidade constituída em território brasileiro. No Interior de São Paulo, este processo foi patente e até hoje é muito significativo pela sua difusão.

Não compete retomar a discussão já explorada no capítulo anterior, porém aqui se propõe retomar os aspectos necessários para falar sobre de que forma a memória imigrante constitui sua hegemonia no local de estudo:

Nos municípios do interior paulista a maior heterogeneidade dos contingentes italianos torna-se muito significativa quando se conta que a emigração ocorreu em menos de duas décadas após ter se

completado o processo de unificação do estado e a constituição da Itália como nação. Tal circunstância trouxe consequências decisivas para a discussão de uma suposta identidade italiana entre os aqui chegados. "Suposta" porque, a rigor, pelo menos até os primeiros anos do século XX (período no qual o fluxo foi mais volumoso), dificilmente se pode falar em identidade italiana para os imigrantes no seu momento de chegada ao Brasil. (Truzzi, 2016, p. 36)

De acordo com o autor, no quadro de uma Itália recém-unificada, de povos, culturas e históricos distintos, se faz precipitado falar de uma italianidade trazida da Itália (Truzzi, 2016, p. 36). Contudo, a necessidade de reafirmação num novo lugar levou a uma certa coesão destes grupos no território de destino pós-imigração. Para sobreviver à situação de suspensão, o migrante necessita reafirmar os elementos de identidade que lhe são mais densos e presentes (Paiva, 2013, p. 24). Neste processo, em que se designa o grupo como "italianos", há a formação de uma identidade comum, na medida em que designar significa classificar, qualificar e, portanto, instaurar uma identidade (Bourdieu *apud* Truzzi, 2016, p. 37).

O processo de formação identitária desta chamada "italianidade" no território brasileiro corresponde ao processo de autoafirmação, constituição de uma rede de apoio e busca por uma diferenciação possível no contexto marcado pelo racismo nas relações de classes no final do século XIX. Tratou-se, portanto, para os imigrantes

● **CAPÍTULO 02 | 2.1 Contexto de fundação do Museu: o início dos anos 2000 e o movimento de sedução pelo passado**

e seus descendentes, de uma afirmação racial enquanto brancos, que assimilava e operava a partir do racismo próprio das elites brancas nacionais constituído com o escravismo (Truzzi, 2016, p. 39).

Este movimento de valorização do imigrante europeu correspondeu a uma ideia de modernidade típica da *Belle Époque* paulista. Pela dialética, é importante ressaltar que, ao passo que ocorria tal enaltecimento, permanecia o projeto racista do estado de apagamento daquilo que não coincidia com a ideia de modernidade então em voga: a exemplo de saberes, da cultura e dos sujeitos envoltos de aspectos africanizados que foram repetidamente colocados à margem.

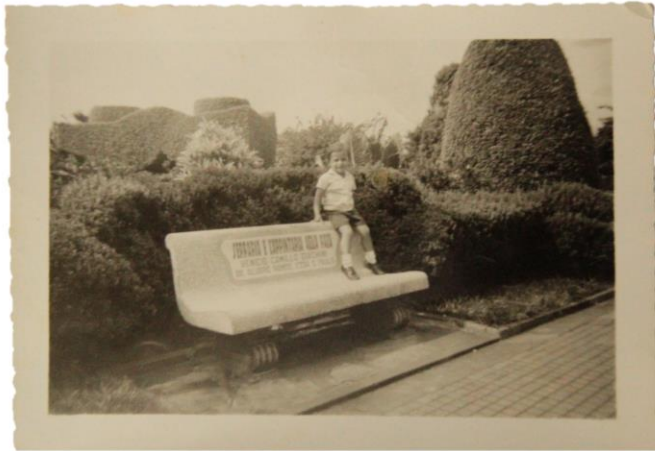
Em contrapartida, na cidade de estudo, assim como em outras cidades da região, foi possível notar com a pesquisa que, para algumas destas famílias de imigrantes europeus, se concretizou o objetivo de ascensão socioeconômica. Segundo Flávia Oliveira, em Jaú, a partir dos primeiros anos do século XX, os imigrantes italianos controlavam grande parte do comércio local (Truzzi, 2016, p. 72). Pela proximidade e intercâmbio entre esta cidade e o local de estudo não é difícil presumir que o mesmo ocorreu em Bocaina.

Uma aferição mais precisa sobre a questão do comércio na cidade pode ser realizada a partir de levantamento feito por Furlaneto (2003, p. 174) através dos estabelecimentos comerciais que patrocinaram a substituição de bancos da Praça Pedro Izar, em que se localiza a Igreja Matriz da cidade, em 1952. Os patrocinadores

que deixaram suas marcas e nomes estampados nos novos assentos de mármore que substituíram os antigos, de madeira, foram os seguintes:

Empório Santo Antônio, de Daniel **Debiazzi**; Serraria e Carpintaria Água Rasa, de Vinicius Camilo **Giachini**; Alfaiataria Saffi; Bar Tremembé, dos sócios **Massoti e Cassaro**; Bazar Paratodos de André **Ambrósio**; Casa, Posto e Cotonifício **Megale**; Fábrica de Móveis São José, de José **Perrone** e Irmãos; Bar e Sorveteria Guarany, de José Morilio; Fábrica de esquadrias de Madeira **Verdiani**; Máquina de Benefício e Rebenefício de Café de Emílio **Baccaro**; Padaria Central, dos irmãos **Bertonha**; Empório e Máquina de Arroz Tremembé, de Antonio Carlos **Megna**; Selaria Freitas, de Alcyr Vinicio de Freitas; Farmácia Nova, de Zeno Queiroz Padilha; Cortume Bocaina, dos irmãos **Gregori**; Irmãos **Blotta** Armazém de Secos e Molhados; Fábrica de Aparelhos Elétricos F. Canhoss; Alfaiataria Biem; Máquina São José de Benefício de Café, de Benedito de Arruda Santos; Fábrica de Calçados **Del Bianco**; Armazém de Secos e Molhados de **Cascadan e Tortora**; Casa Nigro, de **Ghiselli, Nigro** e Cia.; Casa **Baccarin**; Casa Armentano; Bar e Sorveteria Pingüim de Nilson **Bertoncello** e irmãos; Elétro Mecânica São João de André **Pizzinato**; Casa **Inforzato**; Açougue Chinês de Altivo **Zafallon**. (FURLANETO 2004, p. 174. Destaques da autora)

- CAPÍTULO 02 | 2.1 Contexto de fundação do Museu: o início dos anos 2000 e o movimento de sedução pelo passado



Paulo Carlos
Bocaina, 19-1-1969.
(DOMINHO)

Figura 14. Banco com inscrição “Serraria e Carpintaria Água Rasa” na Praça Pedro Iزار, 1969.
Fonte: Acervo Paulo Perroni.



Figura 15. Praça Pedro Iزار após reforma com a substituição dos bancos, 1952. Fonte: Acervo Martha Nigro.

De vinte e oito estabelecimentos listados, vinte e um aparecem como de propriedade de homens com sobrenome de origem italiana, ou seja, 75% do total. Quanto ao restante, foi possível identificar origem húngara, espanhola, portuguesa e alemã. A partir disso, é possível admitir que Bocaina compôs o grupo de cidades

- **CAPÍTULO 02 | 2.1 Contexto de fundação do Museu: o início dos anos 2000 e o movimento de sedução pelo passado**

interioranas de São Paulo em que os italianos ou seus descendentes predominaram no comércio e os ofícios germes da incipiente indústria local. (Truzzi, 2016, p. 61).

Apesar de que, por vezes, tal ascensão ocorreu principalmente entre os poucos que chegaram no Brasil já com algum recurso técnico ou financeiro ou, ainda, que tinham uma trajetória de vida penosa no novo País, a memória que se tem sobre este passado é preponderantemente baseada em um discurso de superação adaptado à lógica meritocrática de progresso.

Deste modo, enquanto parte desta sociedade constituía-se como uma elite e classe média local de origem imigrante europeia do período entre o século XIX e o século XX, em especial de descendência italiana, a arquitetura predominantemente eclética, a conformação do tecido urbano articulado em torno da Igreja Matriz, a permanência de suas famílias residindo no local ou mantendo imóveis como espécies de casa de veraneio fizeram da área do centro histórico de Bocaina, ou da “parte baixa”, como é conhecida, uma espécie de testemunho material do período cafeeiro, da Grande Imigração e dos sucessos desta camada emigrada para o local.

Embora os discursos sobre a cidade sejam, ainda atualmente, fundados nos aspectos da imigração europeia, já na segunda metade do século XX, em especial a partir da década de 1970, a chegada de novos contingentes populacionais ocasiona mudanças como o desenvolvimento das áreas periféricas/de bordas no

município. Paulatinamente, ocorre a inversão da centralidade urbana, antes circunscrita no perímetro mais tradicional da malha urbana e depois dissolvida nas áreas urbanizadas no final do século XX, a chamada “parte alta”, orientadas à região Sudeste do território.



Figura 16. Vista superior do traçado urbano da cidade de Bocaina, 1943 (vista a partir do Norte até área Sul da região). Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Bocaina-SP.

- **CAPÍTULO 02 | 2.1 Contexto de fundação do Museu: o início dos anos 2000 e o movimento de sedução pelo passado**



Figura 17. Vista superior do traçado urbano da cidade de Bocaina-SP (imagem a partir do Nordeste, com malha mais antiga ao Centro, áreas da segunda metade do século XX ao fundo e bairros mais recentes à direita). Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Bocaina-SP, 2019¹.



Figura 18. Entrega de cem casas construídas com recursos da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo - CDHU. Fonte: Acervo Martha Nigro, 1991.

¹ Imagem disponível em <https://bocaina.sp.gov.br/noticiasView/3927_DIRETORIA-DE-SAUDE-DISPONIBILIZA-ROTEIRO-DE-NEBULIZACAO.html>. Acesso em 11.06.2023.

● **CAPÍTULO 02 | 2.1 Contexto de fundação do Museu: o início dos anos 2000 e o movimento de sedução pelo passado**

O crescimento da área urbanizada é propiciado pelo crescimento populacional residente no local. No ano de 1991, foram entregues 305 casas no Conjunto Habitacional José Tonon; em 1993, foi anunciada, pelo então Governo do Estado, a construção de outras 107 casas; e, em junho de 1997, foi entregue o total de 200 casas somadas a outras 205, do Conjunto Habitacional Xerxes Bartelotti, concluídas em agosto do mesmo ano (Furlaneto, 2003, p. 225-226).

Se, neste quesito, a evasão do município foi a marca de Bocaina até a primeira metade do século XX, a partir de 1970 esse processo se inverte com destaque especial para o crescimento da população jovem de 20 a 29 anos residindo no local, segundo dados do IBGE. Neste momento, além das atividades econômicas já citadas – cafeeira e canavieira –, o estabelecimento de indústrias familiares para a produção com couro - curtumes - e equipamentos de proteção individual (EPI'S) – reforçam o aquecimento econômico no município e propiciam maior estabilidade e crescimento da população.

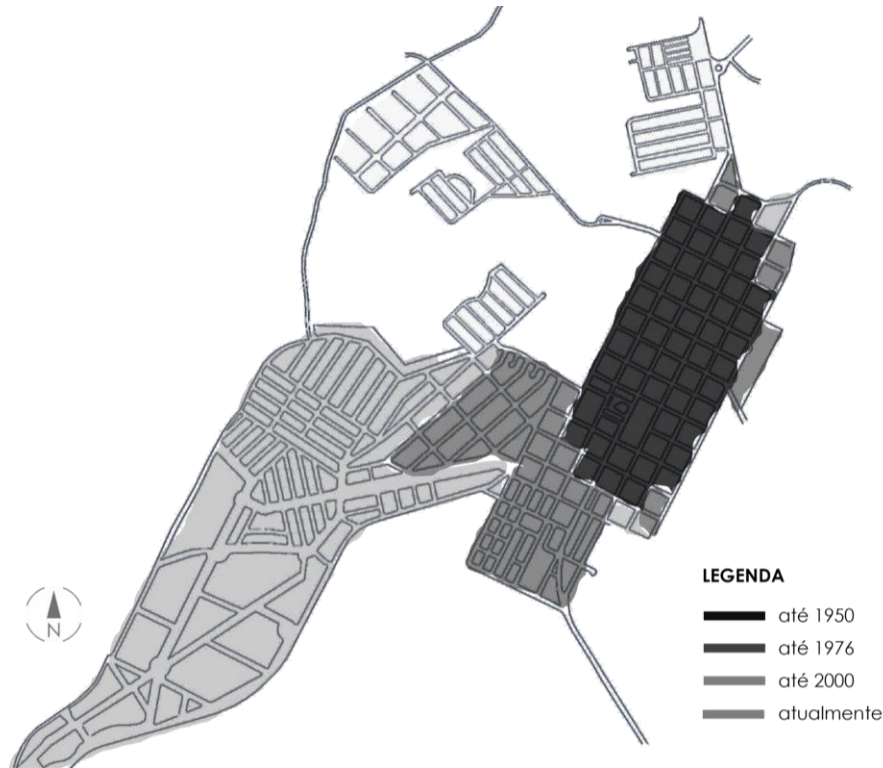


Figura 19. Mapa do desenvolvimento da malha sobre o perímetro urbano do município de Bocaina-SP por período. Fonte: autora, 2023².

² O mapeamento foi executado a partir do cruzamento de diversos mapas cedidos pela Prefeitura Municipal de Bocaina, reproduzidos por meio de digitalização por Maria H. Gabriel e Ana Laura

Assumpção e sobrepostos na reprodução do tecido urbano executada pela autora a partir de imagem de satélites disponível no Google Maps.

● **CAPÍTULO 02 | 2.1 Contexto de fundação do Museu: o início dos anos 2000 e o movimento de sedução pelo passado**

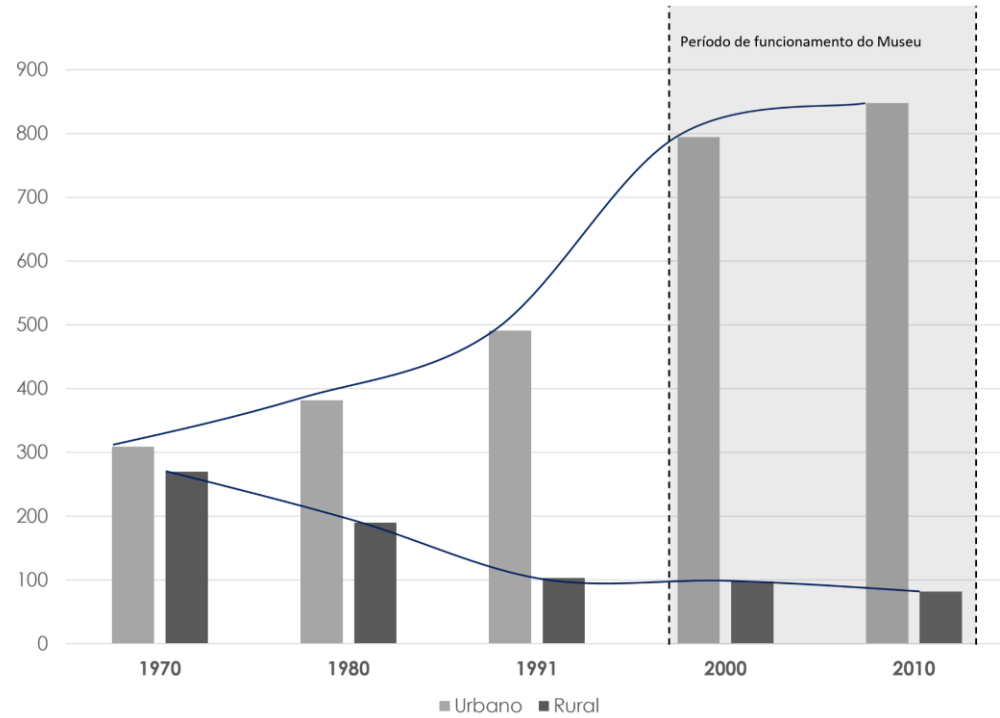


Figura 20. Gráfico do crescimento populacional da faixa de 20-24 anos em Bocaina. Fonte: Censo Demográfico, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Produção gráfica: autora, 2023.

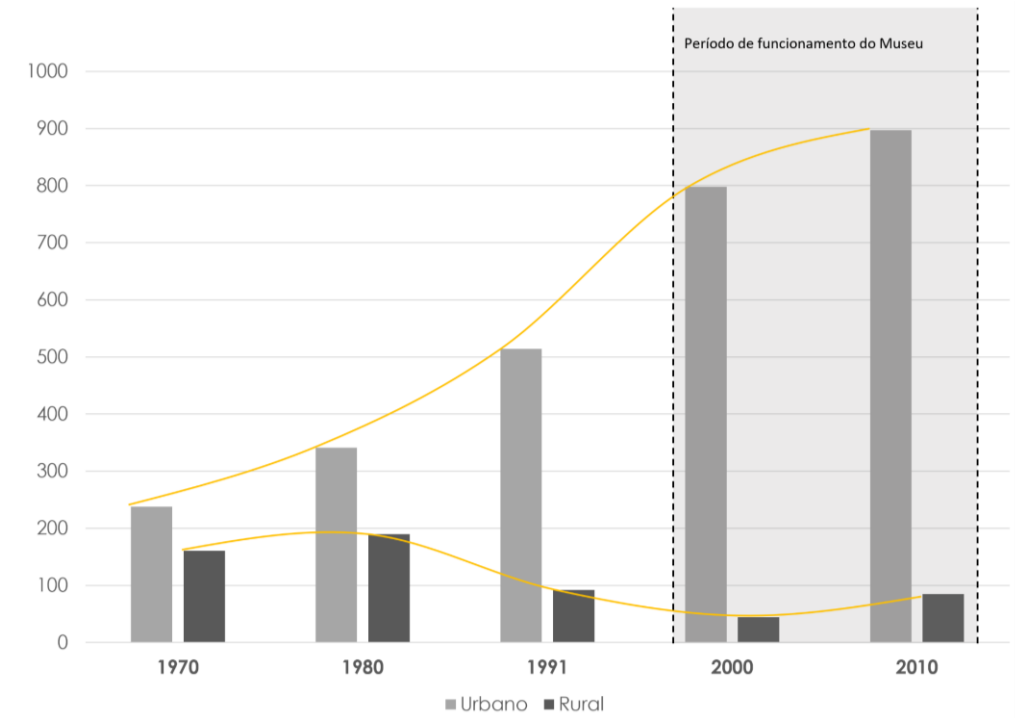


Figura 21. Gráfico do crescimento populacional da faixa de 25-29 anos em Bocaina. Fonte: Censo Demográfico, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Produção gráfica: autora, 2023.

● **CAPÍTULO 02 | 2.1 Contexto de fundação do Museu: o início dos anos 2000 e o movimento de sedução pelo passado**

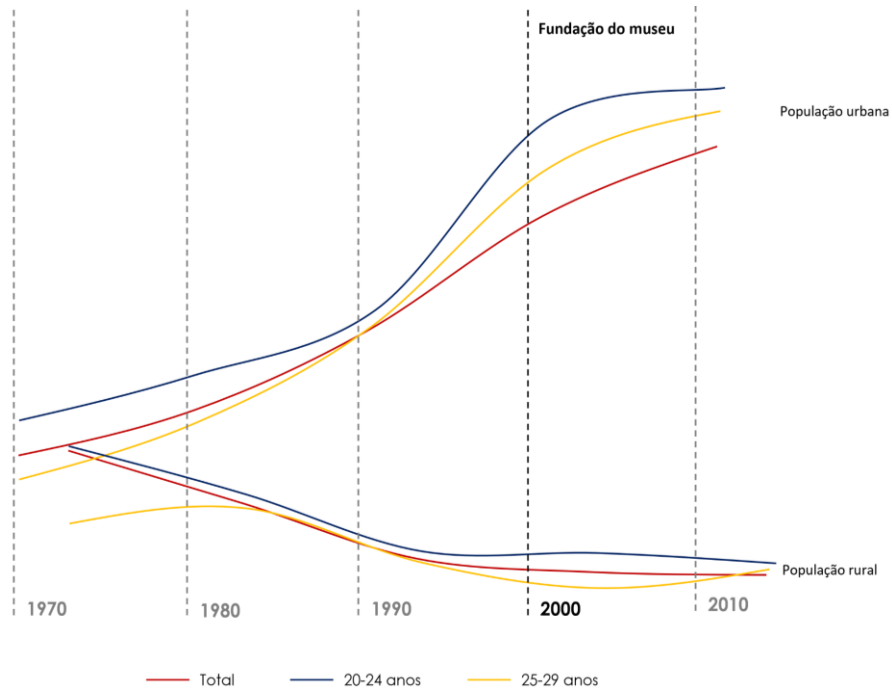


Figura 22. Comparativo de curva de crescimento populacional com indicação do período de fundação do Museu. Fonte: Censo Demográfico, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Produção gráfica: autora, 2023³.

A não permanência da população jovem no local de estudo corresponde a uma preocupação até os dias atuais. Devido ao município de pequeno porte muitas vezes ser incapaz de abrigar as projeções desta parcela da população, muitas vezes a possibilidade de migrar é a forma de dar continuidade aos estudos ou se lançar no mercado de trabalho em centros urbanos maiores.

Contudo, a partir da década de 1990, é possível notar que a parcela jovem cresce mais no município estudado do que a média da população. É justamente neste período que começam a acontecer os trabalhos para fundação de um museu histórico na cidade de Bocaina.

Assimilando a teoria de Lübbe, para quem o museu compensa uma perda de estabilidade (Huysen, 2000, p. 29), é possível entender que a preocupação que desencadeia a instalação da instituição em Bocaina corresponde a mais de um fator, a partir daquilo que se está perdendo e/ou alterando no local. Neste contexto, é possível considerar os seguintes fatores: as modificações quanto à centralidade urbana em função das novas áreas de expansão; a chegada de novos contingentes populacionais superando em número total aqueles tradicionalmente instalados no município desde, pelo menos, o início do século XX; e o crescimento e

³ As curvas não retratam o crescimento em números absolutos. O comparativo foi estabelecido para que se pudesse observar, comparativamente, apenas os ritmos de crescimentos das faixas etárias destacadas em relação à população geral.

- **CAPÍTULO 02 | 2.1 Contexto de fundação do Museu: o início dos anos 2000 e o movimento de sedução pelo passado**

a permanência da população jovem descendente, principalmente a das famílias que se instalaram no município a partir da segunda onda migratória vivida pelo local, na segunda metade de 1900.

Sobre o processo de musealização como uma resposta às perdas do presente, tornou-se famosa a declaração de um industrial durante as festividades de um museu de mineração em Bochum (Estado de Renânia, Alemanha) que disse que “o museu da mineração está em expansão, mas a mineração está encolhendo” (Lübbe, 2016, p. 289). Nesse aspecto, considera-se que o movimento que culmina na instituição do Museu que se propõe analisar neste trabalho corresponde, de maneira contextualizada, àquilo que Huyssen (2000, p. 29) destacou a partir de Hermann Lübbe e Pierre Nora:

A musealização de Lübbe e os lugares de memória de Nora compartilham verdadeiramente a sensibilidade compensatória que reconhece uma perda de identidade nacional e comunitária, mas crê na nossa capacidade de compensá-la de algum jeito. Os lugares de memória [...], em Nora, compensam a perda dos meios de memória [...], do mesmo modo que, em Lübbe, a musealização compensa a perda de tradições vividas.” (Huyssen, 2000, p. 29)

Junta-se a isso a questão do “medo ao estrangeiro” que Jean Delumeau (1989) apontou como um medo permanente na história (Menezes, 2020, p. 19). A partir

disso, é possível se aproximar da questão da mobilização de uma memória a ser institucionalizada e, em decorrência, oficializada. Tal processo, observado em Bocaina, reflete parte do próprio processo de elaboração da memória na cidade. Sobre isso, Menezes (1992, p. 10) destaca:

[...] [a memória] como um processo permanente de construção e reconstrução social, como apontado por Ecléa Bosí. O esforço com que costumam investir grupos e sociedades, para fixá-la e assegurar-lhes estabilidade, é por si só, indício de seu caráter fluido e mutável.

Como citado, o processo de instituição de um museu em Bocaina ocorre mediante as transformações vividas pelo local. A cidade idealizada, ou cidade-imaginário, como denominou-se neste trabalho, é criada no espaço museal como resposta àquilo que se está, ao mesmo tempo, perdendo na cidade real. Esse movimento é o que propicia que certos grupos se “seduzam pelo passado” quase como um aspecto nostálgico.

Huyssen expõe em seu livro “Seduzidos pela memória. Arquitetura, Monumento, Mídia”, publicado no Brasil em 2020, que a virada do século XIX para o XX, que aqui se conhece ainda como o período da Belle Époque, é marcada por uma perspectiva quase efusiva da capacidade técnica da humanidade. Em contrapartida, a virada do milênio, do século XX para o século XXI, já se dá de forma

- **CAPÍTULO 02 | 2.1 Contexto de fundação do Museu: o início dos anos 2000 e o movimento de sedução pelo passado**

contrária: há uma distopia que faz com que as pessoas se voltem ao passado e a nostalgia é o que marca o olhar.

O sucesso do museu pode ser considerado um dos sintomas evidentes da cultura ocidental dos anos 80: muitos museus foram planejados e construídos a partir do prático corolário do discurso sobre “o fim de tudo”. A planejada obsolescência da sociedade de consumo encontra seu contraponto da implacável museomania. (Huyssen, 1994, p. 34)

É possível observar que o que ocorre em Bocaina traduz esta movimentação. O Museu proporcionou a planta principal para a construção da legitimidade tanto no sentido da definição da identidade como da cultura, o que ocorreu no ocidente a partir da década de 1980 (Huyssen, 1994, p. 35). Considera-se, portanto, que, no contexto estudado, o Museu pode ter atuado como mais um espaço de legitimação de uma memória sobre o lugar. Contudo, conforme Meneses (1992, p.11) é, de fato, sobre o presente que a memória fala:

[...] a memória enquanto processo subordinado a dinâmica social desautoriza, seja a ideia de construção no passado, seja a de uma função de almoxarifado desse passado. A elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar.

Então, considerando o museu como parte importante que discorre sobre o momento vivido no local na virada milênio e articulado a partir da memória de determinado grupo, a investigação parte do pressuposto que:

Así como el conocimiento científico no puede reflejar la vida, tampoco la restauración, ni la museografía, ni la difusión más contextualizada y didáctica logrará abolir la distancia entre realidad y representación. Toda operación científica o pedagógica sobre el patrimonio es un metalenguaje, no hace hablar a las cosas sino que habla de y sobre ellas. El museo y cualquier política patrimonial tratan los objetos, los edificios y las costumbres de tal modo que, mas que exhibirlos, hacen inteligibles las relaciones entre ellos, proponen hipótesis sobre lo que significan para quienes hoy los vemos y evocamos. (Canclini, 1989, p. 189 *apud* Meneses, 1999, p.18)

Tomando como fundamento que, em geral, o museu é, desde sua fundação, regido por suas próprias regras, espaço de ação e sistema de valor e, ainda, que têm como agentes – que interferem em tais práticas – curadores, arquivistas, público, ou seja, uma rede que manuseia e transforma artefatos em objetos a serem expostos, se buscará, com a análise, obter pistas sobre quais práticas culminaram na narrativa expográfica da instituição analisada e por quê o resultado se concebeu com sua forma.

- **CAPÍTULO 02 | 2.1 Contexto de fundação do Museu: o início dos anos 2000 e o movimento de sedução pelo passado**

Se o que se arquiva é o que mais poderíamos esquecer, então se arquiva, por princípio, pelo medo do esquecimento, da destruição. E atrevo-me a dizer que aquilo que o homem mais teme que seja destruído é a própria vida, e, portanto, também aquilo que Freud entendeu como princípio do prazer. (Silva, 2008, p. 46)

2.2 **Quem conta essa história?** Aspectos sobre **identidade, gênero e arquivo** a partir dos agentes envolvidos na fundação do museu

capítulo 02

- **CAPÍTULO 02 | 2.2 Quem conta essa história? Aspectos sobre identidade, gênero e arquivo a partir dos agentes envolvidos na fundação do Museu**

A cidade de Bocaina até a atualidade apresenta, quando comparada a outras cidades da região e oriundas do mesmo período, alto grau de preservação das estruturas remanescentes dos séculos XIX e XX. Não é difícil projetar que o porte do município, a profunda recessão econômica a partir de 1929 e a questão da localização urbana da cidade (deslocada 5,5 Km da Rodovia Comandante João Ribeiro de Barros SP-255, que liga Jaú a Araraquara e à Rodovia Washington Luís SP-310) contribuíram com a permanência de aspectos seculares da conformação urbana e nos modos de vida trazidos do período cafeeiro. Enquanto municípios de médio e grande porte, remanescentes do mesmo período, se modificaram categoricamente, em Bocaina tais alterações ocorreram de forma bastante pontual.

Entretanto, é importante ressaltar que a preservação destes aspectos não se deu apenas no campo dos interesses econômicos, mas também a partir da atuação de agentes locais empenhados neste fim. Neste tópico, a partir do percurso do Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro se buscará pautar algumas destas trajetórias.

2.2.1 Apresentação geral: a instituição, endereçamentos e percurso do acervo

Inaugurado em 2000, o Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro encerrou as atividades após 12 anos de existência¹. Sua primeira sede foi o edifício do Cine Jequitibá, construção em estilo *art déco*, edificada na década de 1950 e situada no centro histórico da cidade, próximo ao quadrilátero da praça da Igreja Matriz de São João Batista.

Enquanto cinema, o local foi construído para substituir um primeiro que existiu na cidade, o Cine Éden. De acordo com a edição especial de aniversário do município do Alfa Jornal, publicado em 1987:

No início do decênio de 1950, negociantes e fazendeiros, frequentadores do Clube União, tiveram a ideia de construir um novo cinema para Bocaina, com platéia maior, mais arejada, confortável, novos aparelhos, com técnicas modernas, tudo diferente daquele que já existia, que para a urbe se fazia necessário pois, seria o local onde o povo ia assistir bons filmes. E assim, aquele grupo de pessoas resolveu formar uma sociedade, a qual, inicialmente, foi composta por 12 membros: Braz Megale, Rubens

¹ A instalação do museu ocorreu em ano eleitoral, no mês de abril de 2000. Em outubro do mesmo ano, o Sr. Moacir Donizete Gimenez (PSDB) foi reeleito com 3.246 votos (57,28%) dos 5.666 eleitores que compareceram (88,59%) aos locais de votação. (FURLANETO, 2003, p. 227)

- **CAPÍTULO 02 | 2.2 Quem conta essa história? Aspectos sobre identidade, gênero e arquivo a partir dos agentes envolvidos na fundação do Museu**

Cherephel, Benedito de Arruda Santos (Guiego), Carmo Cipriano Rafale Megale (Carminu), Orlando Gasparini, Pedro Sposti (Pila), Francisvo Nocito, Jácomo Guidon, de São Paulo, Modesto Modenesi, **Francisco César Nigro**, Dr. Aloísio Muniz Barreto e Osvaldo Carvalho, de Jaú. Também fez parte da sociedade e foi gerente daquela casa, anos mais tarde, o sr. David Marques Ferreiro. Braz Megale, pelo seu dinamismo, foi o sócio que mais se destacou. [...]

Corria o ano de 1951 e dr. **Vicente Nigro**, engenheiro e arquiteto, residente em São Paulo, mas bocainense de coração, foi convidado para construir o prédio da casa de diversão. Para inspecionar os trabalhos, foram buscar, também em São Paulo, o construtor e mestre de obras Antonio Laim. Os decoradores Stéfano e Oto, também vieram de fora. Os pedreiros, marceneiros e carpinteiros eram todos bocainenses, totalizando 25 [...]. (Alfa Jornal. Edição de 23 de maio de 1987. Fonte: Acervo Martha Nigro. Destaque da autora).

No local, o Museu foi instalado 50 anos após as tratativas de construção e implementação do novo cinema da cidade e ocupou uma área de mezanino no prédio. Neste período, anos 2000, além das atividades museais, ocorriam eventos de caráter diverso – mostras de artistas da cidade, oficinas, reuniões, entre outros. Na mesma edição do jornal acima destacado, o autor detalha a questão dos espaços da edificação e do percurso que antecede a instalação do Museu.

[O edifício contém] Sala de espera, com duas bilheterias, dois sanitários, dois bancos e dois pedestais para cinzeiro, de imbuia. Salão amplo, com portas laterais, 632 poltronas de madeira, dispostas em dois blocos, formando três corredores, dois dos lados e um no meio. Mais dois sanitários, ao lado das telas, uma à esquerda e outro à direita. Paredes com massa e decoração manual, pintadas a tinta a óleo. No alto 14 arandelas e duas araras, de gesso, com lâmpadas. Forro de papelão. Palco com alçapão para teatro. Na parte elevada balcão com mais 88 poltronas, também de madeira. Junto a ele **sala para exposição**, onde ficaram expostos quadros do artista plástico bocainense, José Lencine, durante uma semana, após a inauguração da casa. Foi a única exposição que lá tivemos. [...]

[...] Devido aos televisores que se espalhavam pelo país, também em nossa cidade, a cada dia que passava [...] o povo foi deixando de frequentar aquela casa de diversão e isso contribuiu para o seu fechamento. [...] O cinema funcionou 23 anos ininterruptamente, de 1952 a 1975 e com outros donos arrendatários até 1983, ano em que foi desativado.

Em 1986 a prefeitura da cidade comprou o prédio do cinema, fechado há alguns anos e, ali, pretende-se instalar um centro cultural, depois de uma boa reforma e restauração em seu interior

- **CAPÍTULO 02 | 2.2 Quem conta essa história? Aspectos sobre identidade, gênero e arquivo a partir dos agentes envolvidos na fundação do Museu**

[...]. (Alfa Jornal. Edição de 23 de maio de 1987. Fonte: Acervo Martha Nigro. Destaque da autora)

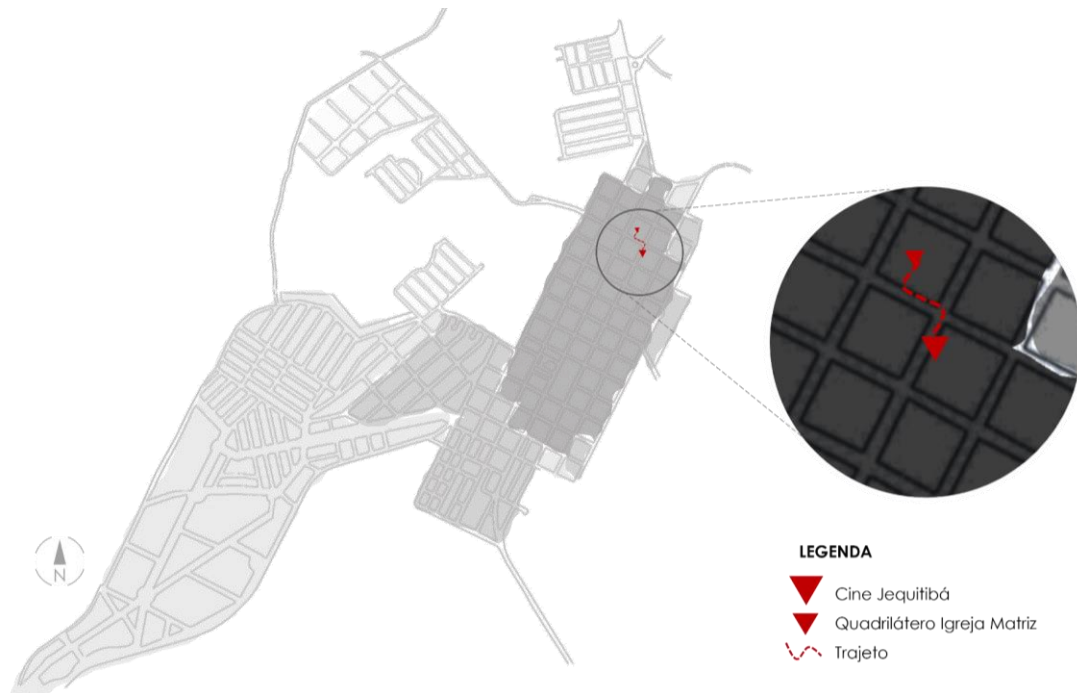


Figura 23. Mapa de localização entre o quadrilátero da Igreja Matriz (considerado perímetro de fundação da área urbana) e o edifício do Cine Jequitibá. Fonte: autora, 2023.



Figura 24. Fachada frontal do Cine Jequitibá. Fonte: Acervo da autora, 2019.

- **CAPÍTULO 02 | 2.2 Quem conta essa história? Aspectos sobre identidade, gênero e arquivo a partir dos agentes envolvidos na fundação do Museu**

A instalação do Museu no local retomou o uso primeiro para o qual o mezanino foi pensado na edificação e utilizado apenas uma única vez até aquele momento: uma sala para exposição. A aquisição do edifício pela Prefeitura e a movimentação para restaurar e instalar ali um centro cultural foi o projeto do qual a fundação do museu fez parte, apesar de ter se realizado apenas 13 anos depois, após quatro gestões públicas municipais. A permanência e a execução do projeto culminando na inauguração do museu nos anos 2000 são indícios de que a demanda pela sua realização teve a participação de agentes externos ao poder público.

Depois de passar pelo Cine Jequitibá, o acervo foi transferido para o edifício que antes havia abrigado, desde 1997, a Telesp – empresa que operou o sistema de telecomunicação de São Paulo – em Bocaina. O local, lindeiro ao edifício da Câmara Municipal de Vereadores, está a 300 metros de distância do quadrilátero da Igreja Matriz de Bocaina e é compreendido pelo perímetro urbano estabelecido até o início do século XX, ou seja, a “parte baixa” da cidade.

De acordo com as pesquisas realizadas em jornais, confrontadas com documentos e ofícios da Câmara Municipal, após ser instalado no Cine Jequitibá, o acervo foi transferido para este local e ali permaneceu entre os anos de 2008 e 2010. Com a pesquisa em jornais publicados na cidade, foi possível averiguar que o pouco tempo que o acervo museográfico ficou instalado no local se deveu às condições inadequadas à preservação do acervo que o edifício apresentava.

Posteriormente, já não mais em regime expositivo, o acervo foi alocado em um terceiro endereço, uma casa no bairro Chinês. Este local é identificado como o primeiro logradouro ocupado da área urbana de Bocaina e a casa citada é onde funcionou, a partir de 2008, a Casa de Cultura do município.

Alguns anos depois, o acervo retornou ao edifício do Cine Jequitibá e, assim como na Casa de Cultura, não voltou a ser exposto.

O acervo do Museu Municipal atualmente está abrigado há dois anos inadequadamente no prédio do cine Jequitibá, sem condições para visitação. Antes da transferência para o Jequitibá, o acervo estava localizado no prédio da antiga Telesp, a Rua Floriano Peixoto 532, onde foi inaugurado com o nome Museu Municipal de Bocaina Ruth Bueno Pontes Nigro. Ali ficou relegado ao tempo onde muitos documentos se perderam devido ao esquecimento. [...] Com o prédio em péssimo estado para preservação e com promessas de reforma que não ocorreu na ocasião, o acervo foi transferido para o prédio na casa da cultura, no Bairro Chinês, onde permaneceu dois anos como sardinha prensada em lata, exposto a umidade e bolor. (Walmir Furlaneto, Jornal Folha 23 de Maio, p. 02. Bocaina, 21 de maio de 2014).

- CAPÍTULO 02 | 2.2 Quem conta essa história? Aspectos sobre identidade, gênero e arquivo a partir dos agentes envolvidos na fundação do Museu

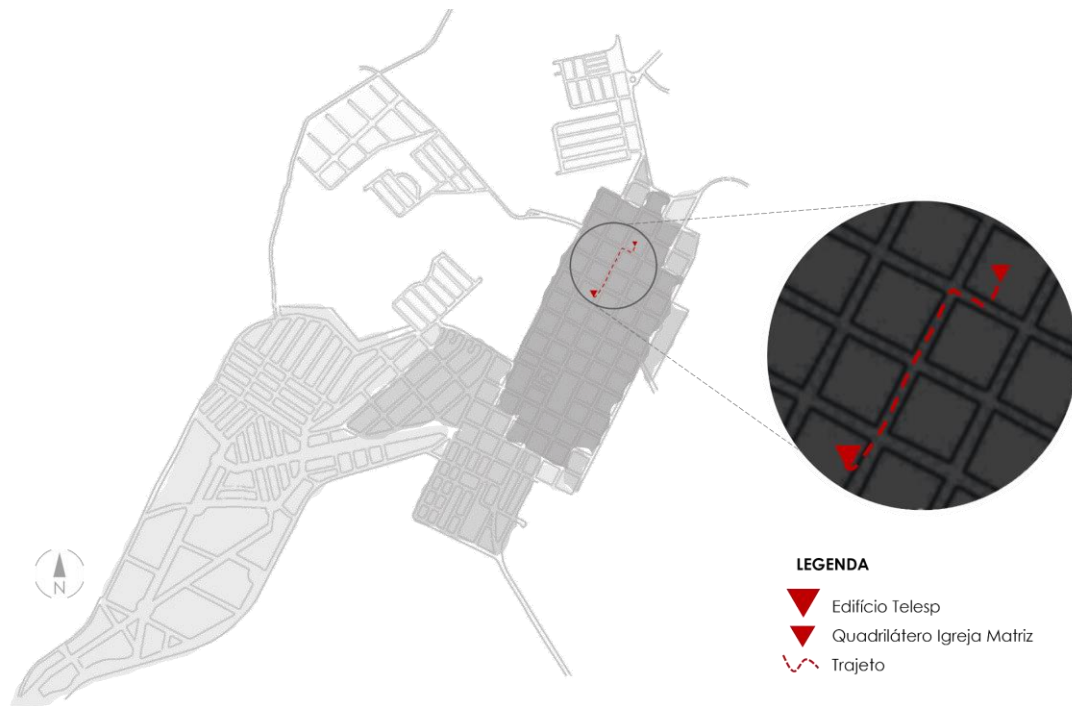


Figura 25. Mapa de localização entre o quadrilátero da Igreja Matriz e o edifício da Telesp.
Fonte: autora, 2023.



Figura 26. Fachada lateral direita, junto ao edifício da Câmara Municipal de Bocaina, do edifício da Telesp e sede do Museu entre 2008 e 2010.
Fonte: Acervo da autora, 2019.

- CAPÍTULO 02 | 2.2 Quem conta essa história? Aspectos sobre identidade, gênero e arquivo a partir dos agentes envolvidos na fundação do Museu

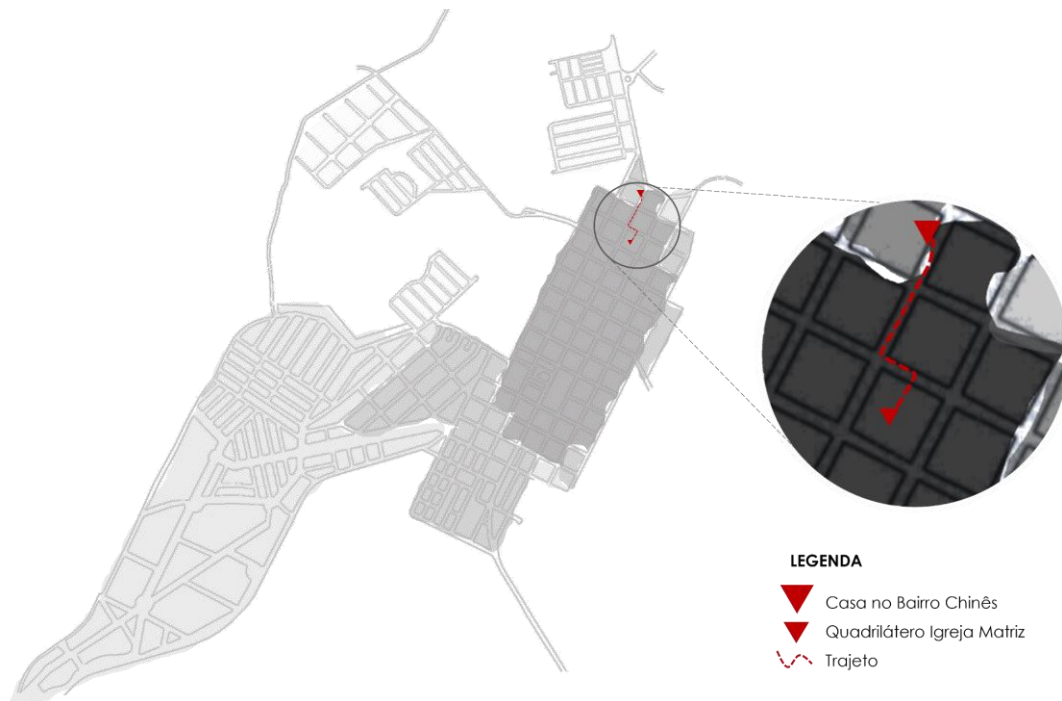


Figura 27. Mapa de localização entre o quadrilátero da Igreja Matriz e a casa no Bairro Chinês que sediou a Casa de Cultura. Fonte: autora, 2023.



Figura 28. Fachada frontal do edifício que abrigou a Casa de Cultura de Bocaina e o acervo do Museu entre 2010 e 2012. Fonte: Google Street View, setembro de 2022.

- **CAPÍTULO 02 | 2.2 Quem conta essa história? Aspectos sobre identidade, gênero e arquivo a partir dos agentes envolvidos na fundação do Museu**



Figura 29. Área de armazenamento das fotografias do Museu analisadas pela pesquisa no Cine Jequitibá. Fonte: Acervo da autora, 2018.

Em 2014, quando foi publicada a matéria escrita por Walmir Furlaneto, completava dois anos que o acervo havia sido transferido para o Cine Jequitibá. No início do desenvolvimento deste trabalho, o primeiro contato com os documentos foi também neste endereço, porém quatro anos depois da publicação da referida matéria. Com o desenvolvimento das atividades desta pesquisa e a aproximação da gestão pública municipal, parte dos documentos foi retirada do local e exposta

na sede da Prefeitura Municipal, sendo que a maior parte ainda permanece no Cine Jequitibá.

O que todos os locais pelos quais o acervo passou têm em comum é que eram edifícios sob a administração da gestão pública municipal e, essencialmente, localizados na porção centro-histórica, ou “parte baixa” da cidade.

2.2.2 As/os agentes, um pouco de suas trajetórias e a questão da curadoria

Sobre a instituição, processo de coleta, curadoria e gestão do Museu é necessário ressaltar, primeiramente, a centralidade e o protagonismo de Martha Magdalena Nigro Rivera. Bocainense, nasceu em 22 de julho de 1932, filha de Vicente Nigro e Maria Palmyra Creazo Nigro, neta materna de Carlos Creazo e Maria Rosa Pessi e paterna de Paschoal Nigro e Rosa Lavachi. Compõe a segunda geração de brasileiros que descendem de imigrantes italianos que chegaram na região ainda no século XIX.

A pesquisa pela trajetória da família Nigro em Bocaina foi importante para o desenvolvimento desta pesquisa, ao passo que as fotografias e seu conteúdo – que serão analisados no capítulo seguinte – correspondem a metade da questão deste estudo, e a outra metade se deve a quem coleciona e conta a partir delas (Silva, 2008, p. 38).

- **CAPÍTULO 02 | 2.2 Quem conta essa história? Aspectos sobre identidade, gênero e arquivo a partir dos agentes envolvidos na fundação do Museu**

Os Nigro vieram da região da Calábria, migraram para o Estado de São Paulo e se instalaram primeiramente em Bocaina-SP. Em seguida, a primeira geração com descendentes já nascidos no Brasil e outros italianos migra para diferentes cidades, em especial do Interior deste Estado. Como um exemplo mais conhecido, há o ramo da família que se estabeleceu em Araraquara, distante cerca de 50 Km de Bocaina, e que fundou em 1943 uma importante indústria fabricante de utensílios domésticos em alumínio. Seu fundador foi Archangelo Nigro, tio de segundo grau de Martha.



Figura 30. Anúncio em jornal do ano de 1952. Fonte: Jornal São João da Bocaina. Edição de 01 de janeiro de 1952. Acervo Martha Nigro.



Figura 31. Lavoura de café transformada em pastagem em propriedade de Vicente Nigro em Bocaina-SP. Fonte: Walmir Furlaneto, 2003.

Em Bocaina, os Nigro ocuparam posições distintas no mercado, principalmente nos ramos da agricultura, do comércio e da indústria. Durante a pesquisa sobre o histórico local, a informação mais antiga sobre a presença da família remonta ao

momento de fundação da cidade, em 1891, segundo depoimento de uma bocainense do ano de 1991, para a edição especial do centenário da cidade de um jornal local:

[...] a cidade de Bocaina, conforme Cecília Asserin, não está onde está por acaso. Houve, segunda ela, uma verdadeira disputa entre três facções da época para se decidir onde seria erguida a vila. “Um grupo, **liderado pelos Nigro**, queria que a vila ficasse no local onde hoje é o bairro de São Domingos. Outros, que tinha à frente os Amaral Carvalho, pretendia que fosse próximo do rio Jacaré. Venceu a facção liderada por Alvarenga Rangel, que queria a cidade onde ela acabou ficando. (Jornal de Bocaina. Edição de 23 de maio de 1991, edição especial do centenário de Bocaina. Acervo Martha Nigro. Destaque da autora)

A pesquisa indicou ainda a participação da família na política mutualista gerida pelos italianos na cidade de estudo. No período em que o edifício do Fascio Italiano foi doado ao município, por exemplo, assinava como um dos sócios Paschoal Nigro Sobrinho – que recebeu o nome de seu tio, Paschoal Nigro, por sua vez, avô paterno de Martha Nigro:

² Disponível em <<https://bancodeleis.unale.org.br/Arquivo/Documents/PLO/PLO5942022.pdf>>. Acesso em 14.03.2023.

- **CAPÍTULO 02 | 2.2 Quem conta essa história? Aspectos sobre identidade, gênero e arquivo a partir dos agentes envolvidos na fundação do Museu**

Marco da história da imigração italiana em Bocaina, o “Fascio Italiano”, como era conhecido, durou 40 anos. [...]

[...] Os sócios que decidiram pela extinção da sociedade na assembléia de 30 de dezembro de 1948 forma: G. Antonio Stellin, Menotti Ciochetti, Fortunato Angelo Natali PiráGINE, João Del Biando, Romeu Ciochetti, Francisco Pontenza, Francisco Gorni, Túlio Ghiselli, Augusto Stellin, Henrique Inforzato, Antonio Inforzato, João Ferrari, Antonio Vicentin, Francisco Milanese, Augusto Gasparini, José D’Arelli, Julio Giachini e Paschoal Nigro Sobrinho. (Jornal de Bocaina. Edição de 16 a 31 de março de 1993, p. 07. Acervo Martha Nigro. Destaque da autora)

Para nomear o Museu, foi escolhido homenagear a Sra. Ruth Bueno Pontes Nigro. As pesquisas orientadas ao levantamento de registros na base de dados online *Family Search* apontaram que Ruth foi casada com o primo de segundo grau de Martha, Alcides César Nigro. Ruth e Alcides casaram-se em 1947 e tiveram quatro filhos². O casal viveu na Capital do Estado de São Paulo e mantinha propriedades em Bocaina, sendo responsável, por exemplo, pela doação do terreno onde foi

- **CAPÍTULO 02 | 2.2 Quem conta essa história? Aspectos sobre identidade, gênero e arquivo a partir dos agentes envolvidos na fundação do Museu**

construído o edifício da Igreja de São José, na área de expansão dos novos bairros da “parte alta” no perímetro urbano do município.

Segundo edição do Diário Oficial da União (DOU) de 04 de dezembro de 1972, Ruth compôs, a partir de 31 de março de 1965, o quadro permanente de funcionários do Ministério da Educação em um novo nível. O documento discorre o seguinte: “Ruth Bueno Pontes Nigro, matrícula número 1.674.118, da classe A, nível 20, para a classe B, nível 21, em vaga decorrente da exoneração de João Flaviano Caciquinho de Carvalho”³. Ruth ocupava o cargo de Inspetora Federal de ensino, tendo se aposentado no ano de 1991⁴.



Figura 32. Placa de fundação do Museu Histórico Municipal “Ruth Bueno Pontes Nigro”. Fonte: Acervo Martha Nigro, s/d. (Transcrição completa no “Apêndice C” deste trabalho).

³ Diário Oficial da União, 04 de dezembro de 1972. Seção I - Parte I, P. 10782.

⁴ Tribunal de Contas da União. Ata de Sessão Plenário de 09 de abril de 1981, p. 69.

- **CAPÍTULO 02 | 2.2 Quem conta essa história? Aspectos sobre identidade, gênero e arquivo a partir dos agentes envolvidos na fundação do Museu**

e privados, como os enfeites, os cheiros, a comida e tudo que tem a ver com a imagem "da porta pra dentro de casa", e, embora se notem algumas mudanças sociais, na Colômbia não foram suficientes para dar outra projeção estatística.



Figura 34. Martha Nigro, uma das principais idealizadoras do Museu Ruth Bueno Pontes Nigro.
Fonte: TV Vídeo Produções, s/d.



Figura 35. Martha Nigro em publicação de jornal local em 1994. Fonte: Jornal O Autêntico, ano II, n. 21, março de 1994. Acervo Martha Nigro.

A presença e o protagonismo da mulher na instituição do Museu de Bocaina por meio também de Ruth mas, principalmente, pelo trabalho de Martha, denota que a realização do projeto do Museu se tratou de um caso em que aquilo que é socialmente naturalizado como o papel feminino de “cuidado com os assuntos estéticos” não se restringiu, nesse caso, ao espaço doméstico. A atuação de Martha se estendeu daquilo que, numa sociedade essencialmente patriarcal, se esperava que ela realizasse sobre os membros de sua família e dentro da sua casa, para uma história sobre a cidade de Bocaina e em um museu.

A história de Bocaina é repleta de feitos e conquistas que não teriam a importância que têm hoje sem a existência de pessoas que lutaram por tais causas. Muito do que encontramos hoje na cidade se deve ao esforço e trabalho de homens e mulheres que se entregaram pela melhoria e bem estar de nosso povo. Uma das pessoas iluminadas pela trajetória do município foi, sem dúvidas, Martha Magdalena Nigro Rivera, que não só lutou para trazer elementos culturais riquíssimos aos bocainenses, como também pela manutenção de locais cuja importância histórica é inestimável.

Já imaginou não possuir na memória as lembranças dos carnavais de rua, do Cine Jequitibá ou nem ao menos saber que em Bocaina existiu uma estação de trem? Ou que o prédio da Câmara

- **CAPÍTULO 02 | 2.2 Quem conta essa história? Aspectos sobre identidade, gênero e arquivo a partir dos agentes envolvidos na fundação do Museu**

Municipal não possuísse mais sua arquitetura original? Estes locais teriam sofrido alterações tremendas ou até sido derrubados caso não houvesse a intervenção de Martha Nigro, que lutou com unhas e dentes pela manutenção de pontos históricos da cidade.

[...]

Suas contribuições para a área cultural de Bocaina começaram no início dos anos 90, quando foi chamada para organizar as festividades do Carnaval de Rua, que foi realizado sob seu comando até o ano de 1997. [...] Em 1998, Martha Nigro foi nomeada secretária de Cultura e Turismo.

Com relação à preservação de prédios históricos, Martha Nigro foi decisiva para impedir a venda do Cine Jequitibá a uma empresa de rodinhos. Na época, segundo Paulete [filha de Martha], o cinema pertencia a um grupo de cafeicultores e as negociações com a empresa estavam praticamente fechadas. Para impedir a venda, Martha pressionou o prefeito Alfredo Sormani Júnior para que a prefeitura comprasse o prédio. Hoje, restaurado, mas sem a exibição de filmes, o Cine Jequitibá continua a serviço da população, oferecendo atrações culturais diversas.

[...]

- **CAPÍTULO 02 | 2.2 Quem conta essa história? Aspectos sobre identidade, gênero e arquivo a partir dos agentes envolvidos na fundação do Museu**

Na década de 90, Martha também foi responsável pela criação da 3ª Idade de Bocaina, que funcionava no piso superior do Cine Jequitibá, o primeiro grupo a oferecer atividades a este tipo de público na cidade.

[...]

Os primeiros projetos para criação de biblioteca e museu em Bocaina também começaram com o trabalho de Martha, que lutou pela preservação do primeiro projetor do Cine Jequitibá e realizou o registro de inúmeras imagens da história da cidade, todas emolduradas e colocadas na parede do cinema, primeiro lugar a abrigar a sede do museu que posteriormente mudou para as proximidades da Câmara. Em suas viagens a São Paulo, Martha também conseguia trazer inúmeros livros que passariam a fazer parte do acervo da biblioteca municipal.

[...]

Afastada da prefeitura ao completar 70 anos, Martha Nigro se distanciou de seus afazeres e faleceu em 12 de outubro de 2013, aos 81 anos. (Renan Rossi, Jornal Folha 23 de Maio, outubro de 2013.)

A trajetória de Martha Nigro dedicada à questão da política cultural na cidade de Bocaina é bastante lembrada até os dias presentes. Sem dúvida, tratou-se de uma liderança reconhecida do tema no local. Abaixo, em um relato, o Sr. Reinaldo Lopes, maestro, morador da cidade Bocaina, recupera a atuação de Martha no exemplo da Banda Marcial Municipal:

A banda Marcial de Bocaina iniciou suas atividades em 03 de março de 1996. Porém, no ano de 1995, no aniversário da cidade, uma banda de Bauru, de um grande amigo, veio se apresentar aqui – cujo nessa banda tinham dois alunos que eram netos da Martha Nigro – Martha Nigro de Bocaina era defensora da cultura e ela sempre quis fazer uma banda com os jovens – e convidou esse maestro para dar início ao projeto aqui em Bocaina. Porém, esse meu amigo, no momento, não podia vir e me indicou.

[...] [quando] cheguei em Bocaina tive uma grande recepção, pela prefeitura, pela Martha Nigro e pelos pais [...]. Quero agradecer a todos os prefeitos que tive a oportunidade de trabalhar [...] e a Martha Nigro, que foi a grande incentivadora da banda, foi a fundadora da banda e sempre lutou para que a banda estivesse no auge.

Nada mais justo que a banda levar o nome dela. No ano de 2006, através de uma lei, enviada para a Câmara Municipal, hoje a

- **CAPÍTULO 02 | 2.2 Quem conta essa história? Aspectos sobre identidade, gênero e arquivo a partir dos agentes envolvidos na fundação do Museu**

banda se chama Banda Marcial Municipal Martha Nigro de Bocaina, uma homenagem mais do que justa pelo belíssimo trabalho que ela fez não só com a banda, mas com a cultura na cidade de Bocaina. (Transcrição de depoimento do Maestro Ronaldo Lopes, 2019).⁵

Na placa de fundação do Museu, Martha é indicada como coordenadora de Turismo do município em 2000. Em um trecho abaixo aparece ainda um agradecimento a ela e a Orides Angotti. Nas pesquisas e conversas sobre o Museu e seus documentos durante esta pesquisa, esta foi a única vez que apareceu o nome de Orides. Com as buscas para compreender a trajetória deste homem no local foi possível verificar a existência de um ginásio de esportes denominado “Ginásio de Esportes Irmãos Angotti” e, através da base de dados online *Family Search*, foram levantados os registros de cinco dos seus irmãos: Paschoal Angotti, Hermelindo Paschoal Angotti, Vicente Angotti, José Angotti e Nelson Angotti. Todos eles nasceram em Bocaina, tendo Orides Angotti falecido no dia 03 de agosto de 2013.

⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_EgPvnFn6WU>. Acesso em 22.05.2022.



Figura 36. Ginásio Irmãos Angotti. Fonte: Prefeitura Municipal de Bocaina⁶.

Um último agente levantado que se sabe ter atuado no Museu foi o Sr. Walmir Furlaneto. Autor de um dos poucos livros sobre Bocaina publicado até a atualidade – intitulado “Uma cidade e um pouco da sua história” –, Walmir é, até hoje, um nome importante para aqueles que querem saber mais ou pesquisar sobre a história local. Em entrevista para o jornal bocainense Folha 23 de Maio, o autor relata que reúne,

⁶ Disponível em <https://bocaina.sp.gov.br/noticiasView/3874_Djel-e-Prefeitura-de-Bocaina-realizaram-a-primeira-edicao-do-Festival-Regional-de-J.html>. Acesso em 13.06.2023.

desde 1992, documentos sobre a história local e, em uma publicação de 2010, em um blog online dedicado ao patrimônio férreo brasileiro, Walmir se identifica como historiador e pesquisador do Museu Histórico Ruth Bueno Pontes Nigro⁷.

Walmir Furlaneto foi um dos primeiros entrevistados durante a realização desta pesquisa e, até recentemente, se propôs a diferentes ações voltadas à questão da gestão da cultura na cidade. Nascido em Bariri-SP, distante 28 Km de Bocaina, veio para Bocaina com 1 ano de vida. Filho dos bocainenses Antônio Furlaneto e Elvira Forsini, retornou para cidade com seus pais, que foram trabalhar na Fazenda Bráz Pirágine (Furlaneto, 2003).

Assim como configura a realidade de grande parte das instituições voltadas à gestão dos documentos históricos no contexto brasileiro – principalmente as de iniciativas públicas dos municípios de pequeno porte –, a trajetória do Museu de Bocaina foi marcada por instabilidades no que diz respeito à preservação de seus documentos, durante e após a composição como exposição visitável. Na matéria escrita por Furlaneto e publicada em 2014, já citada acima, ele acrescenta:

Há aqueles que dizem ‘para que conservar coisas antigas?’. Mas não podemos esquecer que elas representam nossa história,

⁷ Disponível em <<http://ferroviadobrasil.blogspot.com/2010/03/estacao-ferroviaria-de-bocaina-sp.html>>. Acesso em 19.12.20.

- **CAPÍTULO 02 | 2.2 Quem conta essa história? Aspectos sobre identidade, gênero e arquivo a partir dos agentes envolvidos na fundação do Museu**

através de fotografias, documentos, peças artesanais e jornais que circularam na cidade que relatam acontecimentos importantes ocorridos em nossa comuna.

Algo precisa ser feito com urgência para não perdermos aquilo que representa nossa história. (Walmir Furlaneto, Jornal Folha 23 de Maio, p. 02. Bocaina, 21 de maio de 2014).

A partir deste ponto, o trabalho buscará falar, no contexto já exposto, da ação dos agentes levantados neste tópico, ou seja, da curadoria; de um objeto, a fotografia; e da forma de arquivar e expor (Silva, 2008, p. 22) no Museu. A seguir, antes das análises, se realizará uma última contextualização, agora sobre os documentos manuseados.

2.3

Do **cartão postal à imagem musealizada**: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**

A partir do levantamento e elaboração de um repertório sobre o contexto de desenvolvimento da cidade de Bocaina e do Museu Histórico Ruth Bueno Pontes Nigro, na sequência se descreverá o que foi levantado sobre a produção fotográfica no local de estudos e sua circulação até compor a documentação coletada, reproduzida e exposta pelo Museu para contar uma história sobre a cidade. Nesta etapa, serão abordados, ainda, aspectos sobre a potencialidade do uso da fotografia para a pesquisa acerca do tema das cidades.

2.3.1 Usos sociais da fotografia e a possibilidade de estudos sobre a cidade

As mudanças sistêmicas transcorridas a partir do século XIX – que alinharam lucro e expansão de mercado com a noção de progresso, *a priori*, para a sociedade capitalista – levaram os processos de produção de bens a patamares progressivamente mais velozes, mecanizados e tecnicistas. Estas transformações tiveram como alguns dos seus marcos principais a expansão e o estabelecimento das cidades como novo espaço de morar e viver de grande parte da sociedade industrial – processo que ocorreu primeiramente em países da Europa e Estados Unidos e após, por volta do século XX, no Brasil.

Neste panorama, o descobrimento da fotografia – que já era investigada em diferentes localidades para fins igualmente distintos – seu desenvolvimento e consequente barateamento fez com que ela passasse a se apresentar como o novo e mais rápido modo de documentar essa cidade em transformação. Neste viés,

partindo como uma expressão da conquista da ciência, a fotografia se expandiu até as expressões artísticas nos mais diferentes campos (Mendes, 2012, p. 13).

Apesar disso, os investimentos humanos para uma auto-representação, representação do entorno e do cotidiano são processos que ocorrem há muito tempo:

[...] desde a pré-história se encontram exemplos do homem fazendo imagens de si mesmo e do mundo que o cerca. Portanto, poder-se-ia dizer que a fotografia é apenas um elo a mais da cadeia que começou com os pictogramas faciais em rochas e paredes. (Silva, 2008, p. 115)

No contexto das cidades, a partir do século XIX, a fotografia respondeu como uma forma de registrar aparentemente a realidade por um meio mecânico (câmera escura), em que a produção de imagens se relaciona ao desenvolvimento da indústria incipiente e das novas descobertas tecnológicas (Schvambach, 2009, p. 213). Assim, bastaram poucas décadas a partir da sua invenção para que o crescimento de profissionais e amadores dedicados ao fazer fotográfico ocorresse de maneira significativa.

A industrialização com foco no crescimento do mercado fotográfico atuou incisivamente para novas explorações do recurso (Tanami, 2019), para o barateamento dos materiais e, por consequência, para a popularização da

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**

fotografia. A criação do cartão-postal ilustrado, em 1875 (Fabris, 1991, p. 33) e, ainda a invenção da Kodak dos Estados Unidos, em 1888, foram fatores que impulsionaram a atividade amadorística e a massificação do artefato fotográfico entre os séculos XIX e XX, sendo este último fato responsável, por exemplo, pela formação de um turista fotógrafo (Aquino, 2016)¹.

Assim como os cartões-postais, o gênero retrato tratou-se de uma produção importante e que marcou a etapa inicial da produção da fotografia. Na seleção de ensaios publicada em formato de livro sob o título "Pensamento Crítico em Fotografia", Mendes (2012) reuniu diversos textos sobre o tema e que circularam em diferentes meios entre os anos de 1890 e 1930 no Brasil. No texto "O retrato", de 1916, retirado da revista "A Cigarra", o organizador ressalta como o gênero era entendido como permanência e, ao mesmo tempo, como registro factual construído ao redor dos conceitos de liberdade, beleza e eternidade (Mendes, 2012, p. 302). O trecho diz o seguinte:

A invenção da fotografia trai [traz], no homem, um duplo anseio de fundo inconfessável: vaidade e eternização.

¹ Segundo Livia Afonso de Aquino, em sua tese de doutorado publicada em formato de livro intitulado "*Picture Ahead: a Kodak e a construção de um turista-fotógrafo*", realizada no Instituto de Artes da Unicamp, com a criação de uma câmera acessível economicamente e do ponto de vista do uso, ou seja, de fácil manuseio, a Kodak impulsionou a produção fotográfica amadora e a construção

Entretanto, um retrato antigo sempre desperta, a pouco e pouco, no coração, com a frouxa tristeza de uma luz da bruma, toda época afastada a que se remonta, como se ele fosse, antes, um mudo gemido do passado.

[...]

Poderia geometrizar-se a fórmula da felicidade completa, no mundo, pela figura de um triângulo, cujos lados fossem assim designados: liberdade, beleza e eternidade.

De fato, no foro íntimo de cada ser pensante, a existência só é aceitável sob esse tríplice aspecto.

[...]

Para libertar-se, já que a cada passo se veja menos independente, envolvido na trama de imprevistos da vida, recorre ao sonho; para estabelecer-se, cria o artifício e, para perpetuar-se, tanto quanto possível, inventa a fotografia.

do fotógrafo no campo do turismo a partir do final do século XIX, atravessando todo o século XX, "forjando operações que comportam, entre outros aspectos, a invenção dos lugares, a ocupação do tempo, o acúmulo dos clichês e a roteirização de uma memória" (Aquino, 2016).

O retrato não lhe pode fixar o fâcies integral da existência, mas grava-lhe, como apreciável diuturnidade a expressão diferencial da figura através dos tempos.

Não mantém a vida, mas perpetua idades. (Carlos, 1916, *apud* Mendes, 2012, p. 303-304)

Sobre o texto de 1916, Mendes (2012, p. 302) questiona: artifício de retórica, sem propósito ou expressão da percepção conceitual de objeto tomado como relevante para seu tempo, o que representou o retrato para a sociedade que viveu o período entre a virada dos séculos XIX e XX? Fato é a concretude da sua importância para a expansão do mercado fotográfico, para a qual os numerosos exemplares desse tipo de documento nos arquivos são testemunhas incontestes.

A troca de fotografias entre amigos e familiares conformou um novo ciclo de produção, circulação e consumo dos retratos fotográficos (Magalhães e Peregrino, 2004, p. 24). Comumente enviados com dedicatórias, o *carte-de-visite* popularizou o retrato; sendo, posteriormente, guardado em álbuns, cuja qualidade de adereços era símbolo de distinção social (Mauad, 1996, p. 76). Nos arquivos a que esta pesquisa teve acesso este tipo de documento se apresenta em grande número.

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**

Juntamente com o retrato, foi comum que as chamadas “vistas urbanas” – impressas nos recentes cartões-postais – também tivessem grande número de estúdios fotográficos, nas primeiras décadas do século XX, dedicados à sua produção.

O termo “vista” foi amplamente utilizado pelos fotógrafos no início do século XX para nomear as capturas fotográficas feitas na cidade. Sobre este aspecto, Krauss (2002, p. 160) detalha:

[...] as características perceptíveis da “vista”, sua profundidade e nitidez exagerada desembocavam sobre um segundo aspecto, o isolamento de seu objeto. Efetivamente, o objeto é um “lugar extraordinário”, uma maravilha natural, um fenômeno singular que vem ocupar essa posição central da atenção.

Tanto os retratos como os postais com vistas das cidades foram objeto de grande circulação a partir da prática de trocas neste período. É possível considerar que essa tendência, para ambos os formatos, consistiu na tentativa dos sujeitos de compartilharem seus modos de vida com seu grupo social por meio da fotografia.

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**

por vezes, como relíquia, ou seja, uma lembrança a ser guardada – isto corresponde ao estado com que, durante o processo de realização, esta pesquisa se deparou com acervos particulares disponibilizados para o estudo. A fotografia, com seu aprimoramento e popularização, representou de forma significativa o surgimento de uma operação capaz de gerar e oferecer, ao futuro, lembranças.



Figura 37. Retrato de estúdio enviado com dedicatória, s/d. Fonte: Acervo Basti, digitalizado pela autora, 2021².

Além disso, a fotografia respondeu à necessidade social de gerar lembrança que, historicamente, atinge conotações distintas. Como status de memória, ela foi tida,

² O Acervo Basti é um conjunto de fotografias familiares levantado em Bocaina-SP e disponibilizado integralmente para essa pesquisa. A autorização cedida para utilização dos documentos do referido

[...] a fotografia possui natureza pervertida, porque, por princípio, uma cena feita para o esquecimento, como consequência do passar natural do tempo quer se manter na memória para continuar vendo-a. É como se quiséssemos construir uma espécie de presente eterno. A fotografia luta ao nosso lado contra a morte e o esquecimento. A paixão voyeurística que não se satisfaz com o tempo presente, mas faz tudo para preservar o gozo no futuro. (Silva, 2008, p. 35)

Nesse contexto, a atuação dos fotógrafos atendeu não apenas às demandas mercadológicas, mas também culturais por meio da imagem.

Quanto à composição formal, a fotografia desde o princípio operou no contexto próprio da linguagem plástica, que, por sua vez, opera por convenções já desde

acervo foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa registrado sob CAAE: 45202221.3.0000.5390.

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**

muito antes da criação da fotografia. Neste período, a produção fotográfica esteve fortemente relacionada, por exemplo, às convenções já expressas pela Academia de Belas Artes para a pintura. Em alguns casos, a composição da imagem fotografada denotaria um estilo expressamente referenciado em um formato da produção pictórica – a exemplo da fotografia feita “*a la Rembrandt*”, ou seja, a fotografia em que se trabalhou com determinado jogo de sombras e luzes tal qual Rembrandt fazia. O movimento chamado Pictorialismo é o maior exemplo da relação inicial da fotografia com a pintura (Souza, 2009, p. 07).

Com aspectos de conformação e enquadramentos semelhantes, é comum encontrar vistas urbanas muito similares de locais muito distintos. Isso porque a expansão do mercado e a circulação de informações por meio de revistas e livros que chegavam por meio dos navios – em cidades portuárias – e de trens – até as regiões mais longínquas – constituíram as condições propícias para a disseminação de tais acordos técnicos e convenções trazidos do campo da linguagem plástica.

Por volta de 1558, vários artistas europeus [já] utilizavam aparelhos ópticos para mediar o olhar e auxiliar na elaboração do desenho de paisagem e para o retrato, e estes, influenciaram as fotografias de vistas urbanas. Entre eles, temos Leonardo Da Vinci, Leon Battista Alberti, Dürer e Pietro Della Francesco, construindo toda uma nova estética representacional para a pintura e o desenho. [...] as vistas urbanas eram feitas nos moldes das [pinturas de paisagem]

holandesas que narravam o cidadão em seu cotidiano. (Azevedo, 2015, p. 457)



Figura 38. Guia de pesquisa com imagem na internet e resultado com imagens semelhantes: à esquerda, Rua XV de Novembro, Bocaina, s/d. Fonte: imagem à esquerda – Acervo da Prefeitura Municipal de Bocaina, s/d.

Os estudos sobre o circuito de produção, de circulação e de consumo da fotografia no Brasil mostram que na segunda metade do século XIX havia a comercialização de vistas urbanas avulsas ou reunidas em álbuns fotográficos. (Possamai, 2008, p. 71)

Em Bocaina, a produção e a comercialização deste tipo de imagem – retratos e vistas urbanas – seguiram aquilo que já havia sido identificado em outras localidades, contudo um pouco mais tardiamente, já no início do século XX.

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**

áreas de pesquisa que deslocaram a fotografia como seu principal objeto é o estudo da cidade.

No Brasil, as pesquisas sobre a história da fotografia trazem importantes informações sobre a presença da cidade nos registros fotográficos. Em 1840, o primeiro daguerreótipo brasileiro retratou o Paço Imperial do Rio de Janeiro (TURAZZI, M. I.).

[...] Em São Paulo, a comercialização de vistas se iniciou tardiamente em relação ao Rio de Janeiro, mas, em 1860, já se registrava o início da venda de imagens urbanas sob formato de álbum. Destaca-se nessa produção o projeto do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo [...] (Possamai, 2008, p. 70- 71)

André Rouillé traz possíveis pistas sobre a afinidade dos temas ao descrever que:

A fotografia é urbana primeiramente pela sua origem: surgida ao mesmo tempo que as cidades modernas [...]. A fotografia é igualmente urbana pelos seus conteúdos: monumentos retratos ou nus, [...] de canteiros de obras ou acontecimentos; a maioria das imagens tem a cidade como cenário. [...] A fotografia é ainda urbana porque, muito cedo, lógicas implantadas na cidade motivaram as escolhas técnicas propícias da nitidez e da precisão da imagem, e os esforços empreendidos para aumentar sua rapidez.



Figura 39. Anúncio de estúdio de fotografia de Bocaina, em 1930. Fonte: Jornal de Bocaina, 1930. Arquivo Público Municipal da Prefeitura de Bocaina.

A pesquisa sobre o campo da fotografia tem propiciado atualmente estudos em distintas linhas e com vertentes multidisciplinares. Contudo, talvez justamente pelo vínculo entre o crescimento dos espaços urbanos e o desenvolvimento da tecnologia fotográfica, uma das predecessoras – e até então mais exploradas –

[...]

A confiabilidade, a exatidão, a precisão que caracterizam os modos de vida, de ação e de pensamento cidadãos modernos não estão entre as qualidades reconhecidas pelo documento fotográfico? (Rouillé, 2009, p. 43-44)

Enquanto forma de documentação, a fotografia correspondeu às aspirações da cidade moderna. Contudo, quanto aos seus outros usos potenciais – a exemplo da veiculação de ideias, informação – sua atuação denota questionamentos que se estabelecem a partir do paradigma representação/forma de criação da realidade. Afinal, no que consiste a fotografia?

Como explica Souza (2009, p. 07), a linguagem da fotografia não só se utiliza da composição advinda da pintura como também se propõe empenhada em representar a realidade tal e qual. Seu amplo uso para fins de propagação ideológica, historicamente, tirou proveito do regime de verdade do qual a fotografia

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**

popularmente se vale, contrário, ainda, ao seu status indicial³, o qual indicam teóricos sobre o tema.

Apesar destas ambiguidades tornarem ainda mais complexos os domínios sobre o estudo da cidade por meio da fotografia, elas são inerentes ao documento e potencializam sua compreensão enquanto documento social e produto da cultura. Ao observarmos fotos de edifícios ou cidades, podemos, por meio de suas características visuais, identificar suas funções simbólicas e objetivas (Azevedo, 2015, p. 461).

A identidade que atribuímos ao espaço não vem apenas de nosso conhecimento físico, mas também de nossos repertórios visuais anteriores. Philippe Dubois (1994)⁴ argumenta, seguindo as teorias de Charles Peirce, que a fotografia seria um signo dentro de um sistema de significados. (Azevedo, 2015, p. 462)

A partir do entendimento de que a produção fotográfica é cultural, pois é constituída por uma ação do fotógrafo historicamente localizada pelas convenções visuais e políticas de seu tempo, mediada pela linguagem e acordos que não se

³ A imagem fotográfica é, portanto, indiciária, na medida em que propicia a descoberta de “pistas de eventos não diretamente experimentados pelo observador”. Trata-se dos indícios existentes na imagem (iconográficos) e que, acrescidos de informações, de natureza histórica, geográfica, geológica, antropológica, técnica, a carregam de sentido. (Kossoy, 2014, p. 42-43).

⁴ DUBOIS, Philippe. O Ato Fotográfico. Ed. Papirus, 2 ed. São Paulo, 1998.

restringem ao seu campo e, ainda, que é um ato com propósito e intenção, é possível compreender que a imagem fotográfica pode produzir o significado de lugares, objetos e tempos, não consistindo assim em uma “janela para o real”. Em especial sobre as vistas urbanas, Possamai (2008, p. 68-69), a partir do seu trabalho com as fotografias de Porto Alegre-RS, descreve:

Mais do que espelho da realidade, as vistas urbanas se constituíram em veículos propagadores de um imaginário de modernidade, de acordo com o olhar dos produtores visuais da cidade.

[..]

Contribuiu para a massificação das vistas urbanas o rápido desenvolvimento dos procedimentos técnicos fotográficos. Após o daguerreótipo, o calótipo permitiu a reprodução de várias imagens em papel. Se no início a cidade e a imobilidade de suas estruturas arquitetônicas demandam longa exposição para se obter os clichês, não demorou muito para que esse tempo fosse reduzido consideravelmente. As vistas, que antes necessitavam de tripé para

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**

serem realizadas, puderam contar com a máquina portátil que facilitou ainda mais o *métier* de amadores e profissionais.

É seguindo as mesmas premissas que se estabeleceu o conjunto de documentos manuseados nesta análise sobre os quais se buscará aprofundar nos tópicos a seguir.

2.3.2 Fotografia em Bocaina: da prática ao arquivo-museu.

Durante a etapa de reconhecimento e levantamentos das imagens fotográficas objetos desta pesquisa, realizou-se um trabalho de quantificação para identificação do corpus documental. Este trabalho teve intuito o de dimensionar o conjunto que é, atualmente, armazenado pela Prefeitura Municipal de Bocaina, identificando possíveis grupos de proveniência e, além disso, embasado na relevância do documento iconográfico no campo das Ciências Sociais, elaborar de um plano de salvaguarda do acervo público de fotografias da cidade⁵.

O trabalho foi extenso uma vez que as informações sobre os documentos são escassas, alguns contêm poucos dados anexados e, na maioria, não consta nenhuma referência. Além disso, o conjunto não se estabelece segundo uma ordem

conservacao-o-acervo-publico-fotografico-de-bocaina-sp/> e <<https://www.even3.com.br/anais/simposioicomos2020/243385-conservacao-e-pesquisa--gerenciamento-de-riscos-sobre-o-arquivo-de-fotografias-da-cidade-de-bocaina-sp-e-a-possib/>>.

⁵ O trabalho resultou em dois artigos publicados nos anais do 3º e do 4º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil, disponíveis nos seguintes links: <<https://www.even3.com.br/anais/iiisimposioicomosbrasil/148823-pre-inventario-e-plano-de->

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**

geral, não está catalogado e provavelmente detém, pelo que foi possível identificar, origens diversas.



Figura 40. Documentação do processo de trabalho de reconhecimento do material da pesquisa – parte do acervo do extinto Museu Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro. Fonte: Acervo da autora, 2018.

Este é o único acervo público com fotografias sobre a cidade e, apesar disso, suas condições de conservação encontram-se negligenciadas. O conjunto é composto por documentos diversos, sendo que o conjunto mais representativo do ponto de vista de informações anexas e de fácil apreensão da proveniência, contando com imagens desde o final do século XIX até a primeira metade do século XX, é remanescente do Museu Histórico Ruth Bueno Pontes Nigro.



Figura 41. Documentação do processo de trabalho de reconhecimento do material da pesquisa – reunião e agrupamento de documentos diversos a partir de formatos físicos. Fonte: Acervo da autora, 2018.

Ao observar a totalidade do conjunto, a materialidade dos documentos é consideravelmente diversificada. Fotografias soltas e em padrões diversificados conformam um conjunto expressivo. Contudo, álbuns e folhas autocolantes avulsas com imagens coloridas, impressas em papel fotográfico, com acabamento brilhante, provavelmente datados entre os anos da década de 1990, representam o maior conjunto de imagens. Neste contexto, estão inseridas principalmente imagens de álbuns de famílias, festas e acontecimentos públicos do período.

Já a respeito dos profissionais fotógrafos no local, realizou-se levantamento em duas frentes específicas: a partir dos documentos com o reconhecimento de carimbos ou

informações anexas às imagens que auxiliassem na identificação de autoria; e levantamento em jornais, para busca de informações sobre profissionais que estivessem publicizando seus serviços no local até as primeiras décadas de 1900, momento da produção das imagens musealizadas.

Para identificação deste mercado fotográfico em Bocaina e tendo em vista as poucas imagens das quais foi possível identificar autoria, incorporou-se também à investigação documentos de acervos particulares, o que colaborou para o maior alcance quanto à identificação dos profissionais atuantes no local no período.

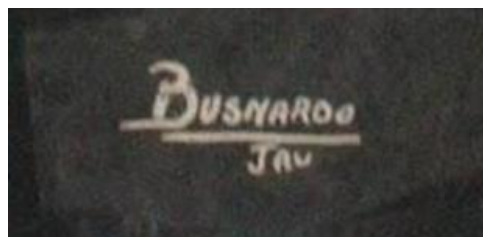


Figura 42. Carimbo de Busnardo, estúdio fotográfico de Jaú. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d.

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**



Figura 43. Carimbo de Foto João, 1942. Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Bocaina-SP.



Figura 44. Carimbo do fotógrafo Benedito Garcia. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d.

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**



Figura 45. Verso de retrato fotográfico com autoria identificada como F. Nietzsche-Phot., em São João da Bocaina, 1912. Fonte: Acervo Basti, s/d⁶.

⁶ O Acervo Basti é um conjunto de fotografias familiares disponibilizado integralmente para essa pesquisa. A autorização cedida para utilização dos documentos do referido acervo foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa registrado sob CAAE: 45202221.3.0000.5390.



Figura 46. Exemplo de carimbo encontrado em fotografia de acervo particular disponibilizado para a pesquisa. Fonte: Acervo Luiz Villanova, 1940.



Figura 47. Carimbo Photographia do Progresso de Eugenio Cantarelli e irmão. Fonte: Acervo Martha Nigro, 1904.

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**



Figura 48. Estúdio de Domingos (Domenico) Ciocchetti. Bocaina, 1923. Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Bocaina-SP.

⁷ Apesar de o reconhecimento de B. Garcia pelas imagens feitas de Bocaina ser notável, pouco foi possível coletar sobre a trajetória do fotógrafo na cidade. Os dados levantados com a pesquisa têm como fonte a consulta de jornais locais e o depoimento do Sr. Luiz Villanova, um dos mais antigos



Figura 49. Carimbo de Photo Martin. Fonte: Acervo do Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d.

No total dos registros analisados, foi possível identificar um conjunto de imagens produzidas pelo fotógrafo Benedito Garcia – assinalado nas imagens como B. Garcia. Localmente reconhecido pela expressiva produção de imagens da cidade, o fotógrafo teve estúdio fotográfico em região privilegiada de Bocaina, no quadrilátero da Praça Pedro Izar, da Igreja Matriz, junto ao antigo Jardim Público. Com a pesquisa em jornais locais foi possível identificar ainda que Garcia também residiu na cidade de São Paulo, onde provavelmente atuou profissionalmente no ofício de fotógrafo⁷.

bocainenses que residia na cidade até o momento de realização desta pesquisa e que faleceu no mês de dezembro de 2022, aos 105 anos de idade.

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**



Figura 50. Recorte de jornal em que se assinala o endereço do fotógrafo Benedito Garcia na cidade de São Paulo. Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Bocaina-SP.



Figura 51. Fotografia Benedito Garcia em Bocaina, 1943. Fonte: Acervo Martha Nigro.

Além de profissionais locais, a produção fotográfica da cidade também ficou a cargo de profissionais e estúdios fotográficos de outros municípios. O material atualmente disponível sugere que profissionais com sede comercial na cidade de Jaú, neste aspecto, exerceram uma maior influência.

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**

medico e cirúrgico[sic], Igreja Matriz e optimas contruções[sic] particulares. As fotografias[sic], melhor do que qualquer descripção[sic], dão uma idéia[sic] desses edifícios. (Reprodução "ipsis litteris" do texto "O Municío de Bocaina", do Jornal São João da Bocaina. Edição de 29 de julho de 1923, n. 1688)

Assim como em diferentes localidades, tratou-se de uma circulação de imagens voltadas a documentar e a divulgar a ideia da cidade moderna e dos melhoramentos urbanos no local, principalmente através dos cartões postais de vistas urbanas que contribuíram para:

[...] o "processo de auto-representação da sociedade burguesa, fazendo com que a fotografia passasse a integrar o elenco de suportes aptos à formação e veiculação de seu imaginário social" (LIMA. S. F.). Instigado pelas imagens fotográficas, tomava forma o ideal de cidade moderna a ser percebido, visualmente, pelo espaço urbano remodelado, pelas altas edificações e por novas práticas mundanas, tais como a presença das pessoas nas ruas, nos cafés, nos cinemas e nas livrarias. (Possamai, 2008, p. 68-70)

A partir da caracterização geral dos documentos fotográficos na cidade de estudo, a seguir a pesquisa se restringirá à caracterização dos documentos manuseados durante o processo curatorial de formação do Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, focalizando especificamente tal conjunto.



Figura 52. Anúncio de estúdio fotográfico no Jornal São João da Bocaina. Fonte: Jornal São João da Bocaina, 12 de outubro de 1938, n. 2443. Acervo da Prefeitura Municipal de Bocaina SP.

Com a análise dos documentos fotográficos incorporados ao acervo público da cidade, bem como os acervos particulares cedidos para a pesquisa, considera-se que o mercado de imagens de Bocaina foi propício para a produção de fotografias do local nas primeiras décadas do século XX. Em trecho descritivo sobre as estradas de Bocaina, no ano de 1923, o redator do Jornal São João da Bocaina apontou brevemente o perfil da cidade, ressaltando que:

Os seus principais edifícios são: Grupo Escolar, Câmara Municipal (estilo[sic] original) Santa Casa de Misericórdia, bello[sic] e moderno prédio com instalações[sic] completas para o serviço

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**

2.3.3 O processo de coleta das imagens e a formação do Conjunto Originário e do Conjunto Musealizado

A partir do levantamento total de imagens fotográficas armazenadas pelo poder público municipal de Bocaina, foi selecionado para realização desta pesquisa o conjunto total de imagens expostas pelo Museu de que o acervo dispõe. Trata-se de 165 documentos, um material essencialmente de segunda geração – reproduções fotográficas preto e branco sobre papel. As fotografias apresentam dimensões variadas, predominando o formato 35cm x 20cm, emolduradas em suporte de madeira e com fechamento frontal em vidro com espessura de 2mm, translúcido, com acabamento que varia entre as opções lisa e texturizada.

Por se tratar de um conjunto de, pelo menos, segunda geração, algumas leituras referentes aos carimbos, à datação e demais informações anotadas sobre elas, algumas vezes, foram prejudicadas. Além disso, o longo período de armazenamento sob condições incompatíveis com a preservação integral do material culminou em processos danosos – como esmaecimento, ação de agentes biológicos, abrasão, entre outros – que prejudicaram algumas análises.

Entretanto, no que diz respeito às informações contidas nas imagens, parte significativa do conjunto apresenta condição de leitura satisfatória. Informações angariadas sobre as imagens foram retiradas delas próprias ou de anotações

anexadas aos quadros expostos nos museus. Das anotações presentes nos documentos por vezes foi possível identificar uma numeração. E foi possível atestar qual a relação desta numeração com os quadros e as imagens, apesar deste aspecto sugerir um provável processo de catalogação anterior.

Assim como o conjunto total de fotos armazenadas pela Prefeitura Municipal de Bocaina, o conjunto de imagens provenientes do museu, observando as informações contidas nos carimbos nas imagens, indica que parte significativa delas provém do trabalho de fotógrafos independentes ou de estúdios fotográficos da cidade e da região.

As cópias realizadas sobre papéis de gramatura, coloração e acabamento muito semelhantes e os significativos conjuntos de molduras também semelhantes provenientes do acervo museal – variando em até quatro tipos – sugerem que o conjunto se tratou de uma encomenda para reprodução das fotos. Em relato, o senhor Paulo Nigro – ex-funcionário do Museu e filho da senhora Martha Nigro – indicou que as cópias dos documentos eram feitas pela própria equipe empenhada na instituição. Em depoimento, o ex-funcionário contou ainda que, ao serem procurados por algum morador que desejasse ceder uma ou mais imagens para compor o Museu, a fotografia era copiada em um equipamento próprio da instituição e, em seguida, devolvida ao particular cedente.

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**

mulher eleita vereadora da cidade e que, de acordo com o próprio depoimento, foi uma das colaboradoras do processo de constituição do acervo museal, como cedente de fotografias.

O conjunto de imagens musealizadas totaliza 165 documentos. Com as informações atualmente anexadas às imagens do Museu é impossível precisar o recorte cronológico exato dos documentos, contudo trata-se principalmente de documentos do final do século XIX e da primeira metade do século XX. Neste trabalho, estes documentos serão caracterizados como "Conjunto Musealizado", com abreviação "CM".

Durante um tempo expressivo de realização deste trabalho, este era o único conjunto documental com o qual o trabalho lidava. Delimitar o objeto de análise nos documentos oriundos do Museu deu a possibilidade de um maior aprofundamento na realização da pesquisa. Contudo, a escassez de informações sobre o conjunto era um fator que dificultava as análises.

Foi após a disponibilidade do Sr. Paulo Nigro em contribuir com esta pesquisa que se fez possível identificar o conjunto dos documentos a partir do qual as imagens



Figura 53. Descrição de uma das fotografias expostas no Museu, expressando a responsabilidade da coleta da Prefeitura local. Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Bocaina-SP. Foto: autora, 2018.

Contudo, em muitos documentos que foram expostos há indicação de um trabalho de coleta de campo para composição do acervo. As inscrições nas imagens apontam também que o trabalho foi realizado pela Prefeitura do município. O que foi possível levantar com a pesquisa é que o trabalho de coleta contou com a participação de moradores da cidade que dispunham de fotografias antigas do local, a exemplo da Sra. Regina Aparecida Dadalto Bellini, bocainense, primeira

musealizadas foram realizadas. Atualmente, este acervo de fotografias está sob a sua guarda⁸.

A negligência com a preservação dos documentos arquivados pela Prefeitura pode ser indício do motivo pelo qual os documentos acabaram locados na casa da Sra. Martha Nigro e, posteriormente, do Sr. Paulo Nigro. Contudo, é evidente que a situação não se conforma de maneira ideal, ao passo que o conjunto é fruto de uma ação pública e tem seu acesso restringido.

Para este trabalho, o levantamento e a digitalização de todas essas imagens foram autorizados pelo Sr. Paulo Nigro, tendo apenas de serem feitos exclusivamente na sua casa. Tal exigência impossibilitou a realização do trabalho com o rigor técnico necessário que, entretanto, se fez secundário em vista das grandes possibilidades que se abriram para a pesquisa a partir do acesso aos documentos.

Este conjunto de fotografias totaliza 475 documentos, de diferentes formatos, sendo a foto mais antiga datada de 1868 e a mais recente de 1991. Neste trabalho, estes documentos são caracterizados como “Conjunto Originário”, com a abreviação “C.O.”.

⁸ Atualmente mantido pelo Sr. Paulo Nigro, o Acervo Martha Nigro foi totalmente disponibilizado para esta pesquisa. A autorização cedida para utilização dos documentos do referido acervo foi

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**

Com a análise do Conjunto Originário das fotografias do Museu foi possível aferir a alta proveniência das imagens musealizadas a partir de cartões postais que circulavam nas primeiras décadas do século XX. Vistas de ruas da porção central da cidade, como a XV de Novembro e a Floriano Peixoto, retratos da Igreja Matriz, da Igreja Santa Luzia ou do Jardim Público e o Bosque da cidade foram alguns dos temas de postais que, copiados, ampliados e formatados segundo padrão da instituição, passaram a ocupar a área expositiva do Museu.

Essa padronização dos documentos para serem musealizadas fez parte de um novo processo de documentação destas imagens ao rigor da narrativa museal. O que se propõe investigar no capítulo a seguir é de que forma estes documentos do passado foram mobilizados para compor uma narrativa sobre a história da cidade de Bocaina a partir da fotografia.

O objeto antigo, obviamente, foi fabricado e manipulado em tempo anterior ao nosso, atendendo às contingências sociais, econômicas, tecnológicas, culturais etc. etc. desse tempo. Nessa medida, deveria ter vários usos e funções, utilitários e simbólicos. No entanto, imerso em nossa contemporaneidade, decorando ambientes, integrando coleções e institucionalizado no museu, o


submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa registrado sob CAAE: 45202221.3.0000.5390.

- **CAPÍTULO 02 | 2.3 Do cartão postal à imagem musealizada: sobre a materialidade e a trajetória dos documentos**

objeto antigo tem todos os seus significados, usos e funções anteriores drenados e se recicla, aqui e agora, essencialmente, como objeto-portador-de-sentido. [...] Longe pois de representar a sobrevivência, ainda que fragmentada, de uma ordem tradicional. É do presente que ele tira sua existência. É do presente que deriva sua ambiguidade. (Meneses, 1992, p. 11)

Neste sentido, a partir do processo de curadoria, foi possível aferir que a política de aquisição se valeu principalmente dos seguintes caminhos: pesquisa, incorporação de documentos e seleção. Ou seja, a partir deste momento é que se conforma o Conjunto Musealizado – peças selecionadas para o museu – e o Conjunto Originário - documentos incorporados ao acervo, mas que não foram expostos. O que é comum entre tais meios, em que a incorporação ou não incorporação de determinado objeto se dá a partir do interesse museal.

A partir disso, para analisar estes documentos do passado, reelaborados, reimpressos e reenquadrados para compor um espaço museal no contexto já levantado dos anos 2000 em Bocaina é que serão realizadas as análises do capítulo seguinte.



Capítulo

Cidade-imaginário: práticas de arquivamento, apagamentos e recorrências no discurso museal analisado e sobre o Estado de São Paulo

Para elaboração do capítulo de análises se faz necessário, inicialmente, elaborar questões teóricas sobre o arquivo, seus limites e suas práticas, bem como apontar a noção de arquivo e documento às quais esse estudo se vincula. Com o desenvolvimento dos objetivos iniciais desta pesquisa – atuar pela salvaguarda do arquivo e possibilitar pesquisas futuras – foi levantado um referencial teórico dedicado ao tema. Com isso, foi possível aferir que a influência ocidental sobre a noção de arquivo – enquanto promessa de passado, lugar de referência, onde se vai grato (Azoulay, 2011) – culmina, muitas vezes, em uma visão positivista sobre ele:

"Arquivos são repositórios de registros inativos de indivíduos, grupos, instituições e governos que contêm informações raras ou de valor histórico duradouro. Registros arquivísticos são os produtos da atividade cotidiana que são preservados para possibilitar a pesquisa." (Harpring, 2016, p. 30).

No caso da discussão aliada à questão da fotografia, nota-se ainda o apelo afetivo do documento-imagem:

Com treinamento apropriado, consciência da complexidade e do valor histórico de nossas coleções fotográficas **e com o digno respeito que estas imagens devem evocar**, nós temos dentro de nossas capacidades, que assegurar a futura preservação destas as vezes históricas, às vezes prosaicas, mas sempre cativantes, imagens

- **CAPÍTULO 03 | Cidade-imaginário: práticas de arquivamento, apagamentos e recorrências no discurso museal analisado e sobre o Estado de São Paulo**

fotográficas. (Kennedy e Mustardo, 2004, p. 24. Destaque da autora).

As teses benjaminianas "Sobre o conceito de história" foram realizadas no contexto da Segunda Guerra Mundial, numa tentativa do autor em estabelecer uma cisão irremediável entre os modos de ver das sociedades e as sobrevivências do positivismo (Benjamin, 2020, p. 16). Walter Benjamin propõe que o estudo crítico da história pode atuar, potencialmente, na luta contra regimes totalitários, que se reescrevem pelos tempos. Para ele, a tradição dos oprimidos ensina que o "estado de exceção" no qual se vive é a regra e se faz necessário atingir um conceito de história que corresponda a esse dado (Benjamin, 2020, p. 38).

Fundamentalmente, esta etapa do trabalho parte do conceito benjaminiano de "escovar a história a contrapelo". A partir do entendimento da história como lugar que pode demarcar determinada narrativa, as proposições benjaminianas sugerem uma análise que se concentra, entre outros conceitos, na revisão da totalidade pela qual a história é muitas vezes compreendida.

[...] Benjamin traz contribuições fundamentais para a compreensão dialética entre presente e passado, reforçando a ideia de que a totalidade é apenas um momento da visão de conjunto que é sempre transitória. Para isso, surge a necessidade de identificar as "contradições concretas e as mediações específicas que

constituem o 'tecido' de cada totalidade" (Konder, 1984, p. 46, *apud* Bemvindo, 2020, p. 34).

A partir da proposição do "materialismo histórico-dialético" de Marx, Benjamin propõe uma reviravolta copernicana¹ no saber histórico que permite até os dias de hoje pensar criticamente a história (Benjamin, 2020, p. 12). Em nota da edição comentada do livro "Sobre o Conceito de História", Márcio Seligmann-Silva comenta:

Essa insistência no descortinar do elemento "secreto" vincula-se ao projeto benjaminiano de escovar a história a contrapelo [...], que, como na psicanálise, rompe o que estava recalcado, o censurado, aquilo que era escondido por falsas narrativas que não permitem a articulação de contranarrativas que, por sua vez, sustentam a resistência e a luta pela mudança histórica. (Silva-Seligmann *Notas*. In Benjamin, 2020, p. 33)

¹ A edição do livro "Sobre o Conceito de História" utilizada nesta pesquisa foi organizada a partir da reunião de diferentes exemplares escritos por Walter Benjamin de suas teses. Na edição crítica utilizada no estudo, Seligmann-Silva relata, no trecho de apresentação, a denominada "reviravolta copernicana": "[...] a revolução copernicana na visão histórica é a seguinte: considerava-se como ponto fixo "o ocorrido" e conferia-se ao presente o esforço de se aproximar, tateante, do conhecimento desse ponto fixo. Agora esta relação deve ser invertida, e o ocorrido, torna-se a reviravolta dialética, o irromper [Énfall] da consciência desperta. Atribui-se à política o primado

- **CAPÍTULO 03 | Cidade-imaginário: práticas de arquivamento, apagamentos e recorrências no discurso museal analisado e sobre o Estado de São Paulo**

Benjamin legisla por uma análise a partir do ponto de vista dos vencidos, constituindo aquilo que busca a pesquisa de caráter decolonial. A partir disso, investiga-se como a trama histórica do local estudado neste trabalho foi contada por meio das fotografias da cidade pelo Museu de Bocaina.

É importante relacionar que não se busca esgotar lacunas ou questionamentos sobre o acervo público de imagens da cidade. Inversamente, o trabalho é orientado no sentido do estabelecimento de proposições analíticas para o entendimento dos percursos e práticas que atuaram para a perpetuação e esquecimento dos documentos manuseados. Assim, busca-se prospectar aspectos da atuação do Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro por meio da fotografia na conformação de um repertório coletivo sobre a cidade ou, melhor, sobre a memória no local. Trata-se, portanto, de uma análise de dentro – dos documentos na instituição – para fora – a cidade.

sobre a história. Os fatos tornam-se algo que acaba de nos tocar e fixá-los é a tarefa da recordação: caso no qual conseguimos recordar aquilo que é mais próximo, mas banal, mais ao nosso alcance. [...] Existe um saber ainda-não-consciente do ocorrido, cuja promoção tem a estrutura do despertar. (Benjamin, 2006, p. 433-434 *apud* Benjamin, 2020, p. 12).

Muitas vezes, o espaço do Museu comporta-se como instrumento de valoração dos materiais incorporados ao acervo. Nesse sentido, analisar as imagens enquanto recorte – imagens previamente selecionadas advindas de um Conjunto Originário – caracteriza a narrativa como objeto da análise, de antemão já valorada pelo espaço que ocupou. Narrativas são eventualmente evocadas como ilustrações ou, no melhor dos casos, decifradas como textos, mas o processo de sua produção raramente constitui o objeto de estudo (Trouillot, 2016, p. 51).

Deste modo, a ideia de pensar sobre o que restou fora do enquadramento fotográfico ou dos documentos selecionados e ampliados para serem expostos e que – por consequência – foi relegado ao esquecimento é indispensável (MONTEIRO, 2006). A instância unitária em nome de um conhecimento verdadeiro é combatida, justamente, com a intervenção de saberes locais, descontínuos, desqualificados e não legitimados ou hierarquizados (Foucault, 2005, p. 13).

A partir deste panorama de objetivos e materiais da pesquisa, se estabeleceu a metodologia de trabalho, orientada para elaboração de resultados que pudessem ser manejados pela análise, e que, ao mesmo tempo, fosse capaz de lidar com as lacunas de informações sobre os documentos estudados.

3.1

Metodologia de análise com **vocabulário controlado** e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**

Depois da aproximação com o contexto do local de estudos no capítulo 01, em seguida com o contexto da instituição analisada e os documentos fotográficos no capítulo 02, nesta etapa do trabalho propomos a análise do conjunto de imagens reunidas e expostas pelo Museu. Tratando-se, sobretudo, de uma análise sobre os documentos, origina-se na questão da atuação do museu para a formação de um imaginário e da memória da população bocainense sobre a cidade durante seus anos de existência – de 2000 a 2012 – até a atualidade, com seus documentos disponíveis para contar sobre a história da cidade, assim como o conjunto foi inicialmente absorvido por esta pesquisa.

Considerando, em perspectiva, a trajetória dos documentos e aspectos próprios do arquivo estudado, é possível se aproximar do entendimento de que a credibilidade de determinada narrativa histórica varia de acordo com seu lugar e tempo histórico (Trouillot, 2016). Contudo, o manuseio dos documentos fotográficos deu cada vez mais vista à complexidade de se traçar uma análise a partir deles. Ao se empreender, por exemplo, uma tentativa de identificar os motivos de circulação prévios ou de origem das imagens – anteriores à reunião do Conjunto Originário e ao trabalho de curadoria do Museu –, algumas relações exemplificam a alta capacidade da fotografia de adequar-se a discursos e narrativas conforme o contexto de inserção.

Com as mudanças de uso dos documentos ao longo da trajetória, foi possível identificar exemplo de que determinada imagem, orientada inicialmente na apresentação de uma determinada atividade, foi incorporada ao acervo do Museu com vistas à apresentação de um personagem, de um lugar ou mesmo de um objeto. São bastante características desse deslocamento as imagens de ambientes comerciais, por exemplo. Realizadas, provavelmente, para divulgar a atividade exercida pelo comerciante no local, as imagens de ambientes internos dos espaços comerciais de Bocaina passam, ao serem incorporadas ao discurso do Museu, a apresentar, de maneira estereotipada, a conformação desses ambientes no local até o início do século XX.

Este processo pode ser identificado como “desdocumentalização” do objeto que, ao ser selecionado para entrar no Museu, foi “documentalizado” novamente, segundo preceitos da instituição.

A partir do momento em que é assimilada a uma coleção, a fotografia passa a responder por uma nova posição, adquire um novo ‘uso’, inserida em um novo discurso. De certo modo, não deveria mais ser questionada individualmente sobre suas relações com o real e, sim, sobre suas afinidades com a nova realidade daquela posição assumida. (Tosetto, 2017, p. 151)

Esta alta capacidade de adaptação da fotografia de se adequar ao meio ao qual ela está inserida levou à possibilidade de se tomar o arquivo com o qual a pesquisa lida como o documento a ser investigado. Para isto, busca-se investigar a narrativa a partir dos documentos adotando principalmente a análise comparativa do Conjunto Musealizado e do Conjunto Originário dos documentos, vistos a partir do panorama estabelecido com o repertório levantado sobre a cidade de estudo e a instituição museal.

Devido à escassez de informações sobre os documentos estudados e por lidar essencialmente com o conteúdo imagético presente nas cópias feitas para o Museu, estabeleceu-se trabalhar com a metodologia de vocabulário controlado, a partir da atribuição de descritores. Esta forma de traduzir as informações contidas nos documentos em dados quantitativos se constitui como um procedimento capaz de mapear os usos de determinada linguagem e convenções fotográficas e, ao mesmo tempo, responder às deficiências de conteúdo histórico e da trajetória dos documentos a partir do conteúdo imagético disponível.

¹ “O estudo de Ana Maria Mauad, *Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social na cidade do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX*, tese (doutorado), Universidade Federal Fluminense, 1990, foi pioneiro na aplicação de descritores icônicos e formais e decorrente quantificação das decorrências alcançadas, em uma abordagem semiótica do retrato e dos álbuns de família. Vânia Carneiro de Carvalho e Solange Ferraz de Lima, *Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica do consumo – álbuns de São Paulo (1887-1954)*, 1ª ed.,

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**

A análise com vocabulário controlado consiste em um método inicialmente quantitativo que reúne dados para fundamentar, em seguida, a análise qualitativa. Bastante utilizado na área de arquivologia para organização e pesquisa em acervos documentais, o vocabulário controlado, por meio da atribuição de descritores, pode ser empregado em trabalhos que lidam com diferentes tipos de materiais.

Na contemporaneidade e, sobretudo, em se tratando de fontes fotográficas mobilizadas pela história cultural, o tratamento quantitativo tem sido válido para o encaminhamento de problemas históricos. No Brasil, não são poucos os estudos que mobilizam fontes fotográficas pautadas nesta abordagem. Os trabalhos têm em comum a preocupação de garantir a análise morfológica da imagem, imprescindível se o intuito é entender a maneira específica de construção do sentido pela fotografia e, ao mesmo tempo, reconhecer permanências e rupturas na prática da linguagem fotográfica em função dos circuitos e múltiplas apropriações. (Lima, 2014, p. 24)¹

Campinas: Mercado das Letras, 1997, foram por caminho semelhante, mas sem recorrer à abordagem semiótica, mantendo-se no campo da cultura material e abordando paisagem urbana no estudo da imagem de São Paulo na primeira metade do século XX [...]. Ao longo dos anos 2000, outros trabalhos acadêmicos seguiram essa linha investigativa, como os de Zita Rosane Possamai, *Cidade fotografia: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos de Porto Alegre*, décadas de 1920 e 1930, tese (doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2005; Maria de

Neste trabalho, para a concepção e estabelecimento das categorias de apreensão do conteúdo fotográficos (Lima, 2014, p. 25) de descritores, tomou-se como referência o trabalho das pesquisadoras Vânia Carneiro de Carvalho e Solange Ferraz de Lima (1997) sobre a cidade de São Paulo a partir de álbuns fotográficos divulgados entre 1887 e 1954 – em função das comemorações do quarto centenário de fundação da capital (Lima e Carvalho, 1997, p. 14) – produzidos pelo fotógrafo Militão Augusto de Azevedo.

No livro intitulado “Fotografia e Cidade. Da razão urbana à lógica de consumo. Álbuns de São Paulo (1887-1954)”, Lima e Carvalho trabalham com vocabulário controlado, dividindo categorias e descritores em duas linhas de análise, a formal e a icônica. Nesta pesquisa, utilizou-se apenas a linha dos descritores icônicos, já que a análise é empreendida mais pelos elementos figurativos e espaciais, que compreendem aspectos da paisagem (Lima e Carvalho, 1997, p. 32), do que por

Fátima de Mello Barreto Campelo, *A construção coletiva da imagem de Maceió. Cartões-postais 1903/1934*, tese (doutorado), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2009; Maria Filomena Chiaradia, *Iconografia teatral*, imagens fotográficas do passado na construção de novos modos de ver o teatro no presente, um estudo comparativo dos acervos fotográficos da Cia. Walter Pinto (Rio de Janeiro) e Cia. Eugénio Salvador (Lisboa), tese (doutorado), Universidade Federal Estadual do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2008 [...]” (Lima, 2014, p. 248-249)

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**

atributos formais próprios do universo fotográfico (Lima e Carvalho, 1997, p. 50), tais como enquadramento, arranjo, articulação dos planos, efeitos e estrutura.

As categorias e os descritores da linha de análise icônica definidos pelas pesquisadoras foram absorvidos e reinterpretados para esse trabalho, contando com algumas modificações com a finalidade de adaptar o vocabulário aos problemas e hipóteses formulados no âmbito desta pesquisa, aos objetivos do estudo e ao contexto de Bocaina – tanto de uma perspectiva mais recente, como do momento de fundação do Museu, como longínqua, a partir do contexto de desenvolvimento da cidade. Portanto, as categorias estabelecidas não foram alteradas, mas sim os descritores em si².

No contexto de análise das imagens fotográficas, seria completamente ineficaz constituir uma grade de tratamento da imagem que não estivesse afinada com os problemas históricos delineados na primeira abordagem (Carvalho e Lima, 1997, p. 30) do local de estudos deste trabalho. Foi tal abordagem que permitiu delinear as

² Devido ao fato de este trabalho lidar com um conjunto de documentos sobre uma cidade de pequeno porte do Interior do Estado, com crescimentos mais significativos no final do século XIX e início do século XX, diferentes questões elaboradas no problema de pesquisa sobre a cidade de São Paulo trazidas no livro “Fotografia e Cidade. Da razão urbana à lógica de consumo. Álbuns de São Paulo (1887-1954)” se fizeram desproporcionais para aplicação no estudo sobre Bocaina-SP. As alterações realizadas quanto aos descritores ocorreram, majoritariamente, no sentido de adequação deste quesito.

hipóteses que indicavam os atributos que requerem ser controlados pelos descritores.

Como “descriptor” entende-se um tipo específico de palavra-chave que se restringe a descrever o que é dado no conteúdo visual. Em hipótese alguma um descriptor deve se tratar de um conceito abstrato (Lima, 2014, p. 24). Por exemplo, ao se tratar de uma fotografia do Frigorífico Bocainense de Francisco Antônio Nigro pode-se utilizar como descriptor “edificação fabril”. Já o uso de termos “industrialização” ou “imigração”, observando o mesmo caso, não podem ser tomados como descritores, pois estes se referem a processos que não podem ser vistos na imagem (Lima, 2014, p. 249).

O vocabulário aplicado nesta análise está dividido em 14 categorias que, a partir de recorrências e ausências, deverão exemplificar o discurso acentuado e os temas atenuados pelo Museu. Estão organizadas da seguinte forma:

- **(1) CATALISADOR/VETOR DAS IMAGENS:** caracteriza o elemento principal da imagem analisada; é aquele que hierarquiza os demais elementos; é o foco ou o tema principal. Foi dividida em espaço (urbano), atividade, personagem e objeto (edificado);

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**

- **(2) ÁREA DE ATUAÇÃO:** se refere à área em que a imagem se conforma. Foi dividido em educação, lazer, saúde, cultura, festividade, trabalho, esporte, cotidiano;
- **(3) ATIVIDADE:** ação principal que pode ser reconhecida na imagem. Foi dividida em abastecimento, administração, alimentação, cívica, comercial, cultural, educativa, religiosa, lazer, política, residencial e serviços;
- **(4) LOCALIZAÇÃO:** aplicada às imagens que apresentam as áreas centrais, periféricas e rurais nas fotos da cidade passíveis de serem identificadas. Foi dividida em centro, bairro e rural;
- **(5) INFRAESTRUTURA:** busca compreender em que medida processos e serviços públicos estão retratados nas imagens. Foi dividida em abastecimento, pavimentação, reservatório de água, tratamento de esgoto, bomba de combustível, iluminação, estação ferroviária, estação rodoviária, trilho, ponte;
- **(6) ELEMENTOS MÓVEIS/MEIOS DE TRANSPORTE:** exemplifica a figuração de automóveis, transporte coletivo, transporte por tração animal, entre outros, nas imagens. Foi dividida em automóvel, ônibus, caminhão, trem e animal;

- **(7) PERSONAGEM POR INCIDÊNCIA:** apreende padrões de figuração/escalas de circulação das pessoas nas imagens. Foi dividida em pessoa, pessoas, grupo, grupos e multidão;
- **(8) ELEMENTOS MÓVEIS/HUMANOS:** retrata as distinções entre gêneros e grupos etários presentes nas imagens. Foi dividida em homem, mulher, criança, idoso e misto;
- **(9) PERSONAGEM:** dado a partir de funções dos tipos humanos presentes nas imagens. Foi dividida em trabalhador, trabalhador da saúde, comerciante, padre, político, estudante/professor, músico/artista e fazendeiro/industrial;
- **(10) GESTUALIDADE:** relacionada à dinâmica corporal dos elementos humanos figurados pelas imagens. Foi dividida em posada e funcional;
- **(11) PAISAGISMO:** identifica intervenções na composição de áreas verdes presentes nas imagens. Foi dividida em arborização urbana, jardim e chafariz;
- **(12) GABARITO DE EDIFICAÇÕES:** identifica a composição urbana por meio da dimensão de altura dos edifícios nas imagens. Foi dividida em térreo, com porão e assobradado;

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**

- **(13) TIPOLOGIA LOCAL:** se refere ao tipo do espaço selecionado pela imagem. Foi dividido em rua, linha férrea, ponte, praça, natural, campo, plantação, e ambiente interno;
- **(14) USO DAS EDIFICAÇÕES:** identifica a função principal do edifício ou edifícios presentes nas imagens, sendo que nos casos em que figuram mais de um uso (no caso das vistas urbanas, por exemplo), se elege o que se apresenta em maior número. Foi dividida em religioso, público/institucional, comercial, residencial, esportivo/lazer e manutenção.

Se nos catálogos eletrônicos os descritores, palavras-chaves e *tags* servem para localizar e acessar informações, aqui eles servem para dar a ver, estatisticamente, a recorrência de determinados temas (Lima, 2014, p. 24). Com a análise quantitativa por meio da atribuição de descritores é possível comparar as imagens incorporadas à área expositiva do Museu e aquelas que, apesar de recolhidas, não foram publicizadas pela atividade institucional. Essas imagens, contidas no Conjunto Musealizado e no Conjunto Originário, ao serem analisadas comparativamente, por meio do vocabulário aplicado, revelam aspectos da curadoria e sua ação classificadora e sobre como regularam a atividade do Museu.

É necessário ressaltar, por fim, que os dados colhidos e quantificados por meio dos descritores aplicados foram calculados e armazenados em planilhas Excel e neste

trabalho são apresentados graficamente através de quadros de análise desenvolvidos para esta pesquisa.³ Em cada um dos quadros são apresentados, além das fotografias oriundas do Conjunto Musealizado, gráficos que exibem a relação dos descritores atribuídos no C.M. e no C.O.. Cada fotografia recebeu, por categoria analisada, uma cor que corresponde ao descritor a ela atribuído; nesse sentido, cada categoria é apresentada em um mosaico em que as cores que prevalecem são sintomas do conteúdo visual contido nas imagens.

3.1.1 Estabelecimento de parâmetros para a análise

A partir dos resultados gerados com a atribuição de descritores e a elaboração das pranchas analíticas, se desenharam as seguintes linhas de estudo:

- a) Análise do conjunto a partir de vocabulário controlado – atribuição de descritores e análise de recorrências;
- b) Análise comparativa – fotos do arquivo de proveniência versus fotos expostas no Museu. O que fica no arquivo e o que vai para a sala de exposição?
- c) Análise sobre a abrangência das imagens do conjunto sobre o tecido urbano da cidade;

³ Os quadros de análise com vocabulário controlado podem ser consultados na íntegra no “Apêndice A” deste trabalho.

● CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas

Como posto acima, os produtos gerados com as linhas A e B são as pranchas analíticas organizadas por categorias temáticas (Apêndice A). Já a análise sobre a área de abrangência das imagens se constitui em mapeamento dos locais de captura das fotos sobre a composição atual do tecido urbano da cidade de Bocaina (Tópico 3.2.1 deste trabalho). É importante ressaltar que, embora diferentes, as linhas não são independentes, decorrem umas das outras, preenchem possíveis lacunas e se complementam.

Para o tratamento dos dados obtidos com a atribuição de descritores, se estabeleceu que a ação curatorial, por meio da ação de seleção das fotografias coletadas, atuou de até três maneiras na designação das imagens do Conjunto Originário para o Conjunto Musealizado: acentuando, atenuando ou mantendo a proporcionalidade.

Se designou “acentuação” para os casos em que o descritor de determinada categoria foi atribuído, pelo menos, duas vezes mais no C.M. do que no C.O.. Exemplo: caso o descritor “X” tenha sido atribuído a 10% das imagens no C.O. e 20% ou mais das imagens no C.M., compreende-se que a curadoria acentuou o descritor “X”, pois ele se apresentou nas fotografias do Museu, proporcionalmente, o dobro

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**

do que se apresentou com a coleta de imagens que atualmente compõem o Conjunto Originário.

Já para os casos em que se conferiu “atenuação”, a situação é inversa. Nestas situações, o descritor de determinada categoria deve ter sido atribuído, no mínimo, duas vezes mais no C.O do que no C.M.. Exemplo: caso o descritor “Y” tenha sido atribuído a 10% das imagens do C.O. e, comparativamente, a apenas 5% ou menos das imagens do C.M., considera-se que a curadoria atenuou o descritor “Y”, pois ele é mais representativo nos documentos coletados e constituintes do Conjunto Originário do que nas imagens que foram para o Museu, ou o Conjunto Musealizado.

Por fim, se estabeleceu que houve “manutenção da proporcionalidade” nos casos em que o comparativo entre descritores de determinada categoria tanto no C.O. quanto no C.M. não se enquadra em nenhum dos exemplos dados acima. Por exemplo, caso o descritor “Z” tenha sido atribuído a 10% imagens no C.O. e no C.M. tenha sido atribuído entre 6% e 19% das imagens, considera-se que a ação curatorial manteve a proporcionalidade do descritor “Z” entre os conjuntos.

A partir disso, considerando-se que as análises possam atuar potencialmente para questionarmos o conjunto de documentos analisados, seus limites, suas práticas, até a classificação e – por consequência – sua delimitação, pretende-se, com o trabalho, colocar o material da pesquisa naquilo que McClintock (2010, p. 328)

denominou como “zona contestada”, ou seja, considera-se que os documentos não se constituem como artefatos autocontidos, mas sim como geradores de efeitos (Navaro-Yachin, 2007) e que deverão ser prospectados a partir de agora neste estudo.

3.1.2 Resultados obtidos

Na categoria **(1) CATALISADOR/VETOR**, em que se analisaram os motivos das imagens, o descritor “**Personagem**” foi atribuído a 60% das imagens do C.O. Enquanto isso, no C.M. foi possível atribuir o mesmo descritor a 51% das imagens. O descritor “**Atividade**”, foi considerado vetor em 23% do C.O. e em 19% das imagens do C.M., enquanto o descritor “**Espaço**” foi atribuído a 10% no C.O. e a 16% no C.M. Já o “**Objeto**” demonstrou maior diferença quantitativa, conformando 7% das imagens do C.O. e 14% das imagens do C.M.

Portanto, quanto aos motivos fotografados, foi possível levantar que a curadoria através da ação de seleção das imagens do C.O. para o C.M. manteve a proporcionalidade dos motivos, exceto no caso do descritor “**Objeto**”, acentuado pela ação de seleção das imagens e, a partir disso, proporcionalmente mais representativos no C.M. do que no C.O.

Ao se analisar a categoria **(2) ÁREA DE ATUAÇÃO** das imagens foi possível notar que a curadoria provocou alterações na proporcionalidade dos temas entre os dois

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**

conjuntos. Foram considerados acentuados o descritor **“Saúde”** – 1% do C.O. e 5% do C.M. – e o descritor **“Cultura”** – 12% do C.O. e 31% do C.M. Contudo, considerou-se atenuado com a seleção das imagens os descritores **“Festividade”** – 36% do C.O. e apenas 7% do C.M. – e **“Esporte”** – 8% do C.O. e 2% do C.M.

Com a análise do restante das imagens verificou-se que foi mantida a proporcionalidade. São os casos dos descritores: **“Educação”**, 6% do C.O. e 7%; **“Lazer”**, 14% do C.O. e 11% do C.M.; **“Trabalho”**, 15% do C.O. e 16% do C.M., **“Cotidiano”**, 18% de C.O. e 21% de C.M.

Já a categoria **(3) ATIVIDADE**, que conta com 13 descritores diferentes, teve, em grande parte, a proporcionalidade mantida. Foi o caso dos descritores: **“Abastecimento”**, 2% do C.O. e 2% do C.M.; **“Administração”**, 2% do C.O. e 2% do C.M.; **“Alimentação”**, 1% do C.O. e 1% do C.M.; **“Cultural”**, 6% do C.O. e 10% do C.M.; **“Educativa”**, 7% do C.O. e 9% do C.M.; **“Religiosa”**, 11% do C.O. e 16% do C.M.; **“Lazer”**, 20% do C.O. e 15% do C.M.; **“Política”**, 7% do C.O. e 4% do C.M.; **“Residencial”**, 6% do C.O. e 8% do C.M.; **“Serviços”**, 11% do C.O. e 10% do C.M..

Além destes, foram atenuados pela ação curatorial classificadora os descritores **“Cívica”** e **“Esportiva”**, se apresentando com, respectivamente, 16% do C.O. e apenas 4% do C.M. e 7% do C.O. e 0% do C.M. Finalmente, o último descritor,

“Comercial”, foi o único desta categoria considerado como acentuado pela curadoria do Museu já que constitui 5% do C.O. e 19% do C.M.

Quanto à categoria **(4) LOCALIZAÇÃO**, identificou-se no C.O. e no C.M., respectivamente, os seguintes percentuais: **“Centro”**, 77% e 85%; **“Bairro”**, 10% e 7%; e **“Rural”**, 13% e 8%. A partir da quantificação, se fez possível notar que houve a manutenção da proporcionalidade dos temas. Desta análise, o dado que se sobressai é a superioridade quantitativa entre o conjunto de imagens atribuídas ao descritor **“Centro”** em detrimento dos descritores **“Bairro”** e **“Rural”**, tanto no C.O. como no C.M. Tais aspectos denotam o alinhamento entre os temas das imagens fruto da coleta de campo e imagens oriundas da área expositiva museal.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 54. Imagem com descritor 'Personagem', atribuído à categoria (1) CATALISADOR/VETOR - CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bruno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.



Figura 55. Imagem com descritor 'Espaço', atribuído à categoria (1) CATALISADOR/VETOR, CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**

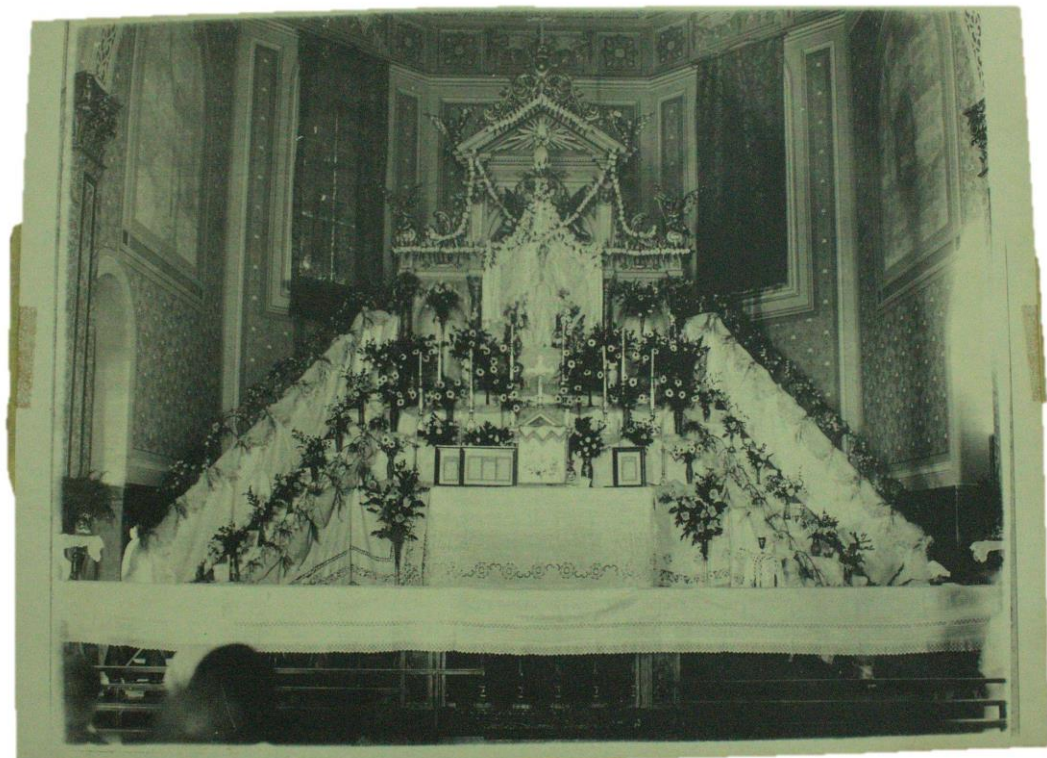


Figura 56. Imagem com descritor 'Objeto', atribuído à categoria (1) CATALISADOR/VETOR, CM.
Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.



Figura 57. Imagem com descritor 'Saúde', atribuído à categoria (2) ÁREA DE ATUAÇÃO - CM.
Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 58. Imagem com descritor 'Festividade', atribuído à categoria (2) ÁREA DE ATUAÇÃO - CO. Fonte: Acervo Martha Nigro.



Figura 59. Imagem com descritor 'Educação', atribuído à categoria (2) ÁREA DE ATUAÇÃO - CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 60. Imagem com descritor 'Esportiva', atribuído à categoria (3) ATIVIDADE - CO. Fonte: Acervo Martha Nigro.



Figura 61. Imagem com descritor 'Religiosa', atribuído à categoria (3) ATIVIDADE - CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d., Bocaina-SP.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 62. Imagem com descritor 'Comercial', atribuído à categoria (3) ATIVIDADE - CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.



Figura 63. Imagem com descritor 'Bairro', atribuído à categoria (4) LOCALIZAÇÃO - CM. **Serraria Gabardine, 1923.** Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 64. Imagem com descritor 'Centro', atribuído à categoria (4) LOCALIZAÇÃO - CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.



Figura 65. Imagem com descritor 'Centro', atribuído à categoria (4) LOCALIZAÇÃO - CO. Fonte: Acervo Martha Nigro, s/d.

- CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas

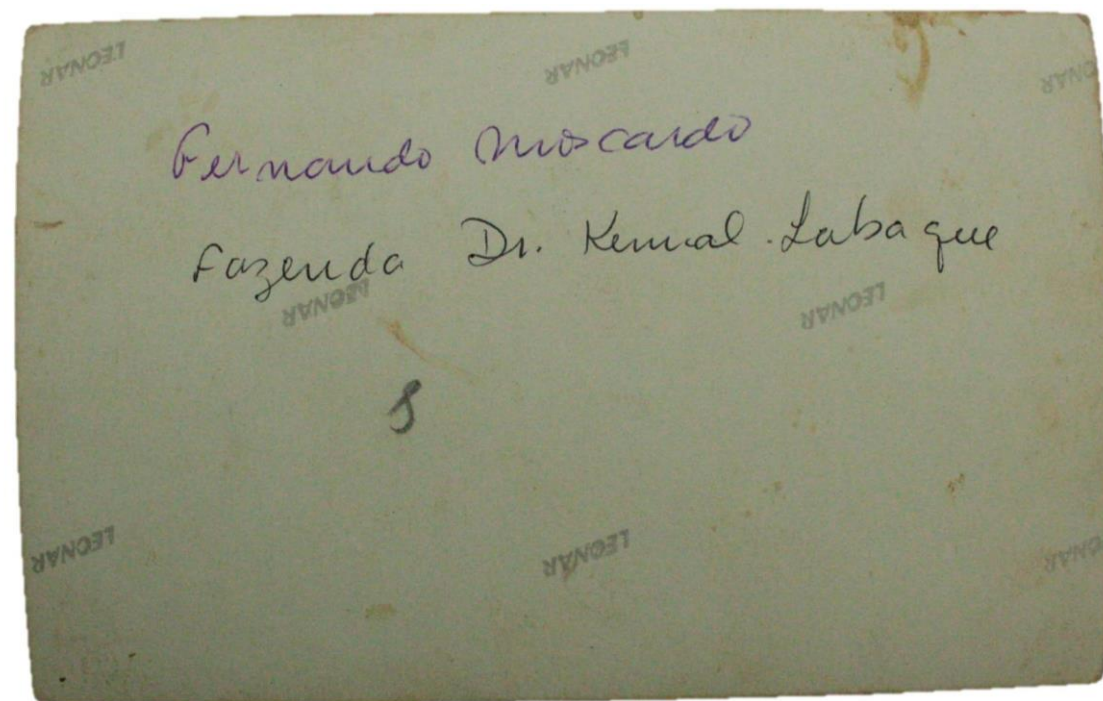


Figura 66. Imagem com descritor 'Rural', atribuído à categoria (4) LOCALIZAÇÃO - CO. Fonte: Acervo Martha Nigro, s/d.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**

Na categoria **(5) INFRAESTRUTURA**, foi possível atribuir descritores a apenas 18% – 30 imagens – do Conjunto Musealizado. Entre o C.O. e o C.M. emergiram os seguintes dados: **“Obras”**, 12% do C.O. e 10% do C.M.; **“Pavimentação”**, 7% do C.O. e 46% do C.M.; **“Reservatório de água”**, 0% do C.O. e 3% C.M.; **“Bomba de combustível”**, 0% do C.O. e 7% do C.M.; **“Iluminação”**, 22% do C.O. e 64% do C.M.; **“Estação ferroviária”**, 0% do C.O. e 3% do C.M.; **“Trilho”**, 15% do C.O. e 3% do C.M.; **“Ponte”**, 5% do C.O. e 3% do C.M.

Os descritores **“Tratamento de esgoto”** e **“Estação rodoviária”** não foram atribuídos a nenhuma imagem compreendida por quaisquer dos dois conjuntos. Além disso, a existência de descritores atribuídos apenas ao Conjunto Musealizado e não ao Conjunto Originário – a exemplo dos descritores **“Reservatório de água”**, **“Bomba de combustível”** e **“Estação ferroviária”** – exemplifica a ausência de alguns documentos reproduzidos para o Museu no Conjunto Originário. Tal situação indica um exemplo do procedimento da instituição de realizar cópias das imagens e devolver a cedentes particulares.

A partir da quantificação, considera-se que a ação de seleção das imagens do C.O. para o C.M. acentuou as imagens atribuídas aos descritores **“Reservatório de água”**, **“Bomba de combustível”**, **“Iluminação”** e **“Estação ferroviária”**. Destes três, exceto no caso do descritor **“Iluminação”**, todas as imagens contidas no C.M. não permaneceram no C.O. Neste caso, elas caracterizam uma ação de acentuação,

mas devido especificamente a esta ausência no C.O. Já quanto à atenuação, considerou-se as imagens atribuídas aos descritores **“Pavimentação”** e **“Trilho”**. Por fim, foram considerados que tiveram mantida a proporcionalidade os descritores **“Obras”** e **“Ponte”**.

Quanto à categoria **(6) ELEMENTOS MÓVEIS - TRANSPORTE** foi possível classificar apenas sete imagens do conjunto total de documento exposto pelo Museu, portanto 4,2% do total do C.M. O comparativo entre percentual de apresentação dos descritores na categoria no C.O. e no C.M. apresentou, respectivamente, o seguinte: **“Automóvel”**, 35% e 43%; **“Caminhão”**, 17% e 14%; **“Trem”**, 4% e 0%; **“Transporte por tração animal”**, 13% e 43%; **“Bicicleta”**, 22% e 0%; e **“Trator”**, 9% e 0%.

Com base nos critérios estabelecidos considera-se, portanto, que a curadoria agiu na seleção das imagens do C.O. para o C.M., acentuando as imagens atribuídas ao descritor **“Transporte por tração animal”**, atenuando aquelas atribuídas ao **“Trem”**, **“Bicicleta”** e **“Trator”**, por fim, mantendo a proporcionalidade entre as que foram atribuídas a **“Automóvel”** e **“Caminhão”**.

Na análise da categoria **(7) PERSONAGEM POR INCIDÊNCIA**, o comparativo entre as imagens do C.O. e C.M. se apresentou da seguinte forma: **“Pessoa”**, 45% e 27%; **“Pessoas”**, 24% e 24%; **“Grupo”**, 23% e 44%; **“Grupos”**, 7% e 2%; e **“Multidão”**, 1% e 3%. Portanto, considera-se que a curadoria, na ação de seleção das imagens de C.O. para C.A., atenuou as imagens atribuídas ao descritor **“Grupos”**, acentuou as

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**

imagens atribuídas ao descritor “**Multidão**” e manteve a proporcionalidade entre as imagens atribuídas aos demais descritores.

Já na categoria **(8) ELEMENTOS MÓVEIS – HUMANO**, o comparativo apresentou, sobre a presença dos descritores no C.O. e no C.M., o seguinte: “**Homem**”, 49% e 56%; “**Mulher**”, 12% e 8%; “**Criança**”, 11% e 14%; “**Idoso**”, 0% e 1%; “**Misto**”, 28% e 21%. Considera-se que, nesta categoria, a curadoria selecionou as imagens mantendo a proporcionalidade entre os conjuntos, exceto no caso do descritor “**Idoso**”, considerado dentro dos parâmetros para acentuação. Para este descritor específico, apenas uma imagem lhe foi atribuída no C.M.; contudo, no C.O. a imagem não foi identificada. Portanto, repetiu-se nesta categoria o mesmo caso identificado com descritores da categoria **(5) INFRAESTRUTURA**.

A categoria **(9) PERSONAGEM**, composta por oito descritores diferentes, apresentou na análise as seguintes proporções entre o C.O. e o C.M.: “**Trabalhador**”, 18% e 23%; “**Trabalhador da saúde**”, 3% e 17%; “**Comerciante**”, 5% e 11%; “**Padre**”, 2% e 15%; “**Político**”, 10% e 8%; “**Estudante/professor**”, 33% e 11%; “**Músico/artista**”, 11% e 14%; “**Fazendeiro/industrial**”, 5% e 11%; e “**Jogador/atleta**”, 13% e 0%.

⁴ O número representativo de imagens em que se tem representados trabalhadores da saúde demandou uma separação de descritor para que o dado pudesse ser obtido isoladamente.

Sobre a ação de seleção das imagens, considera-se que a curadoria acentuou do C.O. para o C.M. as imagens atribuídas aos seguintes descritores: “**Trabalhador da saúde**”⁴, “**Comerciante**”, “**Padre**” e “**Fazendeiro/industrial**”. Já quanto aos motivos atenuados pela curadoria considera-se os descritores “**Estudante/professor**” e “**Jogador/atleta**”. Já quanto aos três descritores restantes – “**Trabalhador**”, “**Político**” e “**Músico**” – se aferiu que a curadoria manteve a proporcionalidade.

No comparativo entre o C.O. e o C.M. na categoria **(10) GESTUALIDADE**, identificou-se os seguintes percentuais: “**Posada**”, 78% e 90% e “**Funcional**”, 22% e 10%. A partir dos parâmetros estabelecidos, considera-se que a curadoria manteve a proporcionalidade das imagens atribuídas ao descritor “**Posada**”, enquanto atenuou aquelas atribuídas ao “**Funcional**”. A patente superioridade numérica dos documentos atribuídos ao primeiro descritor “**Funcional**” pode ter origem diversa: os equipamentos fotográficos até o início do século XX, que necessitavam de maior tempo de exposição; a presença do fotógrafo nos espaços públicos como fator de estranhamento no período e no local; e a quantidade significativa de retratos de estúdio que compõe os dois conjuntos analisados, integralmente atribuída ao descritor “**Posada**”.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 67. Imagem com descritor 'Obras', atribuído à categoria (5) INFRAESTRUTURA - CM.
Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.



Figura 68. Imagem com descritor 'Transporte por tração animal', atribuído à categoria (6) ELEMENTOS MÓVEIS - TRANSPORTE - CM.
Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.

- CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas

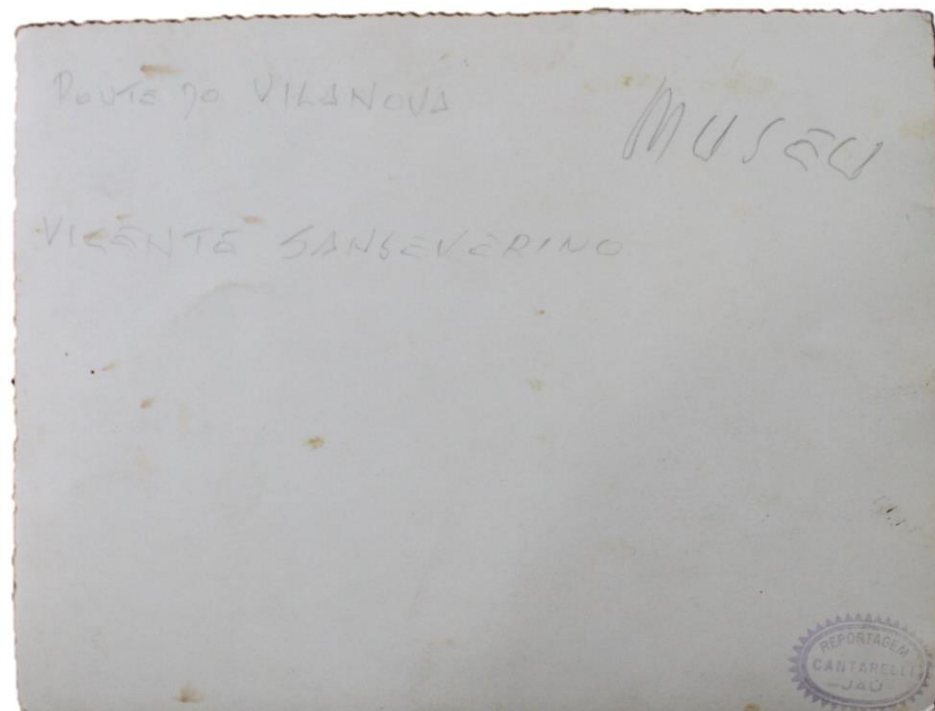


Figura 69. Imagem com descritor 'Ônibus', atribuído à categoria (6) ELEMENTOS MÓVEIS - TRANSPORTE - CO. Fonte: Acervo Martha Nigro.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 70. Imagem com descritor 'Idoso', atribuído à categoria (8) ELEMENTOS MÓVEIS - HUMANO - CM. Transcrição da legenda: “[...] Família Favero [...]”. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.



Figura 71. Imagem com descritor 'Mulher', atribuído à categoria (8) ELEMENTOS MÓVEIS - HUMANO - CM. Transcrição da legenda: “[...] Isabel R. Mendes Nigro; esposa do Sr. André Nigro [...]”. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 72. Imagem com descritor 'Mulher', atribuído à categoria (8) ELEMENTOS MÓVEIS - HUMANO - CO. Fonte: Acervo Martha Nigro.



Figura 73. Imagem com descritor 'Homem', atribuído à categoria (8) ELEMENTOS MÓVEIS - HUMANO - CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 74. Imagem com descritor 'Criança', atribuído à categoria (8) ELEMENTOS MÓVEIS - HUMANO - CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.



Figura 75. Imagem com descritor 'Trabalhador da saúde', atribuído à categoria (9) PERSONAGEM - CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 76. Imagem com descritor 'Padre', atribuído à categoria (9) PERSONAGEM - CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.



Figura 77. Imagem com descritor 'Político', atribuído à categoria (9) PERSONAGEM - CO. Fonte: Acervo Martha Nigro.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 78. Imagem com descritor 'Músico', atribuído à categoria (9) PERSONAGEM - CO. Fonte: Acervo Martha Nigro.



Figura 79. Imagem com descritor 'Estudante', atribuído à categoria (9) PERSONAGEM - CO. Fonte: Acervo Martha Nigro.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 80. Imagem com descritor 'Posada', atribuído à categoria (10) GESTUALIDADE - CM.
Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.



Figura 81. Imagem com descritor 'Posada', atribuído à categoria (10) GESTUALIDADE - CM.
Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 82. Imagem com descritor 'Posada', atribuído à categoria (10) GESTUALIDADE - CM.
Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bruno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.



Figura 83. Imagem com descritor 'Posada', atribuído à categoria (10) GESTUALIDADE - CM.
Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bruno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 84. Imagem com descritor 'Funcional', atribuído à categoria (10) GESTUALIDADE - CM.
Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.



Figura 85. Imagem com descritor 'Funcional', atribuído à categoria (10) GESTUALIDADE - CM.
Fonte: Acervo Martha Nigro.

Quanto à categoria **(11) PAISAGISMO** foi possível classificar uma pequena parte das imagens expostas no Museu: 19% do total, ou 32 imagens. A relação dos descritores entre o C.O. e o C.M. se apresentou da seguinte maneira: **“Arborização urbana”**, 37% e 16%; **“Jardim”**, 45% e 72%; **“Chafariz”**, 2% e 3%; **“Nativo”**, 10% e 6%; e **“Plantação”**, 6% e 3%. Nesse sentido, considera-se que a curadoria atenuou as imagens atribuídas ao descritor **“Plantação”**, enquanto acentuou as imagens atribuídas ao descritor **“Arborização urbana”** e manteve a proporcionalidade entre as imagens atribuídas aos descritores **“Jardim”**, **“Chafariz”** e **“Nativo”**.

Já sobre as edificações, se analisou em dois momentos. Primeiramente, com a categoria **(12) GABARITO DAS EDIFICAÇÕES**, em que o quantitativo se estabeleceu da seguinte maneira: **“Térreo”**, 41% no C.O. e 34% no C.M.; **“Com porão”**, 24% do C.O. e 33% do C.M.; e **“Assobradado”**, 35% no C.O. e 33% do C.M.. A partir dos parâmetros, considera-se que neste grupo a ação curatorial manteve a proporcionalidade entre os descritores em ambos os conjuntos.

Posteriormente, para análise da categoria **(13) TIPOLOGIA LOCAL**, identificou-se os seguintes percentuais entre C.O. e C.M., respectivamente: **“Rua”**, 30% e 38%; **“Linha férrea”**, 1% e 4%; **“Ponte”**, 1% e 3%; **“Praça”**, 17% e 23%; **“Natural”**, 9% e 1%; **“Campo”**, 5% e 3%; **“Plantação”**, 6% e 1%; **“Ambiente interno”**, 40% e 27%; e **“Piscina”**, 1% e 0%.

A partir deste quantitativo, considera-se que a curadoria atuou da seguinte maneira: atenuou os descritores **“Natural”**, **“Plantação”** e **“Piscina”**; acentuou os descritores

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**

“Linha férrea” e **“Ponte”**; e manteve a proporcionalidade entre a maioria, sendo eles **“Rua”**, **“Praça”**, **“Campo”** e **“Ambiente interno”**. Tanto no C.O. como no C.M. o descritor que reuniu o maior número de imagens na categoria foi **“Rua”**. A análise do grupo reforça o caráter urbano de apresentação da cidade por meio da fotografia no C.M., bem como no C.O..

Por último, o segundo momento de análise das edificações foi realizado com a categoria **(14) USO DAS EDIFICAÇÕES**. Os descritores atribuídos e comparados em C.O. e C.M. apresentaram, respectivamente, os seguintes resultados: **“Religioso”**, 11% e 24%; **“Público/institucional”**, 20% e 19%; **“Comercial”**, 14% e 30%; **“Residencial”**, 34% e 14%; **“Esportivo/lazer”**, 16% e 10%; e **“Manutenção”**, 5% e 3%.

Considera-se, por fim, que a curadoria atenuou as imagens atribuídas a um único descritor: **“Residencial”**. Já quanto à acentuação, foi possível identificá-la tanto no que consistiu o descritor **“Religioso”** como **“Comercial”**. Os outros três descritores restantes – **“Público/institucional”**, **“Esporte/lazer”** e **“Manutenção”** – tiveram mantida a proporcionalidade entre os conjuntos.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**

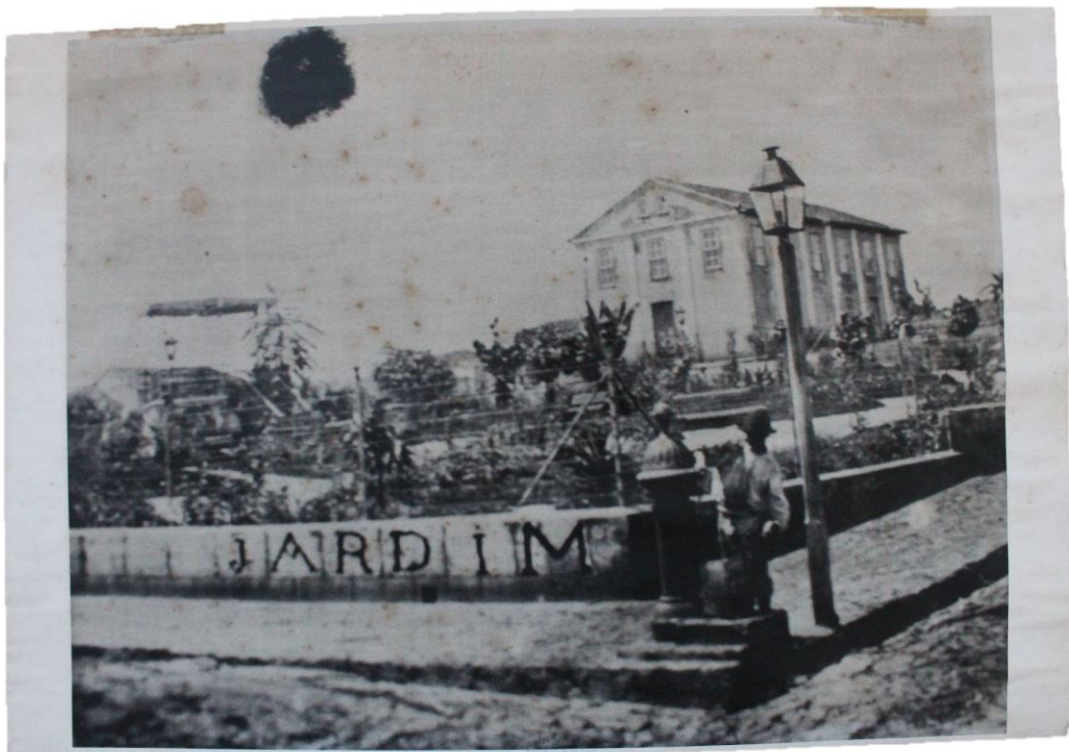


Figura 86. Imagem com descritor 'Jardim', atribuído à categoria (11) PAISAGISMO - CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.



Figura 87. Imagem com descritor 'Arborização urbana', atribuído à categoria (11) PAISAGISMO, - CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 88. Imagem com descritor 'Nativo urbano', atribuído à categoria (11) PAISAGISMO - CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.



Figura 89. Imagem com descritor 'Chafariz', atribuído à categoria (11) PAISAGISMO - CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 90. Imagem com descritor 'Térreo', atribuído à categoria (12) GABARITO DAS EDIFICAÇÕES, - CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.



Figura 91. Imagem com descritor 'Assobradado', atribuído à categoria (12) GABARITO DAS EDIFICAÇÕES - CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.

- CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas



Este e o suplemen
to de Nosso Clube.
Quando ficar pronta
a nova sede com
piscina voley tenis etc
você receberá
muitas fotos.
Marta Niso

Figura 92. Imagem com descritor 'Com porão,' atribuído à categoria (12) GABARITO DAS EDIFICAÇÕES - CO. Fonte: Acervo Martha Nigro.

- CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas



de Pa' Sabouno Sabi
 de Luigi Amuntano
 Donnigo Sab.
 escrito - Nicola Piragine
 Marcos Ferraro
 Luigi Berra
 José Del Biondo
 Francisco Seragliano
 1 moço
 Maximo Polliam

Martha DeBianca Jacarati
 1925 com 1928

(09)

Figura 93. Imagem com descritor 'Plantação', atribuído à categoria (13) TIPOLOGIA LOCAL - CO. Fonte: Acervo Martha Nigro.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 94. Imagem com descritor 'Ponte', atribuído à categoria (13) TIPOLOGIA LOCAL - CO.
Fonte: Acervo Martha Nigro.



Figura 95. Imagem com descritor 'Campo', atribuído à categoria (13) TIPOLOGIA LOCAL - CM.
Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**

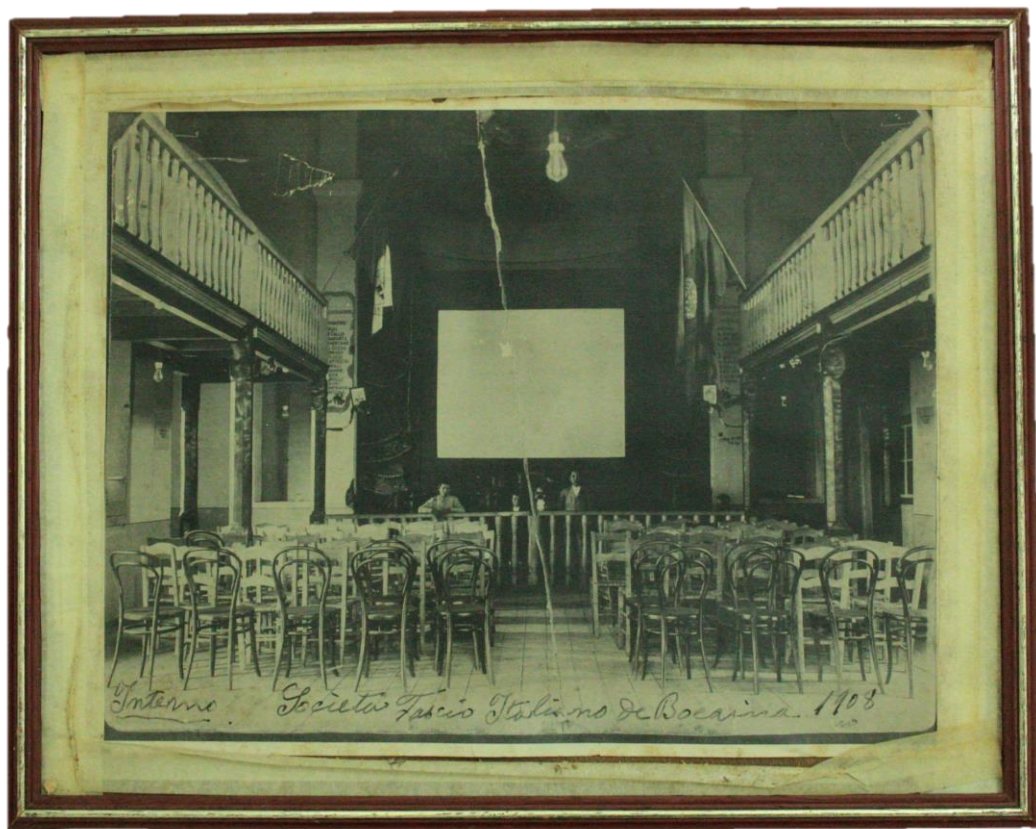


Figura 96. Imagem com descritor 'Ambiente interno', atribuído à categoria (13) TIPOLOGIA LOCAL - CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.



Figura 97. Imagem com descritor 'Ambiente interno', atribuído à categoria (13) TIPOLOGIA LOCAL - CM. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**



Figura 98. Imagem com descritor 'Esportivo/lazer', atribuído à categoria (14) USO DAS EDIFICAÇÕES - CO. Fonte: Acervo Martha Nigro.



Figura 99. Imagem com descritor 'Público/institucional', atribuído à categoria (14) USO DAS EDIFICAÇÕES - CO. Fonte: Acervo Martha Nigro.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**

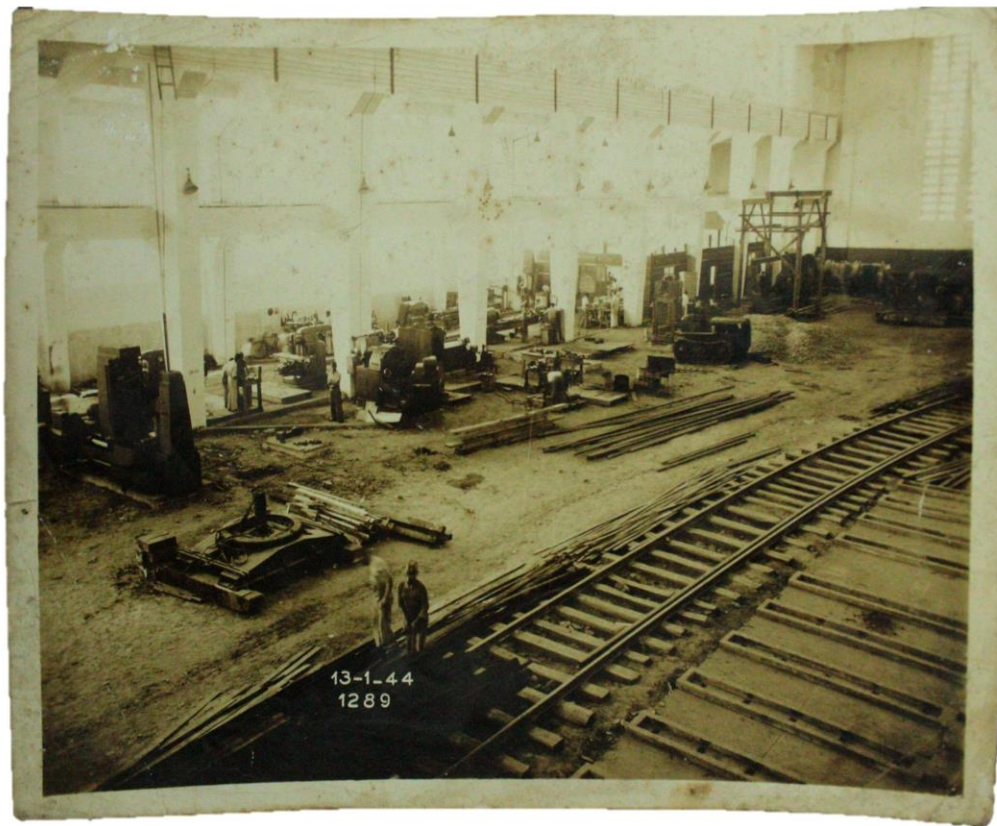


Figura 100. Imagem com descritor 'Manutenção', atribuído à categoria (14) USO DAS EDIFICAÇÕES - CO. Fonte: Acervo Martha Nigro.



Figura 101. Imagem com descritor 'Comercial', atribuído à categoria (14) USO DAS EDIFICAÇÕES - CO. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.



Figura 102. Imagem com religioso 'Comercial', atribuído à categoria (14) USO DAS EDIFICAÇÕES - CO. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro, s/d, Bocaina-SP.

- **CAPÍTULO 03 | 3.1 Metodologia de análise com vocabulário controlado e o mapeamento das linguagens e convenções fotográficas**

Com todos os resultados obtidos, elaborou-se um quadro comparativo (Apêndice B) para análise geral dos dados a fim de analisar conjuntamente todas as categorias e descritores atribuídos tanto ao Conjunto Originário quanto ao Conjunto Musealizado. Com isso, se objetiva compreender se os motivos musealizados expressos em ações curatoriais de atenuação, acentuação ou manutenção da proporcionalidade dos descritores, entre os conjuntos analisados, teve, antes, relação com aspectos que já estavam dados desde a coleta das imagens, momento ao qual foi possível uma aproximação no capítulo 02. Deste modo, se estabelece uma visão alargada sobre a curadoria museal, ou seja, desde o processo de coleta até a seleção e exposição das imagens.

Do total de 88 descritores distribuídos entre as 14 categorias, identificou-se que 57,95% tiveram a proporcionalidade mantida pela curadoria através da ação de seleção, ou seja, 51 descritores. Já os que foram considerados acentuados pela seleção do C.O. para C.M. totalizaram 21,59%, ou 19 descritores. Por fim, aqueles considerados atenuados pela curadoria se constituíam nos 20,46% restantes, um total de 18 descritores.

A partir da alta taxa de manutenção da proporcionalidade entre os descritores selecionados do C.O. para o C.M. foi possível aferir que, em grande medida, os motivos musealizados já estavam dados desde a coleta das imagens para composição do acervo museal. Neste sentido, a composição do Conjunto Originário

não se difere do Conjunto Musealizado ao ponto de causar distorções significativas entre eles. Assim, é possível concluir que os motivos que compuseram a exposição já estavam dados desde a coleta dos documentos.

Com o levantamento nos capítulos anteriores e com a análise das imagens a partir da metodologia de atribuição de vocabulário controlado através dos descritores, busca-se, a partir do tópico seguinte, apresentar uma interpretação sobre os limites e os campos de atuação dos documentos analisados – já que, para este trabalho, eles são as pistas dos sentidos produzidos pelo Museu, especificamente sobre aspectos de maior interesse deste trabalho.



Imagem 103. Gráfico comparativo a partir dos parâmetros estabelecidos para a análise com vocabulário controlado e descritores. Fonte: autora, 2023.

3.2

Memória, imaginário e a atuação do
museu de Bocaina

capítulo 03

A principal questão posta com a análise consiste em compreender qual é a imagem da cidade apresentada pelo museu ou, ainda, qual a cidade imaginada pelo Museu. A premissa desta etapa do estudo está ancorada, portanto, na possibilidade de prospectar mecanismos educadores/disciplinadores que atuaram em Bocaina, cidade representativa da expansão cafeeira ao Oeste do território paulista.

Presente no título deste trabalho, se faz importante mobilizar o conceito de imaginário anteriormente à análise. Utilizado muitas vezes como forma de contradizer aquilo que é considerado "real" ou "verdadeiro", aqui se considera que se trata de algo mais amplo.

"Nos usos correntes do vocabulário das letras e das ciências humanas, o termo "imaginário", como substantivo, remete a um conjunto bastante flexível de componentes. Fantasia, lembrança, devaneio, sonho, crença não-verificável, [...] são várias expressões do imaginário de um homem ou de uma cultura. É possível falar do imaginário de um indivíduo, mas também do de um modo expresso no conjunto de suas obras e crenças. Fazem parte do imaginário as concepções pré-científicas, a ficção científica, as crenças religiosas, as produções artísticas que inventam outras realidades [...] as ficções positivas, os estereótipos e preconceitos sociais etc."

"Convivemos, portanto, em denominar imaginário um conjunto de produções, mentais ou materializadas em obras, com base em imagens visuais (quadro, desenho, fotografia) e linguísticas (metáfora, símbolo, relato), formando conjuntos coerentes e dinâmicos, referentes a uma função simbólica no sentido de um ajuste de sentidos próprios e figurados." (Wunenburger, 2007, p.11)

Por lidar com conjuntos documentais fotográficos, o trabalho se concentra principalmente em identificar, a partir da cultura material, a cidade-imaginário apresentada pelo Museu, a cidade recortada, selecionada para ser exposta em fotografias que contaram a história musealizada de Bocaina entre os anos da atuação institucional, a cidade sob a qual as fotografias colocaram luz.

A própria concepção da palavra 'imaginário' traz à tona suas ligações com o estudo a partir das imagens. Com origem no latim "imaginari", que significa "formar uma imagem mental", e derivada de "imago", que significa "imagem, representação", fica claro o quanto, desde o princípio, propor trabalhar com imagens e memória social de um lugar orienta para uma investigação sobre imaginários.



Imagem 104. Área expositiva do Museu quando sediado no edifício do Cine Jequiitibá, Bocaina-SP. Fonte: Acervo Martha Nigro, autoria não identificada, s/d.



Imagem 105. Área expositiva do Museu quando sediado no edifício do Cine Jequiitibá, Bocaina-SP. Fonte: Acervo Martha Nigro, autoria não identificada, s/d.

Contudo, é importante ressaltar que a questão não tem relação apenas com aquilo que é gerado depois da exposição montada/aberta ao público, ou seja, a atuação do acervo musealizado para a formação de imaginários sobre a história local. Segundo Maffesoli (2001, p. 76), é justamente a existência de um imaginário que determina a existência de conjuntos de imagens. Pesquisar sobre a formação dos museus, seus agentes e contexto de instituição tem, também, o intuito de prospectar imaginários pré-institucionais, que alicerçam a iniciativa de fundação, o processo de seleção ou não seleção, a publicização e o arquivamento das imagens. É possível considerar a fundação do Museu e a divulgação das imagens como o momento de transformar o imaginário particular – decorrido de perspectiva social e economicamente definidas – em coletivo (Lima, 2014, p. 53). Esta etapa consiste em mais uma tentativa de recuperar a historicidade dos documentos que estão além do seu poder comprobatório (Lima e Carvalho, 2023, p. 106) individualmente autocontido.

A investigação, portanto, é calcada em aspectos da cultura e do imaginário. Vale, portanto, ressaltar as aproximações e distanciamentos desses termos:

A cultura, no sentido antropológico dessa palavra, contém uma parte de imaginário. Mas ela não se reduz ao imaginário. É mais ampla. Da mesma forma, agora pensando em termos filosóficos, o imaginário não se reduz à cultura. Tem certa autonomia. Mas, claro, no imaginário entram partes de cultura. A cultura é um

conjunto de elementos e de fenômenos passíveis de descrição. O imaginário tem, além disso, algo de imponderável. [...] A cultura pode ser identificada de forma precisa, seja por meio das grandes obras da cultura, no sentido restrito do termo, teatro, literatura, música, ou, no sentido amplo, antropológico, os fatos da vida cotidiano, as formas de organização de uma sociedade, os costumes, as maneiras de vestir-se, de produzir, etc. O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera [...] (Maffesoli, 2001, p. 76)

Com o emprego dos descritores, notou-se em que medida o ideário citadino foi composto imagetivamente na composição da cidade-imaginário dentro do Museu de Bocaina. Admitindo, portanto, que, a partir de distintos contextos de proveniências, estas imagens foram utilizadas na constituição dos discursos do Museu, a experiência visual se estabelece como a forma de apresentação da cidade de Bocaina e de sua história para os visitantes.

Para isso, foram feitas subdivisões dos eixos de exploração dos resultados das análises para se pensar quais eram os espaços sugeridos para a formação de memórias, experiências e imaginário sobre a cidade, a partir do Conjunto Musealizado de imagens.

3.2.1 As “áreas claras” e as “áreas escuras” de Bocaina nas fotografias musealizadas

Para o desenvolvimento de uma reflexão com o objetivo de melhor precisar as áreas urbanas apresentadas no Conjunto Musealizado (C.M.), se referenciou os pontos de captura das imagens sobre o mapa da cidade de Bocaina. Considerando as imagens que receberam o descritor “Centro e Bairro”, na categoria **(4) LOCALIZAÇÃO**, foi possível precisar os pontos de tomadas das vistas fotográficas, identificando, espacialmente, catalisadores/vetores potenciais da paisagem edificada, fotografada e musealizada, resultantes na recorrência de atributos e sentidos nas imagens.

Isso possibilita que, quanto aos espaços, se possa compreender quais deles fizeram parte do imaginário da cidade (Lima, 2014, p. 317) a partir do material fotográfico exposto pelo Museu, identificando na malha urbana o que André Lima (2014, p. 320) chamou de “áreas claras” (aquelas que têm indicação no mapa e, por meio da atuação do Museu, puderam ser vista) e “áreas escuras” (aquelas que não têm indicação no mapa e que, no discurso institucionalizado sobre a história local, tornaram-se invisíveis).

[...] (se) constrói nova cidade: a cidade-imaginário. Esta cidade se apresenta como aquela que se faz e se deseja fazer. Faz-se à medida que sua constituição real com a abertura de novos espaços e construção de novos simbólicos edifícios atrai o olhar fotográfico

e o interesse coletivo. E se deseja ver por ser a parcela urbana da cidade que se deixa apresentar, ou que se escolhe para representar a cidade real, por conter características de identidade e aceitação comum. Ficam fora desta cidade imaginário as porções da cidade-real, realistas demais, ou que exibem as discrepâncias entre os aspectos da sociedade abastada em contraposição à sociedade “debastada” – aquelas que suprem as necessidades dos favorecidos. (Lima A., 2014, p. 320)

O controle da abrangência espacial fornece informações sobre o grau de articulação com que se pretende apresentar fotograficamente a cidade, quais as áreas urbanas selecionadas para apresentar fotograficamente a cidade no seu conjunto, quais as áreas ou motivos pontualmente selecionados como emblemáticos, e ainda qual o grau de extensão da noção de cidade. (Lima e Carvalho, 1997, p. 32)

A análise por meio do mapeamento se sobrepõe às inferências inicialmente realizadas por meio do vocabulário controlado, com intenção de aprofundamento no estudo sobre as representações selecionadas pelo Museu sobre a cidade e suas espacialidades. Para tanto, se volta principalmente à potencialidade do Museu enquanto espaço de formação de repertórios, no caso do estudo aqui desenvolvido, calcado na imagem.

Com o mapeamento, aquilo que já se anunciava com a alta recorrência de imagens atribuídas ao descritor “**Centro**” em detrimento dos descritores “**Bairro**” e “**Rural**”, na categoria **(4) LOCALIZAÇÃO**, se explicita espacialmente. Foi possível aferir que as imagens musealizadas se concentraram, essencialmente, na porção do centro histórico e da “parte baixa” da cidade, articuladas em eixos espaciais bastante específicos como a Igreja Matriz de São João e sua praça, as Ruas Floriano Peixoto e XV de Novembro, principais eixos do comércio local até a primeira metade do século XX, e edifícios públicos como a Câmara Municipal e o Grupo Escolar.

Já as demais áreas da cidade, predominantemente residenciais e de manutenção, no perímetro urbano, e produtivas, no perímetro rural, constituem as “áreas escuras” da cidade a partir do C.M.. Analisando comparativamente as categorias **(4) LOCALIZAÇÃO** e **(3) ATIVIDADE** no C.M., nota-se que para quase todas as imagens do ambiente rural de Bocaina foi possível atribuir, na segunda categoria, o descritor “**Lazer**”, sendo apenas uma delas atribuída ao descritor “**Serviço**”. Por sua vez, os descritores “**Bairro**” e “**Centro**”, ainda da categoria **LOCALIZAÇÃO**, apresentam praticamente todos os demais descritores contidos pela categoria **ATIVIDADE**.



Imagem 106. Mapeamento das imagens expostas pelo Museu de Bocaina sobre o tecido urbano da cidade. Fonte: autora, 2021.



Figura 107. Comparativo entre a categoria ATIVIDADE, à esquerda, os descritores 'Centro' e 'Bairro' (LOCALIZAÇÃO) ao centro e a correspondência entre ambos à direita. Imagens: autora, 2022¹.



Figura 108. Comparativo entre o categoria ATIVIDADE, à esquerda, o descritor 'Rural' (LOCALIZAÇÃO) ao centro e a correspondência entre ambos à direita. Imagens: autora, 2022.

Em 1890, o Brasil produzia, aproximadamente, 70% de todo o café consumido no mundo. Entre este mesmo ano e 1910, o número de pés de café triplicou no Estado

¹ Os quadros são uma análise comparada dos descritores de diferentes categorias atribuídos a todas as imagens do C.M. Os quadros posicionados à esquerda e ao centro referem-se sempre às

de São Paulo e foi durante este período que Bocaina passou de Vila a Município, se emancipando em relação a Jaú e apresentando, aproximadamente, 20 mil habitantes (Furlaneto, 2003). Com isso, assim como se formou a maioria dos núcleos urbanos oriundos da economia de base cafeeira, grande parte da população da cidade, entre o século XIX e o início do século XX, residia no ambiente rural.

É interessante notar, portanto, que a cidade apresentada pela fotografia no Museu apresenta um recorte específico da história do local que não era o mais relevante e de maior dinâmica social no mesmo período. Deste modo, consideramos que a narrativa institucional se absteve de apresentar o ambiente rural, as zonas agrárias, as fazendas cafeeiras em Bocaina, dos quais o próprio ambiente urbano derivou e aos quais serviu.

“As propriedades agrícolas, pequenas em geral atingem o numero de 150, e. pelas fotografias de algumas que posamos obter pode-se avaliar o carinho e o bom gosto com que sao montadas.”
(Reprodução do texto “O Municíio de Bocaina” do Jornal São João da Bocaina. Edição de 29 de julho de 1923, n. 1688)

Com o manuseio do C.O., foi possível averiguar que parte significativa das imagens selecionadas para o C.M. provém de cartões-postais, provavelmente voltados para

categorias ou descritores, enquanto o quadro posicionado à direita comporta-se como “resultado” do comparativo entre os dois primeiros.

a comercialização fotográfica local no início do século XX. O cartão-postal, artefato comercial e de caráter eminentemente idealizado (Lima, 2014, p. 320), representa, substancialmente, aspectos dessa cidade-imaginário comercializável por meio da fotografia. Explorando o mapeamento das fotografias na cidade e os índices de recorrência das análises com descritores, é possível aferir que as imagens musealizadas traduziram a ideia de *Belle Époque*.

Assim, contextualizando a narrativa institucional em seu lugar e tempo histórico (Trouillot, 2016), considerando a produção multifacetada e de autoria compartilhada dos documentos (Sanders, 2008) e as agências possíveis para o desenvolvimento deste discurso sobre a história de Bocaina pelo Museu da cidade, é possível aferir que a construção da cidade-imaginário – que enfatiza alguns locais em detrimento de outros –, por meio da narrativa museográfica, surge de uma produção fotográfica da virada dos séculos XIX e XX, alinhada aos desejos de representar a vida moderna na cidade paulista no período, amplamente ancorada na produção dos cartões postais. Estes, por sua vez, constituíram uma forma de veiculação da ideia de melhoramentos urbanos em voga nas primeiras décadas do século XX em que o “embelezamento” foi pretexto para apagar e inviabilizar a porção economicamente menos favorecida.

As fotografias urbanas são construções visuais, recortes interessados de uma intrincada malha que são as cidades. O que vemos são fragmentos de cidades imaginadas, desejadas ou não, cujas

imagens constroem e instituem significados. Assim, vamos produzindo olhares sobre os lugares e, deste leque de representações, alguns passam a constituir nossas próprias maneiras de narrar a cidade em que vivemos. (Azevedo, 2015, p. 477)

Guardadas as devidas proporções de uma cidade de pequeno porte, este imaginário dado para a narrativa histórica musealizada sobre Bocaina foi amplamente explorado no discurso sobre a *Belle Époque* comum em diferentes localidades, inclusive nas grandes cidades.

Mais do que espelho da realidade, as vistas urbanas se constituíram em veículos propagadores de um imaginário de modernidade, de acordo com o olhar dos produtores visuais da cidade. O estudo de caso da relação de Porto Alegre com a fotografia, mostra como as cidades brasileiras, guardadas as peculiaridades temporais e espaciais, apresentaram certa sintonia nesse processo. Recursos técnicos foram utilizados para dar forma a ideias contidas no imaginário, procurando moldar as representações do urbano e melhor expressar a complexidade visual das metrópoles. (Possamai, 2008, p. 79)

No âmbito dos museus no Estado de São Paulo, a mobilização da imagem na composição de uma narrativa sobre o passado a ser musealizado tem em um dos seus exemplos mais categóricos o período de existência do Museu Paulista, hoje

novamente denominado Museu do Ipiranga, sob a gestão de Afonso Taunay (1917-1945), em especial a sala A-11 do Museu, intitulada “Consagrada ao Passado da Cidade de São Paulo”.

[a sala] reunia, conforme descrição do próprio Taunay, no Guia da Secção Histórica do Museu Paulista, três coleções: nas vitrines centrais, a série de atas da Câmara, de 1562 a 1882 (50 códices) e a série de mapas da cidade, sendo o mais antigo datado de 1808.; e várias dezenas de quadros, óleos, aquarelas, bicos de pena, etc - formam a terceira coleção exposta, reproduzindo ambientes desaparecidos de nossa metrópole, documentos iconográficos a restabelecerem antigos aspectos urbanos paulistas”. (Lima e Carneiro, 2023, p. 104).

A exposição compõe a cidade antiga idealizada por Taunay, uma cidade que só existe no Museu e que reforça a compreensão da extensão do processo que se fez possível observar, com o desenvolvimento deste trabalho, no caso do Museu de Bocaina. A imagem da cidade colonial se mantém fixa nas paredes do Museu, imune às transformações do tempo histórico, como o próprio Taunay reconhece (Lima e Carneiro, 2023, p. 113).

A partir do contexto de transformações substanciais que Bocaina vivia no período de fundação do museu estudado, em especial no que tange à formação de novas espacialidades na cidade e à incrementação de novas áreas residenciais e

comerciais, com a chegada de contingentes de migrantes, é possível compreender que a questão da localização se fazia central no discurso sobre o passado a ser musealizado. Nesse sentido, as imagens alimentaram o imaginário dos visitantes do Museu a partir de aspectos arquitetônicos e urbanos oriundos da cidade no início do século passado.

Não necessariamente ligado a aspectos espaciais da cidade, o fato de o Museu se constituir como espaço de salvaguarda para aquilo que se está perdendo é intrínseco à constituição do Museu moderno, como é o caso do “Musée des Monuments Français”:

Ele foi criado após a Revolução Francesa. Os bens da Igreja e todos aqueles objetos de arte associados ao Antigo Regime estavam sendo destruídos pelos revolucionários. Foram criados depósitos espalhados pela França para onde eram enviados os bens que haviam sido transferidos da Igreja para o Estado. Alexandre Lenoir foi um dos responsáveis pelo museu, e o mais importante, não só por ter reunido esses bens e obras de arte, mas também por ter sido capaz de construir uma justificativa para a existência de um passado que não se queria mais lembrar. (Lima e Carneiro, 2022, p. 14).

Neste mesmo viés, na cidade Bocaina, as imagens fotográficas podem ser vistas como criadoras de uma visualidade particular para a cidade, veiculadoras de um

imaginário específico (Possamai, 2008, p. 76) a ser salvaguardado no Museu. Para além de informar uma história do passado da cidade, é possível pensar que o Museu com sua cidade-imaginário produzia uma espécie de compensação simbólica para a cidade real, em constante transformação (Lima e Carneiro, 2023, p. 119).

3.2.2 Ocupação e modos de vida na cidade: o uso dos espaços e o cotidiano bocainense musealizado

Para aprofundamento da análise acerca da ocupação e do uso dos espaços musealizados através das fotografias no Museu, realizou-se um exercício comparativo entre as imagens atribuídas ao descritor **“Comercial”**, na categoria **(14) USO DAS EDIFICAÇÕES** com as imagens analisadas na categoria **(9) PERSONAGEM**. A partir deste comparativo, foi possível averiguar que as imagens apresentavam principalmente o tipo **“Trabalhador”** associado aos locais do comércio. Esse aspecto se deu ao passo que imagens dedicadas à apresentação de trabalhadores dedicados diretamente ao complexo da produção do café, ou trabalhadores da área rural em geral, parcela mais expressiva da classe no local até a primeira metade do século XX, foram mantidas exclusivamente no C.O., não selecionadas para serem expostas no Museu.

Apesar de se apresentarem numericamente pouco expressivas, apenas três fotografias, a não musealização destas imagens clarifica a orientação curatorial do Museu, dedicada a apresentar um tipo essencialmente urbano, afeito

principalmente ao trabalho no comércio local. Neste contexto, é possível averiguar a tendência da instituição analisada em apresentar o passado de forma idealizada, contando com a fotografia não apenas como aliada, mas como elemento capaz de criar sua própria memória. Nesse contexto, o Museu se torna um espaço de legitimação desta prática, em que se reafirmam, mas também se estabelecem vínculos por meio do discurso visual (Haraway, 1989).

A ausência de apresentação dos conflitos próprios do período retratado e inerente à vivência social, especificamente no contexto do desenvolvimento da cidade moderna no Interior do Estado de São Paulo, a partir da segunda metade do século XIX, resultou em uma postura institucional atuante por meio da imagem fotográfica, que pactuou com a perpetuação de discursos que minimizam questões sociais fundantes do Estado de São Paulo no campo social há, pelo menos, um século.

Na análise sobre os modos de vida musealizados, foi possível notar, novamente, tendências para apresentação do quesito para a população bocainense no período dado pela fotografia na instituição. O comparativo entre os descritores **“Espaço”**, da categoria **(1) CATALISADOR/VETOR**, e **“Cotidiano”**, da categoria **(2) ÁREA DE ATUAÇÃO**, reforça o homem urbano representado no espaço público como o tipo social hegemônico do local na época.



Figura 109. Comparativo entre o descritor 'Espaço' (CATALISADOS/VETOR) à esquerda, 'Cotidiano' (ÁREA DE ATUAÇÃO) ao centro e a correspondência entre ambos à direita. Imagens: autora, 2022.



Figura 110. Comparativo entre o descritor 'Cultural' (ÁREA DE ATUAÇÃO) à esquerda, o descritor 'Religiosa' (ATIVIDADE) ao centro e a correspondência entre ambos à direita. Imagens: autora, 2022.



Imagem 111. Trabalhador e crianças na estação, s/d. Fonte: Acervo Martha Nigro.



Imagem 112. Festa de São João Batista, 1936. Fonte: Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro. Foto: Benedito Garcia, Bocaina-SP.

Festa de São João Batista 2023
De 23/06 à 09/07

BOCAINA-SP - 135 ANOS DE TRADIÇÃO
A Família Bocainense acolhe Você e sua Família com muito carinho. Venha conhecer a majestosa Igreja Matriz São João Batista e as 13 telas do prestigioso pintor Benedito Calixto.

SHOWS NA PRAÇA
23.06 - Sexta-feira - 22h: Lucas Akira e Fábio
24.06 - Sábado - 20h: Mateus e Banda
25.06 - Domingo - 16h30: Everton Fernandes
30.06 - Sexta-feira - 19h30: Banda Jovem Guarda
01.07 - Sábado - 20h: Samuel e Banda
02.07 - Domingo - 17h: Dona Encrenca
07.07 - Sexta-feira - 20h: Elis por ela - Tributo à Elis Regina
08.07 - Sábado - 20h: Na Moral
09.07 - Domingo - 15h: Samuel César
17h: Everton Fernandez
19h30: Ari Miranda

PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA
Tríduo de São João Batista
21, 22 e 23.06 - 19h: Igreja Matriz
23.06 - Sexta - Após a missa: levantamento do mastro.
00h: Bênção e a tradicional passagem pela fogueira.
24.06 - Sábado - Dia do Padroeiro
08h: Bênção do Bolo - Igreja Matriz
17h: Missa e Processão
25.06 - Domingo
07h: Missa na Igreja Matriz
08h30: Missa na Igreja São Judas
10h: Missa na Igreja São José
01.07 - Sábado
17h e 18h: Missa na Igreja Matriz
02.07 - Domingo
07h: Missa na Igreja Matriz
8h30: Missa na Igreja São Judas
10h: Missa na Igreja São José
07.07 - Sexta-feira - 19h:
Missa do Apostolado da Oração - Igreja Matriz.
08.07 - Sábado - 17h e 18h: Missa na Igreja Matriz.
09.07 - Domingo - 8h e 9h: Missa na Igreja Matriz.

ENCERRAMENTO DA FESTA
09.07 - Domingo - Encerramento da Festa
09h: Apresentação da Banda Marcial Municipal "Marta Nigro", na Praça da Matriz.
10h: Leilão de Gado
11h30: Almoço Mineiro (arroz carreteiro)
21h: Pau de Sebo na Praça da Matriz.

PROGRAMAÇÃO FESTIVA
24.06 - Sábado - 19h: Quadrilha
25.06 - Domingo - 15h30: Poket Show (Ballet)
02.07 - Domingo 08h:
Corrida de Pedrestres de São João Batista, saída da Praça Remigio Diegues (Rodovária)
Das 15h às 17h: Bonecos Fantásticos
19h: Leilão de Pequenas Prendas Local: Largo da Igreja Matriz.
Haverá parque de diversões.

Super Show de Prêmios
26, 27, 28 e 29/06
03, 04 e 05/07
19:30h
Praça da Matriz
06/07 - 19h: Praça da Matriz
Valor: R\$ 25,00 (antecipado, incluso 06 cartelas). Na hora: R\$ 30,00
Muito mais prêmios pra você!
Diversas premiações e valores em dinheiro também.
Convites antecipados na Secretaria da Paróquia
PROGRAMAÇÃO FESTIVA

Realização: PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA - Bocaina/SP
Pároco Pe. Daniel Valentim Tezore
Rua Capitão Bento Rangel - Tel.(14) 3666-1172

Gratidão eterna aos devotos, comerciantes, silitantes, fazendeiros, patrocinadores e a família Bocainense.

Imagem 113. Cartaz de divulgação da Festa de São João Batista, edição 2023. Fonte: Paróquia São João Batista de Bocaina, 2023.

Já com o comparativo entre o descritor '**Cultura**', da categoria **(2) ÁREA DE ATUAÇÃO**, e a categoria **(3) ATIVIDADE** foi possível notar que há uma forte associação entre aspectos da cultura local e as práticas religiosas fundamentalmente católicas em Bocaina.

Um dos exemplos mais icônicos é da festa do padroeiro da cidade, com sua comemoração presente no acervo musealizado e realizada até os dias atuais na cidade. No material de divulgação do evento na edição de 2023, a Festa de São João Batista em Bocaina aparece como em 135ª edição, remontando à data de 1888, anterior inclusive à data de fundação da cidade.

Outro exemplo sobre a presença na igreja e sua influência no local é a recorrência do descritor "**Padre**" na categoria **(9) PERSONAGEM**, principalmente através da pessoa do cônego José Mendes de Abreu, presente em imagens de diferentes áreas de atuação sendo até os dias atuais presente na memória de cidadãos bocainenses, após 42 anos como líder da Igreja na cidade.

Por fim, neste mesmo tema, outro aspecto que denota a atenção é a recorrência de retratos de rua apresentando o edifício da Igreja Matriz, que se configura como um elemento icônico do Conjunto Musealizado fortemente presente. Tais aspectos reforçam que, apesar de Bocaina ter se constituído oficialmente como um município já no período republicano, a cidade musealizada guardou fortes relações com a

cidade colonial, tendo como um dos principais pontos de articulação da vida pública, política e social a presença marcante da Igreja.

3.2.3 As questões de raça e gênero a partir dos sujeitos musealizados

Admitindo, a partir das análises anteriores, que os tipos urbanos foram majoritariamente mobilizados na musealização dedicada à história da cidade de Bocaina, se fez necessário ampliar as perspectivas sobre o tema para compreender as formas do tipo musealizado. Nesta questão, saltaram principalmente dois vieses analíticos: primeiramente o que diz respeito ao gênero e, por fim, a questão racial dos tipos musealizados.

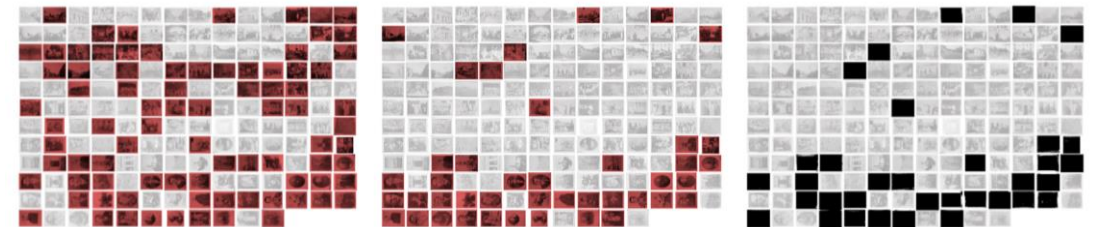


Figura 114. Comparativo entre o descritor 'Homem' (ELEMENTOS MÓVEIS) à esquerda, 'Pessoa' (PERSONAGEM POR INCIDÊNCIA) ao centro e a correspondência entre ambos à direita. Imagens: autora, 2022.

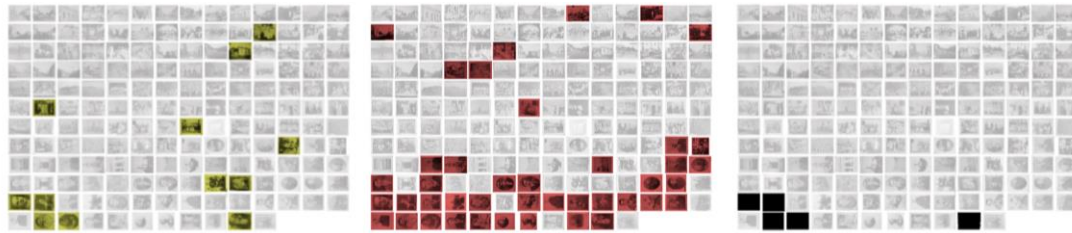


Figura 115. Comparativo entre o descritor 'Mulher' (ELEMENTOS MÓVEIS) à esquerda, 'Pessoa' (PERSONAGEM POR INCIDÊNCIA) ao centro e a correspondência entre ambos à direita. Imagens: autora, 2022.

Analisando o C.M. e o C.O. observou-se que a ação de seleção enfatizou as imagens em que **“Homem”** figura como descritor. Já as imagens atribuídas ao descritor **“Mulher”** – que já se apresentam em número reduzido no C.O. – foram, novamente, minimizadas. Para melhor compreensão da inserção dos personagens por gênero, contrapõe-se, a seguir, alguns das categorias já analisadas com os descritores homem e mulher do grupo acima descrito.

A respeito da correspondência significativa das imagens atribuídas aos descritores **“Homem” (ELEMENTOS MÓVEIS)** e **“Pessoa” (PERSONAGEM POR INCIDÊNCIA)**, ressaltamos que um número significativo das imagens trata-se de retrato feito, principalmente, ao que tudo indica, em estúdios fotográficos (ver Figura 114). No Museu, a presença desse tipo de imagens denota o intuito de representar personagens considerados “importantes” na história da cidade para a curadoria.

Apesar do número bastante inferior de correspondência entre as imagens atribuídas aos descritores **“Mulher” (ELEMENTOS MÓVEIS)** e **“Pessoa” (PERSONAGEM POR INCIDÊNCIA)**, as características das imagens deste segundo comparativo seguem a tendência da maioria das imagens do comparativo anterior: retratos de estúdio para apresentação de personagens da história local (ver Figura 115).

Em alguns casos, é curioso notar que retratos atribuídos ao descritor **“Mulher”** foram, no C.O. e no C.M., acompanhados de legendas nas quais o nome da mulher fotografada vem acompanhado de um grau de parentesco – normalmente mãe ou esposa – em relação a outra pessoa (ver Figura 71).

A análise dos descritores **“Espaço”** e **“Cotidiano”** – das categorias **(1) CATALISADOR/VETOR** e **(2) ÁREA DE ATUAÇÃO**, respectivamente – contraposta à categoria de atribuição de descritores por gênero – **(8) ELEMENTOS MÓVEIS/HUMANOS** (ver Figuras 116, 117, 118 e 119) – demonstra uma evidente parcialidade do C.M. por apresentar os espaços e modos de vida de grupos e personagens identificados com o descritor **“Homem”** em detrimento do cotidiano e das espacialidades das imagens identificados com o descritor **“Mulher”**.

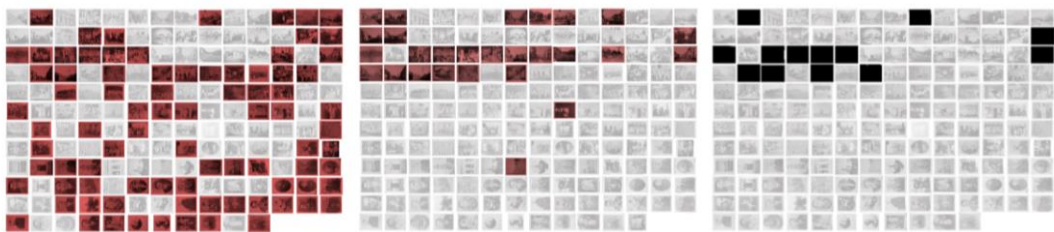


Figura 116. Comparativo entre o descritor 'Homem' (ELEMENTOS MÓVEIS) à esquerda, 'Espaço' (CATALISADOR/VETOR) ao centro e a correspondência entre ambos à direita. Imagens: autora, 2022.

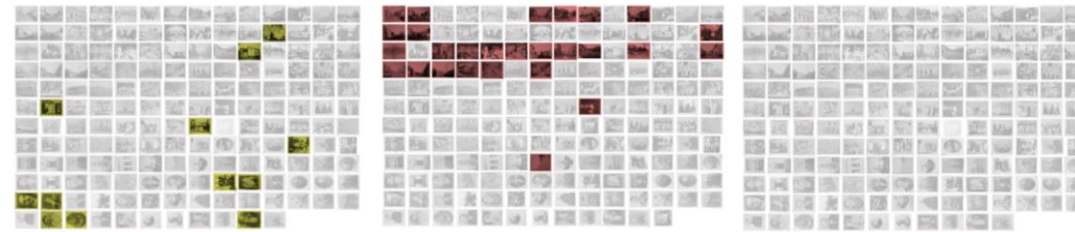


Figura 118. Comparativo entre o descritor 'Mulher' (ELEMENTOS MÓVEIS) à esquerda, 'Espaço' (CATALISADOR/VETOR) ao centro e a correspondência entre ambos à direita. Imagens: autora, 2022.

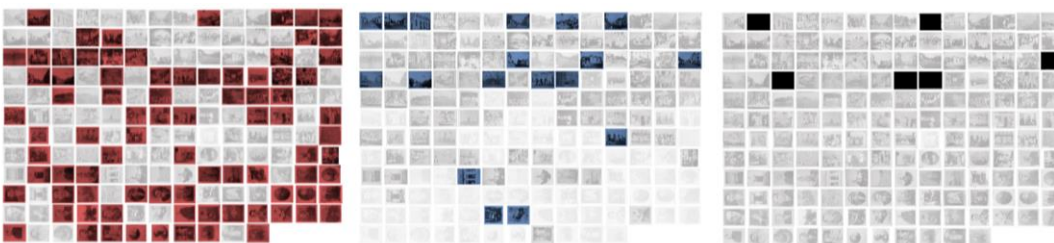


Figura 117. Comparativo entre o descritor 'Homem' (ELEMENTOS MÓVEIS) à esquerda, 'Cotidiano' (ÁREA DE ATUAÇÃO) ao centro e a correspondência entre ambos à direita. Imagens: autora, 2022.

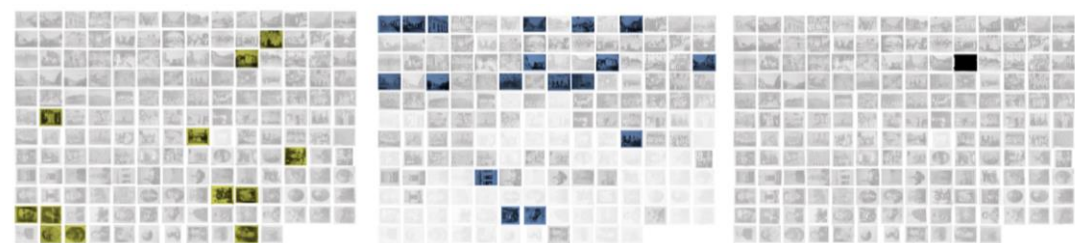


Figura 119. Comparativo entre o descritor 'Mulher' (ELEMENTOS MÓVEIS) à esquerda, 'Cotidiano' (ÁREA DE ATUAÇÃO) ao centro e a correspondência entre ambos à direita. Imagens: autora, 2022.



Figura 120. Comparativo entre o descritor 'Homem' (ELEMENTOS MÓVEIS) à esquerda, a 'Categoria' PERSONAGEM ao centro e a correspondência entre ambos à direita. Imagens: autora, 2022.



Figura 121. Comparativo entre o descritor 'Mulher' (ELEMENTOS MÓVEIS) à esquerda, a categoria PERSONAGEM ao centro e a correspondência entre ambos à direita. Imagens: autora, 2022.

A análise ressalta também o contraste na identificação dos personagens nos documentos, presentes majoritariamente quando nesses estão elementos identificados com o descritor “Homem” (ver Figura 120). As imagens do Conjunto Musealizado demonstram uma vinculação da narrativa à ideia da sociedade bocainense dos séculos XIX e XX pautada por papéis de gênero. Em geral, as imagens apresentam a perspectiva de que os espaços utilizados pelos homens, bem

como seus modos de vida essencialmente urbanos, são aquilo que se apresentam historicamente nesta sociedade, enquanto os espaços e o cotidiano de mulheres são evidentemente secundarizados (ver Figura 121).

Ao passo que a iniciativa de fundação da instituição, o trabalho de curadoria e a própria nomeação do Museu é marcada pela presença da mulher, fica evidente que este trabalho não se traduz nas imagens que foram musealizadas. Os trabalhos de organização, coleta de documentos e composição do Museu foram uma função feminina que, agora, se faz possível pensar em contraste com a ausência de mulheres nas fotografias musealizadas.

Assim como aponta Armando Silva no livro “Álbum de Família - a imagem de nós mesmos (2008)”, sobre a relação de famílias colombianas com a fotografia, no Museu de Bocaina a mulher é a guardadora, quem organiza as imagens, a memória, quem cuida e narra e quem, no final, não aparece na exposição. Esta relação é típica do funcionamento das famílias que imigraram para o Brasil até o início do século XX, nas quais, através do imaginário de “fazer a América”, as mulheres ocuparam o lugar do trabalho e, ao mesmo tempo, perpetuaram o aspecto da não apresentação pública.

Um último aspecto evidenciado a partir das análises abordadas no trabalho se concentra também na questão do apagamento, porém encaminhado à questão racial. Com o estudo através das imagens se fez patente a ausência de pessoas

negras nas imagens musealizadas. Este fato levantou uma série de questões para esta pesquisa que, com o transcorrer do trabalho, se constituiu como uma possível vertente para o seu desenvolvimento e que, aqui, se concentra em prospectar apenas o que foi evidenciado pelos documentos que constituem o C.O. e o C.M.

Ao passo que as imagens foram sendo prospectadas para este estudo, foi enfatizada a questão de que a curadoria atuou principalmente em narrar uma história da cidade de Bocaina pautada nos sucessos de uma parcela imigrante, a partir da ideia do *self made man*, amplamente difundido no Interior Paulista e ancorado na atuação dos descendentes desses imigrantes de contar a história de seus ascendentes pelo viés da superação, mobilizando uma memória que se pretende hegemônica. Neste contexto, a ausência quase total de pessoas negras nas imagens se concretiza como mais um sintoma do apagamento de toda a contribuição dos sujeitos envolvidos de aspectos africanizados no que diz respeito à constituição narrativa do Museu da cidade de Bocaina.

Porém, uma das surpresas reservadas pela realização deste trabalho foi a possibilidade de descortinamento da atuação do Dr. Galdino Teles de Meneses em Bocaina. Ao manusear as imagens do conjunto originário, não pela primeira vez, verificou-se a existência de um retrato de estúdio, mais um daqueles não eleitos para compor o Conjunto Musealizado e que, pelo menos, até a primeira dezena de vezes em que esse conjunto foi contabilizado, tinha passado despercebido.



Figura 122. O médico Dr. Galdino Teles de Meneses. Fonte: Acervo Martha Nigro, s/d.

Um retrato, um rosto, uma flor. A camélia branca na lapela do fotografado foi a alavanca para que, enfim, a foto despertasse a atenção².

Galdino Teles de Menezes, Doutor – Filho do coronel João Nepomuceno Teles de Menezes e D. Eulália Maria de Jesus, nasceu a 12 de maio de 1857 no município de Japaratuba e faleceu a 25 de julho de 1915 na cidade de Brotas, Estado de S. Paulo. Seus estudos preparatórios foram feitos no colégio do padre Firmino Brant da Rocha na Capela e terminados na Bahia, onde se doutorou em medicina em 1880. O ponto escolhido para iniciarse na clínica foi Laranjeiras, onde também lecionou como professor do “Liceu Laranjeirense”, fundado pelo professor Baltazar Góes. Transferindo a residência para o Aracaju, ali continuou na profissão médica e ocupou os lugares de médico do Asilo de N. S. da Pureza em 1885, secretário do Governo da Província, 1885-1886, diretor da Instrução Pública e da Escola Normal e inspetor de higiene pública, nomeado a 2 de agosto de 1892. Tendo se retirado em 1893 para o Estado de

² No livro “As camélias do Leblon e a abolição da escravatura - Uma investigação de história cultural”, Eduardo Silva faz um apanhado sobre discussões que ocorriam no País e, em especial, na então Capital do Rio de Janeiro acerca do tema da abolição, recuperando a história do Quilombo do Leblon, ou da Chácara das Camélias, de propriedade do português José de Seixas Magalhães. No percurso, o autor apresenta aspectos sobre o local e destaca a existência de uma produção de camélias brancas ali realizadas, sendo que a partir disso a flor tornou-se símbolo abolicionista e progressista, entre os imperialistas, da época. (Silva, 2003).

S. Paulo, entregou-se ainda ao exercício da clínica em **S. João de Bocaina** e por muitos anos em Brotas, até falecer. Frequentou a imprensa periódica e fez versos na sua mocidade. (Guaraná, 1925. Destaque da autora)

O retrato de um homem negro, carregando na lapela uma camélia branca é, portanto, de um abolicionista que atuou como médico entre 1893 até, pelo menos, 1901 na cidade de estudo (Furlaneto, 2003). Com uma carreira extensa, o Dr. Galdino Teles de Menezes fixou-se na região, tendo o seu filho e de Maria Travassos de Menezes, Almanjor Travassos de Menezes, falecido na cidade de Jaú em 1962³, fato que tornou possível averiguar a permanência da família na região.

Apesar da presença significativa de trabalhadores da área de saúde, que fez necessária inclusive a criação de um descritor específico para a identificação do grupo na categoria **(9) PERSONAGEM**, a imagem de Galdino Teles de Menezes ficou contida no Conjunto Originário e não compôs o Conjunto Musealizado. Com o trabalho de levantamento para identificação da presença de pessoas negras no

³ "Brasil, São Paulo, Registro Civil, 1925-1995", database, FamilySearch. Disponível em <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-CSV8MCT6?view=index&personArk=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XZT-11CP&action=view&groupId=TH-909-70530-8738-36>>. Acesso em 17.04.2023.

C.O., foi possível apontar a existência de outros sujeitos que, ao contrário do caso do Dr. Meneses, não foram identificados nas imagens.

Recuperar, neste trabalho, a trajetória dos documentos fotográficos do Museu a partir também dos apagamentos de grupos distintos e historicamente invisibilizados é uma tentativa de colaborar com o trabalho que se vêm tomando espaço no campo da história social e que Maria Helena Machado definiu no trecho a seguir:

Tendo frequentado nos últimos anos, com certa constância, as páginas introdutórias de muitos livros de história, a ideia da recuperação de uma história dos grupos sem história, ou, melhor dizendo, aqueles cujos registros históricos se fizeram na ausência dos interessados e sempre à sua revelia, tornou-se uma fórmula acadêmica e uma profissão de fé do historiador da vida social. (Machado, 2010, p. 24)

3.3

Buscando o atípico e o comum: **as imagens do museu** de Bocaina e um **imaginário** sobre a **modernidade** paulista

Com a realização da análise e do levantamento dos dados contidos na documentação investigada por este trabalho, se faz pertinente, para a última etapa, levantar aspectos atípicos e comuns do estudo de caso sobre a cidade e aquilo já aferido sobre o período, sobre as instituições museais e sobre a elaboração do discurso da modernidade paulista no presente.

No livro “A cor da modernidade - A branquitude e a formação da identidade paulista”, a professora e pesquisadora Barbara Weinstein traça um percurso sobre como o discurso da modernidade repercutiu no imaginário social da população paulista, extremamente relacionado à questão racial, trazendo à tona aspectos sobre o reiterado apagamento das práticas e da própria vivência das populações secularmente invisibilizadas no País. A autora elabora seu texto entre importantes eventos históricos do Estado e a persistência de um discurso de “equivalência entre branquitude e progresso” em São Paulo (Weinstein, 2022, p. 45). Tal conjuntura se fez possível principalmente através da noção de raça, que consiste num fator político utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos socialmente considerados minoritários (Almeida, 2012, p. 31).

Recuperando a apropriação da fotografia pelas sociedades entre o final do século XIX e início do XX, Possamai (2008, p. 72) comenta que os fotógrafos buscaram

- **CAPÍTULO 03 | 3.3 Buscando o atípico e o comum: as imagens do Museu de Bocaina e um imaginário sobre a modernidade paulista**

referenciais de um imaginário de modernidade que surgiam com as modificações e reformas de melhoramentos urbanos em voga na época.

Dessas escolhas resultaram imagens que construíram uma visualidade que apontava para a modernidade desejada. Assim, amplas avenidas, altas edificações, monumentos, automóveis, iluminação elétrica e praças remodeladas foram fotografados a partir de opções formais que comportam os sentidos desejados. (Possamai, 2008, p. 72-73)

Recuperando a história do Museu Ruth Bueno Pontes Nigro em seus diferentes aspectos, desde a fundação até os documentos do acervo, sendo ele, ainda, parte das comemorações dos 500 anos do “Descobrimento” do Brasil, a análise aqui desenvolvida corrobora com a compreensão sobre a influência de aspectos da “modernidade paulista” na formação do imaginário da cidade, dialeticamente relacionado ao conjunto de imagens musealizadas. Afinal, pelo poder conferido à fotografia, os objetos captados pelas lentes da câmera passam a ser as mediadoras entre o indivíduo e sua memória (Possamai, 2008, p. 75-76).

Sobre a França no final do século XIX, Silvio Almeida comenta o papel das instituições estatais e a formação de um discurso de naturalização da exclusão:

Do mesmo modo que o nacionalismo cria as regras de pertencimento dos indivíduos a uma dada formação social,

atribuindo-lhes ou reconhecendo-lhes determinada identidade, pela mesma lógica também cria regras de exclusão. Tanto a classificação dos indivíduos quanto o ato de inclusão/exclusão são operados em última instância pelo poder político. Para Achille Mbembe, no final do século XIX, a sociedade francesa teve de se preparar para que a lógica do nacional-colonialismo – em clara alusão ao nacional-socialismo – pudesse naturalizar as atrocidades do colonialismo francês. Formado por instituições ligadas ao Estado, bem como setores influentes da sociedade francesa, o nacional-colonialismo visava normalizar o tema da diferença racial na cultura de massa “[...] através do estabelecimento de instituições como museu e jardins, zoológicos humanos, publicidade, literatura, artes, constituição de arquivos, disseminação de narrativas fantásticas reportadas pela imprensa popular e realização de exportações internacionais.” Portanto, foi um “projeto nacional” a produção de um discurso sobre o outro, tornando racional e emocionalmente aceitável a conquista e a destruição daqueles com os quais não se compartilha a mesma identidade. (Almeida, 2012, p. 102-103)

A perda de instabilidade vivida na virada do século XX para o XXI motiva a criação do Museu de Bocaina, ao passo que o movimento migratório e, conseqüentemente, a formação de novas centralidades motivaram novas formas de vivenciar o espaço citadino. Tais aspectos clarificam que nada é esquecido ou lembrado no trabalho

- **CAPÍTULO 03 | 3.3 Buscando o atípico e o comum: as imagens do Museu de Bocaina e um imaginário sobre a modernidade paulista**

da recriação do passado que não diga respeito a uma necessidade presente daquele que registra” (Maluf, 1995, p. 31).

No livro “Ruídos da memória”, Marina Maluf (1995) recupera textos presentes nos diários de duas mulheres pertencentes a famílias paulistas abastadas e tradicionais do local e que registram suas memórias de vida em fazendas do Interior de São Paulo no século XIX. O texto é interessante ao passo que nos aproxima da questão a partir do recorte de gênero, tema emergente na discussão e análise aqui proposta:

Tanto Brasília quanto Floriza registraram suas histórias de vida como escreventes e não como escritoras. Ao procurar transmitir seus testemunhos de maneira incontestável, usaram a palavra escrita sem preocupação literária, apenas como um meio de comunicação supostamente a salvo de ambiguidades. É de Roland Barthes a definição do escrevente como aquele que utiliza a linguagem com uma finalidade – “testemunhar, explicar, ensinar” – o que faz com que a palavra seja reduzida “à natureza de um instrumento”. Por ter uma função mais referencial, o escrevente conta o mundo; possuídos de dons mais poéticos, o escritor conta a língua. (Maluf, 1995, p. 27-28)

Como mulheres e representantes das camadas privilegiadas da sociedade nem sempre Floriza e Brasília se colocam como personagens centrais; presas a uma representação de si mesmas

recortadas por interesses, regras e interditos, parecem desencorajadas a assumir a centralidade. Este lugar é destinado na maior parte das vezes à família, eixo por excelência de suas respectivas identidades. (Maluf, 1995, p. 49).

No caso do Museu de Bocaina, a centralidade feminina no processo de constituição e curadoria do Museu evidencia um reflexo deste mesmo lugar de “contadora de história”, “guardadora da memória” e “escrevente”. No Museu, a mulher também foi responsável pelo trabalho de rememoração como ato de intervenção no caos das imagens guardadas (Maluf, 1995, p. 29) e mobilizadas para contar a história da cidade a partir de um protagonismo masculino.

[...] o confronto entre a história oficial e a história das mulheres permite evidenciar que a exclusão delas da história não foi casual. É o resultado de um registro que reflete o masculino como único sujeito histórico e a história como reflexo das intenções masculinas. (Maluf, 1995, p. 20)

A fotografia no museu narra a modernidade em Bocaina a partir de apagamentos e realces que possibilitam compreender o que foi e o que não foi mobilizado na constituição desse acervo desde a coleta das imagens. Neste sentido, com o entendimento sobre a instituição e seus agentes, as imagens confrontam a questão da modernidade a partir da ideia de “imaginário”, que está, portanto:

- **CAPÍTULO 03 | 3.3 Buscando o atípico e o comum: as imagens do Museu de Bocaina e um imaginário sobre a modernidade paulista**

[...] mais próximo das percepções que nos afetam do que das concepções abstratas que nos inibem a esfera afetiva. Por outro lado, só há imaginário se um conjunto de imagens e de narrativas forma uma totalidade mais ou menos coerente, que produz um sentido diverso do local ou momentos. (Wunenburger, 2007, p. 11-12)

Sobre a ideia de modernidade presente nos documentos fotográficos do Museu, segundo Almeida, no contexto brasileiro o que se vivenciou foi, na verdade, uma modernidade conservadora, com uma industrialização que não distribuiu renda, manteve desigualdades e exigiu, por vezes, a supressão da democracia (2021, p. 192-193). A partir de Weinstein (2022, p. 577), é possível acrescentar que os discursos da modernidade baseados em raça, classe e gênero ainda têm sido elementos constitutivos na produção e reprodução de desigualdades - materiais, políticas e culturais. Contudo, é importante ressaltar que tal ideia de um “excepcionalismo paulista” não se deu, no contexto geral, de forma incontestada:

[...] essa identidade regional *cum* nacional que emergiu, aos poucos, desses espaços políticos, culturais e sociais nunca foi universalmente aceita. Grandes segmentos da população, composto por imigrantes ou migrantes em má situação, encarregados de trabalhos braçais mal remunerados, dificilmente engoliram inteiramente as invocações da excepcional

prosperidade de São Paulo. A comunidade afro-paulista, embora reivindicasse participação na modernidade e no progresso de São Paulo [...] contestava a equivalência entre branquitude e excepcionalismo [...]. (Weinstein, 2022, p. 579)

O que foi possível tomar nota com o trabalho é que os principais agentes contadores desta história institucionalizada pelo Museu, estudados neste trabalho e descendentes de imigrantes, em especial de origem italiana, se sentem responsáveis pela construção desta cidade-imaginário. Contudo, neste contexto, o que faz com que um indivíduo ou grupo se torne local? É possível considerar a constituição e existência do Museu como um sintoma do incômodo com a convivência de memórias/culturas distintas após a segunda onda migratória (durante a segunda metade do século XX)? Neste aspecto, de que forma é possível apreender hoje esta história, com a própria decadência do Museu e dos seus documentos?

Durante os séculos XIX e XX, as fazendas cafeeiras do Oeste Paulista foram grandemente forjadas nos princípios capitalistas. Ao passo que se investia grandemente na importação de novas tecnologias, adaptaram-se rapidamente àquilo que de mais moderno estava disponível para conceber um sistema que viabilizasse produzir mais e melhor, ao mesmo tempo que se investia sempre o mínimo possível na mão-de-obra (Benincasa, 2003, p.177). Contudo, as histórias dos grupos de trabalhadores foram contadas de maneiras distintas ao longo do tempo.

- **CAPÍTULO 03 | 3.3 Buscando o atípico e o comum: as imagens do Museu de Bocaina e um imaginário sobre a modernidade paulista**

No caso do Museu de Bocaina, é notório que se decidiu por contar uma história de superação:

Na década de 1990 Harald Weinrich (2001) nos lembrou, em seu brilhante livro *Lete*, que existe um lado totalmente diferente na filosofia moral do esquecimento, qual seja: a forma como lidamos com nossa dependência do esquecimento e, portanto, com a existência de uma teoria que nos permite evitar lembranças perturbadoras e, enfim, esquecê-las. A fim de esclarecer essa teoria do esquecimento, evoco uma regra única e trivial sem a qual seria impossível um uso produtivo do tempo – na vida cotidiana de qualquer pessoa e inclusive na mesa de trabalho dos eruditos. A regra comum a que me refiro é a que permite conciliar mesmo o inevitável dever de memória com o alívio psíquico produzido pelo esquecimento. Como dizem os burocratas, estabelece-se um “prazo” de interdição para o acesso às coisas que não devem ser esquecidas, o que nos libera, no presente, da perturbadora memória que produzem. (LÜBBE, 2016, p. 287)

Se faz importante relacionar que, do ponto de vista da instituição do Museu, aqueles sujeitos formadores do “grupo hegemônico” – imigrantes da primeira onda, para a lavoura do café – chegaram na cidade assim como os que, posteriormente – migrantes da “segunda onda”, para a lavoura canavieira e outras culturas – vieram, impulsionando o prolongamento da cidade e o incremento cultural. Sobre a

presença de migrantes em São Paulo e a questão da história mobilizada para a realização de trabalhos voltados à história do Estado, é interessante o exemplo das comemorações do quarto centenário da Capital Paulista, em 1954. No tópico intitulado “A História de Quem”, sobre tais comemorações, Weinstein descreve:

Os imigrantes se fizeram visíveis não só nos suplementos dos jornais, mas também em alguns eventos programados para o IV Centenário. Isso, em parte, foi um reflexo das contribuições financeiras que os segmentos mais prósperos das “colônias” de imigrantes estavam em condições de fazer para viabilizar certos eventos ou instalações. Mas também fica claro que a comissão organizadora aceitava prontamente sugestões de programação que festejassem a música espanhola ou a arte italiana, sobretudo em suas versões mais “eruditas”, apresentando-as como reconhecimentos à herança cultural das comunidades imigrantes/étnicas. (Weinstein, 2022, p. 499)

O único grupo de “imigrantes” que, a despeito de sua presença cada vez maior na força de trabalho da região, era rotineiramente omitido do universo daqueles que ajudaram a tornar São Paulo grande era o dos migrantes internos de Minas e do Nordeste. Nenhum suplemento de jornal festejou suas lutas e sacrifícios. Nenhum painel da Exposição Histórica ilustrou seu papel na história recente de São Paulo. O Nordeste somente aparecia na

- **CAPÍTULO 03 | 3.3 Buscando o atípico e o comum: as imagens do Museu de Bocaina e um imaginário sobre a modernidade paulista**

programação cultural do IV Centenário em conexão com o concurso de folclore, um contexto que reforçava a imagem daquela região como um “museu vivo” congelado no passado, uma região cujas tradições culturais autênticas ofereciam um contraste conveniente com a modernidade de São Paulo. (Weinstein, 2022, p. 502)

A trajetória do Museu e dos seus documentos dá, hoje, a noção de conflito que inclui desde a criação da instituição até o descaso com a conservação dos documentos. Contudo, é especialmente significativa a questão da mobilização dos fundadores do Museu, em especial o papel de Martha Nigro na concepção de um acervo de fotografias sobre a história local, elemento incomum em muitas localidades na região, principalmente municípios de pequeno porte, como a cidade de Bocaina. O trabalho e a atuação da Sra. Martha à frente da preservação do patrimônio local nos recortes aqui já evidenciados foi o fator determinante para a constituição do que atualmente é provável que seja a mais importante documentação pública sobre a história local que chega aos tempos presentes.

A análise das fotografias e seus aspectos materiais, da trajetória de fundação e estabelecimento do Museu e seus agentes compõem um panorama para se pensar historicamente o presente. O uso da imagem para a criação da cidade-imaginário excludente, enviesada e direcionada a contar uma história circunscrita por aspectos pré-selecionados é avessa à formação de uma memória social crítica sobre o local.

O desafio, portanto, está posto: como propor, nos dias de hoje, formas de uma atuação política crítica através destas imagens em paralelo com a sua conservação, construindo espaços para que elas atuem enquanto ferramenta emancipatória para um pensar historicamente?

- **CAPÍTULO 03 | 3.3 Buscando o atípico e o comum: as imagens do Museu de Bocaina e um imaginário sobre a modernidade paulista**

considerações

Os objetivos deste trabalho foram ancorados na possibilidade de, a partir do caso do Museu Histórico Municipal Ruth Bueno Pontes Nigro e seu agenciamento, estudar a relação da fotografia e da cidade. Tratou-se, portanto, de uma análise da curadoria, de um discurso de uma instituição pública/museu para entender a narrativa proposta. Neste sentido, o trabalho localizou a fotografia como construtora desta narrativa, organizada para a construção de identidade e de memórias.

O levantamento e as análises sobre a atuação do Museu de Bocaina podem caracterizar que ele se trata de um exemplo sobre como a memória foi e ainda vem sendo, em muitos casos, mobilizada para apresentar historicamente o passado paulista, negando conflitos e afirmando tendências em eleger, de maneira simplista, o passado como um lugar confortável.

Através do discurso imagético musealizado foi possível identificar a função estabelecida para os espaços rurais, essencialmente apresentado como o local de lazer, e urbano, bastante recortado e circunscrito a uma pequena porção da área total, nas imagens musealizadas sobre a história de Bocaina entre os séculos XIX e XX. Assim se fundamenta a cidade-imaginário do passado que responde, fortemente, às demandas do presente, tornando, então, tal imaginário como local de operação das imagens e, a partir disso, propondo um espaço para a construção da memória.

O trabalho destacou que, assim como ressaltou Andreas Huyssen, em “Seduzidos pela memória” (2000), a virada do século XIX para o XX, a Belle Époque, foi marcada pela perspectiva quase efusiva da capacidade técnica da humanidade enquanto a virado do milênio, do século XX para o XIX, ao contrário disso, se constitui quase como uma distopia que faz com que se volte ao passado. Neste momento, a nostalgia é que marca o olhar.

O período de fundação do Museu é antecedido por uma série de mudanças no perfil citadino que mobiliza sua fundação e a composição do acervo. Tais mudanças se caracterizam principalmente pela transformação do perfil produtivo dominante local – a substituição da monocultura cafeeira pela canavieira – e das novas formas de trabalho e de ocupação dos espaços urbanos e rurais. Há uma desestabilização dos grupos que já ocupavam o local há algumas gerações e é isto que, *a priori*, fez com que os agentes deste museu “se seduzissem” por este passado. Nesse sentido, o Museu apresenta a cidade-imaginário que, ao mesmo tempo, responde àquilo que vem se perdendo na cidade real, tanto na perspectiva da memória como da identidade coletiva. Como ficou demonstrado, este processo se dá através da operacionalização da memória musealizada, uma operacionalização ideológica, pois está no campo das imagens, das emoções, da identidade, do afetivo.

Fica evidente, com os aspectos acima destacados e a própria aferição feita com as análises, que, em sua maioria, os motivos musealizados já estavam dados desde a coleta das imagens. Não se tratou, portanto, de algo apartado do resultado, produto de uma última seleção. Tratou-se sim de um percurso que já tinha por princípio a ideia que se apresentou ao final. A utilização, em especial, das imagens provenientes de cartões-postais já era, desde o princípio, uma pista daquilo que o Museu propunha. Isto porque o gênero foi, essencialmente e desde o século XX, uma forma de recortar do enquadramento as populações menos favorecidas para enquadrar melhoramentos urbanos, resultando em imagens com “cara europeia”. O cartão postal foi, por excelência, uma forma de veiculação da Belle Époque e não é por acaso que é a partir deste formato que as imagens do Museu foram, em sua maioria, compostas.

Estes aspectos não formam um caso isolado do Museu de Bocaina, como foi possível averiguar. As análises críticas sobre as instituições museais demonstram que, no Brasil, muitas vezes, estas instituições foram instrumentalizadas a privilegiar determinada classe, determinada forma de vida, determinada cor, foram fundamentadas no princípio de construir espaços-refúgio de apoio ideológico para a manutenção de uma hierarquia de interesse das classes de poder há muito tempo instituídas.

Em suas aulas publicadas em formato de livro nomeado “Em defesa da sociedade”, Foucault traça um percurso possível para investigar mecanismos de poder. Contudo, relata:

Eu creio que o processo que tornou fundamentalmente possível o discurso das ciências humanas foi a justaposição, o enfrentamento de dois mecanismos e de dois tipos de discursos absolutamente heterogêneos: de um lado, a organização do direito em torno da soberania, do outro, a mecânica das coerções exercidas pelas disciplinas. Que, atualmente, o poder se exerça ao mesmo tempo através desse direito e dessas técnicas, que essas técnicas da disciplina, que esses discursos nascidos da disciplina invadam o direito, que os procedimentos da normalização colonizem cada vez mais os procedimentos da lei, e isso, acho eu, que pode explicar o funcionamento global daquilo que eu chamaria uma “sociedade de normalização”. (Foucault, 2005, p. 46)

No texto de Foucault, entre outras questões, é relatado que o limite do poder se encontra, por um lado, com o direito – que delibera as ações – e do outro com a verdade. Para o autor, o poder não para de questionar, de nos questionar, não para de inquirir, de registrar; ele institucionaliza a busca da verdade, ele a profissionaliza, ele a recompensa (Foucault, 2005, p.29). Sobre os métodos de uma pesquisa que pretende aferir mecanismo de poder, o autor relata o seguinte:

[...] em vez de orientar a pesquisa sobre o poder para o âmbito do edifício jurídico da soberania, para o âmbito dos aparelhos de Estado, para o âmbito das ideologias que o acompanham, creio que se deve orientar a análise do poder para o âmbito da dominação (e não da soberania), para o âmbito dos operadores materiais, para o âmbito das formas de sujeição, para o âmbito das conexões e utilização dos sistemas locais dessa sujeição e para o âmbito, enfim, dos dispositivos de saber. (Foucault, 2005, p. 40)

Nesse viés, considerando a instituição analisada como um dispositivo de saber local, a ação de pesquisa aqui relatada trata-se da nossa tentativa de desestabilização desses arquivos (Farmer, 2018) institucionalizados. Isto, por meio da desmistificação de aspectos que creditam documentos e arquivos como detentores de uma história completa.

Em relação à arquivística, a bibliografia ocidental atuou para a demarcação do campo de atuação do arquivo como lugar referencial, lugar onde se vai grato. Enquanto agente, o arquivo é responsável por preservar e expor uma história como uma – em meio a tantas outras – promessa de passado. Por isso, buscou-se questionar os limites dos documentos manuseados nesta pesquisa e suas práticas de esquecimento – práticas nas quais se calca, essencialmente, o próprio processo de seleção/classificação. O trabalho consiste em uma tentativa de tornar mais complexos os domínios de quem fala – pesquisador –, de quem escuta – aqueles

que farão uso dos arquivos manuseados por esse trabalho – e da relação entre ambos (Nadai, 2021).

bibliografia

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. Coleção Feminismos Plurais. Coord. Djamila Ribeiro e Sueli Carneiro. Editora Jandaíra, 2021. 7ª reimpressão. São Paulo, 2022.

AQUINO, Lívia. **Picture Ahead: a Kodak e a construção de um turista-fotógrafo**. Ministério da Cultura, FUNART, 1ª ed., São Paulo, 2016.

AZEVEDO, Jussara Moreira. **O enquadramento: um olhar sobre a cidade, a fotografia e sua história**. 1º Colóquio Internacional de História Cultural da Cidade, p. 456-470, Porto Alegre, 2015.

AZOULAY, Ariella. 2011. **Archive. Political Concepts: A Critical Lexicon**, v. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.politicalconcepts.org/archive-ariella-azoulay/>>. Acesso em 23.04.2021.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984.

BASSANEZI, Maria Sílvia Beozzo. **Colonos do Café**. Editora Contexto. São Paulo, 2019.

BASSANEZI, Maria S. B., SCOTT, Ana S. V., BACELLAR, Carlos de A. P., TRUZZI, Oswaldo M. S. **Atlas da Imigração Internacional em São Paulo - 1850-1950**. Editora UNESP. São Paulo, 2008.

BEMVINDO, Vitor. **“Escovar a história a contrapelo”: contribuições de Walter Benjamin para a concepção dialética da história**. Revista Trabalho Necessário, Vol.18, Nº 35, p. 20-37, janeiro-abril 2020.

BENINCASA, Vladimir. **Velhas Fazendas. Arquitetura e cotidiano nos Campos de Araraquara 1830-1930**. EdUFSCar. São Carlos-SP, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. Organização, tradução e notas críticas: Adalberto Müller, Márcio Seligmann-Silva. Edição crítica. Editora Alameda, São Paulo-SP, 2020.

BONANI, Júlio César Martins. **Monoculturas Cafeeira e Canavieiras em Bocaina**. Editora Nosde. Mafra, sc. 1996.

CARVALHO, Vânia de, LIMA, Solange Ferraz. **Fotografia e Sociedade. Como fica a pesquisa com os retratos de Militão?** Revista de História 137, pg.173-177. FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

CHALHOUN, Sidney. **A força da escravidão. Ilegalidade e costume no Brasil oitocentista**. Companhia das Letras, 1ª ed. São Paulo, 2012.

COLISTETE, Renato Perim. **Regiões e Especialização na Agricultura Cafeeira: São Paulo no Início do Século XX**. RBE, Rio de Janeiro, v. 69, n. 3, p. 331-354, Jul-Set 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbe/v69n3/0034-7140-rbe-69-03-0331.pdf>>. Acesso em 18.10.2019.

COSTA, Luiz Augusto Maia. **O ideário urbano paulista na virada do século. O engenheiro Theodoro Sampaio e as questões territoriais e urbanas modernas (1886-1903)**. Editora Rima. São Carlos, 2003.

DIRKS, Nicholas B. **Autobiography of an archive. A scholar's passage to India**. Columbia University Press. Nova York, 2015.

EDWARDS, Elizabeth. **Photographs and History. Emotion and materiality. In Museum Materialities. Objects, Engagements, Interpretations**. Org. Sandra H. Dudley. London New York : Routledge, 2010.

FABRIS, Annateresa. **Fotografia. Usos e funções no século XIX**. Edusp. São Paulo, 1991.

FARMER, Ashley. **Archiving while Black**. Black Perspectives, 2018. Disponível em: <<https://www.aaihs.org/archiving-while-black/>>. Acesso em 23.04.2021.

FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento, COSTA, Juliana Carolina Oliveira. **História da Imigração. (1830-1880)** In História da Imigração. Org. Luís Reznik. FGV Editora, 1ª ed., Rio de Janeiro, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976)**. Editora Martins Fontes, 2005, p. 03-72.

FURLANETO, Walmir. **Uma Cidade e um Pouco de sua História**. Volume II. 2003.

GABRIEL, Maria Helena. **Matriz de São João Batista: Arquitetura Sagrada e Eclética em Bocaina/SP**. Monografia de iniciação científica apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP). Bauru-SP, 2018.

GHIRARDELLO, Nilson. **À Beira da Linha: Formações Urbanas da Noroeste Paulista**. Editora UNESP. São Paulo, 2002.

GONÇALVES, Paulo César. **Mercado de Braços. Riqueza e Acumulação na Organização da Emigração Europeia para o Novo Mundo**. Tese (doutorado) apresentada ao Departamento de História do PPG-FFLCH/USP. São Paulo, 2008.

GUARANÁ, Armino. **O Dicionário Biobibliográfico Sergipano**. Editora Pongetti. Rio de Janeiro, 1925. Disponível em <<https://fontesalencarinas.files.wordpress.com/2018/03/a-guaranc3a1-dic-biobibliogrc3a1fico-sergipano.pdf>>. Acesso em 26.05.2023.

HARAWAY, Donna. **Primate Visions: Gender, Race and Nature in the World of Modern Science**. New York and London: Routledge, 1989.

HARPRING, Patrícia. Introdução aos **Vocabulários Controlados. Terminologia para arte, arquitetura e outras obras culturais**. Getty Research Institute. Tradução Christina Maria Müller. ACAM Portinari. São Paulo, 2016.

HUYSSSEN, Andreas. **Escapando da Amnésia. O museu como cultura de massa**. Trad. Valéria Lamego. Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, n. 23, p. 31-54, 1994. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6591947/mod_resource/content/1/REVIST

A%20DO%20IPHAN%20N%C2%BA%2023%20ANO%201994%20%281%29-31-54.pdf>. Acesso em 31.04.2023.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória. Arquitetura, Monumento, Mídia**. Trad. Sérgio Alcides. Aeroplano Editora, Universidade Candido Mendes, Museu de Arte Moderna-RJ. Rio de Janeiro, 2000

KENNEDY, Nora, MUSTARDO, Peter. **Preservação de Fotografias: Métodos básicos para salvaguardar suas coleções**. Cadernos de conservação fotográfica - FUNART. Vol. 2, 3ed. P.17-26. Rio de Janeiro, 2004.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da Fotografia. O efêmero e o perpétuo**. Ateliê Editorial, 3ª edição, Cotia-SP, 2014.

KRAUSS, Rosalind. **O fotográfico**. Trad. Anne Mari e Davée. Editora Gustavo Gili. Barcelona, 2002.

LIMA, André Luís. **Imagens da cidade. A evolução urbana de Itu através da fotografia**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP). São Paulo, 2014.

LIMA, Solange Ferraz. **As imagens da Imagem do Sesc**. Edições SESC. São Paulo, 2014.

LIMA, Solange Ferraz de, CARVALHO, Vânia Cordeiro de. **Fotografia e Cidade. Da razão urbana à lógica de consumo. Álbuns de São Paulo (1887-1954)**. Editora Mercado das Letras. São Paulo, 1997.

LIMA, Solange Ferraz de. CARVALHO, Vânia Carneiro de. **São Paulo antigo: imagens sempre presentes**. In Passados Imaginados. Museu do Ipiranga - USP. Coord. Paulo César Garcez Marins. Edusp, 1ª ed., 1ª reimpressão, p. 104 a 119. São Paulo-SP, 2023.

LIMA, Solange Ferraz de, SILVA, Rodrigo. **Para entender o Museu**. In Para entender o museu. Museu do Ipiranga - USP. Coord. Solange Ferraz de Lima. Edusp, 1ª ed., 1ª reimpressão, p. 14 a 33. São Paulo-SP, 2022.

LOPES, Tabita Tiede. **A família Prado em São Paulo: Imigração e branqueamentos em fins do século XIX**. I Seminário Internacional Brasil do Século XIX. UFES. 2013.

LÜBB, Hermann. **Esquecimento e historicização da memória**. Revista Estudos Históricos, vol. 29, n. 57, p. 285-300. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/eh/a/VrCr3ThRykgpwZ3jBWg7jxf/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 12.06.2023.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **O Plano e o Pânico. Os Movimentos Sociais na Década da Abolição**. Edusp, 2ª ed. rev., São Paulo, 2010.

MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. Editora Siciliano. São Paulo, 1995.

MARQUESE, Rafael de Bivar. **Os tempos plurais da escravidão no Brasil. Ensaios de História e Historiografia**. Editora Intermeios; USP – Programa de Pós-Graduação em História Social, Coleção Entre(H)istória. São Paulo, 2020.

MARQUESE, Rafael de Bivar. **Revisitando casas-grandes e senzalas: a arquitetura das plantations escravistas americanas no século XIX**. Anais do Museu Paulista, v. 14, n.1 e 2. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. P. 11-57.

MARQUESE, Rafael e SALLES, Ricardo. **A escravidão no Brasil oitocentista: história e historiografia**. In: MARQUESE, Rafael e SALLES, Ricardo (orgs.). Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil, Estados Unidos. Civilização Brasileira, p. 99-161. Rio de Janeiro, 2016.

MATOS, A. S.. **Pentecostalismo: traços históricos** [Entrevista concedida a] Graziela Wolfart. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 329, p. 8-11, 17 mai

2010. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao329.pdf>.

MATOS, Maria Izilda Santos. **Do Público Para o Privado. Redefinindo espaços e atividades femininas (1890-1930)**. Cadernos Pagu, n. 4, 1995, p.97-115.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história interfaces**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n°. 2, 1996, p. 73-98.

McCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial. Raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Tradução Plínio Dentzien. Editora da Unicamp. Campinas, 2010.

MAGALHÃES, Angela, PEREGRINO, Nadja. **Fotografia no Brasil: um olhar das origens ao contemporâneo**. Funarte, Ministério da Cultura, 2004.

MENDES, Ricardo. **Pensamento Crítico em Fotografia. Antologia Brasil, 1890-1930**. XII Prêmio Marc Ferrez de Fotografia 2012. FUNARTE, Ministério da Cultura, 2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações**. In. Arquivos, Patrimônio e Memória. Trajetórias e Perspectivas. Org. Zélia Lopes da Silva. Editora Unesp. São Paulo, 1999. P. 11-29.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais**. Revista Instituto Estudos Brasileiros, n. 34, p. 09 a 24. São Paulo, 1992.

MENEZES, Lená Medeiros. **Imigração: aportes historiográficos**. In História da Imigração. Org. Lus Reznik. FGV Editora, 1ª ed. p. 17-38. Rio de Janeiro, 2020.

MONTEIRO, Charles. **História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa**. MÉTIS: história & cultura – v. 5, n. 9, p. 11-23, jan./jun. 2006.

NADAI, Larissa. Trecho de fala em aula durante a disciplina "**Arquivos, fontes e documentos na fronteira entre antropologia e história**", do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social abrigado no Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, durante o segundo semestre de 2021.

NAVARO-YASHIN, Yael. **Make-believe papers, legal forms and the counterfeit. Affective interactions between documents and people in Britain and Cyprus**. Anthropological Theory. SAGE Publications. London, Los Angeles, New Delhi and Singapore, 2007.

OLIVEIRA, Joana D'arc de. **Da senzala para onde? Negros e negras no pós-abolição em São Carlos-SP (1880-19100)**. Fundação Pró-Memória de São Carlos. São Carlos, 2018.

O Imaginário é uma realidade. Entrevista com Michel Maffesoli. Revista FAMECOS, nº 15. Porto Alegre, agosto de 2001. Disponível em <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395>>. Acesso em 06.05.2023.

PAIVA, Odair da Cruz. **Histórias da (I)migração: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XX**. Coleção Ensino e Memória 2. Arquivo Público do Estado. São Paulo, 2013

PAOLI, Maria Célia. **Memória, história e cidadania: o direito ao passado**. In O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo. DPH, 1992, p. 25-28.

PARKER, Theodoro. **Elemento Servil. Estudo**. Biblioteca do Senado Federal, vol. 326. Rio de Janeiro, 1871.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto**. Revista Esboços. Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, n. 11. Florianópolis, SC.

PETRI, Kátia Cristina. "**Braços para a lavoura**": a subvenção paulista para imigração (1886-1896). Revista Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade. PUC São Paulo. 2010.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Fotografia e cidade**. ArtCultura, v. 10, n. 16, p. 67-77, Uberlândia, 2008. Disponível em <<https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1497/2752>>. Acesso em 06.05.2023.

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. Tradução Contancia Egrejas. Editora Senac, São Paulo, 2009.

SANDERS, Kimberly Wallace. **Mammy: a century or race, gender and southern memory**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, p. 13-31; 58-72. 2008.

SCHVAMBACH, Janaina. **A memória da cidade através das fotografias impressas no Almanaque de Pelotas**. Educação para o patrimônio em estudos interdisciplinares. Editora Universitária da UFPel. Pelotas, 2009.

SILVA, Armando. **Álbum de Família. A imagem de nós mesmos**. Trad. Sandra Martha Dolinsky. Editora Senac São Paulo e Edições SESC SP. São Paulo, 2008.

SILVA, Eduardo. **As camélias do Leblon e a abolição da escravatura. Uma investigação de história cultural**. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 2003.

SOUSA, Adriano Amaro. **A Formação Histórica do Oeste Paulista: alguns apontamentos sobre a introdução da imigração japonesa**. Geografia em Atos, n.8, v.1. UNESP. Presidente Prudente, 2008.

SOUZA, Daniel Rodrigo Meirinho de. **A fotografia enquanto representação do real: a identidade visual criada pelas imagens dos povos do médio oriente publicadas na National Geographic**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação da

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2009.

SPYER, Juliano. **Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam.** Editora Geração, 1ª ed. São Paulo, 2020.

SZMRECSÁNYI, Tamás, MOREIRA Eduardo Pestana. **O desenvolvimento da agroindústria canavieira do Brasil desde a Segunda Guerra Mundial.** Rev. Estudos, IEA-USP. São Paulo, 1991. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ea/a/P6gPtw7fpBgGyxpgLDckfSy/?lang=pt>>. Acesso em 05.06.2023.

TANAMI, Marcelo. **Retratos e postais: história da técnica e percurso de fotógrafos na cidade de São Paulo entre os anos de 1850 a 1915.** Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2019.

TOSETTO, Guilherme. **Usos e lugares da fotografia nos museus de arte.** Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **O poder na estória.** In: *Silenciando o passado: poder e a produção da história.* Trad. Sebastião Nascimento. Editora Huya, p. 19-52. Curitiba, 2016.

TURAZZI, Maria Inês. **Uma Cultura Fotográfica.** In: Revista do Patrimônio, n. 27, 1998, IPHAN.

TRUZZI, Oswaldo. **Café e Indústria (1850-1950).** EdUFSCar, 3ª edição. São Carlos-SP, 2021.

TRUZZI, Oswaldo. **Italianidade no interior paulista.** Editora Unesp, 1. Ed. São Paulo, 2016.

ZOLIO, Julciléa Cristina. Lugares Esquecidos. **A preservação do patrimônio no interior paulista: investigação sobre as cidades de Dourado e Nova Europa.** Dissertação

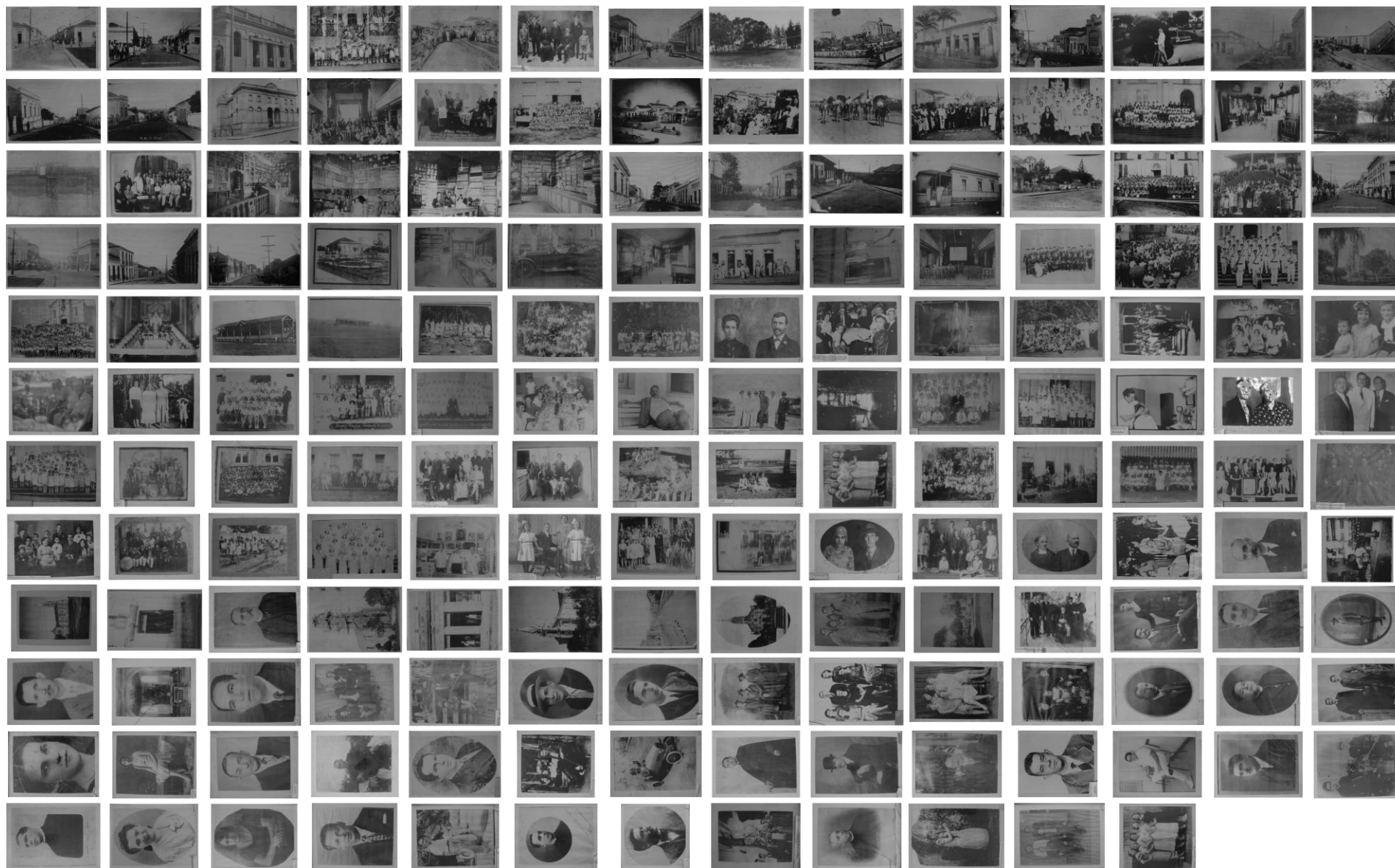
(mestrado) apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - USP. São Paulo, 2011.

WEINSTEIN, Barbara. **A cor da modernidade. A branquitude e a formação da identidade paulista.** Trad. Ana Maria Fiorini. Editora da Universidade de São Paulo - Edusp. São Paulo, 2022.

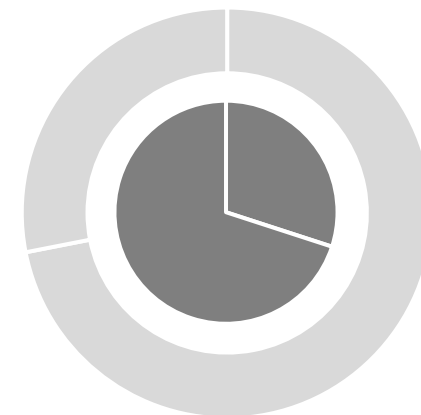
WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário.** Editora Loyola. São Paulo, 2007.

quadros de análise – vocabulário
controlado

Apêndice A



CATEGORIA ANALISADA



- % documentos do conjunto musealizado
- % documento do conjunto originário

Referências metodológicas

CARVALHO, Vânia de, LIMA, Solange Ferraz. **Fotografia e Sociedade. Como fia a pesquisa com os retratos de Militão?** Revista de História 137, pg.173-177. FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

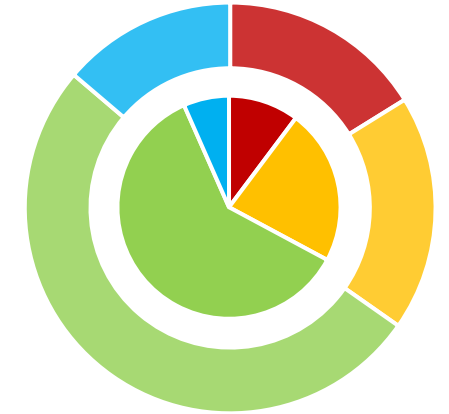
DALL'OLIO, Rafael Luis dos Santos. **Representação da paisagem brasileira por lentes francesas: um estudo de caso.** Dissertação apresentada ao programa de mestrado da FFLCH-USP. São Paulo, 2012.

LIMA, Solange Ferraz. **As imagens da Imagem do Sesc.** Edições SESC. São Paulo, 2014.

LIMA, Solange Ferraz. **São Paulo na Virada do Século: A Imagens da Razão Urbana. A cidade nos álbuns fotográficos de 1887-1919.** Dissertação de mestrado apresentada à FFLCH-USP, Departamento de História, Área de História Social. São Paulo, 1995.

LIMA, Solange Ferraz de, CARVALHO, Vânia Cordeiro de. **Fotografia e Cidade.** Editora Mercado das letras. São Paulo, 1997.

(1) CATALISADOR/VETOR



- Espaço
- Atividade
- Personagem
- Objeto

Referências metodológicas

CARVALHO, Vânia de, LIMA, Solange Ferraz. **Fotografia e Sociedade. Como fia a pesquisa com os retratos de Militão?** Revista de História 137, pg.173-177. FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

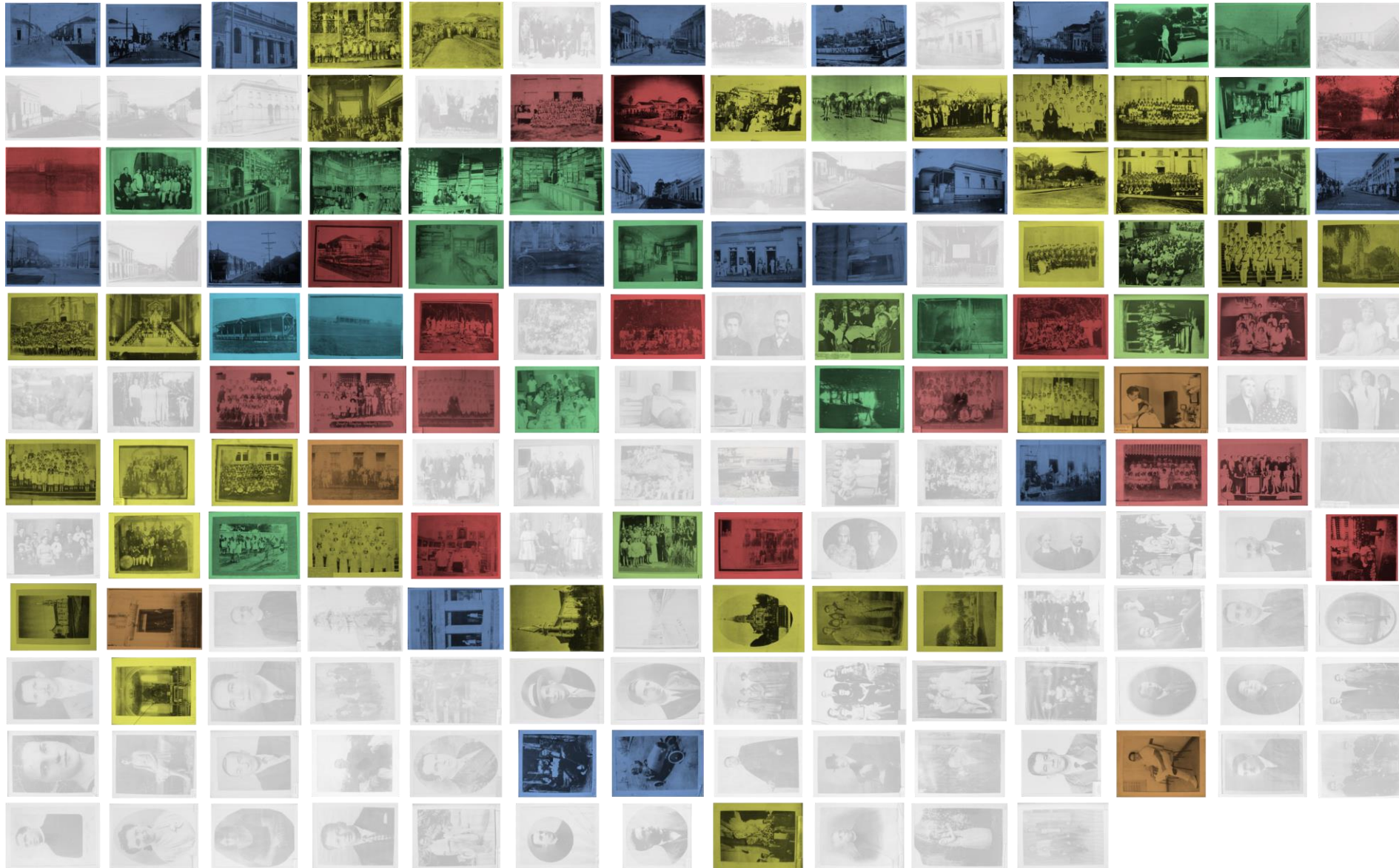
DALL'OLIO, Rafael Luis dos Santos. **Representação da paisagem brasileira por lentes francesas: um estudo de caso.** Dissertação apresentada ao programa de mestrado da FFLCH-USP. São Paulo, 2012.

LIMA, Solange Ferraz. **As imagens da Imagem do Sesc.** Edições SESC. São Paulo, 2014.

LIMA, Solange Ferraz. **São Paulo na Virada do Século: A Imagens da Razão Urbana. A cidade nos álbuns fotográficos de 1887-1919.** Dissertação de mestrado apresentada à FFLCH-USP, Departamento de História, Área de História Social. São Paulo, 1995.

LIMA, Solange Ferraz de, CARVALHO, Vânia Cordeiro de. **Fotografia e Cidade.** Editora Mercado das letras. São Paulo, 1997.

(2) ÁREA DE ATUAÇÃO



- Educação
- Saúde
- Festividade
- Esporte
- Lazer
- Cultura
- Trabalho
- Cotidiano

Referências metodológicas

CARVALHO, Vânia de, LIMA, Solange Ferraz. **Fotografia e Sociedade. Como fia a pesquisa com os retratos de Militão?** Revista de História 137, pg.173-177. FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

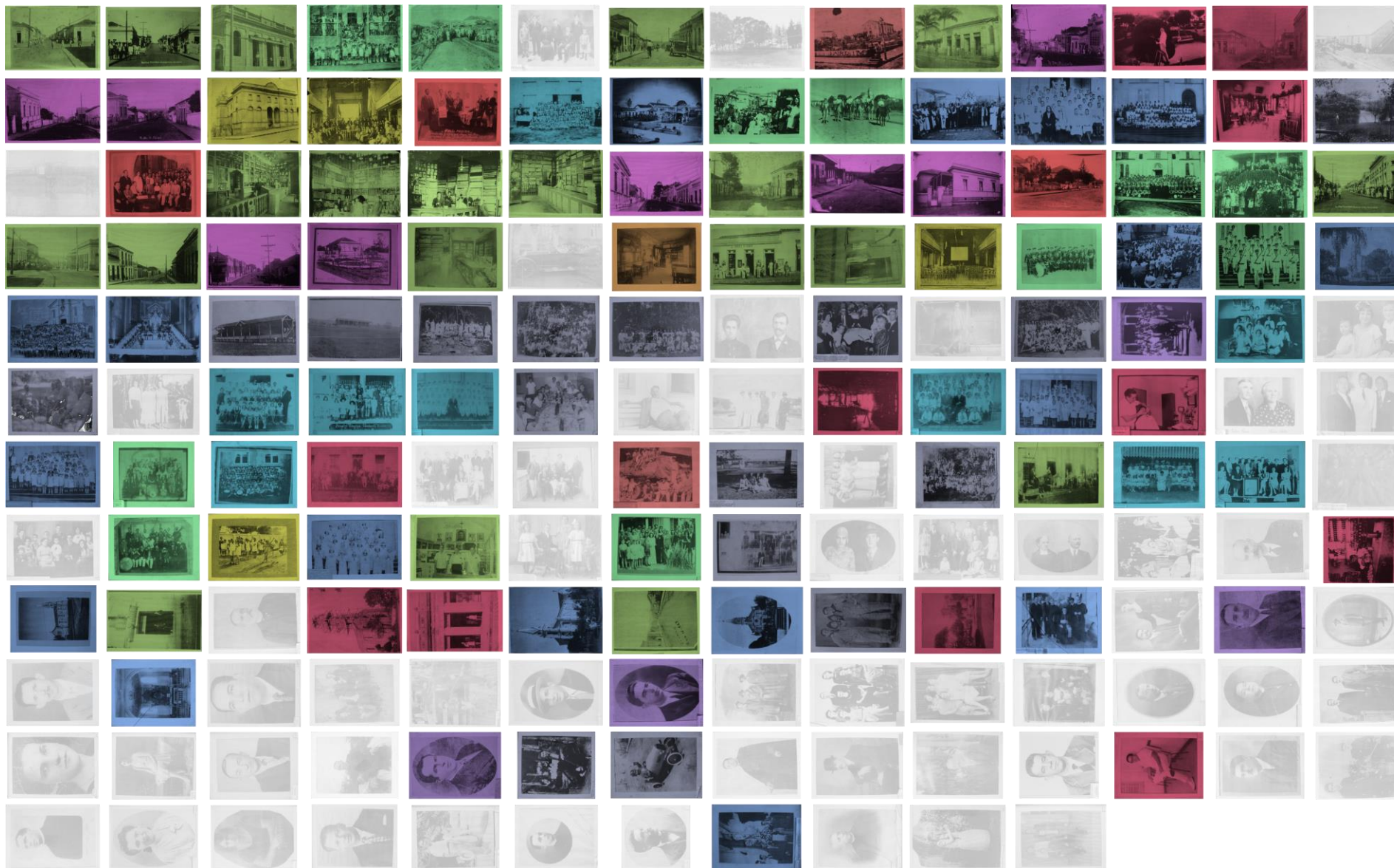
DALL'OLIO, Rafael Luis dos Santos. **Representação da paisagem brasileira por lentes francesas: um estudo de caso.** Dissertação apresentada ao programa de mestrado da FFLCH-USP. São Paulo, 2012.

LIMA, Solange Ferraz. **As imagens da Imagem do Sesc.** Edições SESC. São Paulo, 2014.

LIMA, Solange Ferraz. **São Paulo na Virada do Século: A Imagens da Razão Urbana. A cidade nos álbuns fotográficos de 1887-1919.** Dissertação de mestrado apresentada à FFLCH-USP, Departamento de História, Área de História Social. São Paulo, 1995.

LIMA, Solange Ferraz de, CARVALHO, Vânia Cordeiro de. **Fotografia e Cidade.** Editora Mercado das letras. São Paulo, 1997.

(3) ATIVIDADE



- Abastecimento
- Alimentação
- Comercial
- Educativa
- Lazer
- Residencial
- Esporte
- Administrativa
- Cívica
- Cultural
- Religiosa
- Política
- Serviços

Referências metodológicas

CARVALHO, Vânia de, LIMA, Solange Ferraz. **Fotografia e Sociedade. Como fia a pesquisa com os retratos de Militão?** Revista de História 137, pg.173-177. FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

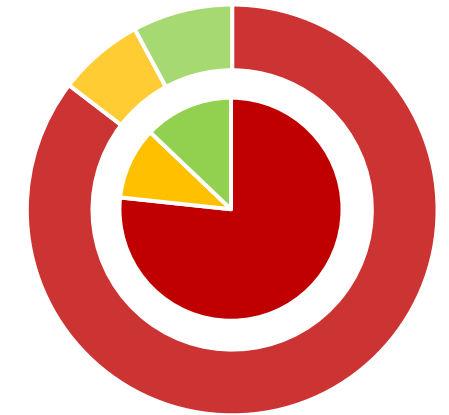
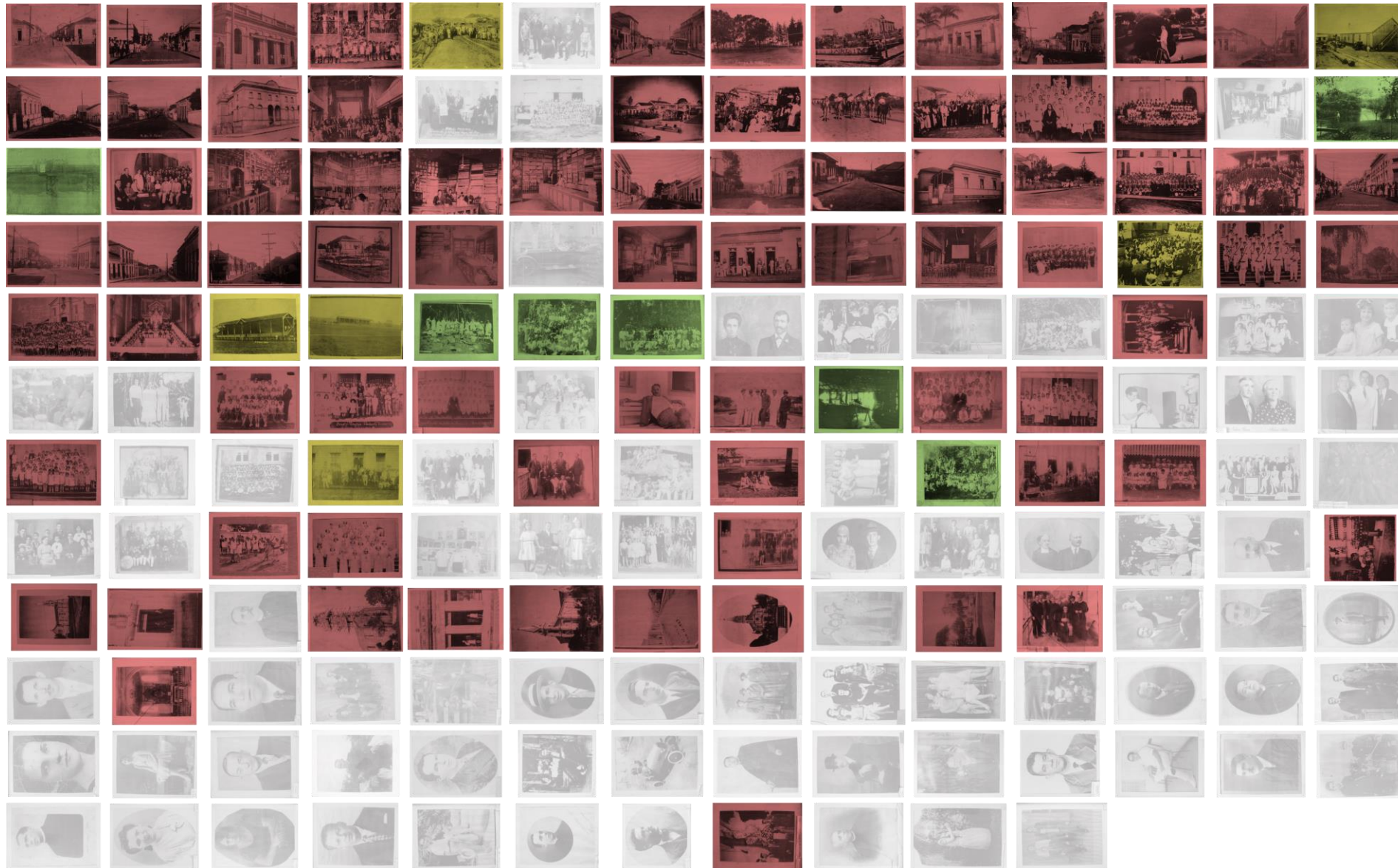
DALL'OLIO, Rafael Luis dos Santos. **Representação da paisagem brasileira por lentes francesas: um estudo de caso.** Dissertação apresentada ao programa de mestrado da FFLCH-USP. São Paulo, 2012.

LIMA, Solange Ferraz. **As imagens da Imagem do Sesc.** Edições SESC. São Paulo, 2014.

LIMA, Solange Ferraz. **São Paulo na Virada do Século: A Imagens da Razão Urbana. A cidade nos álbuns fotográficos de 1887-1919.** Dissertação de mestrado apresentada à FFLCH-USP, Departamento de História, Área de História Social. São Paulo, 1995.

LIMA, Solange Ferraz de, CARVALHO, Vânia Cordeiro de. **Fotografia e Cidade.** Editora Mercado das letras. São Paulo, 1997.

(4) LOCALIZAÇÃO



- Centro
- Bairro
- Rural

Referências metodológicas

CARVALHO, Vânia de, LIMA, Solange Ferraz. **Fotografia e Sociedade. Como fia a pesquisa com os retratos de Militão?** Revista de História 137, pg.173-177. FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

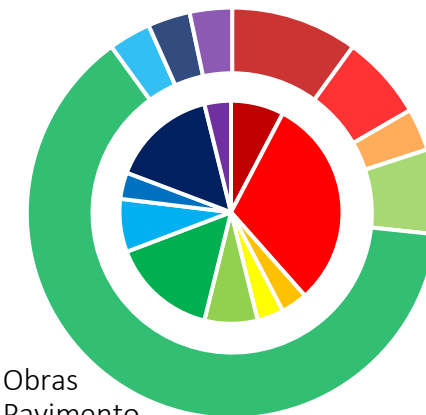
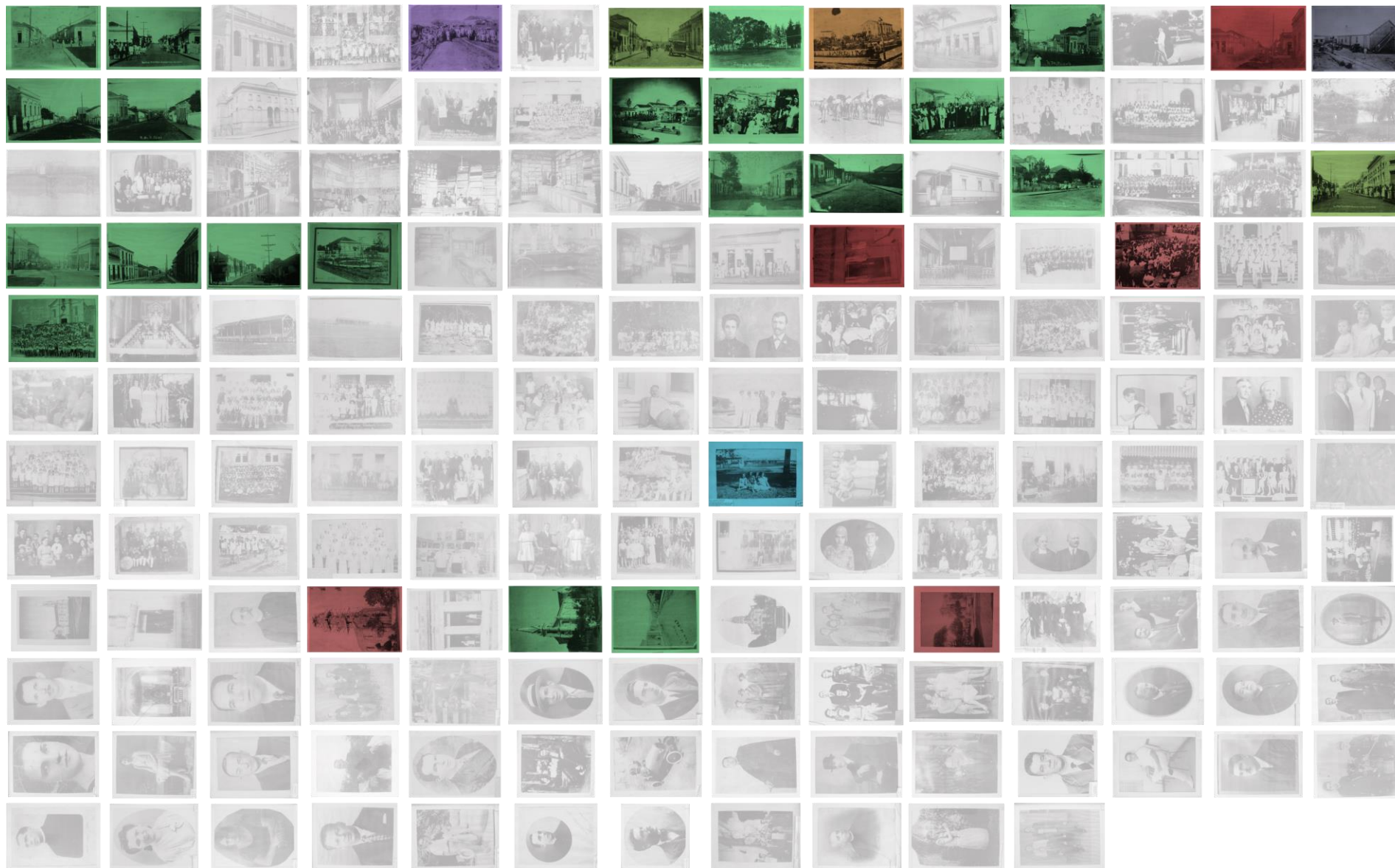
DALL'OLIO, Rafael Luis dos Santos. **Representação da paisagem brasileira por lentes francesas: um estudo de caso.** Dissertação apresentada ao programa de mestrado da FFLCH-USP. São Paulo, 2012.

LIMA, Solange Ferraz. **As imagens da Imagem do Sesc.** Edições SESC. São Paulo, 2014.

LIMA, Solange Ferraz. **São Paulo na Virada do Século: A Imagens da Razão Urbana. A cidade nos álbuns fotográficos de 1887-1919.** Dissertação de mestrado apresentada à FFLCH-USP, Departamento de História, Área de História Social. São Paulo, 1995.

LIMA, Solange Ferraz de, CARVALHO, Vânia Cordeiro de. **Fotografia e Cidade.** Editora Mercado das letras. São Paulo, 1997.

(5) INFRAESTRUTURA



- Obras
- Pavimento
- Reserv. de água
- Trat. de esgoto
- Bomba de combustível
- Iluminação
- Estação ferroviária
- Estação rodoviária
- Trilho
- Ponte

Referências metodológicas

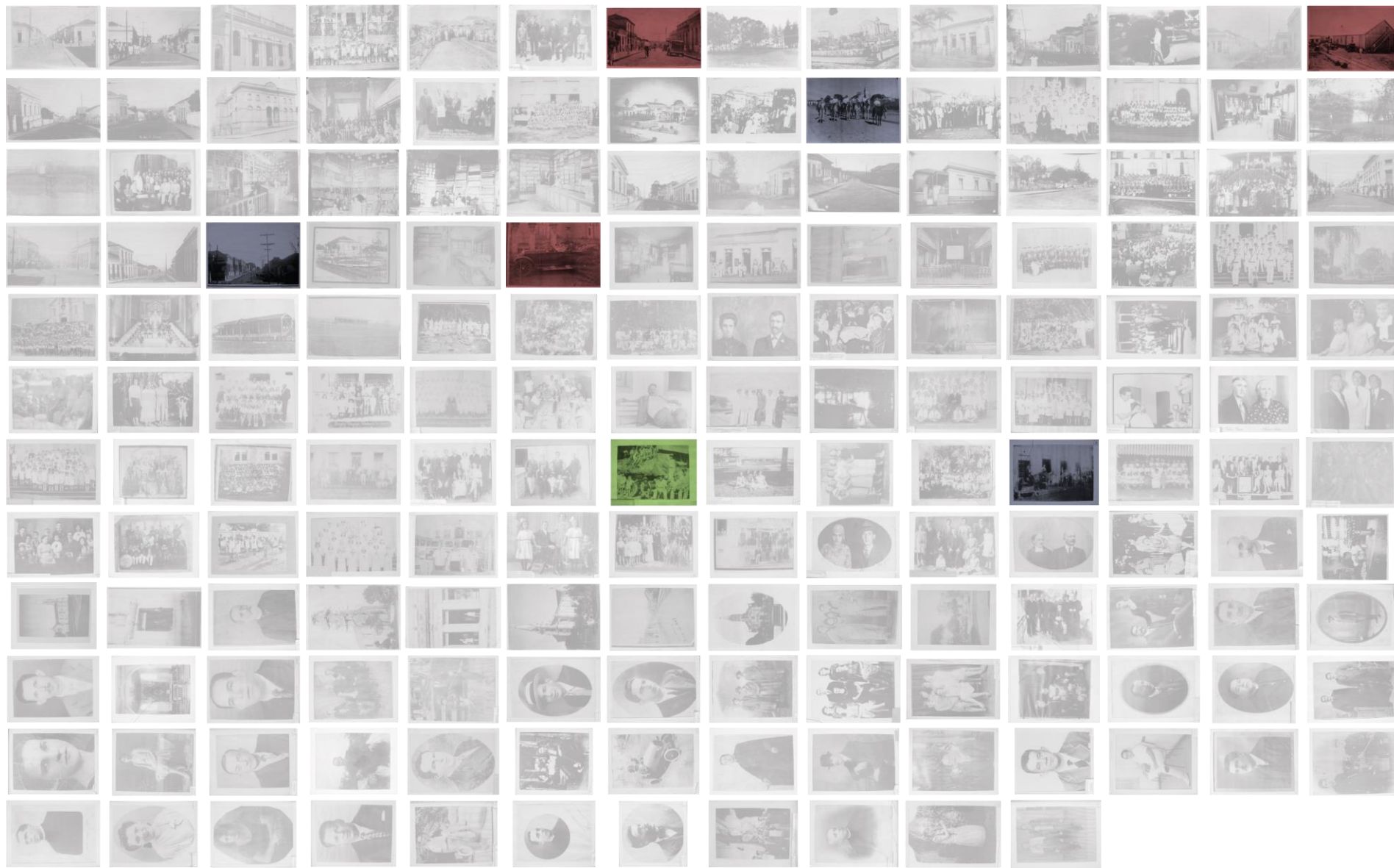
CARVALHO, Vânia de, LIMA, Solange Ferraz. **Fotografia e Sociedade. Como fia a pesquisa com os retratos de Militão?** Revista de História 137, pg.173-177. FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

DALL'OLIO, Rafael Luis dos Santos. **Representação da paisagem brasileira por lentes francesas: um estudo de caso.** Dissertação apresentada ao programa de mestrado da FFLCH-USP. São Paulo, 2012.

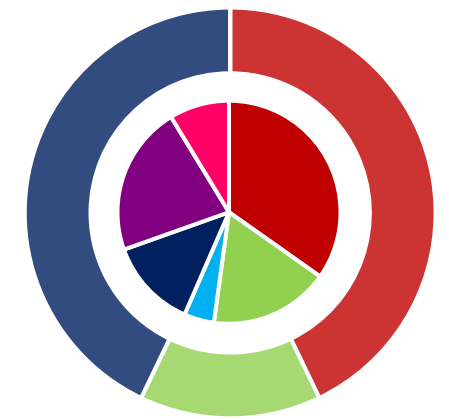
LIMA, Solange Ferraz. **As imagens da Imagem do Sesc.** Edições SESC. São Paulo, 2014.

LIMA, Solange Ferraz. **São Paulo na Virada do Século: A Imagens da Razão Urbana. A cidade nos álbuns fotográficos de 1887-1919.** Dissertação de mestrado apresentada à FFLCH-USP, Departamento de História, Área de História Social. São Paulo, 1995.

LIMA, Solange Ferraz de, CARVALHO, Vânia Cordeiro de. **Fotografia e Cidade.** Editora Mercado das letras. São Paulo, 1997.



(6) ELEMENTO MÓVEL - TRANSPORTE



- Automóvel
- Caminhão
- Trem
- Transporte por tração animal
- Bicicleta
- Trator

Referências metodológicas

CARVALHO, Vânia de, LIMA, Solange Ferraz. **Fotografia e Sociedade. Como fia a pesquisa com os retratos de Militão?** Revista de História 137, pg.173-177. FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

DALL'OLIO, Rafael Luis dos Santos. **Representação da paisagem brasileira por lentes francesas: um estudo de caso.** Dissertação apresentada ao programa de mestrado da FFLCH-USP. São Paulo, 2012.

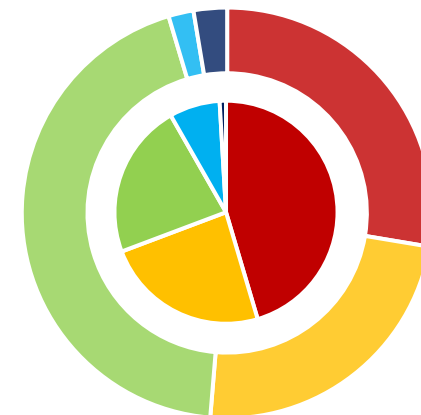
LIMA, Solange Ferraz. **As imagens da Imagem do Sesc.** Edições SESC. São Paulo, 2014.

LIMA, Solange Ferraz. **São Paulo na Virada do Século: A Imagens da Razão Urbana. A cidade nos álbuns fotográficos de 1887-1919.** Dissertação de mestrado apresentada à FFLCH-USP, Departamento de História, Área de História Social. São Paulo, 1995.

LIMA, Solange Ferraz de, CARVALHO, Vânia Cordeiro de. **Fotografia e Cidade.** Editora Mercado das letras. São Paulo, 1997.



(7) PERSONAGEM POR INCIDÊNCIA



- Pessoa
- Pessoas
- Grupo
- Grupos
- Multidão

Referências metodológicas

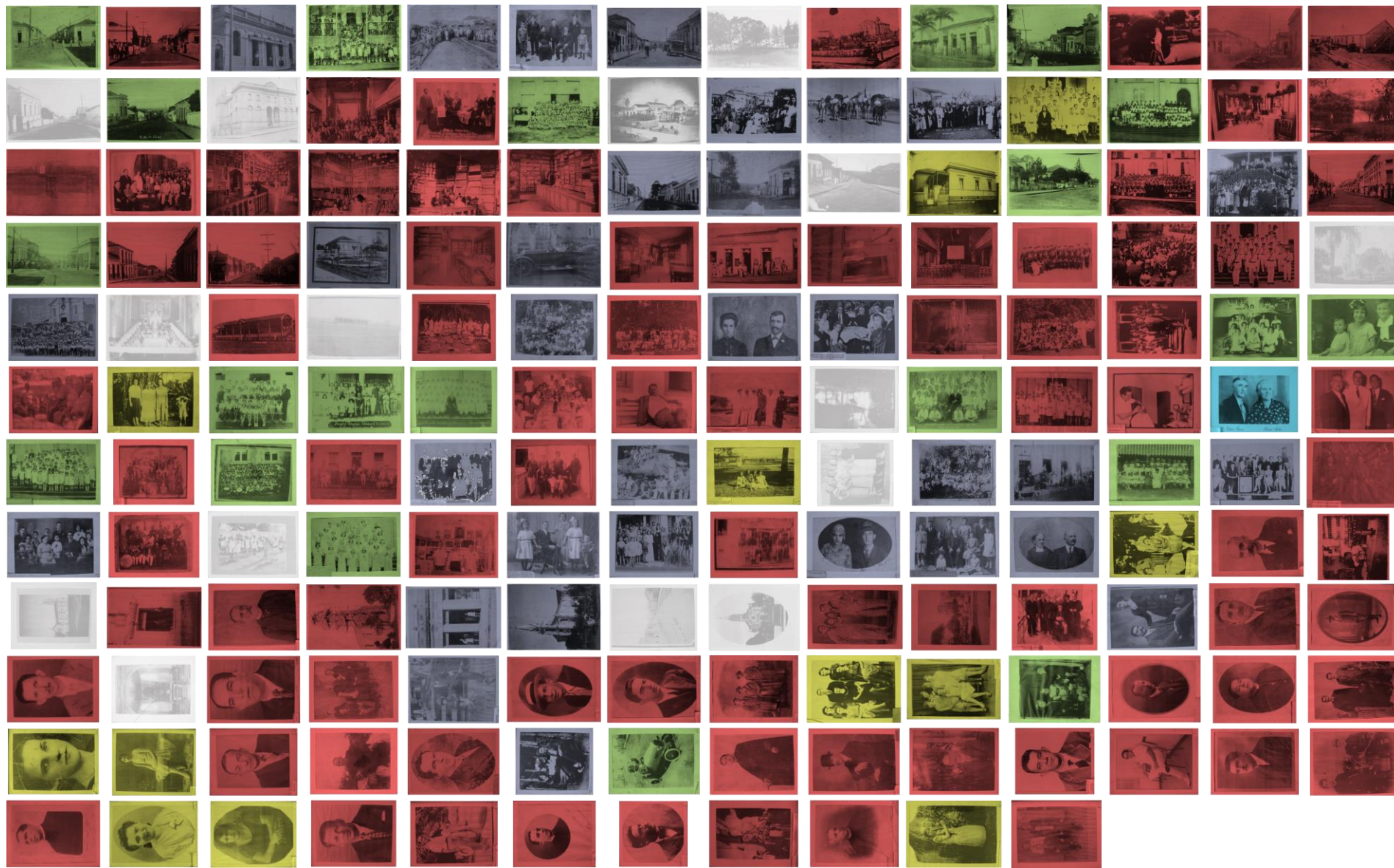
CARVALHO, Vânia de, LIMA, Solange Ferraz. **Fotografia e Sociedade. Como fia a pesquisa com os retratos de Militão?** Revista de História 137, pg.173-177. FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

DALL'OLIO, Rafael Luis dos Santos. **Representação da paisagem brasileira por lentes francesas: um estudo de caso.** Dissertação apresentada ao programa de mestrado da FFLCH-USP. São Paulo, 2012.

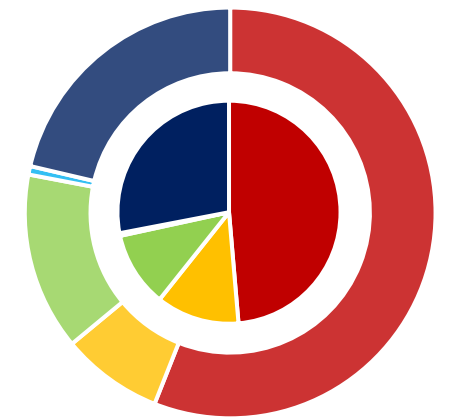
LIMA, Solange Ferraz. **As imagens da Imagem do Sesc.** Edições SESC. São Paulo, 2014.

LIMA, Solange Ferraz. **São Paulo na Virada do Século: A Imagens da Razão Urbana. A cidade nos álbuns fotográficos de 1887-1919.** Dissertação de mestrado apresentada à FFLCH-USP, Departamento de História, Área de História Social. São Paulo, 1995.

LIMA, Solange Ferraz de, CARVALHO, Vânia Cordeiro de. **Fotografia e Cidade.** Editora Mercado das letras. São Paulo, 1997.



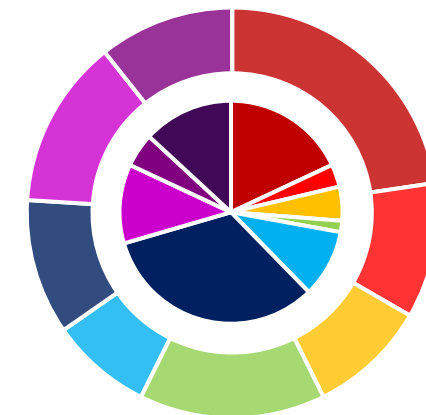
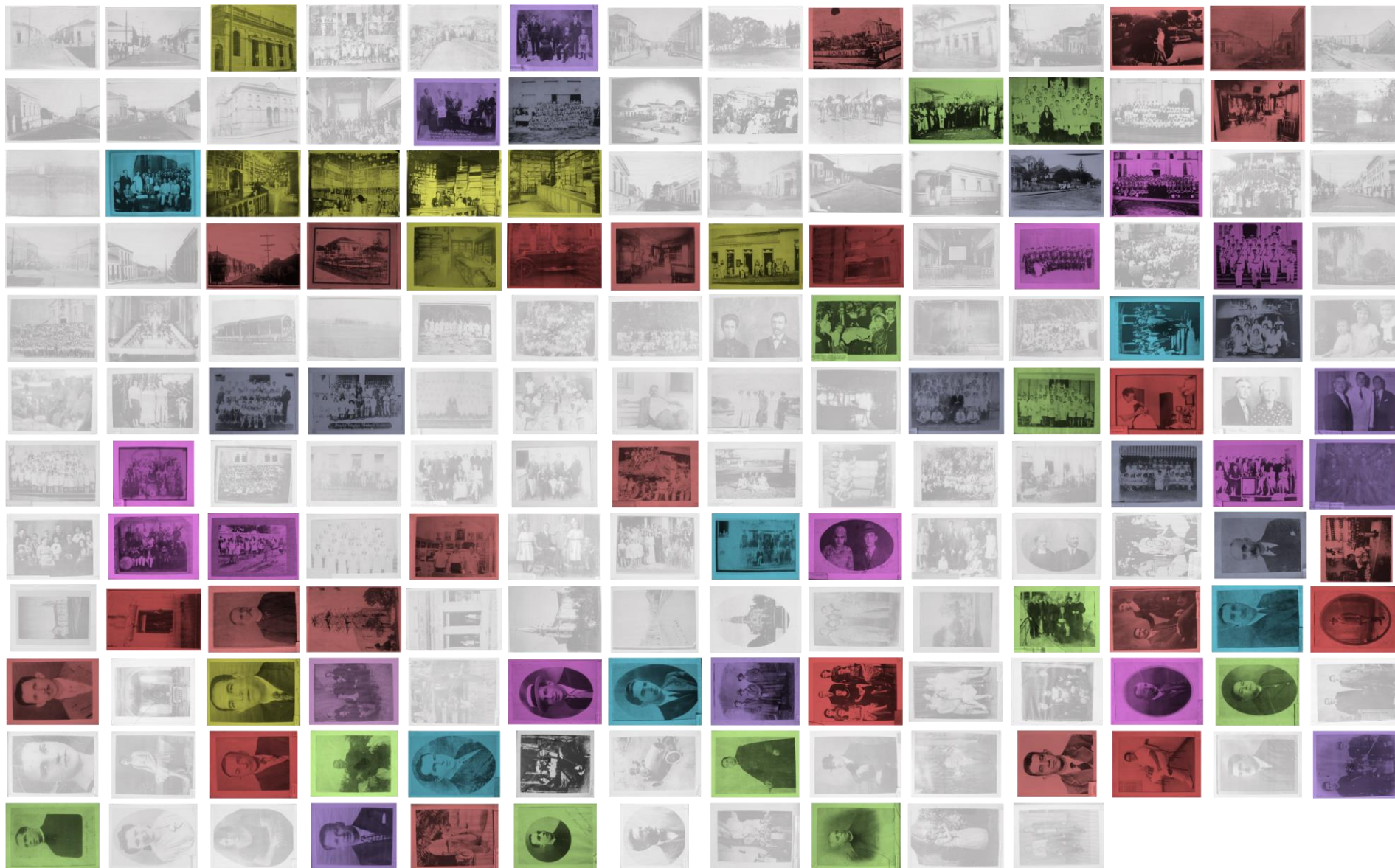
(8) ELEMENTO MÓVEL - HUMANO



- Homem
- Mulher
- Criança
- Idoso
- Misto

Referências metodológicas
 CARVALHO, Vânia de, LIMA, Solange Ferraz. **Fotografia e Sociedade. Como fia a pesquisa com os retratos de Militão?** Revista de História 137, pg.173-177. FFLCH-USP, São Paulo, 1997.
 DALL'OLIO, Rafael Luis dos Santos. **Representação da paisagem brasileira por lentes francesas: um estudo de caso.** Dissertação apresentada ao programa de mestrado da FFLCH-USP. São Paulo, 2012.
 LIMA, Solange Ferraz. **As imagens da Imagem do Sesc.** Edições SESC. São Paulo, 2014.
 LIMA, Solange Ferraz. **São Paulo na Virada do Século: A Imagens da Razão Urbana. A cidade nos álbuns fotográficos de 1887-1919.** Dissertação de mestrado apresentada à FFLCH-USP, Departamento de História, Área de História Social. São Paulo, 1995.
 LIMA, Solange Ferraz de, CARVALHO, Vânia Cordeiro de. **Fotografia e Cidade.** Editora Mercado das letras. São Paulo, 1997.

(9) PERSONAGEM



- Trabalhador
- Trabalhador saúde
- Comerciante
- Padre
- Político
- Estudante/professor
- Músico/artista
- Atleta

Referências metodológicas

CARVALHO, Vânia de, LIMA, Solange Ferraz. **Fotografia e Sociedade. Como fia a pesquisa com os retratos de Militão?** Revista de História 137, pg.173-177. FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

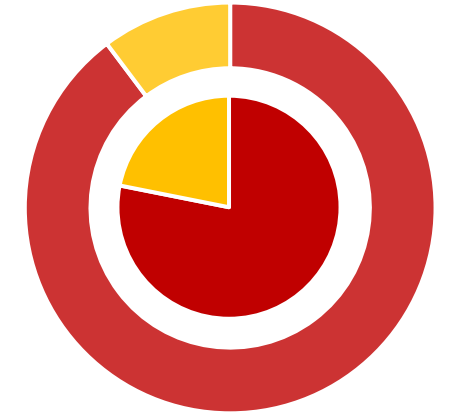
DALL'OLIO, Rafael Luis dos Santos. **Representação da paisagem brasileira por lentes francesas: um estudo de caso.** Dissertação apresentada ao programa de mestrado da FFLCH-USP. São Paulo, 2012.

LIMA, Solange Ferraz. **As imagens da Imagem do Sesc.** Edições SESC. São Paulo, 2014.

LIMA, Solange Ferraz. **São Paulo na Virada do Século: A Imagens da Razão Urbana. A cidade nos álbuns fotográficos de 1887-1919.** Dissertação de mestrado apresentada à FFLCH-USP, Departamento de História, Área de História Social. São Paulo, 1995.

LIMA, Solange Ferraz de, CARVALHO, Vânia Cordeiro de. **Fotografia e Cidade.** Editora Mercado das letras. São Paulo, 1997.

(10) GESTUALIDADE



- Posada
- Funcional

Referências metodológicas

CARVALHO, Vânia de, LIMA, Solange Ferraz. **Fotografia e Sociedade. Como fia a pesquisa com os retratos de Militão?** Revista de História 137, pg.173-177. FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

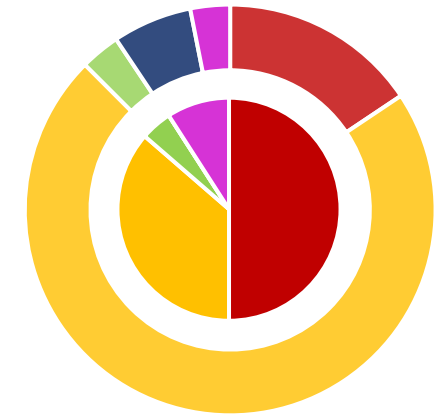
DALL'OLIO, Rafael Luis dos Santos. **Representação da paisagem brasileira por lentes francesas: um estudo de caso.** Dissertação apresentada ao programa de mestrado da FFLCH-USP. São Paulo, 2012.

LIMA, Solange Ferraz. **As imagens da Imagem do Sesc.** Edições SESC. São Paulo, 2014.

LIMA, Solange Ferraz. **São Paulo na Virada do Século: A Imagens da Razão Urbana. A cidade nos álbuns fotográficos de 1887-1919.** Dissertação de mestrado apresentada à FFLCH-USP, Departamento de História, Área de História Social. São Paulo, 1995.

LIMA, Solange Ferraz de, CARVALHO, Vânia Cordeiro de. **Fotografia e Cidade.** Editora Mercado das letras. São Paulo, 1997.

(11) PAISAGISMO



- Arborização urbana
- Jardim
- Chafariz
- Nativo
- Plantação

Referências metodológicas

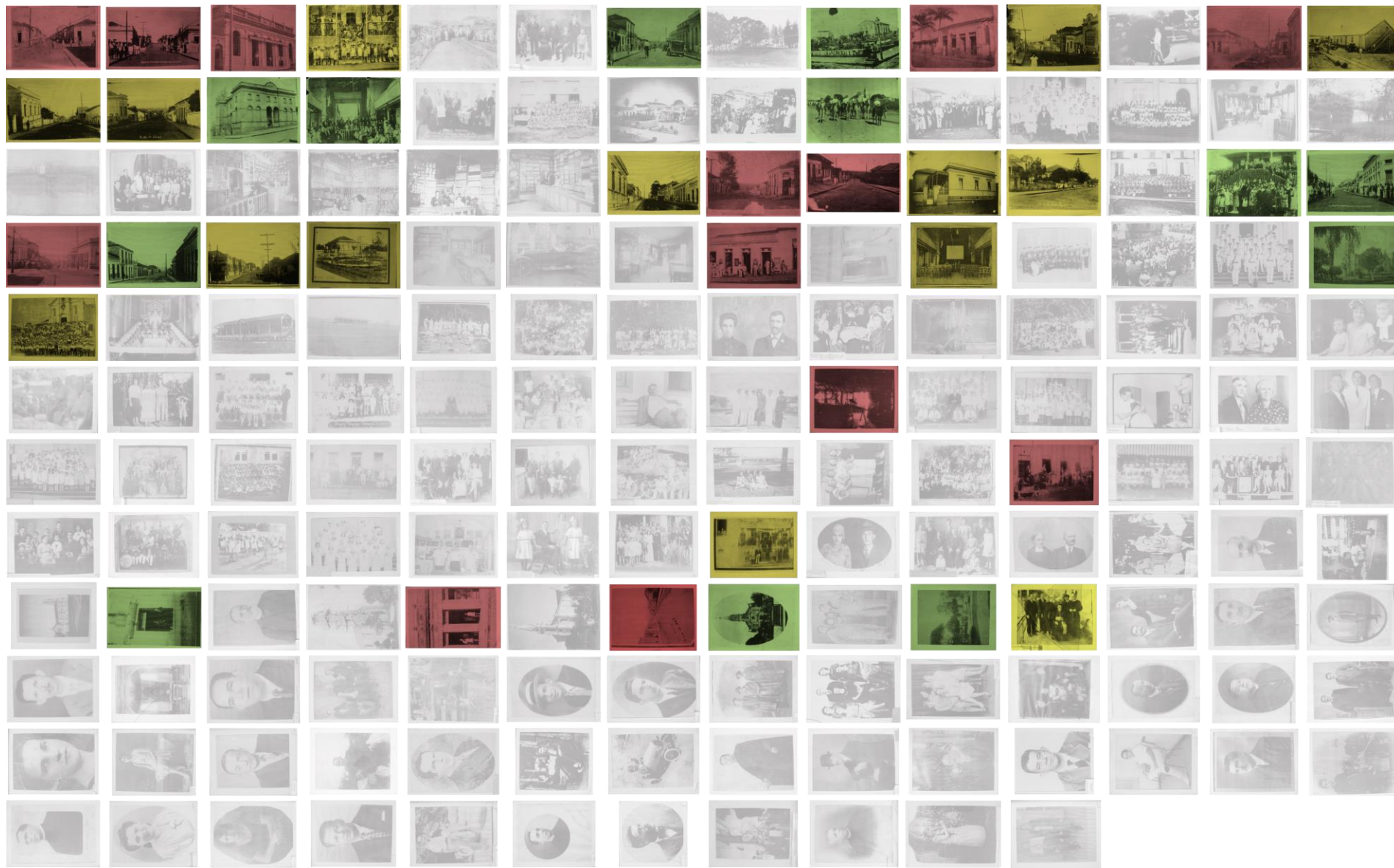
CARVALHO, Vânia de, LIMA, Solange Ferraz. **Fotografia e Sociedade. Como fia a pesquisa com os retratos de Militão?** Revista de História 137, pg.173-177. FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

DALL'OLIO, Rafael Luis dos Santos. **Representação da paisagem brasileira por lentes francesas: um estudo de caso.** Dissertação apresentada ao programa de mestrado da FFLCH-USP. São Paulo, 2012.

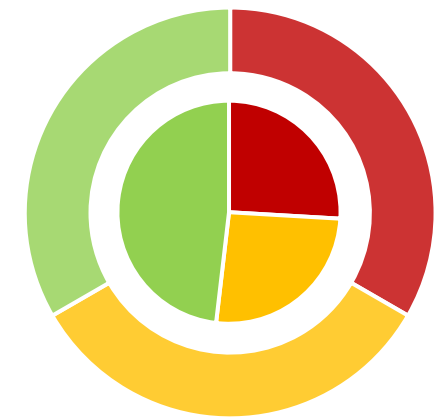
LIMA, Solange Ferraz. **As imagens da Imagem do Sesc.** Edições SESC. São Paulo, 2014.

LIMA, Solange Ferraz. **São Paulo na Virada do Século: A Imagens da Razão Urbana. A cidade nos álbuns fotográficos de 1887-1919.** Dissertação de mestrado apresentada à FFLCH-USP, Departamento de História, Área de História Social. São Paulo, 1995.

LIMA, Solange Ferraz de, CARVALHO, Vânia Cordeiro de. **Fotografia e Cidade.** Editora Mercado das letras. São Paulo, 1997.



(12) GABARITO DE EDIFICAÇÕES



- Térreo
- Com porão
- Assobradado

Referências metodológicas

CARVALHO, Vânia de, LIMA, Solange Ferraz. **Fotografia e Sociedade. Como fia a pesquisa com os retratos de Militão?** Revista de História 137, pg.173-177. FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

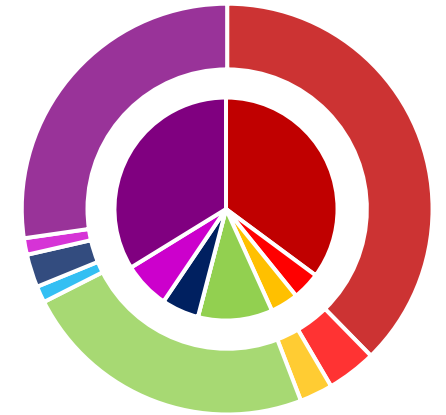
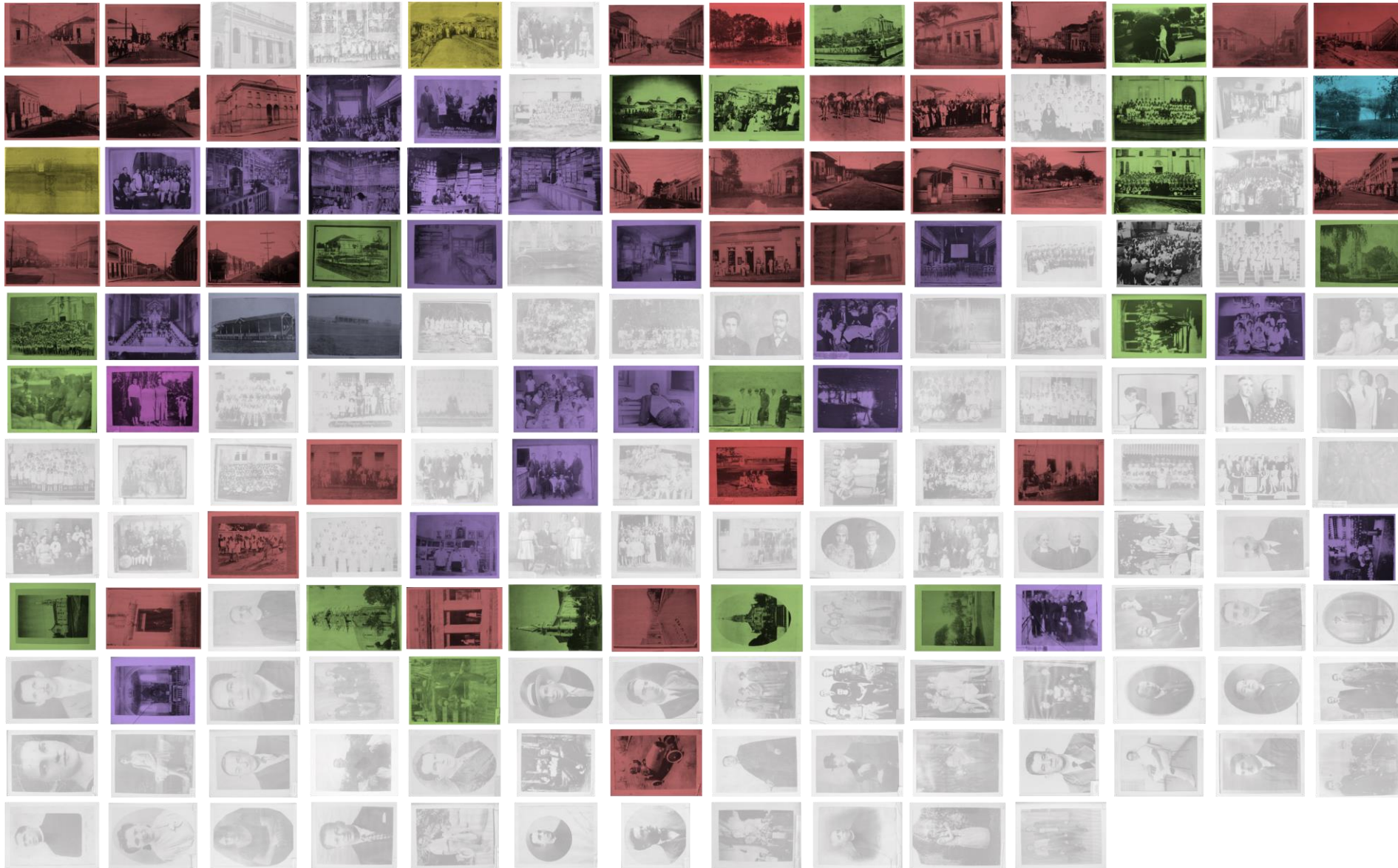
DALL'OLIO, Rafael Luis dos Santos. **Representação da paisagem brasileira por lentes francesas: um estudo de caso.** Dissertação apresentada ao programa de mestrado da FFLCH-USP. São Paulo, 2012.

LIMA, Solange Ferraz. **As imagens da Imagem do Sesc.** Edições SESC. São Paulo, 2014.

LIMA, Solange Ferraz. **São Paulo na Virada do Século: A Imagens da Razão Urbana. A cidade nos álbuns fotográficos de 1887-1919.** Dissertação de mestrado apresentada à FFLCH-USP, Departamento de História, Área de História Social. São Paulo, 1995.

LIMA, Solange Ferraz de, CARVALHO, Vânia Cordeiro de. **Fotografia e Cidade.** Editora Mercado das letras. São Paulo, 1997.

(13) TIPOLOGIA LOCAL



- Rua
- Linha férrea
- Ponte
- Praça
- Natural
- Campo
- Plantação
- Ambiente interno

Referências metodológicas

CARVALHO, Vânia de, LIMA, Solange Ferraz. **Fotografia e Sociedade. Como fia a pesquisa com os retratos de Militão?** Revista de História 137, pg.173-177. FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

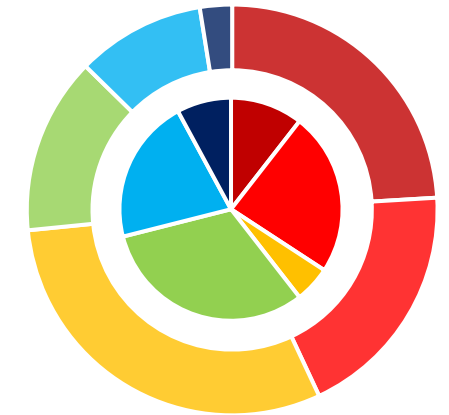
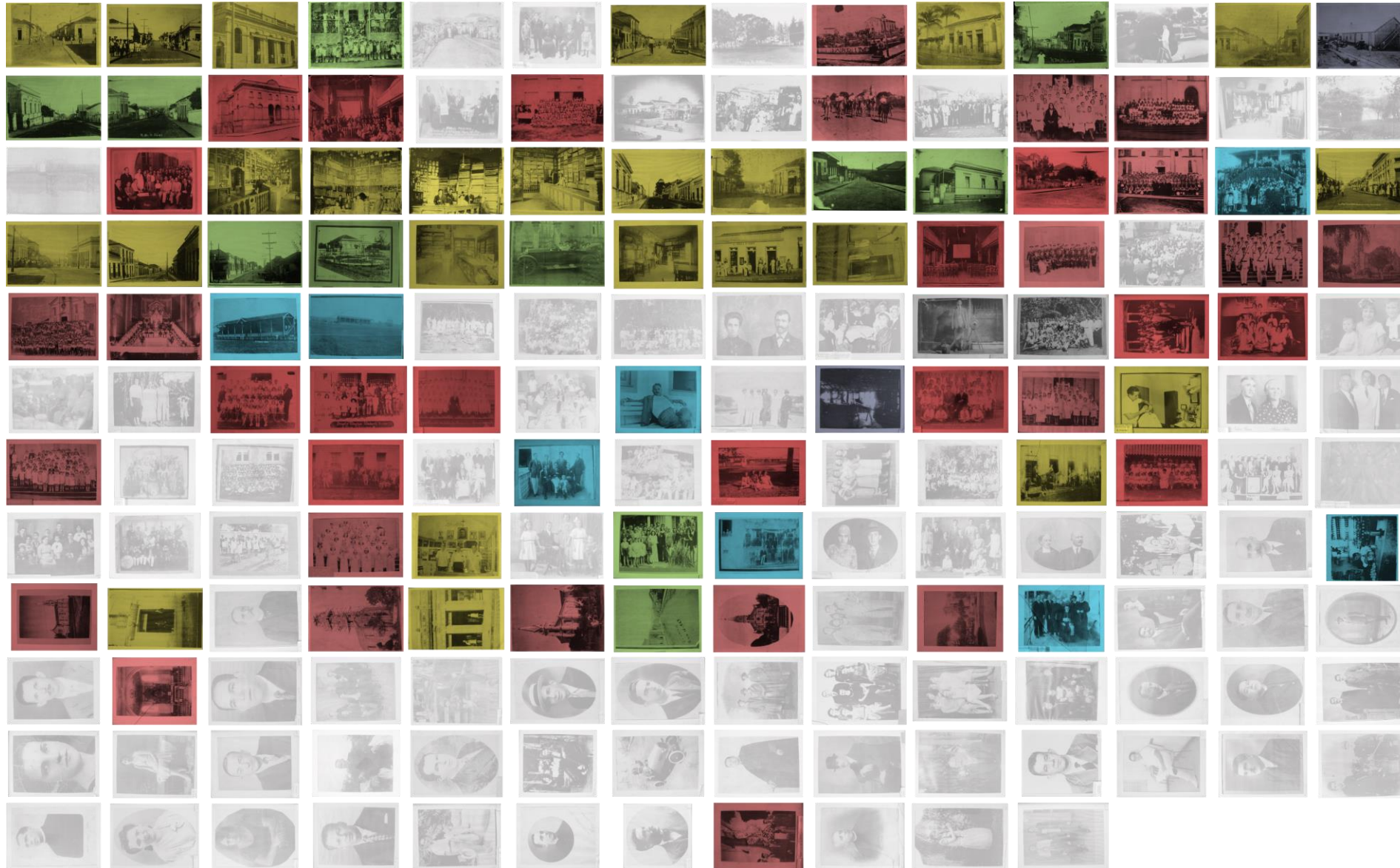
DALL'OLIO, Rafael Luis dos Santos. **Representação da paisagem brasileira por lentes francesas: um estudo de caso.** Dissertação apresentada ao programa de mestrado da FFLCH-USP. São Paulo, 2012.

LIMA, Solange Ferraz. **As imagens da Imagem do Sesc.** Edições SESC. São Paulo, 2014.

LIMA, Solange Ferraz. **São Paulo na Virada do Século: A Imagens da Razão Urbana. A cidade nos álbuns fotográficos de 1887-1919.** Dissertação de mestrado apresentada à FFLCH-USP, Departamento de História, Área de História Social. São Paulo, 1995.

LIMA, Solange Ferraz de, CARVALHO, Vânia Cordeiro de. **Fotografia e Cidade.** Editora Mercado das letras. São Paulo, 1997.

(14) USO DE EDIFICAÇÕES



- Religioso
- Publico/Institucional
- Comercial
- Residencial
- Esportivo/lazer
- Manutenção

Referências metodológicas

CARVALHO, Vânia de, LIMA, Solange Ferraz. **Fotografia e Sociedade. Como fia a pesquisa com os retratos de Militão?** Revista de História 137, pg.173-177. FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

DALL'OLIO, Rafael Luis dos Santos. **Representação da paisagem brasileira por lentes francesas: um estudo de caso.** Dissertação apresentada ao programa de mestrado da FFLCH-USP. São Paulo, 2012.

LIMA, Solange Ferraz. **As imagens da Imagem do Sesc.** Edições SESC. São Paulo, 2014.

LIMA, Solange Ferraz. **São Paulo na Virada do Século: A Imagens da Razão Urbana. A cidade nos álbuns fotográficos de 1887-1919.** Dissertação de mestrado apresentada à FFLCH-USP, Departamento de História, Área de História Social. São Paulo, 1995.

LIMA, Solange Ferraz de, CARVALHO, Vânia Cordeiro de. **Fotografia e Cidade.** Editora Mercado das letras. São Paulo, 1997.

quadro comparativo – descritores

Apêndice B

<p>(1) CATALISADOR DAS IMAGENS</p>	<p>(2) ÁREA DE ATUAÇÃO</p>	<p>(3) TIPO DE</p>	<p>(4) LOCALIZAÇÃO</p>	<p>(5) INFRA-ESTRUTURA</p>	<p>(6) ELEMENTOS MÓVEIS</p>	<p>(7) PERSONAGEM/ INCIDÊNCIA</p>	<p>(8) ELEMENTOS NATURAIS/HUMANOS</p>	<p>(9) PERSONAGEM</p>	<p>(10) GESTUALIDADE</p>	<p>(11) PAISAGISMO</p>	<p>(12) GABARITO DE EDIFICAÇÕES</p>	<p>(13) TIPO DA LOCALIZAÇÃO</p>	<p>(14) USO DAS EDIFICAÇÕES</p>			
<p>objeto</p>	<p>saúde cultura</p>	<p>comercial</p>	<p>Reserv. Água b. combustível Iluminação e. Ferroviária</p>	<p>transporte por tração animal</p>	<p>multidão</p>	<p>trabalhador da saúde comerciante padre fazendeiro/ industrial</p>	<p>arborização urbana</p>	<p>I. férrea ponte</p>	<p>religioso comercial</p>							
<p>espaço atividade personagem</p>	<p>educação lazer trabalho cotidiano</p>	<p>abastecimento administração alimentação cultural educativa religiosa lazer política residencial serviços</p>	<p>centro bairro rural</p>	<p>Obras t. Esgoto e. Rodoviária ponte</p>	<p>automóvel ônibus caminhão</p>	<p>homem mulher criança Idoso misto</p>	<p>jardim chafariz nativo</p>	<p>Térreo Com porão Assobradado</p>	<p>posada</p>	<p>manutenção da proporcionalidade</p>	<p>rua praça campo ambiente interno</p>	<p>público/ Institucional esportel lazer manutenção</p>	<p>funcional</p>	<p>plantação</p>	<p>natural plantação piscina</p>	<p>residencial</p>
<p></p>	<p>festividade esporte</p>	<p>cívica política</p>	<p>pavimentação trilho</p>	<p>trem bicicleta trator</p>	<p>grupos</p>	<p>estudante/ professor jogador/ atleta</p>	<p>funcional</p>	<p>plantação</p>	<p>funcional</p>	<p>plantação</p>	<p>natural plantação piscina</p>	<p>atenuação</p>	<p>atenuação</p>	<p>atenuação</p>	<p>atenuação</p>	<p>atenuação</p>

Transcrição – placa de
inauguração do Museu

Apêndice C

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL

“RUTH BUENO PONTES NIGRO”

ENTREGUE À POPULAÇÃO, DENTRO DAS COMEMORAÇÕES

DOS 500 ANOS DE BRASIL.

“ENTRE TODOS OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO,

PREFIRO OS OBJETOS”...

MOACIR DONIZETE GIMENEZ

PREFEITO MUNICIPAL

CELSO JOSÉ BELLINI

VICE-PREFEITO

MARCOS RIBEIRO DE MENDONÇA

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

ISABEL CRISTINA PARISOTTO

COORDENAÇÃO DA CULTURA

MARTHA MAGDALENA NIGRO RIVERA

COORDENADORA DO TURISMO

RICARDO HERIQUE INFORZATO

PRESIDENTE DA CÂMARA

VEREADORES:

ANTONIO APARECIDO RAMOS

HUGO DE SOUZA AMARAL

JOÃO FRANCISCO BERTONCELLO DANIELETTI

LUIZ ANTONIO APARECIDO MATOSO DE OLIVEIRA

LUIS AUGUSTO GERALDI DA SILVA

LUIZ MENDES DO AMARAL

MARCO ANTONIO GIRO

MARIA ISABEL GIMENZI DAMINELLI

REGINA APARECIDA DADALTO BELLINI

SÔNIA SANTOS DA SILVA

NOSSOS AGRADECIMENTOS A SENHORA MARTHA MAGDALENA NIGRO RIVERA

E AO SENHOR ORIDES ANGOTTI, NA FORMAÇÃO DESTE MUSEU HISTÓRICO

GOVERNO DE BOCAINA.

BOCAINA, 22 DE ABRIL DE 2000.

São Carlos-SP, 15 de dezembro de 2023.